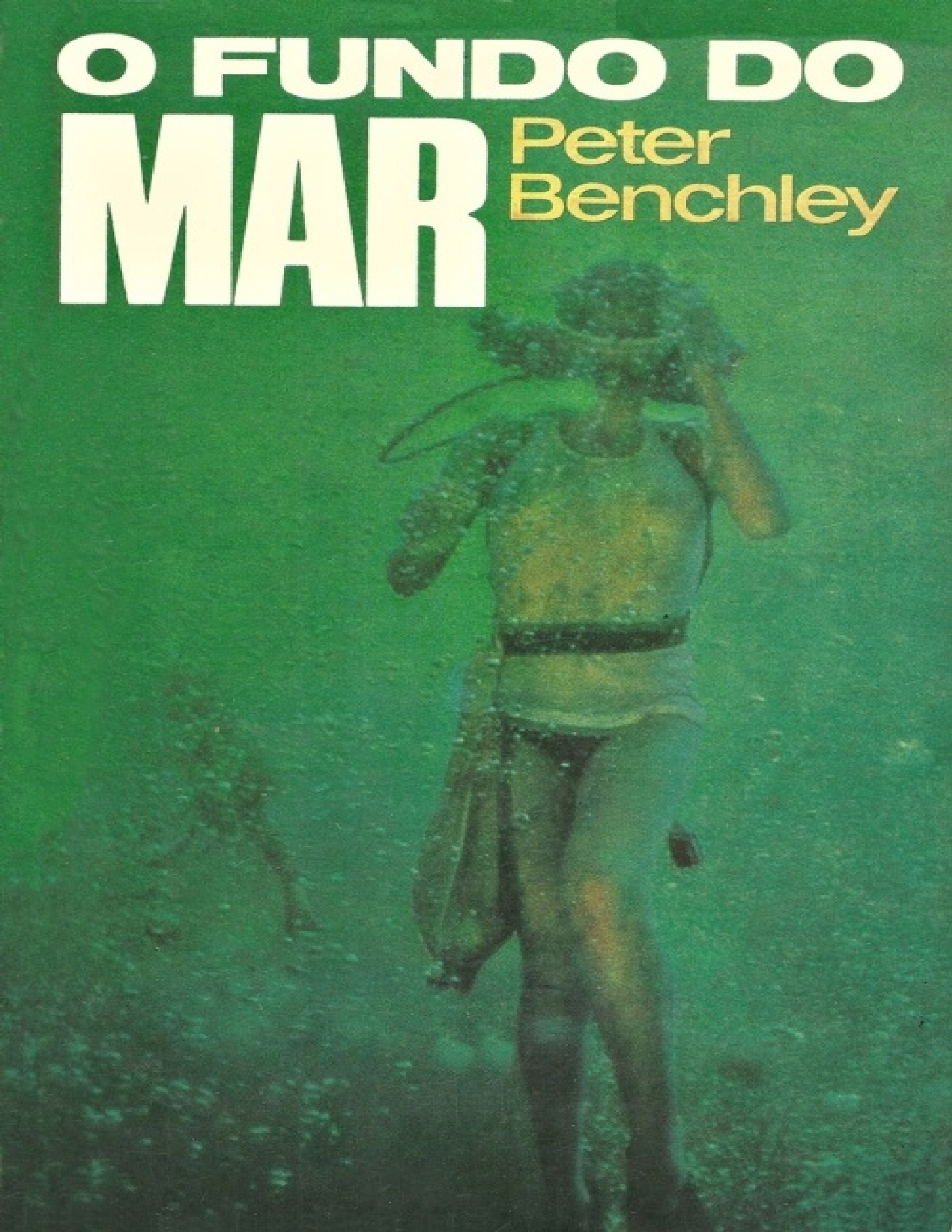
O FUNDO DO MAR

Peter Benchley



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***Epubr.club*** e baixar livros exclusivos neste link.



Peter Benchley

O fundo do mar

Círculo do Livro

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título do original: “The deep”
Copyright by Peter Benchley
Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos
Capa de Antonio Carlos Espilotro

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

É proibida a venda a quem não pertença ao Círculo

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado em oficinas próprias

4 6 8 10 9 7 5 3
Este e-book:
Digitalização, revisão, formatação: LAVRo.
Ocerização e salvamento em epub: The Flash

Para Teddy e Edna Tucker

1943

Eram dez horas da manhã quando o capitão percebeu que o vento amainara.

Em sua cabina, folheando uma revista que um dos tripulantes trouxera para bordo em Norfolk, ele sentiu uma mudança no movimento do navio, um atenuar do silvo do casco se deslocando pela água, o adejar distante das velas à bolina. O capitão levantou-se do beliche, espreguiçou-se e foi até a porta da cabina.

Montado na antepara, à esquerda da porta, havia um painel de latão com os medidores do tempo. A agulha do barômetro indicava vinte e nove polegadas e três quartos de mercúrio. O capitão deu uma pancadinha no vidro e a agulha imediatamente caiu para vinte e nove polegadas e meia.

Ele foi para o convés e seguiu para a popa, sentindo a brisa preguiçosa enquanto esquadrinhava o horizonte. O céu estava claro, mas uma neblina amarelada turvava o ar. Ele semicerrou os olhos. Ao longe, filetes de cirros desfilavam pelo céu.

O primeiro-piloto, um escocês jovem e barbado, estava no timão, levando o navio por entre as ondas intermináveis. Acenou com a cabeça quando o capitão se aproximou.

— A vela mestra está ajustada? — perguntou o capitão.

— Está. E a mezena também. Estão bem frouxas.

— Não vão poder ficar assim por muito tempo. Vamos pegar um tempo ruim.

— Muito forte?

— Não sei dizer. Com esse maldito silêncio do rádio, não se consegue receber nenhuma informação do que está vindo em nossa direção. Se essa guerra durar por muito tempo mais, vamos até esquecer como é que se usa o rádio. Mas eu diria que não deve ser pouca coisa. A agulha do barômetro está caindo violentamente.

O primeiro-piloto olhou para o relógio.

— Até que ponto teremos que ir?

— Mais umas cinquenta ou sessenta milhas. Com isso, estaremos nos Estreitos. Chegando lá, veremos como está a situação. Talvez sigamos para Hamilton ou então para Saint George.

— Não se preocupe, capitão — disse o primeiro-piloto, sorrindo e dando uma pancadinha na roda do leme. — Ele pode tranquilamente chegar até lá.

O capitão cuspiu no convés.

— Esta banheira velha? Só tem uma coisa apropriada, que é o nome. Este navio é tão grande e desajeitado quanto o outro Golias.

O capitão tornou a olhar para o céu e murmurou:

— Mas pelo menos já passamos pela maldita corrente do Golfo.

Por volta de uma hora da tarde, estratos espessos e cinzentos cobriam inteiramente o céu. O vento aumentara para trinta nós, açoitando a crista das ondas, pontilhando o oceano de espuma branca, jogando as ondas contra a proa do *Golias* e fazendo estremecer todo o casco de madeira. Houvera duas rajadas curtas de chuva intensa. Outra massa de nuvens negras avançava de sudeste.

O capitão, envergando agora uma capa impermeável, estava parado ao lado do primeiro-piloto, que se esforçava por manter um curso firme.

O contramestre, homem pequeno e vigoroso, sem camisa e todo molhado, aproximou-se apressadamente da popa e parou ao lado do capitão.

— Estão bem seguras? — perguntou o capitão.

— Estão, sim. Mas, sabendo o que valem, não entendo como é que puderam acondicioná-las em caixas de charuto. Arrumar tudo aquilo é como pisar em ovos.

— Quebrou alguma?

— Não que eu tenha visto. Está tudo arrumado entre sacos de farinha.

As primeiras gotas de chuva caíram no rosto do capitão, que se virou para o piloto e disse:

— Mantenha o curso 1-2-0. Vou recolher as velas mais um pouco. Se não estou enganado, o filho da mãe ainda nem começou a soprar.

Subitamente, o vento tornou a mudar de direção, soprando de sudeste. E soprava cada vez mais forte, uivando pelo cordame, impelindo a chuva furiosamente.

— Passe para 0-2-0! — gritou o capitão, acima do uivo do vento.

— Mas vamos ficar contra o vento!

A proa do *Golias* bateu de encontro a uma onda. Em algum lugar, na frente do navio, um pedaço de madeira foi arrancado de seu lugar e voou para

a popa, batendo entre os estais. O capitão inclinou-se na direção do piloto e gritou:

Ninguém segue a favor do vento na direção das Bermudas com um tempo assim! Há lugares em que os recifes se estendem por quase doze milhas!

O *Golias* avançou com dificuldade na direção nordeste por mais uma hora, dando guinadas violentas sob a força do vento. A cada impacto de onda, o casco rangia e estalava. Às três horas da tarde, o vento amainou um pouco. A chuva, que batia contra o navio quase na horizontal, passou a cair mais verticalmente. O céu, de um cinzento cor de chumbo, começou a clarear.

O capitão mudou o curso novamente, seguindo para sudeste por meia hora, numa tentativa de alcançar a costa meridional dos Estreitos, o único canal seguro para o arquipélago das Bermudas.

— Ainda podemos vencer esse maldito vento — gritou o capitão para o piloto, que sorriu e passou a língua pelos lábios, removendo a espuma salgada.

Uma hora depois, a tempestade explodiu de nordeste.

O vento se abatia, rugindo, sobre o navio, espumando a crista das ondas, criando montanhas negras que se elevavam acima dos mastros. Apenas duas velas ainda estavam içadas. A vela do traquete foi a primeira a sumir, arrancada violentamente dos estais, deixando apenas farrapos que assobiavam ao vento.

Uma onda gigantesca ergueu a proa e o resto do navio na direção do céu. Na crista da onda, o capitão avistou um farol. Não estava aceso, pois o *black-out* compulsório por causa da guerra estava em vigor. Mas, mesmo assim, era bem visível, como uma faixa fina e branca contra o céu escuro. O capitão virou-se para gritar alguma coisa para o piloto, no momento em que o navio deslizava do outro lado da crista, para o abismo entre as ondas. Uma muralha de água abateu-se sobre o navio, varrendo o convés e derrubando o capitão, que caiu de joelhos. Ele se debateu freneticamente, procurando algum lugar onde se agarrar. Seus braços encontraram a base do timão e ele se firmou ali, desesperadamente. Ouvindo um grito, levantou os olhos. O timão girava livremente, enquanto o piloto era inexoravelmente arrastado para a escuridão espumante. O capitão levantou-se com dificuldade e agarrou o timão.

O navio ergueu-se na crista de outra onda e ele tornou a ver o farol. A mezena continuava a resistir, talvez ele conseguisse. Se pudesse alcançar o farol, entraria na proteção do porto de Saint George.

A mezena continuava firme. Adernando através das ondas, o navio começou a deslocar-se para o norte. Na crista de cada onda, o capitão protegia os olhos, com uma das mãos, contra as alfinetadas da chuva e da espuma. Ele apontou a proa para alguns pontos a boreste do farol.

Algo se moveu na escuridão do meio do navio. A princípio, o capitão pensou que fosse um destroço qualquer que estivesse sendo impelido para a popa. Depois viu que era um homem, mais precisamente o contramestre, que avançava lentamente para a popa, segurando-se em todos os pontos de apoio, cabos e espeques, para não ser jogado ao mar pela violência das ondas.

O contramestre começou a gritar quando ainda estava a alguns passos do capitão. Tudo o que este último conseguiu entender foi a palavra “David”. Ele assentiu e apontou para a frente. O contramestre amarrou a cara e chegou mais perto, tornando a gritar:

— Aquele não é o farol de Saint David!

— É, sim!

— Estou dizendo que não é Saint David! Aquele é o maldito Gibb’s Hill!

— Não é possível.

— É o Gibb’s Hill, sim! Olhe só ali!

O capitão esquadrinhou a escuridão. Além da proa, menos de cinquenta metros à frente, viu o que o contramestre estava apontando: uma linha irregular de arrebentação, assinalando o local em que estavam os recifes. Confuso, quase cego pela chuva, o capitão deixara que o navio se desviasse do curso doze milhas para sudeste.

Ele girou o leme para bombordo e o navio começou a se virar contra o vento. Por um momento, o capitão chegou a pensar que escaparia aos recifes. Mas logo sentiu o primeiro rangido assustador da madeira sendo dilacerada pelo coral. O navio deu um solavanco e parou, depois saltou para a frente. Parou novamente, avançou outra vez. A proa se ergueu, depois pareceu subitamente afundar. A coberta no meio do navio levantou-se bruscamente, a popa descaiu para bombordo. O capitão tropeçou, estendeu os braços para agarrar-se ao timão e errou. O braço se enfiou por entre os raios do timão, a girar sem parar. Por um segundo, o capitão procurou freneticamente libertar o

braço. E quebrou o cotovelo. O braço ficou livre, mas o capitão foi arrastado para o negrume do mar.

Pela manhã, a tempestade havia passado.

Um oficial naval britânico estava passeando pela praia com seu cachorro, por baixo dos penhascos altos.

Lá em cima estava o Orange Grove Club, de onde se descortinava uma vasta extensão do oceano. Depois de uma tempestade, a praia sempre ficava coalhada de detritos. Mas, naquela manhã, o acúmulo era incomum. O cachorro, curioso, farejava cada detrito que encontrava. Começou a levantar a ponta de um pedaço de madeira, mas estacou subitamente, farejando algo estranho. O animal ganiu, muito excitado, pondo-se a correr para a frente e para trás. Parou finalmente, ao lado de uma tampa de escotilha, e pôs-se a escavar por baixo. O oficial britânico seguiu o cachorro e, para brincar com o animal, levantou a tampa de escotilha.

Ali embaixo, semi-enterrado na areia, estava um homem, vestido apenas com um *short* todo rasgado. A água escorreu-lhe da boca e das orelhas, quando a cabeça rolou para o lado. O oficial britânico agachou-se e tocou-o. O homem deixou escapar um suspiro áspero, quase um gorgolejo. Gemeu depois, com as pálpebras a se mexerem. O nome do homem era Adam Coffin.

Um

No mar, a poucos metros de profundidade, o sangue se torna verde. A água filtra a luz de cima, parecendo consumir as cores do espectro, uma depois da outra. O vermelho é a primeira a sucumbir, a desaparecer completamente. O verde dura mais um pouco. Mas a trinta metros de profundidade o verde também some, deixando o azul. No crepúsculo das profundezas, cinquenta, sessenta metros e mais, o sangue parece ser negro.

David Sanders estava sentado no fundo arenoso e observava um líquido esverdeado escorrer lentamente do dorso de um peixe ferido. Era um pargo bastante grande, os dentes em forma de presas. Tinha pelo menos meio metro de comprimento e era salpicado de azul e cinza. Um naco de carne fora arrancado de seu dorso, provavelmente por outro peixe, e o sangue saía do ferimento aos borbotões, dissipando-se rapidamente na água. O peixe nadava a esmo, aparentemente confuso pela dor ou pelo cheiro do próprio sangue.

Sanders tomou impulso no fundo e saiu nadando atrás do pargo, esperando que o peixe batesse em retirada. Mas o peixe continuou a nadar para a frente e para trás.

Ele se aproximou até pouco mais de um metro. Como o peixe não fugisse, Sanders decidiu tentar agarrá-lo. Estendeu as mãos subitamente e agarrou-o, pouco antes da cauda.

O contato das mãos de Sanders provocou pânico no peixe, que começou a se debater freneticamente, contorcendo o corpo todo. Mas Sanders segurou-o firme.

O peixe era agora uma mancha cinzenta indistinta que se sacudia incessantemente. Sanders fechou os olhos e apertou-o com força. E então, subitamente, ele sentiu uma pontada de dor. Aturdido, abriu os olhos e tentou largar o peixe. Mas agora era o peixe que o segurava, os dentes da frente cravados na palma de sua mão.

Ele soltou um grito, dentro da máscara, sacudindo a mão para baixo. Os dentes se soltaram e o peixe afastou-se rapidamente. Um fluido verde saiu de duas picadas na mão de Sanders.

Ele olhou para cima, dominando o impulso de sair em disparada para a superfície. Lá em cima, a sete ou nove metros de distância, a baleeira balançava suavemente, presa ao cabo da âncora. Ele respirou fundo, amaldiçoando-se. “Procure permanecer calmo”, disse a si mesmo. “Não entre em pânico. Não dispare para a superfície. Não prenda a respiração. Tente

respirar normalmente.” Começou a subir, deixando atrás uma esteira de sangue. Ia não mais depressa que as borbulhas que saíam do tanque de oxigênio.

Gail Sanders, sentada na baleeira, ouviu o marido antes de vê-lo. As borbulhas surgiam à superfície e estouravam. Quando a cabeça dele apareceu, Gail segurou o cabo do tanque de oxigênio. Assim que o marido abriu o cinto e tirou a alça de um dos ombros, ela puxou o tanque para dentro do barco.

— Viu alguma coisa?

Sanders levantou a máscara para a testa.

— Absolutamente nada. Só areia e coral. Não há qualquer destroço lá embaixo.

Ele estava se segurando na baleeira com a mão direita e Gail viu o sangue escorrendo pela amurada.

— O que aconteceu?

Sanders ficou embaraçado.

— Não foi nada.

Batendo com as nadadeiras, ele subiu para o barco e olhou para a praia, a duzentos ou trezentos metros. No alto do penhasco, depois da praia, os prédios alaranjados do Orange Grove Club cintilavam alegremente ao sol da tarde. Ele ergueu o braço e apontou direto para a frente, indicando em seguida, com o outro braço, um farol ao longe.

— O salva-vidas disse dez horas, não foi mesmo? Com o clube na marca das doze horas e o farol de Gibb’s Hill na marca das dez horas, deveríamos estar bem em cima.

— Talvez já tenha desaparecido. Afinal de contas, depois de trinta anos no fundo do mar...

— O salva-vidas foi positivo, afirmando que ainda se pode ver a sobrequilha e uma boa parte do arcabouço.

Gail hesitou por um momento, antes de falar:

— O chefe da portaria do hotel disse que poderíamos contratar um guia.

— Ao diabo com todos os guias! Se ele está mesmo aqui, então poderei encontrá-lo sozinho.

— Mas...

Gail fez um gesto na direção da mão que sangrava.

— Talvez seja melhor contratarmos um guia.

— Não preciso de guia nenhum — disse Sanders, ignorando o gesto. — Água é água. Contanto que não se entre em pânico, não há o menor problema.

Gail olhou para a popa. Quarenta metros além da baleeira, a arrebentação das ondas indicava a existência de outra linha de recifes. Mais atrás havia outra e depois mais outra.

— Se um navio viesse direto ao encontro dos recifes, não bateria logo nos primeiros e afundaria aqui mesmo?

— Talvez não, Gail. Se houvesse um vento forte pela popa, talvez pudesse ser impelido por cima de uma ou duas linhas de recifes.

— Então ele pode estar por trás de qualquer uma dessas linhas de recifes.

— Poderia. Mas o salva-vidas disse que estava logo atrás da primeira. Mas talvez estejamos perto demais.

Sanders tirou o cabo da âncora do espeque e deixou que o barco se aproximasse, impelido pelas ondas, na direção da segunda linha de recifes. A dez metros de distância, ele tornou a prender o cabo e ajustou nos ombros as correias do tanque de oxigênio.

— Tem certeza de que não há problema em mergulhar de novo? — perguntou Gail.

— Que problema? Eu já lhe disse que o ferimento na mão não é nada. Vou amarrá-lo, a fim de que não sangre dentro da água, atraindo algum inimigo.

Gail começou a montar o seu próprio equipamento de mergulho. Atarraxou o regulador da válvula no tanque de oxigênio, virando em seguida o botão que o abria. Com um silvo, o ar correu para o regulador. Ela apertou o botão de limpeza, para tirar qualquer resíduo de água que pudesse haver no bocal. O ar correu ruidosamente pelo tubo de borracha. Depois, ela amarrou o cinto de peso, uma correia de náilon com três pesos de chumbo, de um quilo cada um. Em seguida, mergulhou as nadadeiras na água e calçou-as. Esfregou a máscara, cuspiu na parte interna do vidro e espalhou a saliva, para evitar que ficasse embaçado. Levantou o tanque e verificou o comprimento das correias.

— Está pronto para me ajudar?

Só então ela olhou para Sanders e viu que o marido ainda não começara

a pôr o tanque dele. Estivera observando-a.

— O que houve?

Sanders sorriu e sacudiu a cabeça.

— Nada. É que eu acho que estou perdendo o juízo, só isso.

— Como assim?

— Eu estava sentado aqui e fiquei aceso só de ver você cuspir na máscara.

Gail riu.

— Vamos mergulhar nus? Poderíamos realizar uma experiência.

— Minhas pesquisas indicam que uma ejaculação a mais de dez metros de profundidade pode provocar uma inversão no fluxo do sistema, levando à explosão do cérebro.

Sanders levantou-se, pegou o tanque da esposa e ergueu-o, enquanto ela passava os braços pelas correias.

— Não há reservas nestes tanques — disse ela.

— Não vai precisar de reserva. A profundidade aqui é no máximo de seis a oito metros e um tanque destes dá pelo menos para uma hora. Talvez até mais, se tomar cuidado.

Gail sentou-se na amurada, de costas para o mar, aspirando o ar pelo bocal. E comentou:

— Bom ar...

— É bom que seja mesmo. Se nos derem um ar que não seja bom, teremos a lua-de-mel mais curta da história.

— Quanto tempo você ainda vai demorar?

— Um minuto, no máximo. Vá na frente. Mas não desça enquanto não der uma boa olhada. Não seria nada agradável ser surpreendida por alguma coisa à espreita lá no fundo.

Gail rolou para o lado da amurada e desapareceu numa nuvem de borbulhas.

Sanders encontrou um trapo e amarrou-o na mão. Depois vestiu o seu próprio equipamento e também pulou dentro da água.

Alguns segundos se passaram até que as borbulhas se dissipassem e ele pudesse ver claramente. Raios de sol riscavam o azul, salpicando a areia e o coral. A água estava transparente e Sanders calculou que o campo de visão

devia ser superior a trinta metros. Deslocando-se na água, logo abaixo da superfície, virou-se lentamente, esquadrinhando os limites crepusculares de seu campo de visão, à procura de algum perigo em potencial. Um par de lúcios se esgueirava por entre os rochedos. Ele olhou para baixo e viu Gail no fundo, escavando à areia com os dedos. Uma pequena garoupa flutuava ao lado dela, esperando por alguma larva ou pequeno crustáceo que subisse na nuvem de areia levantada pela escavação de Gail. Sanders começou a descer, lentamente, engolindo em seco para limpar os ouvidos, à medida que a pressão ia aumentando.

Ao chegar ao fundo, viu que estavam numa espécie de anfiteatro, cercado em três lados por rocha e coral, que se erguiam abruptamente até a superfície. No quarto lado, na direção do mar aberto, nada havia. O barco flutuava placidamente na superfície, o cabo da âncora descendo em ângulo da frente de Sanders até um ponto qualquer nos rochedos às suas costas. Os únicos ruídos que ele ouvia eram o silvo suave quando aspirava e o borbulhar quando exalava o ar.

Sanders olhou ao redor, procurando discernir formatos a distância, onde o azul transparente se transformava numa névoa indistinta. Como sempre acontecia quando ficava vários meses sem mergulhar, ele sentiu um excitamento crescente, uma mistura branda mas penetrante de agorafobia e claustrofobia. Estava sozinho e desprotegido numa vasta planície de areia, onde podia ser visto por criaturas que não podia divisar. E, ao mesmo tempo, estava cercado por milhares de toneladas de água, cuja pressão, suave mas insistente, ele podia sentir em cada centímetro do corpo.

Ergueu-se do fundo e nadou para a direita, até a extremidade da linha de recifes. Esgueirando-se por entre os rochedos, procurou por qualquer coisa que pudesse assinalar a presença de um navio naufragado, metal, vidro ou madeira. Nadou em torno de todo o anfiteatro e nada encontrou. Voltou para o centro do anfiteatro natural, onde Gail estava, tocando no ombro dela. Quando ela se virou, Sanders abriu os braços e ergueu as sobrancelhas, como a perguntar: “Onde você acha que está?” Ela deu de ombros e levantou um pedaço de vidro, o fundo de uma garrafa. Sanders sacudiu a mão num gesto desdenhoso: “Esqueça isso, não tem o menor valor!” Ele fez um gesto para que Gail o seguisse.

Juntos, nadaram para a esquerda. Na extremidade do anfiteatro, os rochedos e o coral prolongavam-se numa linha razoavelmente reta. Um

cardume de pequenos barbeiros passou à frente deles. Um raio de sol dançou por um momento sobre um coral cor de mostarda. Sanders apontou nessa direção e fez um sinal para que Gail se mantivesse longe dali. Fez a pantomima de quem fora queimado. Gail compreendeu e assentiu. Era o chamado coral de fogo, cujo contato provocava terríveis dores.

Eles continuaram nadando ao lado dos recifes, sempre seguidos pela garoupa, que evidentemente ainda acalentava uma esperança primitiva de que algo comestível pudesse resultar da visita daqueles seres inusitados. Subitamente, Sanders sentiu um puxão no tornozelo. Olhou para Gail, que vinha atrás. Os olhos dela estavam arregalados e sua respiração era muito mais rápida que o normal. Ela apontou para a esquerda.

Sanders acompanhou a direção da mão dela e viu, pairando quase imóvel, a contemplá-los, os olhos negros, cercados de branco, de uma enorme barracuda. O corpo era esguio e lustroso como uma lâmina, e a mandíbula inferior e saliente entreaberta deixava à mostra a fileira de dentes irregulares e afiados.

Sanders segurou a mão esquerda de Gail e virou o anel de diamante de forma que a pedra ficasse para o lado da palma, fazendo-a em seguida fechar a mão. Para dar ênfase, ele ergueu o seu próprio punho cerrado. Gail assentiu, bateu no próprio peito e apontou para cima. Sanders sacudiu a cabeça. Não. Gail insistiu franzindo o rosto "*Eu* vou subir", estava ela dizendo. "Você pode ficar aqui, se quiser." Ela começou a subir. Sanders deixou escapar um suspiro irritado e seguiu-a.

— Quer parar? — perguntou ele, assim que subiram ao barco.

— Não. Quero apenas descansar por um minuto. As barracudas me deixam toda arrepiada.

— Ela estava apenas de passagem. Mas você deveria ter deixado o anel no barco. Mergulhar com essa pedra brilhando é atrair encrenca.

— Por quê?

— As barracudas tomam qualquer coisa que brilha como uma presa. Na primeira vez em que mergulhei num recife, meu traje de mergulho tinha uma fivela de latão. O instrutor me disse que arrancasse a fivela. Eu disse que não ia estragar um traje de mergulho que me custara quinze dólares. O instrutor pegou então uma faca e amarrou-a numa vareta, baixando-a até a areia, com a lâmina virada para cima. Ele precisou sacudir a faca apenas umas quatro ou cinco vezes para que uma enorme barracuda se aproximasse e ficasse olhando

para a faca.

O instrutor tornou a sacudir a faca e pam! Mais depressa do que dava para ver, a barracuda atacou a faca. E continuou a atacar sem parar, até ficar com a boca toda rasgada. Mas, cada vez que a faca se mexia, a barracuda atacava. E, cada vez que ela atacava, eu imaginava que estava investindo contra a fivela do meu cinto ou em torno. Nunca mais tornei a usar aquele traje de mergulho, a não ser em tanques.

Gail tirou todos os anéis e guardou-os num cubículo junto à roda do leme.

— Mais uma coisa, Gail. Quando só nós dois estamos mergulhando, um deve agir como o líder.

— E por que precisamos de um líder? — perguntou Gail, pensando que ele estivesse brincando. — Está por acaso empenhado em alguma disputa?

— Mas claro que não! — disse Sanders, um pouco mais rispidamente do que tencionava. — É que, lá no fundo, temos que fazer tudo juntos. Precisamos sempre saber onde está o outro. Por exemplo: se fosse um tubarão ao invés de uma barracuda e você disparasse para a superfície, estaríamos metidos na maior encrenca.

— Um tubarão, por aqui?

— É bem possível. As chances são de que não irão incomodá-la, mas pode-se prever que estarão por perto. E, se aparecer um tubarão, é melhor não cometer nenhuma estupidez.

— Por exemplo?

— Entrar em pânico e disparar para a superfície. Enquanto tiver ar, a melhor coisa que pode fazer é ficar pelo fundo mesmo, procurando abrigo entre os recifes. Se você partir para a superfície, especialmente se estiver apavorada e nadando à toda, então se tornará uma presa. E lá em cima, na superfície, vira almoço certo.

— E se o meu ar acabar?

— Então você fica partilhando o meu, enquanto aguardamos uma oportunidade para subirmos juntos. A menos que o tubarão seja um monstro, teremos boas chances de alcançar o barco.

Sanders reparou que a conversa sobre tubarões estava deixando Gail nervosa.

— Não precisa ficar preocupada, Gail. Apenas não faça nada sem antes

me consultar.

Gail fitou-o em silêncio por um momento e depois respirou fundo.

— Está certo.

Ela virou o rosto e olhou para a água, através da máscara.

— Será que aquela barracuda já foi embora?

— Provavelmente.

Gail continuou a olhar para a água mais um pouco, procurando esquadrinhar o fundo. Já ia levantar o rosto quando viu algo grande e castanho atrás do barco.

— Ei, o que é aquilo?

— Onde?

Sanders inclinou-se para fora do barco, depois de pegar a máscara que Gail lhe estendeu, e pô-la no rosto.

— Atrás de nós. Está no limite do campo de visão.

— É um costado! Acho que encontramos!

Sanders puxou o cabo da âncora, fazendo o barco recuar alguns metros.

— Vamos dar uma olhada.

— Como foi mesmo que o chefe da portaria disse que se chamava? *Golias?*

— Exatamente.

Eles tornaram a mergulhar. Assim que as borbulhas ficaram para trás, puderam ver os destroços lá no fundo. A carcaça, comprida de um navio estava junto aos recifes. Pedaços apodrecidos de madeira coalhavam a areia branca. Sanders tocou o ombro de Gail, que se virou. Ele sorriu e uniu as pontas do polegar e do indicador, no sinal de "OK". Ela respondeu com o mesmo gesto.

Continuaram a descer, até a base dos recifes. Gail encontrou uma lata enferrujada, toda arrebentada, cheia de pontas. De uma reentrância nos rochedos, Sanders tirou uma garrafa de Coca-Cola, inteira. Gail começou a escavar a areia ao lado da ponta da grande carcaça. Encontrou um garfo e o pedaço de um prato. Sanders viu alguma coisa saindo da areia, do outro lado da carcaça. Começou a escavar ao redor, até descobrir o que era: a ponta de uma imensa âncora. Gail fez-lhe um sinal de que ia subir. Sanders a seguiu.

Chegando à superfície, Gail cuspiu o bocal e disse:

— Vamos para o outro lado dos recifes.

— Por quê?

— Parece que deste lado só está a ponta da proa. Deve haver mais coisas do outro lado.

— Está certo. Mas tome cuidado com as ondas ao passar sobre os recifes. E, se o seu ar estiver no fim, não espere até acabar de todo. Volte logo para o barco.

No lado dos recifes que dava para o mar aberto, o fundo parecia uma pilha de destroços. Por toda parte estavam espalhados pedaços de madeira, ferro enferrujado e peças de metal cobertas por coral. Gail tirou da areia uma caneca de estanho. Um dos lados estava amassado e a alça, denteada. Fora isso, a caneca estava perfeita. Ao pé dos recifes Sanders encontrou um anel de coral incrivelmente redondo. Pegou-o, levantou-o e sorriu para Gail. Era o que restava do aro de metal de uma vigia. Gail escavou o lugar em que encontrara a caneca e logo havia reunido uma pequena pilha de talheres, garfos, colheres e facas, retorcidos e cheios de marcas.

Ela nadou até Sanders, que estava remexendo nas fendas dos recifes. Perto do fundo, havia uma saliência de coral, que terminava a cerca de um metro da superfície. Parecia haver uma caverna ali embaixo. Ela bateu no ombro de Sanders e apontou para a saliência. Ele sacudiu a cabeça. Não. Segurou uma das mãos com a outra, dizendo a ela que poderia haver algum bicho vivendo naquela caverna, algo que iria atacar a mão que se enfiasse para dentro de sua toca.

Eles se separaram. Gail nadou de volta para a área onde encontrara os garfos e colheres. Sanders continuou a examinar os recifes. Deparou com outra caverna, um pouco maior que a anterior, a que lhe fora apontada por Gail. Estava escuro demais lá dentro. Sanders já se ia afastando quando uma cintilação súbita, um pequeno lampejo de reflexo, fê-lo olhar novamente.

Segurando-se a um rochedo para firmar-se, ele olhou atentamente para o objeto que brilhava, procurando adivinhar o que poderia ser. Fitou a própria mão, envolta por um pedaço de pano. Uma imagem surgiu em sua mente: uma fotografia que vira da mão de um homem logo depois da mordida de uma moreia. A carne fora quase toda arrancada e o osso aparecia, branco e repugnante. Ele hesitou, ouvindo o sangue latejar nas têmporas. Sabia que estava respirando muito depressa. Estava com medo, um sentimento que detestava. Olhou novamente para a mão e estendeu-a lentamente na direção

da entrada da caverna.

Respirando fundo, ele avançou a mão rapidamente até o objeto brilhante. Os dedos se fecharam sobre algo pequeno, frágil. Ele retirou a mão apressadamente da escuridão.

Na palma de sua mão havia um recipiente de vidro, com uns dez centímetros de comprimento, cônico nas duas extremidades. Estava cheio de um líquido transparente, amarelado.

Ao se afastar da caverna, Sanders percebeu que sua respiração começava a se tornar difícil. Nadou até o lugar em que estava Gail, parando no caminho para recolher algumas relíquias que deixara na base dos recifes. Tocou-a no ombro. Quando ela se virou, Sanders passou um dedo pela garganta. Gail assentiu e repetiu o gesto.

Sanders subiu para a superfície. Gail ficou atrás o tempo suficiente para pegar um punhado de garfos e colheres. Em apenas poucos minutos, uma correnteza suave já cobrira uma das colheres com uma camada fina de areia. Sanders esperava-a lá em cima. Juntos, nadaram sobre os recifes e seguiram em direção ao barco.

— Maravilhoso! — disse Gail, enquanto tirava o cinto com os pesos e descalçava as nadadeiras. — É simplesmente fantástico!

No fundo do barco, ao lado dos garfos, colheres e a caneca de estanho que Gail recolhera, estavam os objetos que Sanders pegara: uma manteigueira lascada, mas inteira, uma pistola de foguetes enferrujada e amassada, uma navalha e o que parecia uma pedra de carvão.

— O que é isso? — indagou Gail, apontando para a pedra escura.

— Pode haver algum metal aí dentro. Alguns metais, quando ficam muito tempo no fundo do mar, criam essa massa negra em torno. Mais tarde, iremos quebrar com um martelo, para ver o que tem dentro.

Sanders abriu a mão direita e retirou a ampola de baixo do pano que a envolvia.

— Dê uma olhada nisto, Gail.

— O que é?

— Acho que é algum remédio. Parece que as extremidades foram feitas de maneira a poderem ser facilmente quebradas, dando passagem a uma agulha de seringa, para extrair o líquido.

— Será que ainda presta?

— Provavelmente. Afinal, a ampola está hermeticamente fechada.

Sanders olhou para a popa e acrescentou:

— Amanhã vamos trazer um saco. Acho que há muitas outras ampolas iguais no lugar em que peguei esta.

Ao chegarem à praia, o salva-vidas, louro, bronzeado, com uma camiseta com uma cruz vermelha nas costas, estava à espera deles, mergulhado na água até a cintura. Ele pegou a proa e puxou o barco para a areia, ajudando-os em seguida a descarregar o equipamento.

— Estou vendo que trouxeram alguns objetos do navio — disse ele a Gail, observando-a empilhar os achados numa toalha e amarrar as pontas, formando um saco.

— Alguns — resmungou Sanders.

O salva-vidas irritara Sanders naquela manhã, ao se encontrarem pela primeira vez. Fora com ele que Sanders alugara a baleeira. Era jovem e arrogante e Sanders estava convencido de que ele estava muito mais próximo dos vinte e seis anos de Gail do que dos seus trinta e sete. E, quando o salva-vidas falava, mesmo em resposta a uma pergunta de Sanders, era sempre olhando para Gail. Sanders estava convencido agora de que o homem estava muito mais interessado nas curvas dos seios de Gail do que em quaisquer relíquias que pudessem ter trazido do navio afundado.

Sentindo a irritação de Sanders, o salva-vidas perguntou-lhe:

— Encontraram algumas granadas?

— Granadas?

— Granadas de artilharia. Cargas de profundidade. Coisas assim. Qualquer tipo de explosivos.

— Explosivos?

— Exatamente. Dizem que o *Golias* levava um carregamento de munição. Mas talvez seja apenas conversa.

— Amanhã daremos uma olhada. Gostaríamos de sair novamente com o barco.

— Não há problema, contanto que o vento não comece a soprar do sul. Não seria nada agradável ser surpreendido naqueles recifes com um vento forte soprando do sul.

— Tem razão. O pessoal do *Golias* não deve ter-se sentido nada feliz.

Carregando os equipamentos, Gail e David começaram a subir pela praia. A areia era rosada, matizada pelos corpos de milhões de protozoários marinhos, os foraminíferos. E era também tão fina que se tinha a impressão de andar sobre talco.

Ao chegarem à base do penhasco, Sanders estava suando. Tinha as palmas das mãos úmidas e era com dificuldade que segurava os tanques de ar. Ele contemplou o penhasco, trinta metros de coral e pedra calcária. À direita, havia uma escada estreita e sinuosa, que levava ao topo do penhasco. À esquerda, um elevador, uma caixa de pouco mais de um metro quadrado, subia e descia por um poste de aço, encravado numa base de concreto. O elevador fora instalado muitas décadas antes, numa fenda cortada no penhasco.

Num painel de controle dentro do elevador havia apenas dois botões, o de subir e o de descer. Se o elevador por acaso tivesse algum defeito, não havia campainha de alarma, nem botão de emergência. Os passageiros (três, no máximo) tinham apenas que esperar até que alguém os visse presos e pedisse socorro. Na hora do café, haviam contado aos Sanders a história de um casal idoso que ficara preso ao subir no elevador, ao cair da tarde. Tinham sido os últimos a sair da praia e não ficara ninguém lá embaixo para vê-los. Durante a noite, o vento começara a soprar de sudeste, trazendo uma chuva forte. O poste de aço balançara com o vento, sacudindo o elevador e o casal que estava lá dentro. Pela manhã, ao serem finalmente encontrados, a mulher (segundo a história) estava morta, de medo e de frio. O homem havia enlouquecido. Balbuciava para os seus salvadores algo a respeito de demônios que o haviam chamado da escuridão e sobre os pássaros que tinham tentado bicar-lhe os olhos.

Ao descerem para a praia, Gail recusara-se a ir no elevador, alegando:

— Fico com claustrofobia em elevadores de prédios de escritórios. Preferia qualquer coisa a ter que descer até a praia nesse negócio.

Sanders não discutira, mas insistira em que os tanques fossem levados para a praia de elevador, ressaltando:

— Se um tanque batesse numa rocha e furasse, estaríamos perdidos.

Ora, ele não tinha a menor intenção de subir pela escada. Por isso, virou à esquerda, na direção do elevador, enquanto Gail virava para a direita.

— Vai subir pela escada?

— Claro que vou. E você? Pensei que tivesse medo de alturas.

— Tenho tanto medo de alturas quanto de avião. Mas não deixo que nenhuma das duas coisas estrague a minha vida.

— Pois eu não vou entrar naquela gaiola. Venha comigo pela escada. Será bom para as suas pernas.

Sanders sacudiu a cabeça.

— Vamos nos encontrar lá em cima.

Ele pôs os equipamentos dentro do elevador, entrou, fechou a grade e apertou o botão para subir. Houve um clique, o motor zuniu, o elevador começou a subir. Sanders ficou de frente para o penhasco, olhando para a rocha cinzenta, enquanto o elevador ia subindo lentamente. Cansado de contemplar o penhasco, virou-se na direção do mar, forçando-se a olhar para baixo. Viu o salva-vidas puxando a baleeira para a praia, em cima de um pequeno carrinho. Um casal estava deitado na praia, sobre toalhas coloridas, um ao lado do outro, em perfeita simetria. Pareciam, à medida que iam ficando cada vez mais longe, um selo postal grudado na areia rosada.

A mente dele mal registrou a alteração do barulho do motor, que passou de um zunido para um gemido de lamento.

Quando o elevador deu um solavanco e depois parou, Sanders calculou que alguém, em algum lugar, apertara o botão que indicava “parar”, mas que logo tornaria a apertar o botão de movimentar novamente o elevador. Ele ficou esperando.

O motor do elevador ainda estava funcionando, como um motor de automóvel em ponto morto, com o acelerador empurrado até o fundo. Sanders apertou o botão para descer. Houve um estalido, mas o elevador continuou sem sair do lugar. Ele apertou o botão para subir. Outro clique, mas o elevador não se mexeu. Sanders olhou para cima. O elevador não tinha teto e ele podia ver o alto do penhasco, talvez a uns cinco metros de distância.

Quando Gail chegou ao alto do penhasco, sua respiração era ofegante e as pernas doíam bastante. Ela percorreu a trilha por alguns metros, surpresa pelo fato de o elevador ainda não ter chegado. Seu primeiro pensamento a fez sorrir: David, no último instante, ficara com medo e resolvera segui-la pela escada. Ela voltou ao alto da escada e olhou para baixo. Não havia ninguém subindo. O pensamento seguinte fez com que gotas de suor aparecessem na testa de Gail. Ela correu até o lugar em que o elevador deveria estar e, segurando-se numa grade, inclinou-se para a beira do penhasco. Sentiu-se aliviada ao ver que o elevador ainda estava suspenso no ar. Pelo menos não se

soltara do poste de aço para se espatifar lá embaixo. Sanders estendera as mãos pelas barras do elevador e estava segurando o poste.

— Você está bem, David?

— Estou sim. O elevador apenas parou de repente.

Gail olhou para a maquinaria. Duas vigas de aço saíam de bases de concreto e envolviam o poste. Havia também uma caixa de metal grande, na qual ela calculou que deveria estar o motor. Mas não havia qualquer controle à vista, nenhum botão.

— Não se mexa, David! Vou buscar ajuda!

Ela entrou correndo no saguão do Orange Grove Club, ignorando o aviso bem visível que proibia a entrada naquele local de pessoas em “trajes de banho e pés descalços”.

— O elevador enguiçou! — gritou ela, ao se aproximar do balcão da portaria — Meu marido está preso lá dentro!

O funcionário idoso que estava na portaria, vestido de fraque, pareceu ficar mais preocupado com a falta de roupas de Gail do que com o alarma dela. E se limitou a dizer:

— Pois não.

— O elevador enguiçou! Meu marido...

— Pois não.

O homem pegou o telefone e discou um único algarismo.

— Faça alguma coisa!

— É o que estou fazendo, senhora.

Ao telefone, ele disse:

— Clarence? Aconteceu novamente.

O tom de voz era de alguém a falar eu-não-disse-que -aconteceria. Ele desligou e disse para Gail:

— Daqui a pouco estará providenciado.

— O que quer dizer com daqui a pouco?

— Senhora, se quiser fazer a fineza de esperar na varanda...

Ele lançou um olhar desaprovador para a cintura nua de Gail. Ela saiu do saguão e começou a correr. Foi então que viu Sanders, esperando-a no alto do penhasco, com um sorriso no rosto. Gail disparou na direção dele, abraçou-o e beijou-o.

— Eu estava tão preocupada... Mas como foi que conseguiu fazê-lo funcionar?

— Não consegui. Subi pelo poste.

— Você fez o *quê?*

— Subi pelo poste, só isso.

Incrédula, Gail olhou pela beira do penhasco. O elevador continuava no mesmo lugar, com o equipamento de mergulho deles lá dentro.

— Mas, por quê?

— Eu nunca tinha feito isso antes.

Gail fitou-o e sentiu-se invadida por uma onda súbita de raiva.

— Estava querendo matar-se?

— Não diga bobagem. Foi um risco calculado. Achei que podia conseguir e acabei conseguindo.

— E se se tivesse enganado?

— Ora, são os riscos que a gente tem que correr.

Sanders notou a expressão de fúria no rosto de Gail e tentou apaziguá-la.

— Ora, querida, tudo...

Ele viu a mão de Gail avançando e abaixou-se. O punho dela roçou-lhe o alto da cabeça.

— Pelo amor de Deus, Gail!

Ele ergueu o braço para aparar o segundo golpe, depois segurou-lhe os dois braços e trouxe-a para perto de si.

— Ei... ninguém se machucou!

Gail debateu-se por alguns segundos, depois ficou imóvel, deixando que ele a segurasse.

— A quem estava tentando impressionar, David?

Ele já ia responder, quando ouviu passos às suas costas. Virou-se e viu um velho negro carregando um molho de chaves. O homem vinha murmurando ininteligivelmente.

— O que aconteceu? — perguntou Sanders.

— Esse elevador é temperamental como um bebê.

O velho procurou a chave que abria a caixa de metal.

— Isso acontece com frequência?

O homem não respondeu. Abriu a caixa, estendeu a mão para o lado e empurrou uma pequena alavanca. Imediatamente, o motor voltou ao seu zunido normal. O homem empurrou outra alavanca. Depois de alguns estalidos, as engrenagens voltaram a se movimentar. Alguns segundos depois, o elevador estava no alto do penhasco. O homem fechou a caixa, passou a chave e começou a afastar-se.

— Ei, o que houve, afinal? — gritou Sanders.

— Nunca sei. Talvez o motor tenha esquentado demais, talvez estivesse muito frio.

— Não há risco de o elevador despencar lá embaixo, não é?

— Nunca aconteceu. Se algo sair errado, há braçadeiras que se prendem no poste, como os tentáculos de um polvo. A única coisa que pode acontecer é o elevador enguiçar. Se as pessoas tiverem um pouco de paciência, não haverá qualquer problema.

Depois que o homem se foi embora, Sanders retirou os equipamentos de mergulho do elevador.

— Pode me dar uma mão, Gail?

Ela não se mexeu. Limitou-se a fitá-lo, dizendo friamente:

— Nunca mais faça uma coisa dessas!

Dois

Sanders saiu do chuveiro, enxugou-se e ficou parado diante do espelho do banheiro. Retesou os músculos do peito e da barriga e ficou satisfeito ao ver que ressaltavam por baixo da pele. Ele afagou a barriga e sorriu.

A porta do banheiro se abriu às suas costas. Sanders sentiu uma brisa fria trazendo o aroma de Gail.

Gentilmente, Gail beliscou a pouca carne que ele tinha sobre os quadris.

— Não faça muito exercício, David. Eu detestaria se você perdesse as carnes nos lugares certos.

— Não se preocupe, que isso jamais acontecerá, querida.

Sanders virou-se e beijou-a.

Eles vestiram-se para o jantar. Ao saírem do chalé, Sanders bateu a porta e girou a chave na fechadura. Depois experimentou a maçaneta, para ver se a porta estava bem fechada.

— Mas quem vai querer roubar alguma coisa, David?

— Qualquer pessoa. As câmaras e os equipamentos de mergulho são materiais caríssimos. É melhor não facilitar.

— Pois não vai adiantar coisa alguma trancar a porta. A arrumadeira tem uma chave.

De mãos dadas, eles seguiram até o prédio principal do Orange Grove Club. Era como andar por uma estufa de plantas tropicais. Havia oleandros, hibiscos, buganvílias, *flamboyants* e folhas-de-sangue margeando o caminho, numa incrível profusão de cores. Laranjas e limões pendiam das árvores, num pomar muito bem cuidado. Eles passaram por diversos chalés, iguais àquele em que estavam alojados. Eram todos pintados de laranja, à exceção dos telhados, que brilhavam muito brancos no sol do fim de tarde.

— Já viu telhados mais limpos do que esses, David?

— Eles têm que ser limpos assim. É de lá que vem a água que você bebe.

— Como assim?

— Não existe água de poço nas Bermudas, não há rios, córregos subterrâneos, absolutamente nada. Toda a água vem da chuva. Escorre pelas calhas dos telhados para cisternas.

— Pensei que tivesse dito que nunca chovia por aqui.

— O que eu disse foi que nunca se registrou um ano em que não houvesse pelo menos trezentos e quarenta dias de algum sol. Chove bastante aqui, mesmo no verão. Mas as chuvas são súbitas e intensas, durando pouco tempo.

— Para alguém que nunca esteve nas Bermudas, você parece conhecer bastante coisa.

— É o que se aprende na *National Geographic*. A vida é a procura e conquista de fatos ilusórios.

— Por que deixou a *Geographic?* Devia ser divertido escrever para a revista.

Sanders sorriu.

— Escrever talvez fosse divertido. Ou então fazer alguma coisa. Mas eu não fazia nada e tampouco escrevia. Tudo o que eu fazia era escrever legendas. Entrei para a revista porque queria viver entre macacos selvagens, enfrentando crocodilos e mergulhando atrás de navios naufragados que nenhum outro homem jamais vira antes. Em vez disso, porém, passava os dias a imaginar frases como “Calcutá, o pólo de atração dos milhões da índia”. Jamais fiz qualquer coisa. Eu era pago para resumir o que outros faziam.

Ao se aproximarem do prédio principal, outro casal, mais jovem, apareceu no caminho, vindo em sentido contrário. Andavam de forma desajeitada, pois vinham enlaçados e o rapaz era muito mais alto que a moça, de forma que precisava andar em passos curtos, para que ela pudesse acompanhá-lo. Assim que viu o jovem casal, Sanders largou a mão de Gail.

Depois que o casal passou, Gail perguntou:

— Por que fez isso?

— Fiz o quê?

— Largou minha mão.

Sanders corou.

— Os casais em lua-de-mel me deixam nervoso.

Gail passou o braço pelo dele e encostou a cabeça no ombro do marido.

— Não se esqueça de que você também está em lua-de-mel.

— Sei disso. Mas já tive uma lua-de-mel antes.

— Mas a minha é a primeira. Portanto, deixe-me apreciá-la.

Eles atravessaram o saguão, grande, tranquilo, revestido de cedro,

passaram pelos salões de bilhar, de jogos e de leitura, cruzaram o bar e foram sair no pátio externo, que dava para o mar. Foram conduzidos a uma mesa na beira do pátio. O sol, pondo-se atrás deles, iluminava as nuvens no horizonte, dando-lhes um brilho róseo.

O garçom ficou esperando que eles pedissem os drinques. Era um jovem negro. Seu nome estava escrito numa etiqueta presa no bolsinho do paletó. Falava em monossílabos e dirigiu-se a Sanders, sem qualquer desrespeito, como "homem".

Quando o garçom se afastou, Gail comentou:

— Deve ser um emprego horrível.

— Por quê?

— O que ele pode esperar da vida? No máximo, se trabalhar muito bem, poderá tornar-se *maitre*.

— E o que há de errado nisso? É melhor do que estar desempregado.

— Viu o nome dele? Slake. Não parece um nome bermudense.

— Não creio que exista um bermudense típico e muito menos uma língua bermudense. Há pretos com nomes como Bascomb que falam com um sotaque britânico impecável e há brancos que parecem ter saído de um gueto da Jamaica. Lembro-me de uma legenda que fiz para a *Geographic*. Era a de um pescador que teria comentado: "Amanhã é feriado. Vai haver uma procela". Pensei que ninguém mais falasse essa palavra, mas procurei verificar e o homem realmente dissera "procela". Etnicamente, as Bermudas são uma mixórdia.

Assim que os drinques chegaram, eles ficaram em silêncio, ouvindo as ondas quebrarem lá embaixo, contemplando as poucas pontas visíveis dos recifes, na tarde agradável, sem qualquer vento.

Sanders meteu a mão no bolso e tirou a ampola que encontrara.

— Amanha de manhã, vamos ver se alguém por aqui pode analisar isto para nós. Aposto um tostão como é penicilina, da enfermaria do navio. Os navios sempre carregam essas coisas.

— Não creio que a penicilina fosse tão comum assim antes do término da guerra. Parece mais uma vacina. Acho que você vai perder o seu tostão.

Sanders estava estendendo a ampola para Gail, a fim de que ela a guardasse na bolsa, quando uma voz atrás deles perguntou:

— Onde foi que conseguiu isso?

Eles se viraram e depararam com o garçom. Slake estava com dois cardápios na mão.

— Como? — disse Gail.

Ele pareceu ficar embaraçado pela maneira abrupta como fizera a pergunta.

— No navio naufragado lá embaixo — disse Sanders.

— O *Golias?*

— Exatamente — disse Gail, levantando a ampola para que Slake pudesse vê-la direito. — Sabe o que é isto?

Slake segurou a ampola com as pontas dos dedos. Havia um lampião de gás aceso às suas costas e ele virou-se, erguendo a ampola contra a luz. Devolveu-a em seguida a Gail, dizendo:

— Não tenho a menor ideia.

— Então por que se mostrou tão interessado? — perguntou Sanders.

— Interessei-me pelo vidro. Parece bastante antigo e é bem bonito. Agora, se me dão licença...

Slake, que falava com o sotaque musical jamaicano, pôs os cardápios em cima da mesa e afastou-se na direção da cozinha.

Depois do jantar, os Sanders percorreram o caminho de volta ao chalé em que estavam alojados, caminhando de mãos dadas. A lua em quarto crescente surgira no céu, projetando uma luz dourada sobre as folhas e as flores. Os arbustos pareciam vivos, com o coaxar das rãs.

Sanders abriu a porta do chalé e disse:

— Vamos tomar um conhaque aqui na varanda.

— Seremos comidos vivos.

— Acho que não — disse Sanders, apontando para uma lâmpada amarela que brilhava acima da porta. — Essas lâmpadas servem para manter os insetos longe.

Ele despejou conhaque nos dois copos do banheiro e levou-os para a varanda. Gail estava sentada numa das duas cadeiras de palha, ao lado de uma mesinha.

— E maravilhoso — murmurou ela, aspirando o ar. — Há mil e um aromas diferentes.

Eles ficaram em silêncio por vários minutos, contemplando o céu e

ouvindo o farfalhar da brisa nas árvores.

— Está pronta para ouvir outra informação emocionante dos arquivos da *Geographic*, Gail?

— Claro.

— No século XVII, este lugar era conhecido como Ilha dos Demônios.

— Por quê?

— Como vou saber? O meu trabalho permite apenas que eu lhe dê os fatos. Outra pessoa era paga para descobrir os porquês.

— Acho que vou bocejar agora.

— À vontade.

— Será o bocejo mais sensual e insinuante que você já ouviu. Prometo-lhe prazeres desvairados e inimagináveis, que o farão esquecer que é um maníaco suicida. Em suma, será um bocejo de fazer qualquer um se incendiar.

— Estou esperando.

Sanders fechou os olhos e escutou. Gail iniciou um bocejo baixo, felino, quase um gemido. Parou no meio, tão subitamente como se alguém lhe houvesse obstruído a garganta com uma rolha.

— Qual é o problema, Gail? Engoliu a língua?

Ele abriu os olhos e viu-a espiando para a escuridão.

— O que houve?

— Há alguém lá fora.

— É apenas o vento.

— Não é, não! Há alguém escondido na escuridão!

Sanders foi até a beira da varanda. O caminho estava deserto. Ele virou-se para Gail e disse:

— Não há ninguém.

— Pois olhe!

Gail estava apontando para algo atrás dele. Quando Sanders olhou novamente, um homem estava saindo dos arbustos e entrando no caminho. Aproximou-se do chalé, parou a alguns metros da varanda e disse:

— Com licença...

Era um preto vestido num terno preto. Tudo o que Sanders podia divisar eram os olhos e um pedaço pequeno da camisa branca.

— Há quanto tempo estava lá nas moitas? — perguntou Sanders.

— Como, senhor? Cheguei neste momento.

— Pelas moitas?

O homem sorriu.

— É o caminho mais curto.

O sotaque era incisivamente britânico.

— O que deseja?

— Eu gostaria de dar-lhe uma palavra, se me permitisse.

— Claro, claro. Mas suba até aqui.

O homem subiu para a varanda. Parecia ter uns cinquenta anos. A pele de um preto azulado era enrugada e os cabelos pretos começavam a ficar grisalhos.

— Meu nome é Basil Tupper. Sou gerente da Drake's, uma joalheria de Hamilton. Talvez já tenham ouvido falar dela. Mas não é por isto que vim aqui. Meu *hobby* são vidros antigos.

Sanders olhou para Gail e comentou:

— Parece que há muitos apaixonados por vidros nas Bermudas.

Tupper disse:

— Ouvi dizer que recentemente encontraram um pequeno objeto de vidro entre os destroços do *Golias*. Eu gostaria muito de vê-lo.

— Por quê?

— Mas por que toda essa curiosidade? — disse Gail, estendendo a mão para a bolsa, no chão, ao lado da cadeira. — É apenas um vidro de remédio.

— Só há curiosidade por parte dos que são colecionadores de vidros — disse Tupper. — Em meados da década de 40, havia em Norfolk um sujeito chamado Reinhardt, que fabricava vidros da melhor qualidade. Os trabalhos dele são relativamente raros. Não valem grande coisa, mas, para o nosso pequeno círculo de colecionadores, é um motivo de orgulho possuir alguma peça fabricada por Reinhardt.

Gail encontrou a ampola e estendeu-a para Tupper.

Ele ergueu-a contra a luz e murmurou:

— É uma boa peça. Não das melhores, mas mesmo assim uma boa peça.

— Não passa de uma ampola — disse Sanders. — Pode haver dezenas de outras iguais, em qualquer lugar.

— É verdade. Mas há uma pequena borbulha numa das extremidades. Era a assinatura de Reinhardt.

— O que há dentro dela? — indagou Gail.

— Não tenho a menor ideia. Pode ser qualquer coisa. Mas isso absolutamente não me interessa.

Gail sorriu.

— Para alguém que não se interessa pelo conteúdo, devo dizer que o está examinando com um cuidado demasiado.

— Estou examinando o continente e não o conteúdo. O líquido parece amarelado, mas talvez seja incolor. Os vidros de Reinhardt frequentemente transmitem a sua coloração aos líquidos.

Tupper devolveu a ampola a Gail e disse:

— Gostei muito da peça. E estou disposto a oferecer vinte dólares por ela.

— Vinte dólares! — exclamou Sanders. — Mas é...

— Sei que parece muito dinheiro. Mas, como eu disse antes, há uma certa rivalidade em nosso pequeno círculo. Eu gostaria muito de ser o primeiro a possuir um exemplar da obra de Reinhardt. Francamente, a peça não vale mais do que dez dólares. Mas, oferecendo-lhes vinte, sei que estou dando mais do que a maioria dos outros poderia pagar. Alguém como o conhecido de vocês, Slake, não poderia provavelmente oferecer mais do que dez dólares. Assim, estou fazendo o que se chama de lance de preempção.

— Importa-se de que tiremos um pouco do líquido? — perguntou Gail. — Nós estamos interessados em saber o que é.

— Mas isso seria impossível. Para retirar o líquido seria necessário quebrar uma das extremidades da peça. Isso prejudicaria totalmente o seu valor.

— Então, infelizmente, não poderemos fazer negócio — disse Sanders.

— Trinta dólares — disse Tupper, abandonando por completo a atitude deferente.

— Não. Não venderíamos nem por cinquenta.

— Está cometendo um erro. Ninguém mais lhe irá oferecer tanto.

— Nesse caso, nós mesmos ficaremos com a peça. Afinal de contas, acabou de nos dizer que todos invejam o proprietário de uma peça de Reinhardt.

Tupper lançou um olhar furioso para Sanders, depois acenou com a cabeça para Gail e desceu da varanda. Seguiu alguns metros pelo caminho, entreabriu alguns arbustos ao lado e desapareceu.

— Que diabo achou de toda essa história, Gail?

Ela se levantou.

— Vamos até lá dentro. Se ele pôde aproximar-se pelos arbustos sem que o percebêssemos, só Deus sabe o que mais pode estar nos espreitando.

Eles entraram no chalé e Sanders trancou a porta.

— Acreditou nele, Gail?

— Não. E você?

— Quem pode saber o valor dos vidros Reinhardt?

— Se existe mesmo uma competição entre maníacos por vidros, por que Slake teria revelado a ele a existência da ampola? Ele próprio se teria oferecido para comprá-la. Não, tenho certeza de que o negócio é outro. Ele não está interessado no vidro e sim no conteúdo.

— Não entendo por que ele não o disse logo de uma vez.

— Não sei. Mas talvez seja porque é muito difícil alguém querer passar por colecionador de líquidos.

— Trouxe todo o resto das coisas que encontramos, Gail?

— Claro. Por quê?

— Amanhã vamos ver se descobrimos alguém que saiba algo sobre aquele navio naufragado. Talvez exista algum antigo manifesto de carga. Pelo menos, saberíamos o que o *Golias* estava transportando.

Três

— Não houve sobreviventes? — perguntou Gail.

— Só um — respondeu o chefe da portaria, um inglês corpulento, de meia-idade. — Mas não adiantaria grande coisa falar com ele.

— Como assim?

O inglês girou o indicador na altura da têmpora.

— Ele está meio maluco. Iria dizer uma porção de coisas, mas a maior parte seria pura fantasia. Há, porém, um homem que poderia ajudá-los. Chama-se Romer Treece. Ele investigou todos os navios naufragados nas Bermudas e foi quem descobriu a metade. Se há alguém que conhece estas águas, esse alguém é Romer Treece.

— O nome dele está na lista? — perguntou Sanders.

— Ele não tem telefone. O único meio de entrar em contato com ele é ir procurá-lo em sua casa, na ilha de Saint David.

— Está certo. Vi algumas bicicletas a motor lá na frente. São para alugar?

— Só as pequenas... Sr. Sanders, sabe alguma coisa a respeito da ilha de Saint David?

— E o que há para saber? Eu já vi no mapa.

— O pessoal de lá não é exatamente... hospitaleiro. Não se consideram bermudenses, mas exclusivamente naturais de Saint David. Há uma ponte, a Severn, que liga a ilha ao resto das Bermudas. Eles sonham com o momento em que a ponte irá desabar, para nunca mais ser reconstruída.

Sanders soltou uma risada.

— E o que eles são? Eremitas?

— Não. Mas são homens orgulhosos e um pouco amargos. Têm as suas próprias leis e o governo das Bermudas faz vista grossa. Há um acordo tácito. Acho que se pode dizer que é uma compensação pela escravidão.

— Escravidão?

— Os ancestrais da ilha de Saint David foram escravos. A metade era constituída por índios moicanos rebeldes, enviados para cá pelos colonos americanos. A outra metade era formada por irlandeses rebeldes, despachados para cá pelo governo inglês. Ao longo dos anos, eles se misturaram e criaram uma raça incrivelmente perigosa.

— Pois me parecem fascinantes — comentou Gail.

— Mas só à luz do dia, senhora. Não se demore em Saint David até o anoitecer.

— Obrigado pelo conselho — disse Sanders. — Deixei os nossos tanques de ar no barracão de equipamentos. Poderia mandar enchê-los novamente?

O chefe da portaria não respondeu. Parecia um tanto inquieto.

— Eu... eu estava querendo perguntar-lhe, Sr. Sanders...

Ele pegou dois cartões hesitando mais um pouco.

— Os cartões que me deu... Perdoe a minha ignorância, Sr. Sanders, mas é que não estou familiarizado com a ANMI.

— Ora, não há problema em perguntar. É a Associação Nacional dos Mergulhadores Independentes. Há tantos mergulhadores atualmente que a NAUI não pode controlar todos. A ANMI é um novo grupo.

O chefe da portaria escreveu alguma anotação num bloco.

— Espero que compreenda a minha pergunta, Sr. Sanders. Os regulamentos é que exigem.

— Não há problema.

Gail e David saíram do saguão e foram alugar as bicicletas a motor. Enquanto o encarregado preenchia os formulários, Gail sussurrou para David:

— Que cartões eram aqueles?

— Eu previa que isso pudesse acontecer. Eles estão se tornando mais rigorosos a cada ano que passa. Não se pode reabastecer nenhum tanque sem um certificado de curso de mergulho submarino.

— Mas nunca fizemos nenhum curso!

— Sei disso. Mandei fazer os cartões em Nova York.

— Mas o que é a ANMI? Esse negócio existe mesmo?

— Ao que eu saiba, não, Mas não se preocupe. Eles nunca verificam. Querem saber apenas para escrever na ficha.

— Provavelmente deveríamos ter feito o curso, David. Ontem foi a primeira vez que mergulhei, em mais de um ano.

— E quem vai querer desperdiçar todas as noites de quarta-feira, durante catorze semanas, dentro de uma piscina, como exige o curso da associação oficializada?

Sanders passou o braço pela cintura de Gail e acrescentou:

— Você se sairá muito bem.

— Não é só comigo que estou preocupada.

Eles escutaram atentamente as instruções sobre como operar as bicicletas a motor. Depois, o encarregado apontou para uma fileira de capacetes e disse:

— Qual o tamanho dos chapéus que usam?

— Esqueça — disse Sanders. — Detesto usar capacete.

— Mas é a lei. Tem que usar capacete, caso contrário a polícia poderá confiscar a bicicleta.

Sanders ficou irritado.

— Acho que cabe a mim decidir...

Ele parou no meio da frase, sentindo a mão de Gail em seu braço.

— Está bem, está bem!

Gail pôs a toalha com os objetos que haviam recolhido entre os destroços do *Golias* na cesta em cima da roda traseira da bicicleta e apalpou o bolso da camisa para verificar se a ampola ainda estava ali.

Seguiram para nordeste, pela South Road. O vento estava soprando agora de sudeste. Ao entrarem no trecho da estrada que corria paralelo à praia do sul, Sanders apontou para os recifes. O que fora, no dia anterior, um ancoradouro sereno para a baleeira era agora um turbilhão furioso de espuma. As ondas quebravam violentamente sobre os rochedos. Mesmo no lado dos recifes que dava para a praia, o mar conseguia ter forças suficientes, impelido pelo vento, para formar ondas que desabavam fragorosamente na areia.

A estrada estava apinhada de táxis pequenos e vagarosos, cujos motoristas, apesar de se conhecerem desde crianças e de se verem diariamente, acenavam espalhafatosamente uns para os outros e cumprimentavam-se com toques repetidos das buzinas estridentes.

Parecia não haver qualquer ordem social, nenhuma vizinhança delimitada, nas casas por que passavam. As casas do lado direito da estrada, com vistas espetaculares para o mar, eram geralmente grandes, bem cuidadas e visivelmente luxuosas. As da esquerda, aninhadas de encontro às encostas das colinas, eram menores e mal cuidadas; os jardins, cobertos de mato e povoados por crianças negras. Cada sopro do vento era rico em cheiros fortes, doces e azedos, agradáveis e repugnantes.

Gail e David passaram pelos distritos de Devonshire e Smith e viraram à esquerda na Harrington Sound Road, atravessando Castle Harbour e chegando à ilha de Saint George. Uma placa indicava a cidade de Saint George, à esquerda. Eles foram pela direita e atravessaram a Ponte Severn, seguindo pela estrada estreita, paralela ao aeroporto, na direção de Saint David.

Haviam imaginado uma comunidade compacta e organizada. Em vez disso, contudo, descobriram um conjunto de chalés de pedra construídos a esmo e ligados por caminhos de terra. Era como se alguém tivesse pegado um punhado de chalés e os houvesse despejado de três mil metros de altura, negligentemente, espalhando-os pelas encostas, sem qualquer ordem. Somente uma construção parecia adequadamente situada: um farol, no alto de um penhasco.

Pararam no lado da estrada e Sanders abriu o mapa que conseguira no hotel.

— Tem que ser aqui — disse ele. — Lá está o farol de Saint David.

— Vamos perguntar a alguém.

— Mas claro! Podemos perguntar a qualquer um desses milhares de pessoas.

Ele sacudiu o braço para as encostas ao redor. Não se viam carros, não se via nenhum pedestre. A cidade parecia deserta. Cinquenta metros adiante, depois de uma curva, depararam com uma placa escrita a mão, onde se lia: “Lanchonete de Kevin”.

— Parece que está vazio — disse Gail.

O barraco não tinha porta, mas havia à entrada os remanescentes em frangalhos de uma cortina de contas, pendurada de uma vareta vermelha. Sanders bateu de leve na parede. Não houve resposta.

— Há alguém aí?

Eles entraram.

— O que estão querendo? — disse uma voz abruptamente, do outro lado do balcão comprido.

O homem não usava camisa e sua pele era de um castanho escuro. A barriga era estofada e sem cabelos. Os olhos eram buracos negros por cima das faces globulares.

— Estamos à procura de Romer Treece — disse Sanders.

— Não é aqui.

— Onde podemos encontrá-lo?

— Ele não é uma maldita atração turística.

— Não somos turistas. Não é por isso que queremos vê-lo, mas sim para falar a respeito de um navio.

— Ele conhece navios — disse o homem, num tom um pouco menos beligerante. — Ninguém conhece tanto quanto ele. Até quanto deseja falar com ele?

— Como?

Sanders levou algum tempo para compreender o que Kevin estava querendo dizer.

— Ah, sim...

Ele meteu a mão no bolso e tirou uma nota de cinco dólares da carteira, pondo-a em cima do balcão.

— Acho que não está querendo falar com ele tanto assim.

Sanders já ia dizer alguma coisa, mas olhou para Gail e compreendeu que a expressão dela era suplicante: “Vamos sair logo daqui!” Ele pôs outra nota de cinco dólares em cima do balcão.

— Acha que isso é o suficiente para demonstrar a minha vontade de falar com Romer Treece?

— Lá no alto da colina, onde tem o farol.

— Ele mora no farol? — perguntou Gail.

— Ao lado. É o farol dele.

O farol ficava num promontório tão acima do mar que a luz precisava ficar apenas a uns quinze ou vinte metros acima do solo. Havia uma trilha bem delineada para os turistas alcançarem o farol. Uma casinha branca, rodeada por uma cerca de estacas, erguia-se ao lado do farol. No portão, estava pintada a palavra “Particular”. Os Sanders encostaram as bicicletas na cerca, abriram o portão e atravessaram o caminho curto até a casa. Nos dois lados da porta da frente, em lugar de canteiros de flores, havia duas tinas do tamanho de banheiras, cheias de um líquido transparente. No fundo, viam-se dezenas de objetos de metal, enferrujados: fivelas, caixas, canos de pistolas, espigões e inúmeros outros, inidentificáveis.

Gail ergueu a toalha onde estavam os objetos que eles haviam encontrado no fundo do mar.

— Acha que são coisas iguais a estas, David?

— É o que parece. Isso provavelmente é um banho químico, para limpá-las.

A porta da frente estava aberta. Mas havia uma porta de tela, fechada e com um ferrolho passado pelo lado de dentro. Sanders bateu na moldura da porta e gritou:

— Alô? Sr. Treece?

— Há folhetos naquele maldito farol. Eles podem responder a tudo o que esteja querendo saber.

A voz era profunda e o sotaque semelhante, mas não igual, ao inglês ou escocês.

— Sr. Treece, gostaríamos de perguntar-lhe a respeito de algumas coisas que encontramos.

Sanders olhou para Gail. Quando tornou a se virar na direção da porta de tela, deparou com o maior homem que já vira em toda a sua vida.

O homem tinha bem mais de dois metros de altura e o peito tão imenso que as costuras da camisa de meia estavam rompidas. Os cabelos eram pretos, cortados rente, subindo de um V no meio da testa. O nariz, comprido e fino, era arqueado acentuadamente no meio, como se tivesse sido quebrado e nunca mais consertado. O rosto parecia triangular, uma pirâmide invertida. Os malares eram largos e salientes, por cima de faces encovadas, a boca de lábios finos, o queixo pontudo. A pele era castanha e curtida, como *bacon* frito demais. A única característica que traía a presença de outro sangue que não apenas o índio era a cor dos olhos, azul-esmalte.

— Não somos turistas — disse Sanders. — O homem do Orange Grove disse que talvez quisesse dar uma olhada em algumas coisas que tiramos de um navio naufragado.

— Que homem?

— O chefe da portaria.

— Briscoe. Eu não sou criado dele!

— Ele disse apenas que ninguém mais poderia ajudar-nos.

— Qual o navio?

— O *Golias.*

— Não há nenhuma coisa de valor naquela porcaria. Ou, se há, ninguém ainda descobriu.

Treece olhou para as bicicletas encostadas na cerca e perguntou:

— Vocês vieram até aqui naquelas coisas?

— Viemos.

— E o que foi que descobriram?

Treece destrancou a porta de tela e saiu da casa, tornando a fechar a porta. Apontando para a trouxa na mão de Gail, ele perguntou:

— É o que está nessa trouxa?

— Isso mesmo.

Gail entregou-lhe a trouxa. Treece agachou-se, pôs a toalha no chão e abriu-a. Examinou rapidamente os garfos, colheres, a caneca de estanho, a navalha e a manteigueira.

— Não resta a menor dúvida de que é mesmo o lixo do *Golias* — disse ele, levantando-se. — Agora já têm a resposta que procuravam. Valeu a pena a viagem?

— Há mais alguma coisa — disse Sanders.

Ele fez um sinal para Gail, que tirou a ampola do bolso da blusa e entregou-a a Treece. O gigante ficou com a ampola na palma da mão, contemplando-a, sem dizer nada. Sanders percebeu que os músculos do queixo se mexiam, como se ele estivesse rangendo os dentes.

Finalmente, Treece fechou a mão em torno da ampola, levantou a cabeça e olhou para o mar.

— Mas, que diabo! Trinta e dois anos e finalmente a filha da puta prova ser verdadeira...

— O que...

Treece virou-se bruscamente para Sanders, interrompendo-o:

— Quem mais já viu isto?

— Bom... — balbuciou Sanders.

— Eu perguntei *quem mais!*

— Ontem à noite, um homem tentou comprá-la de nós. Um preto. Disse que estava interessado no vidro. E um garçom do hotel também viu.

Treece soltou uma risada, uma risada de raiva e desprezo.

— Vidro!

Ele estendeu o punho fechado para a frente do rosto de Sanders, abrindo-o bruscamente e obrigando o outro a olhar para a ampola.

— Sabe o que tem aí dentro? Morfina pura, o suficiente para fazer um homem passar uma semana de férias nas estrelas! Não é de admirar que alguém tenha tentado comprá-la. Esta ampola confirma a lenda.

— Que lenda?

Treece olhou para Sanders, depois para Gail, e de novo para Sanders.

— Eu preferia não contar nada. Mas, agora que eles sabem que vocês encontraram, não tardarão a lhes dizer. Venham comigo.

Seguiram Treece até os fundos da casa. Entraram na cozinha, uma peça grande e arejada, com vista para o mar. Por toda parte, em cima da pia e de uma mesa redonda, estavam espalhados garrafas e frascos de produtos químicos, bicos de Bunsen e ferramentas, brocas de dentista, alicates, chaves de parafuso, martelos, diversos tipos de buril. Treece fez um gesto para que se sentassem nas cadeiras junto à mesa. A garganta de Gail estava ressequida e ela perguntou:

— Poderia arrumar-me um copo de água?

— Se eu conseguir encontrar um copo... — resmungou Treece, remexendo na confusão que havia em cima de uma prateleira.

Gail viu um copo cheio pela metade sobre a mesa.

— Este aqui serve — disse ela, estendendo a mão para pegar o copo. — A água não precisa estar gelada.

Treece observou-a, esperando até que o copo estivesse a poucos centímetros da boca de Gail. Depois riu e disse:

— Jesus, menina, não beba esse negócio! Um gole disso e entrará para os anais da história.

Gail estremeceu, aturdida.

— O que é isso?

— Ácido clorídrico. Pelo menos iria limpar tudo o que tem por dentro.

Ele finalmente encontrou um copo, encheu-o com água da bica e o entregou a Gail.

— Tome aqui. Esta água só servirá para enferrujá-la.

Sanders ouviu um rosnado às suas costas. Virou-se, sem saber o que esperar. Havia um cachorro sentado no peitoril da janela. Era uma espécie de *terrier* de tamanho médio, o pêlo cinzento. O cachorro tornou a rosnar para Sanders. Treece disse então:

— Está tudo bem, Charlotte, sua cadela idiota.

Os olhos do animal não se desviaram de Sanders. A cadela tornou a rosnar.

— Eu disse que estava tudo bem!

Treece arrancou o copo da mão de Gail e jogou a água no focinho da cachorra. Ela abanou a cauda e lambeu a água que lhe escorria pelo corpo.

— Seja boazinha, Charlotte. Eles não são turistas. Ou, pelo menos, não são agora.

A cachorra saltou do peitoril da janela e foi farejar a calça de Sanders.

— Ela ficou zangada porque entraram aqui sem que os tivesse visto — explicou Treece. — Ela gosta primeiro de farejar as pessoas que vêm aqui.

— Ela morde de verdade? — perguntou Gail, enquanto o focinho frio da cachorra farejava o tornozelo de Sanders.

— Acho que sim. É uma cachorra típica de turistas.

Treece encostou-se na parede e perguntou:

— O que sabem a respeito do *Golias?*

— Para dizer a verdade, não sabemos nada — respondeu Gail.

— Talvez uma única coisa — disse Sanders. — O salva-vidas lá da praia disse que o navio estava transportando munição.

— É bem possível. O *Golias* era um cargueiro, um navio a vela que levava suprimentos para a Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Havia sentido em usar navios de madeira a vela, por mais lentos que fossem. O casco não atraía as minas magnéticas e as velas não faziam qualquer barulho para chamar a atenção dos submarinos. O *Golias* estava carregado. O manifesto de carga relacionava um carregamento de munições e de suprimentos médicos. O *Golias* afundou em 1943, partindo-se no meio dos recifes, despejando a carga por todo o fundo do mar. Durante muitas semanas, o pessoal recolheu na praia toda a sorte de coisas. Eu mergulhei até os destroços do navio na década de 50, tirando de lá uma tonelada de coisas, inclusive cargas de profundidade e granadas de artilharia. Havia rádios espalhados por todo o fundo do mar. Mas ninguém jamais encontrou os tais suprimentos médicos.

— E o que eram exatamente? — perguntou Gail.

— Ninguém sabe com certeza. O manifesto falava apenas em suprimentos médicos e ponto final. Podiam ser qualquer coisa, como sulfa, ataduras, iodo, clorofórmio e assim por diante. Uns dois anos depois da

guerra, creio que em 1947, um maldito furacão dispersou inteiramente os destroços. Depois disso, a maioria das pessoas esqueceu o *Golias*. Mas isso não aconteceu com alguns.

— O chefe da portaria disse-nos que houve um sobrevivente — falou Sanders.

— Houve, sim. Ele estava em pior estado que o navio naufragado, mas conseguiu sobreviver. Durante algum tempo, depois que saiu do hospital, vendeu refugos do *Golias*. Por alguns drinques, contava histórias do naufrágio. Uma noite, ele se embriagou e contou uma história sobre uma fortuna em drogas no *Golias*. Disse que havia milhares e milhares de ampolas de morfina e ópio, acondicionadas em caixas de charuto. Afirmou que fora pessoalmente responsável pelas drogas, que sabia onde estavam, mas não iria dizer a ninguém. No dia seguinte, foi agarrado por pessoas que queriam saber mais alguma coisa a respeito das drogas. Mas ele jurou que esquecera completamente o que dissera na noite anterior, que não sabia coisa alguma a respeito de drogas. Ele jamais tornou a contar a história. Mas uma única vez foi o suficiente. O rumor se espalhou e não demorou muito para que se dissesse que havia dez milhões de dólares em drogas entre os destroços do *Golias*. E uma porção de gente começou a procurar. E como procuraram! Revistaram os destroços de alto a baixo, desmontando tudo o que ainda estava de pé. Mas ninguém jamais encontrou uma ampola sequer. Até que vocês apareceram.

— Mas por que uma ampola haveria de aparecer agora? — indagou Sanders.

— O fundo do mar é uma criatura viva. O mar é caprichoso, gosta de caçoar. Adora enganar as pessoas. Está sempre mudando. Uma tempestade pode alterar inteiramente a face do fundo do mar. Uma mudança de correnteza pode revelar coisas que estavam escondidas. Pode-se mergulhar um dia num navio naufragado e nada se encontrar. O vento sopra durante a noite e no dia seguinte, no mesmo lugar, encontra-se uma porção de moedas de ouro. Isso já aconteceu. E nas últimas seis semanas encontramos quatro tesouros.

— David achou que a ampola podia ser da enfermaria do navio — disse Gail.

— O *Golias* não tinha enfermaria. Eles provavelmente carregavam apenas alguns medicamentos para os tripulantes. Se fosse qualquer outro

navio, eu poderia admitir essa possibilidade. Mas não no caso do *Golias.* Acho que o melhor é vocês torcerem para terem encontrado a única ampola que restou.

— Por quê? — perguntou Sanders.

— Porque há pessoas que lhes cortariam as gargantas com a maior tranquilidade, por uma fração do que os rumores dizem que há lá embaixo. O que disseram ao sujeito que lhes apareceu ontem à noite?

— Nada. Inclusive porque não sabíamos de nada. Só falamos que havíamos encontrado a ampola na área em que o *Golias* afundara.

Treece olhou pela janela e ficou em silêncio por um momento.

— Estariam dispostos a dar outro mergulho lá, espiar novamente? Não hoje, pois o mar transformaria qualquer mergulhador em picadinho. Mas poderiam fazê-lo amanhã?

Sanders olhou para Gail antes de responder:

— Claro.

— É muito importante saber se há mais alguma coisa lá embaixo. Se não há, o assunto está resolvido. Mas se há, vou querer pegar tudo, antes que todos os malandros, das Bermudas às Bahamas, comecem a mergulhar lá, na tentativa de pegar alguma coisa. Eu gostaria de ir pessoalmente, mas isso seria anunciar que alguma coisa foi descoberta.

Treece começou a rebuscar dentro de um armário, enquanto continuava a falar:

— Sempre que eu ponho os pés na água, os jornais começam a falar em tesouros fabulosos. E, agora que há gente que sabe que havia alguma coisa no *Golias,* a minha presença seria denunciadora.

Ele enfiou a mão até o fundo da prateleira do armário e tirou duas pedras do tamanho de um punho, pondo-as em cima da mesa.

— Se encontrarem outra ampola, ponham uma dessas pedras no lugar. As lascas brilhantes são refletores infravermelhos. Eu mergulharei de noite, com uma lanterna infravermelha, e encontrarei o lugar.

— Está certo — disse Sanders. — Mergulharemos novamente amanhã.

— Se o vento estiver comportado.

Gail levantou-se. Ao erguer da mesa a trouxa com os objetos encontrados no fundo do mar, ela reparou no torrão preto que David descobrira. Apontou para ele e perguntou a Treece:

— Isso é carvão?

— Não — respondeu Treece, pegando o torrão. — É alguma espécie de sulfeto. Posso ver o que há dentro, mas há o risco de estragar.

— Não há problema.

Treece pegou um martelo e um buril de cima da pia e sentou-se na mesa, pondo o torrão preto à sua frente. O martelo parecia um brinquedinho na mão imensa e riscada de cicatrizes. A unha do polegar era tão grande quanto a cabeça do martelo. Mas ele usou as ferramentas com a delicadeza e a habilidade de um lapidador. Sondou o torrão, tirando uma lasca aqui e ali, até encontrar uma rachadura quase invisível, perto do centro. Enfiou a ponta do buril na fenda e deu uma única martelada. O torrão partiu-se ao meio. Examinando as duas metades, ele sorriu.

— É uma excelente amostra. Não dá para ler direito a data. Mas, afora isso, está muito bem conservada.

— O que é isso? — perguntou Sanders.

— O que resta de uma peça de oito, ancestral do nosso maldito dólar.

— Não estou entendendo.

— Dê uma olhada.

Treece ergueu as duas metades do torrão para perto da luz. Na massa escura, Sanders distinguiu os contornos débeis de uma cruz, um castelo e um leão rampante.

— Isto foi outrora uma moeda de prata. Ao cair no mar, começou a oxidar-se, transformando-se em sulfeto de prata. E isto foi tudo o que restou. É o que sempre acontece com a prata, a menos que haja uma pilha ou esteja encostada no ferro. Nesses casos, a preservação é sempre considerável.

— Está se referindo a uma peça de oito espanhola? — indagou Gail. — Mas não é possível.

— Mas é isso mesmo, menina. As peças de oito de prata eram tão comuns quanto os xelins, naqueles tempos.

— E valia um dólar?

— Não. O que eu quis dizer é que foi da peça de oito que veio o sinal de cifrão do dólar. Olhe aqui.

Treece espalhou a poeira do torrão preto sobre a mesa e começou a desenhar com a ponta do dedo.

— Os contadores espanhóis costumavam registrar as peças de oito desta

maneira: um “P” seguido por um “8”. Mas dava muito trabalho e eles começaram a abreviar deste jeito.

Ele desenhou um “p” e um “8” juntos, apagando em seguida algumas linhas e deixando um “$”.

— E quanto tempo tem este resto de moeda? — perguntou Gail.

— Não sei. Não dá para ler a data. Mas deve ter pelo menos duzentos anos.

— Não é possível!

Treece riu e disse em tom tolerante:

— Mas é isso mesmo, menina. Onde foi que a encontraram?

— Nós a encontramos no *Golias.*

Agora foi a vez de Treece dizer:

— Mas não é possível!

Ele fez uma pausa e depois acrescentou, mais controlado:

— O *Golias* afundou em 1943. Não estava carregando nenhuma moeda espanhola.

— Pois foi lá que encontramos. Aliás, foi David quem achou. No meio dos recifes.

— Ah, bom! De vez em quando se encontram moedas dessas, espalhadas por toda parte. Às vezes são até jogadas pela ressaca na praia.

— Será que há mais algumas por lá? — indagou Gail.

— É bem possível — disse Treece, sorrindo. — E, se continuar a escavar, poderá também encontrar a Atlântida. Você descobriu uma moeda. Aliás, nem mesmo uma moeda, apenas o que restou de uma. Tente pensar de outro jeito. Por exemplo: suponhamos que houvesse agora um terremoto e partisse este penhasco ao meio, jogando-nos no mar. E suponhamos que daqui a trezentos anos alguns mergulhadores encontrassem os destroços e a primeira coisa que vissem fosse uma moeda que caiu do meu bolso. Eles seriam muito tolos se pensassem que haviam deparado com o tesouro de algum marajá das Bermudas.

— Mas pode haver mais, não é? — insistiu Sanders.

— Não vou negar que seja possível. Há muito mais mistérios escondidos pelo mar do que podemos imaginar. E de vez em quando o mar resolve revelar um desses mistérios. Mas geralmente se limita a caçoar da gente, revelando coisas sem valor, só para aguçar nosso interesse.

— Li em algum lugar sobre um garoto que estava passeando pela praia e tropeçou numa corrente de ouro que valia cinquenta mil dólares.

— Isso pode acontecer. Mas, se ficar esperando que lhe aconteça, vai acabar enlouquecendo.

— Devemos procurar mais moedas amanhã? — perguntou Gail.

— Não. Não saberiam reconhecê-las, mesmo que elas caíssem aos seus pés. O melhor é não começarem a recolher todo pedaço de pedra preta que encontrarem.

Treece levou os Sanders pela porta dos fundos até a frente da casa. A cachorra seguiu-os, farejando e abanando a cauda.

— Como poderemos entrar em contato com você? — perguntou Sanders.

— Como fizeram hoje. Pode ser uma viagem comprida, mas serve para tornar os visitantes raros e só trazer aqui os que têm realmente algo a tratar. Numa emergência, podem telefonar para o meu primo Kevin.

— O Kevin da lanchonete? Foi lá que paramos para pedir informações.

Uma expressão de desagrado deve ter surgido no rosto de Sanders, pois Treece soltou uma risada e disse:

— E quanto foi que as informações lhe custaram?

— Dez dólares.

— Kevin é um miserável mercenário. É um bom sujeito. Mas, se houver algum meio de arrancar dinheiro do asfalto, podem ter certeza de que ele o encontrará.

Gail disse:

— Ele deu a impressão de assumir uma atitude protetora em relação a você.

— Não é só impressão. Ele procura mesmo proteger-me, como a maioria das pessoas daqui. É uma tradição.

— A de protegê-lo?

— A de proteger o Treece que por acaso esteja tomando conta do farol. Quando os malditos nos jogaram aqui, no século XVIII, como escravos, puseram um xerife e um bando de assassinos para nos manter na linha. Mas não aceitamos a escravidão e não demorou muito para que escalpelássemos o xerife e o jogássemos e a todo o seu bando para servir de comida aos peixes. Eles acharam melhor, a partir desse momento, deixar-nos em paz. Instalamos

então a nossa própria ordem. Um Treece foi eleito chefe, por dois motivos: primeiro, porque sempre fomos maiores que todos os outros e, segundo, porque havia mais Treeces que qualquer outra família, parentes em quantidade suficiente para acabar com qualquer confusão. E assim tem sido, há mais de um século.

— Você é o chefe agora? — indagou Gail.

— De certa forma. O trabalho não significa muita coisa. Eu é que decido as disputas e trato com os bermudenses sempre que há necessidade, o que, felizmente, raramente acontece. E cuido do farol, que é a única parte das minhas funções que dá alguma remuneração. Mas não é um emprego tão ruim assim, especialmente nos anos que antecedem o momento em que se assume o lugar. É algo parecido com a situação do maldito Príncipe de Gales. Quando meu pai estava vivo, os habitantes de Saint David custearam a minha educação na Inglaterra. Há o sentimento generalizado de que o chefe deve ser muito bem educado. Não sei por quê. Afinal, um diploma não ajuda nada na hora de quebrar a cabeça de um patife ou de devolver a cabra roubada de alguém.

—•Então, quer dizer que há crime por aqui — murmurou Gail. — Bem que nos avisaram para não ficarmos nesta ilha depois de escurecer.

— Não deve falar sobre isso, principalmente para os habitantes de Saint David. Mas o aviso tem sua razão de ser. Os estrangeiros são considerados aqui como boa presa.

— E, quando se aposentar, seu filho irá assumir o lugar?

— perguntou Gail.

— Iria, se eu tivesse um filho.

O tom indiferente de Treece deixou Gail embaraçada. Sanders percebeu-o e procurou mudar de assunto:

— Quer que deixemos a ampola com você?

— Eu gostaria. Ninguém seria tolo o bastante para entrar aqui a fim de pegá-la. E nenhum patife vai conseguir derrubar-me para revistar meu bolso.

Treece foi até o portão e acrescentou:

— Vocês precisam ter certeza de que estão mesmo querendo fazer isso. Afinal, estão aqui em férias. Não há razão para se envolverem, se não quiserem.

— E o que poderia acontecer? — perguntou Gail.

— Calculo que nada. Mas nunca se sabe o que as pessoas podem fazer quando sentem o cheiro de dinheiro. Especialmente alguns dos negros desgraçados que existem por aqui.

Treece notou que Gail estremeceu ao ouvir as palavras “negros desgraçados” e acrescentou:

— Racista. Um patife preconceituoso. Fascista. Não sou nada disso. Não tenho preconceitos, apenas algumas dúvidas. E tenho minhas razões para isso. Os pretos das Bermudas têm muitas razões para se queixar, mas precisam fazer ainda muita coisa para merecer o meu respeito.

— Mas, não pode...

— Vamos indo, Gail — disse Sanders, interrompendo-a.

— Não vamos transformar o nosso encontro num simpósio sobre atitudes étnicas.

Ele virou-se para Treece e acrescentou:

— Voltaremos a nos encontrar amanhã.

— Certo.

Treece abriu o portão para que eles saíssem e fechou-o em seguida. Assim que isso aconteceu, a cadela pôs as patas dianteiras em cima da cerca e começou a rosnar e a latir. Treece riu:

— Agora, vocês voltaram a ser turistas.

Gail e David desceram pelo caminho, em suas bicicletas a motor, até a estrada que passava na frente do farol.

— Precisamos ter certeza de que estamos mesmo querendo fazer isso, David.

— Eu já tenho certeza. É uma oportunidade maravilhosa de fazer alguma coisa. Estou cansado de ler sobre o que outras pessoas fizeram e de escrever sobre as aventuras alheias. Não se pode viver a vida inteira placidamente. É como ficar se masturbando do berço ao túmulo. Além do mais, tudo o que combinamos foi tornar a mergulhar amanhã, para ver se descobrimos mais alguma coisa. Se encontrarmos algo, então, começaremos a pensar no que fazer em seguida. Mas eu não pretendo ficar longe disso, até sabermos mais alguma coisa.

Quando David Sanders tinha dezessete anos e estava na escola secundária, o professor de inglês determinara que sua turma lesse *Walden.* A

maioria dos colegas de Sanders achara o livro insípido e sem graça, uma coleção de máximas para serem sublinhadas, decoradas, vomitadas na prova escrita e depois esquecidas.

Mas Sanders achara tremendamente inspiradoras as atitudes de Thoreau em relação à vida e fizera duas placas. Numa delas estava escrito: “A maioria dos homens leva vida de desespero silencioso”. Na outra se lia: “...eu gostaria de viver deliberadamente, enfrentando os fatos essenciais da vida, para descobrir o que tinham a me ensinar, ao invés de chegar ao fim da vida e descobrir que não vivera”. Apesar de lascadas e esmaecidas pelo passar dos anos, as duas placas de madeira ainda estavam penduradas na parede acima de sua escrivaninha.

Pouco depois de entrar na universidade, Sanders assistira a uma conferência de Jacques-Yves Cousteau. Ao final da noite, descobrira que a vida de Cousteau era a que desejava levar. Escrevera diversas cartas a Cousteau (nenhuma das quais fora respondida), e um dia dirigira seu carro por mais de trezentos quilômetros para ouvir outra conferência de Cousteau e assistir a um dos filmes dele. Numa ocasião, depois de outra conferência, falara com Cousteau, que lhe dissera, gentilmente, mas com firmeza, que havia centenas de candidatos a vagas a bordo do *Calypso*. A menos que Sanders tivesse alguma credencial como cientista marinho ou fotógrafo submarino, não haveria qualquer possibilidade de entrar na tripulação.

Logo depois de se formar, Sanders fizera o serviço militar, aproveitando o programa intensivo de treinamento militar em seis meses. Ao dar baixa, casara-se com a jovem que namorava desde o primeiro ano na universidade. Não queria muito casar-se. Mas, agora que era evidente que teria de procurar um emprego rotineiro, o casamento parecera-lhe uma aventura. Pelo menos, era algo que jamais fizera antes.

David e Gloria foram morar em Washington. O romance de Camelot estava em pleno vigor e David se comportara ao melhor estilo Kennedy. Nadava, velejava, jogava futebol americano. Levara consigo uma carta de recomendação de um dos seus professores de história, que fora colega de classe de JFK em Harvard. Ele pensara em tornar-se escritor de discursos — assistente, é claro — e se sentaria à direita de Ted Sorensen para escrever frases de efeito para o “líder do mundo livre”. Disseram-lhe que a melhor maneira de entrar para o governo era prestar exame para o serviço no exterior. Ele passara nos exames escritos, mas fora reprovado nos orais. Nunca

soubera por quê, mas desconfiava de que fora por causa da resposta que dera a um dos examinadores, ao ser indagado sobre quais eram os seus interesses extraprofissionais:

— Mergulho submarino e orcas.

Uma carta de um amigo do pai proporcionara-lhe um emprego na *National Geographic*. Depois de passar um ano escrevendo legendas, invejando os repórteres que voltavam, bronzeados e curtidos, de missões em lugares exóticos, ele perguntara a seu chefe quanto tempo demoraria para que pudesse tornar-se um deles. O chefe dissera-lhe que não havia a menor garantia de que algum dia pudesse tornar-se um repórter. E acrescentara que a melhor maneira de Sanders demonstrar o seu talento para os editores era escrever, por conta própria, um artigo para a revista.

Sanders largara o emprego e começara a inundar os editores com ideias de reportagens sobre lugares distantes. Mas logo descobrira que os editores, antes de o incumbirem de alguma missão, queriam um esboço tão completo da reportagem que somente poderia ser preparado por alguém que tivesse estado pessoalmente no lugar. Sanders nunca fora além do Mississípi e o único lugar em que estivera, fora do território continental dos Estados Unidos, tinha sido St.-Croix. Começara a trabalhar num romance. Já havia escrito quase vinte páginas quando Gloria anunciara que, apesar do uso de todos os dispositivos anticoncepcionais conhecidos pela ciência, à exceção da abstinência, estava grávida.

Sanders considerara pela primeira vez a possibilidade de ir para Wall Street durante uma noite triste de bebedeira, com um antigo colega da universidade. O surto do mercado, de meados da década de 60, estava começando. O colega de Sanders dissera-lhe que estava ganhando trinta mil dólares por ano, sem fazer praticamente nada. Sanders raciocinara que não era menos inteligente do que o colega e descobrira uma grande atração nas histórias sobre os jovens audaciosos que estavam abalando Wall Street. Mudara-se para Nova York, alugara um apartamento, lera uns poucos livros e fizera alguns contatos, conseguindo um emprego — tudo em menos de um mês.

Para sua surpresa, Sanders gostara do trabalho. Era fácil, interessante e a remuneração, excelente. Ele era sociável e gostava de arriscar dinheiro. Seus sucessos iniciais (conquistados graças aos conselhos de corretores mais experientes) trouxeram-lhe tantos clientes quantos poderia atender. Ele era

bastante inteligente para compreender que a alta da Bolsa, mesmo que a Dow atingisse a fabulosa marca dos mil pontos, algum dia entraria em retrocesso. Assim, tratara de aprender tudo o que era possível sobre os fundos mútuos garantidos, descobrindo os segredos de vender a curto prazo, no momento certo. Quando o mercado começou a cair, em 1968, ele estava numa situação razoavelmente boa.

Passara a operar como agente independente, sobrevivendo exclusivamente graças às comissões que recebia por vender e comprar ações para seus clientes. Era muito bom em sua função (achava que possuía um dom especial para as mudanças iminentes no mercado e deliciava-se com o fato de correr riscos baseado em intuições) e três firmas rivais haviam tentado contratá-lo, oferecendo-lhe salários espetaculares. Mas Sanders recusara, preferindo a vida imprevisível do agente independente. Ficava excitado com o fato de nunca saber quanto iria ganhar no mês seguinte. Encarava isso como liberdade. Se não conseguisse ganhar o suficiente, não teria ninguém a quem culpar, a não ser a si próprio. Se, ao contrário, conseguisse ganhar bastante (como sempre acontecia), não haveria ninguém para partilhar o mérito.

Mas a esposa, Gloria, encarava essa liberdade, essa suposta coragem, como uma loucura. Era uma mulher metódica, que não gostava de correr riscos, mas sim de saber exatamente quanto dinheiro haveria nos envelopes que mantinha numa gaveta de arquivo, sob o rótulo de “orçamento”. Havia envelopes para alimentos, vestuário, brinquedos, diversões e livros escolares.

Em 1971, Sanders tinha dois filhos, um apartamento na West 67th Street e uma casa em Westhampton. Sabia que deveria ser um homem feliz, mas sentia-se entediado. Gloria o irritava. Ela só se interessava por duas coisas: roupas e comida. A vida sexual do casal tornara-se uma rotina perfeitamente previsível. Gloria declarava gostar de sexo, mas recusava-se a comentar — e muito menos tentar — maneiras novas de torná-lo mais interessante. Sanders surpreendera-se a imaginar, ao fazer amor com a esposa, que ela era uma estrela de cinema, uma secretária qualquer ou Billie Jean King.

Não demorara muito para que ele percebesse que o trabalho também o entediava. Provara a si mesmo que podia ganhar dinheiro em qualquer tipo de mercado. Gostava de ganhar e gastar dinheiro. Mas o desafio já não existia. Ele foi se tornando cada vez mais inquieto, começando a cometer negligências.

Ainda sonhava, de vez em quando, em trabalhar com Cousteau.

Mantinha-se em excelente estado físico, na previsão de um telefonema de Cousteau. Mas não se satisfazia em manter o corpo em forma. Gostava de testá-lo. Certa ocasião, engordara deliberadamente cinco quilos, para verificar se poderia perder o excesso de peso em três dias, através de uma dieta que ele próprio imaginara. Em outra ocasião, por causa de uma aposta, resolvera correr quinze quilômetros. Desmaiara depois de dez quilômetros, mas se consolara com as palavras de um médico amigo, que declarara que deveria ter desmaiado após quatro ou cinco quilômetros de corrida, tendo em vista que não se preparara para a maratona. Vira um programa de televisão sobre planadores individuais, com homens se erguendo no céu, suspensos por pipas gigantescas, impelidas pelas correntes de ar. Decidira voar num desses planadores. Ele próprio construíra o seu e tencionava experimentá-lo, saltando de um penhasco na Adirondack. Mas um técnico em planadores convenceu-o de que sua pipa era aerodinamicamente insegura. Os suportes da asa eram muito fracos e provavelmente arrebentariam, fazendo com que a pipa se dobrasse. Sanders cairia como uma pedra, rolando pela encosta da montanha.

Só havia uma semana por ano em que ele não se sentia entediado. Era no inverno, quando os filhos iam visitar os avós e a esposa se internava numa estação de repouso e tratamento de beleza, no Arizona. Ele aproveitava para ir mergulhar num dos balneários do Club Méditerranée, no Caribe.

Conheceu Gail no Club Med de Guadalupe. Ou melhor, no fundo do Club Med. Ambos estavam participando de uma excursão submarina por alguns jardins de coral. A água estava transparente e os raios de sol ressaltavam todas as cores naturais dos recifes muito rasos. Depois de seguir por alguns minutos o meticuloso guia, que parava a todo instante, diante de cada espécime da vida marinha, para que todos os mergulhadores pudessem olhar, Sanders resolveu separar-se do grupo e foi nadando até o fundo do recife. Estava vagamente consciente de não estar sozinho, mas não deu muita atenção ao vulto que o seguia. Deixou-se flutuar impelido pelo movimento do mar, descrevendo círculos preguiçosos.

Nadou ao longo da base do recife, espiando em todas as reentrâncias. Um pequeno polvo passou em disparada à sua frente, esguichando um fluido negro e desaparecendo rapidamente no recife. Sanders nadou até o lugar em que o polvo entrara e estava tentando fazê-lo sair quando sentiu alguém bater-lhe no ombro. Virou-se e deparou com um rosto de mulher, pálido de medo, os olhos arregalados e esbugalhados. Ela fez o sinal dos mergulhadores para

indicar que o seu ar acabara, passando um dedo pela garganta. Sanders respirou fundo e depois entregou o bocal a ela. A mulher respirou duas vezes e lhe devolveu o bocal. E foram subindo juntos, respirando alternadamente, até a superfície.

Chegaram ao barco de apoio e subiram para bordo.

— Obrigada — disse Gail. — É uma sensação terrível, como sugar uma garrafa vazia de Coca-Cola.

Sanders sorriu e ficou observando-a enxugar-se com uma toalha. Era a mulher mais atraente que já vira. Não um tipo de beleza clássica, mas uma mulher vibrante, excitante. Os cabelos eram castanho-claros, desbotados pelo sol, cortados rente. Ela era quase tão alta quanto Sanders, beirando um metro e oitenta. A pele era macia e perfeita, exceto por uma cicatriz de apendicite, que aparecia logo acima da parte inferior do biquíni. O bronzeado do corpo parecia incrivelmente uniforme. Os únicos trechos de pele que não eram cor de mel eram os espaços entre os dedos dos pés, as palmas das mãos e as pontas dos seios, que Sanders vira quando ela se abaixara para guardar a toalha debaixo do banco. As pernas e os braços eram compridos e flexíveis. Quando ela se levantou, os tendões da batata da perna e das coxas se moveram como se a pele fosse de papel. Os olhos eram de um azul profundo, brilhantes.

Gail percebeu que ele a contemplava e sorriu.

— Você merece uma recompensa — disse ela.

O tom de sua voz nada tinha de extraordinário. Mas a maneira como falava, com uma confiança alegre, dava um ar de autoridade às suas palavras.

— Afinal de contas, acaba de salvar minha vida.

Sanders riu.

— Você não estava realmente correndo qualquer perigo. Mesmo que eu não estivesse lá embaixo, provavelmente teria conseguido chegar à superfície sozinha. A profundidade não chegava a ser de quinze metros.

— Eu não teria conseguido. Certamente entraria em pânico. Prenderia a respiração ou faria qualquer outra bobagem. Não mergulho com frequência bastante para saber como enfrentar emergências desse tipo. De qualquer maneira, eu lhe pagarei o almoço. Combinado?

Sanders sentiu-se subitamente nervoso. Nunca antes, na escola secundária, na universidade ou nos seus anos seguintes, uma mulher o

convidara para um encontro. Ficara sem saber o que dizer e por isso limitara-se a murmurar:

— Está certo.

Ela se chamava Gail Sears. Tinha vinte e cinco anos e trabalhava como editora assistente de uma pequena mas prestigiosa editora de Nova York, especializada em livros sobre problemas sociais, econômicos e políticos. Defendia a causa do controle demográfico. Durante um ano, após se formar, partilhara um apartamento com uma amiga. Mas agora morava sozinha. Classificou-se como uma pessoa reservada, comentando:

— Suponho que se pode dizer que sou egoísta.

Depois do almoço, jogaram tênis. Se Sanders não se tivesse esmerado nas rebatidas, teria sido derrotado. Ela se postou junto da rede, lançando as bolas nos cantos da quadra. Depois do tênis, foram nadar juntos. Acabado o jantar, saíram para passear na praia. E depois, tão naturalmente *como* se o ato fosse a sucessão lógica da programação atlética do dia, fizeram um amor ruidoso e suado no bangalô de Gail.

Ao terminarem, naquela primeira vez, Sanders soergueu-se, apoiado num cotovelo, para contemplá-la. Gail sorriu-lhe. Gotas de suor pregavam fios de cabelo na testa dela.

— Estou contente por você ter me salvado a vida, David.

— E eu também.

Depois, sem realmente saber por quê, Sanders indagou:

— Você é casada?

Ela franziu o rosto.

— Mas que pergunta idiota está me fazendo.

— Desculpe. Eu apenas queria saber.

Ela ficou em silêncio por um longo momento.

— Quase fui. Mas recuperei o juízo no último instante. Graças a Deus.

— Por que graças a Deus?

— Eu teria sido uma esposa desastrosa. Ele queria filhos, enquanto eu não queria. Ou, pelo menos, não por algum tempo. Eu ficaria ressentida com os meus filhos, achando que eles me estavam sufocando.

Dois dias depois de voltar para Nova York, Sanders mudou de apartamento, separando-se da esposa. Sabia que sentiria falta dos filhos e isso de fato aconteceu. Mas, aos poucos, o sentimento de culpa foi se dissipando e

ele passou a. apreciar intensamente as tardes que passava com as crianças, sem se deixar atormentar pelo remorso de não mais estar vivendo com elas.

Também não procurou nem propôs qualquer tipo de compromisso a Gail. Embora soubesse que estava apaixonado por ela, sabia também que persegui-la como um ardoroso adolescente seria um convite à rejeição. Levou-a para jantar duas vezes, antes de finalmente contar que deixara a esposa. Ela não perguntou por quê. Quis apenas saber como Gloria recebera a notícia. Sanders disse que não houvera qualquer problema. Depois de uma curta cena de lágrimas, Gloria acabara admitindo que sabia que o marido se sentia infeliz e que o casamento deles era um fracasso. Pelo contrário, assim que o advogado dela a persuadiu de que a proposta de Sanders, de um acordo definitivo, era de fato generosa, Gloria pareceu ter até gostado. Afinal, a oferta de Sanders era tão generosa que ele ficava praticamente sem nada.

Nos meses seguintes, Sanders encontrou-se com Gail o máximo de vezes que ela permitira. Ele sabia que Gail saía com outros homens e torturava-se com fantasias desvairadas sobre o que ela fazia com eles. Mas tomava todo o cuidado para jamais perguntar a respeito dos outros homens e Gail jamais dizia qualquer coisa. Embora ele e Gail conversassem sobre o futuro, de coisas que gostariam de fazer juntos, lugares que queriam conhecer, jamais falavam em casamento. Na prática, havia um pequeno problema: Sanders ainda era um homem legalmente casado. Emocionalmente, ele receava falar em casamento, temendo que a sugestão pudesse representar para Gail uma ameaça de cerceamento da liberdade dela.

Sanders sempre pensara em si mesmo como um homem sexualmente normal. Mas, naqueles primeiros meses com Gail, ele descobrira uma reserva intacta de desejo tão intensa que começara a pensar, de vez em quando, se não poderia ser classificado como um maníaco sexual.

Para Gail, o sexo era um meio de expressar tudo o que sentia: prazer, raiva, ânsia, amor, frustração, irritação, até mesmo ultraje. Como um alcoólatra consegue sempre encontrar um pretexto para um drinque, Gail podia aproveitar qualquer motivo, da primeira folha caída no outono ao aniversário da renúncia de Richard Nixon, para fazer amor.

No dia em que seu divórcio foi finalmente consumado, Sanders decidiu pedir Gail em casamento. Examinou meticulosamente os seus motivos, que lhe pareceram lógicos, se bem que antiquados. Adorava-a, queria viver permanentemente em companhia dela, precisava da garantia, mesmo que

simbólica, de que ela o amava o bastante para assumir o compromisso. Mas, por trás da cortina de lógica, havia também uma sombra de desafio. Gail era jovem, muito cortejada e, conforme ela própria declarara, avessa ao casamento. Se a pedisse em casamento e ela aceitasse, ele teria realizado uma conquista.

Ele sentia medo. Mas preparou-se para a rejeição, imaginando um meio de apresentar a proposta de tal forma que Gail não a encarasse como tudo ou nada. Queria que Gail soubesse que, mesmo que rejeitasse o pedido de casamento, ele preferia continuar a manter o arranjo atual do que deixar de vê-la. Tencionava enumerar para ela as diversas áreas de compatibilidade que tinham em comum. Fizera uma lista de doze pontos, terminando com o fato inegável de que, financeiramente, era muito melhor partilharem um só apartamento, ao invés de cada um continuar no seu.

Mas ele jamais teve oportunidade de apresentar a lista. Estavam jantando num restaurante italiano da Third Avenue. Depois de pedirem, Sanders tirou do bolso a certidão do divórcio e estendeu-a para Gail.

— Recebi isto hoje, Gail.

Ele pegou um pedaço de anchova do antepasto.

— Mas é maravilhoso, David! Vamos casar!

Aturdido, Sanders largou a anchova dentro do copo de vinho.

— Como?

— Vamos casar. Você é agora um homem livre. Eu também sou livre. Já excluí todas as demais pessoas do meu sistema de vida. E nós nos amamos. Não acha que faz sentido?

— Claro que sim — balbuciou Sanders. — Mas é que...

— Já sei. Você é velho demais para mim. Pensa que sou viciada em sexo e que nunca conseguirá satisfazer-me. E não tem mais nenhum dinheiro. Mas eu tenho um emprego. Haveremos de nos arrumar.

Ela fez uma pausa antes de acrescentar:

— E então, o que me diz?

Decidiram passar a lua-de-mel nas Bermudas, porque nenhum dos dois jamais estivera lá e porque havia boas quadras de tênis, remansos tranquilos para se nadar e lugares maravilhosos para mergulho submarino.

Quatro

O salva-vidas estava parado à beira da água, segurando a baleeira em cima do carrinho.

— Vão procurar mais garfos e facas? — perguntou ele, quando os Sanders se aproximaram.

— Claro — disse David. — E vamos procurar também algumas daquelas granadas de artilharia que você mencionou.

— Pode conseguir um bom preço por elas. Mas tome cuidado. Pelo que ouvi dizer, ainda podem explodir.

Eles empurraram o barco para a água, puseram os equipamentos lá dentro e partiram. Ao se aproximarem dos recifes, Sanders pediu a Gail que ficasse no leme. Ele tirou do bolso uma pequena lanterna e sentou-se na proa do barco.

— Para que isso, David?

— Para poder dar uma olhada na caverna em que encontrei a ampola.

— Mas esta lanterna não é à prova de água. Vai haver um curto assim que você entrar na água.

— Pois veja o que imaginei.

Sanders tirou de outro bolso um saco plástico de sanduíches, pôs a lanterna lá dentro e deu um nó na ponta aberta, apertando o mais possível. Depois apertou o interruptor da lanterna, acendendo-a.

— Acho que isto deve dar.

— Está genial, David. Um tanto tosca, é verdade, mas mesmo assim a ideia é genial.

Eles encontraram uma abertura nos recifes, passaram com o barco para o outro lado e depois fizeram a volta, a fim de que a proa ficasse apontada para a praia. Gail ficou de pé no banco da proa, preparando-se para atirar a âncora do outro lado. Olhou atentamente ao redor, certificando-se de que haviam voltado ao mesmo lugar.

Assim que a âncora ficou presa devidamente nos rochedos, eles puseram os equipamentos e mergulharam.

Nadaram até um trecho limpo de areia, a alguns metros dos rochedos e do coral, na direção do mar aberto. Sentaram-se no fundo e começaram a examinar atentamente os recifes, procurando a caverna em que David encontrara a ampola. O sol estava quase diretamente acima deles e os raios

verticais formavam um arco-íris ao atravessarem a água. Sombras se deslocavam a todo instante, aparecendo e desaparecendo, como pontos de escuridão nos recifes. Sanders seguiu para a direita. Na extremidade do seu campo de visão, onde a água azul ficava mais escura e os contornos dos rochedos eram indistintos, ele avistou uma sombra que parecia permanecer constante. Bateu no braço de Gail e apontou para a sombra. Ela tirou a lanterna do cinto de pesos e apertou o botão. Um facho de luz amarelada iluminou a areia.

A caverna estava muito mais à direita do que eles haviam calculado. Mas, chegando ali, segurando-se na saliência de coral, reconheceram diversos pedaços de destroços. Pararam juntos, à entrada do buraco esquerdo. Gail iluminou a caverna com a luz da lanterna, de um lado ao outro. A caverna tinha muito pouca profundidade e estava vazia, atapetada apenas pela areia. Sanders olhou para Gail e sacudiu a cabeça, como a dizer: “Não há nada aqui”. Gail entregou-lhe a lanterna e apontou para um lugar na areia. Não havia nada visível, mas Sanders ficou segurando a lanterna, enquanto ela passava a mão por cima da areia, levantando uma nuvem que praticamente eliminava toda e qualquer visibilidade. Gail continuou a remover a areia lentamente, até fazer uma depressão de quase dez centímetros. Lá no fundo, havia algo brilhando.

Sanders aproximou o rosto da depressão e com as pontas dos dedos removeu a areia em torno do objeto brilhante. Era uma ampola, cheia de um líquido incolor. Parecia vazia, se não fosse a bolha que se deslocava de um lado para outro, ao virá-la. Ele entregou a ampola a Gail e em seguida cobriu o buraco de areia, nivelando-o. Colocou uma pedra em cima, para marcar o lugar.

Saíram da caverna e nadaram ao longo da base do recife. De vez em quando, Gail parava junto a uma pedra ou a um pedaço de madeira, iluminando-os por baixo com a lanterna ou removendo um pouco de areia. Mas nada encontraram.

Gail continuou a avançar, parando mais adiante para olhar Sanders. Ele ficara para trás, escavando à procura de alguma coisa no meio dos recifes. Ela voltou e viu que Sanders estava usando uma pedra para quebrar pedaços de coral. Volta e meia, ele parava de bater e tentava enfiar a mão por um buraco. Finalmente, conseguiu espremer três dedos pela abertura e, usando-os como pinças, pegou um pedaço de metal amarelo. Estava dobrado e com mossas e

era quase do tamanho de uma moeda de cinquenta *cents*. Mas, ao levantar o pedaço de metal para junto da lanterna acesa que Gail segurava, Sanders percebeu que não era uma moeda. Uma das abas era côncava, como se outrora alguma coisa ficasse guardada ali. Em quatro pontos da aba havia concavidades vazias, cada uma com um quarto de polegada de diâmetro. O metal brilhava intensamente, e não sofrerá qualquer corrosão. Sanders virou-o e, à luz da lanterna, viu duas letras gravadas do outro lado: "E.F." Segurando a ampola numa das mãos e o pedaço de metal na outra, ele começou a subir para a superfície.

De volta ao barco, Sanders disse:

— Por um minuto, pensei que tivéssemos encontrado um dobrão de ouro.

— E o que você acha que é?

— Não tenho a menor ideia. Talvez um pedaço de uma joia qualquer. Mas está limpo demais para ser antigo. Se estivesse lá no fundo há muito tempo, estaria corroído ou, pelo menos, coberto por alguma coisa.

Sanders pôs o pedaço de metal de lado e examinou a ampola. O vidro faiscou, quando ele a ergueu contra o sol.

— A cor é diferente da outra.

Os olhos dele estavam concentrados na ampola e não viram o vulto parado no alto dos penhascos do Orange Grove.

Já passava de seis horas quando os Sanders chegaram à casa de Treece. Este foi recebê-los no portão e fez um gesto para que o seguissem até os fundos da casa.

— Encontraram mais ampolas?

— Só uma — disse Sanders. — E parece que o conteúdo é diferente do que havia na outra.

Gail entregou a ampola a Treece.

— Estava no mesmo lugar em que encontramos a outra.

Treece assentiu para Sanders.

— Você tem razão. É um produto diferente.

— E o que é?

— Não tenho certeza. Pode ser diversas coisas. Talvez alguma mistura de heroína ou algum outro líquido à base de ópio. Talvez seja até uma solução

de morfina. Assinalaram o lugar em que a encontraram?

— Marcamos, sim — disse Gail, entregando a Treece a outra pedra, que não haviam utilizado.

— Não havia mais nenhuma ampola por perto?

— Não. E esta nem estava na superfície. Tivemos que escavar um pouco para encontrá-la.

— É melhor eu ir dar uma olhada amanhã de noite.

— Quer que nós o acompanhemos? — perguntou Gail, esperando vagamente que Treece dissesse que não.

Treece percebeu a relutância dela e disse:

— Isso é com vocês. Se quiserem ir, o prazer será meu. Mas, se preferirem, podem esquecer toda essa história agora mesmo.

— Mas é claro que iremos — disse Sanders, apontando em seguida para a bolsa de Gail. — Mostre a outra coisa que encontramos.

Treece examinou o pedaço de metal atentamente, passando o dedo pela extremidade interior da aba. Apertou o objeto entre o indicador e o polegar e o metal dobrou-se com a maior facilidade.

— Onde foi que encontraram isto?

— No meio de algumas pedras — disse Sanders. — Estava bem preso e tive que quebrar alguns corais para conseguir tirá-lo.

— Deveriam ter usado a outra pedra que lhes dei para assinalar o lugar.

— Por quê?

Treece sorriu para Sanders.

— Porque isto é ouro.

— Ouro? Mas a impressão é de que alguém jogou isto fora.

— Nenhum homem jogaria isto fora. Se escavassem mais um pouco, talvez encontrassem os ossos do dono.

— Mas por que não está todo corroído?

— É uma das maravilhas do ouro. Quimicamente, o ouro é impérvio. Poderiam pegar uma moeda de ouro e jogá-la no fundo do mar, deixando-a lá até o final dos tempos. Quando fossem apanhá-la, no Dia do Juízo Final, descobririam que continuava tão boa como se fosse nova. Nada corrói o ouro, nada cresce em cima dele.

— E o que é isso? — perguntou Gail.

— Alguma espécie de medalhão — disse Treece, apontando em seguida para o círculo interno. — Aqui dentro devia estar o retrato ou desenho. E aqui — ele tocou as quatro reentrâncias na borda — devia haver pérolas, símbolos da pureza. O cara deveria usá-lo pendurado no pescoço.

— E o que significa isso?

— O fato de terem encontrado? Pode não significar nada. É possível que um navio tenha naufragado nos recifes lá fora, só Deus sabe onde, e que as correntezas tenham levado este medalhão e a moeda até o lugar em que o encontraram. Ou talvez um sobrevivente tenha tentado nadar até a praia, sem o conseguir. Os dois objetos que encontraram são mais artigos pessoais que o tesouro de um navio.

Treece ficou em silêncio por um minuto, pensativo, antes de acrescentar:

— Mas que diabo! Essas explicações não parecem certas!

— Por quê?

— Há vinte anos ou mais que mergulho naqueles recifes. Não estou querendo dizer que conheço cada centímetro de todos os recifes das Bermudas. Mas conheço bastante toda aquela área, por causa do *Golias*. Se houvesse outro navio naufragado por lá, eu já teria encontrado algum vestígio. Talvez os canhões, a âncora, as pedras de lastro, alguma coisa enfim.

— E esse medalhão é muito antigo?

— Deve ter pelo menos duzentos anos.

Treece revirou o medalhão entre os dedos, tornando a examiná-lo.

— É espanhol. E um bom trabalho de ourivesaria. É muito bem feito.

— Se tem duzentos anos, então as Bermudas já eram habitadas na época em que o navio afundou... se é que houve algum navio. Deve haver registros em algum lugar.

— Depende. Há registros, se alguém viu o navio afundar, se houve um sobrevivente ou se alguém conseguiu mais tarde recuperar alguma coisa dos destroços. O mais provável é que tenham conseguido salvar o navio.

— Por quê?

— Nesse caso, o incidente seria esquecido. Ninguém iria se preocupar com buscas ou em colher os relatos dos sobreviventes. Se eu tivesse que dar uma opinião, diria que o navio encalhou nos recifes durante uma tempestade, mas não chegou a afundar. Talvez alguns tripulantes, como esse E.F., tenha

caído no mar. Quando a tempestade passou, conseguiram reparar o navio e fazê-lo flutuar. Ou, se não o conseguiram, trataram de tirar tudo do navio, canhões, carga, objetos pessoais, deixando-o encalhado nos recifes. A tempestade seguinte acabou de destruir o navio, espalhando os pedaços por toda aquela área. Desse modo, restaria muito pouca coisa para localizar.

Sanders ficou desapontado.

— Acha então que encontramos tudo o que havia?

— É apenas um palpite — disse Treece, entregando o medalhão a Gail. — O que estão pensando fazer com ele?

— Eu ainda não havia pensado nisso. Posso ficar com ele?

— Pode. Mas, legalmente, não pode levá-lo para fora das Bermudas, enquanto não propuser a venda ao governo e não houver uma recusa oficial.

— Mas não quero vender. Prefiro guardá-lo comigo.

Treece sorriu.

— Nesse caso, menina, tem duas opções: ou o leva daqui como contrabando ou se torna uma residente nas Bermudas.

— A que horas está querendo partir amanhã de noite? — perguntou Sanders.

— Apareçam aqui ao pôr-do-sol. Meu barco está numa enseada lá embaixo. Chegaremos ao *Golias* depois do anoitecer.

Eles desceram a colina, atravessaram a ilha de Saint David e passaram pela Ponte Severn. Na estrada, que separava a ilha de Saint George de Hamilton Parish, foram ultrapassados por dois táxis vindos do aeroporto. Afora isso, a estrada estava deserta. Ao passarem pelo cartaz que indicava aos turistas o caminho para o espetáculo de golfinhos, no Blue Grotto, um Morris Minor verde saiu de uma estradinha secundária de terra e começou a segui-los, a vinte metros de distância.

O carro estava atrás deles havia vários minutos quando Sanders o notou pela primeira vez, ao dar uma olhada no espelho retrovisor de sua bicicleta. Ele se afastou para a esquerda o máximo possível, sem bater na muralha de coral que margeava a estrada. Logo adiante, a estrada virava para a direita. Ao fazer a curva, Sanders viu duas outras bicicletas a motor e um pequeno caminhão vindo em sentido contrário. Ele estendeu a mão para a direita e fez um sinal para que o carro verde não avançasse.

Os veículos passaram e David e Gail entraram num trecho reto da Harrington Sound Road. Não havia nenhum tráfego em sentido contrário e por isso Sanders fez sinal para que o carro verde passasse por eles. Mas o carro não avançou. Sanders ouviu uma buzinada e olhou pelo espelho retrovisor. Um táxi preto estava atrás do carro verde. O motorista do táxi buzinou novamente e Sanders fez um sinal de que podia ultrapassar. O táxi passou rapidamente pelo carro verde e pelas duas bicicletas.

Sanders reduziu a velocidade e emparelhou com Gail, gritando para ela:

— O palhaço não nos quer ultrapassar!

— Já percebi! Há uma entrada de carros mais adiante. Vamos encostar ali e deixar que ele passe.

Cinquenta metros adiante, havia uma brecha nos arbustos cerrados e um caminho estreito que subia pela encosta até uma casa. Ao lado, numa placa, estava escrita a palavra *"Innisfree"*. Ele estendeu o braço para indicar que ia virar à esquerda e reduziu o motor, até que a bicicleta estava quase parando. Esperava que o carro verde acelerasse e os ultrapassasse. Em vez disso, porém, o motorista também reduziu a velocidade.

Sanders e Gail pararam à entrada do caminho. O Morris passou por eles e subitamente deu uma guinada para a esquerda, o radiador encostando nos arbustos e cortando qualquer possibilidade de fuga. Um preto alto, vestindo um macacão de mecânico, abriu a porta da esquerda e saltou. O motorista, também preto, continuou sentado ao volante.

— O que vocês desejam? — perguntou Sanders.

— O homem quer falar com vocês.

— Que homem?

— Não interessa. Entrem no carro.

Sanders ouviu o barulho de um motor e olhou para a estrada, no lado esquerdo. Uma camioneta acabara de fazer a curva e aproximava-se do lugar em que estavam, lentamente. Estava repleta de passageiros.

— Vamos logo! — disse o preto alto.

A camioneta estava a cerca de vinte metros de distância. Mais alguns segundos e estaria emparelhada com o Morris. Como se estivesse obedecendo a ordem, Sanders deu um passo na direção do Morris. E então, subitamente, antes que o preto pudesse impedi-lo, subiu no capô do Morris e saltou no ar, na direção da camioneta que se aproximava.

Teve um vislumbre rápido, pelo pára-brisa da camioneta, da expressão espantada do motorista. Ouviu o rangido de pneus derrapando.

A camioneta quase não estava avançando quando Sanders caiu em cima do capô dela. Por isso, ele não sentiu o impacto. Mas seu próprio impulso fez com que rolasse para o outro lado, indo bater com o rosto no pavimento. Ele sentiu imediatamente o gosto de sangue.

Sanders levantou-se rapidamente e gritou:

— Socorro!

A camioneta estava repleta de jogadores de críquete, todos vestidos de branco. O motorista, um preto jovem, meteu a cabeça para fora da janela e gritou:

— Ficou maluco, homem?

Sanders apontou para o Morris.

— Eles estão querendo sequestrar-nos!

— O quê?

O preto alto, parado agora ao lado de Gail, gritou:

— Não dê ouvidos ao que ele está dizendo, homem. Ele andou fumando uma erva que não prestava.

— É mentira! Ajudem-nos! Eles...

Mas o motorista da camioneta interrompeu Sanders bruscamente:

— Seu louco desgraçado! Algum dia ainda vai acabar se matando!

Ele virou-se em seguida para o preto alto e disse:

— Você está acompanhando um turista bem maluco, Ronald.

Em seguida, recolheu a cabeça e apertou o acelerador até o fundo. Sanders estendeu as mãos para a caminhoneta quando ela avançou, mas seus dedos deslizaram pelo metal. A estrada ficou vazia, em ambas as direções. Ele pensou em sair correndo, mas não quis deixar Gail sozinha.

O preto alto, Ronald, tirou uma faca de mola do bolso e abriu-a, segurando-a na altura da cintura, apontada para Sanders.

— Vamos indo, homem! Ou então eu vou retalhá-lo!

Ele agarrou o braço de Sanders e empurrou-o rudemente na direção do Morris. Sanders disse:

— Pelo menos, deixe minha mulher ir embora.

— Ela também vai.

Ronald abriu a porta da frente do carro e empurrou Sanders para dentro.

— O que faço com isto? — disse Gail, ainda segurando o guidão da bicicleta.

— Largue-a aí mesmo. .

Gail soltou o guidão e a bicicleta caiu no chão, estrondosamente. Ela entrou no banco traseiro. Ronald empurrou as duas bicicletas para baixo dos arbustos e foi sentar-se no banco de trás, ao lado de Gail. Aninhando a faca no colo, ele disse ao motorista:

— Podemos ir.

O Morris arrancou bruscamente.

Cinco

Viajaram em silêncio. As janelas estavam fechadas e o ar dentro do carro tornou-se rapidamente quase irrespirável, impregnado do bafo de suor. Ao passarem por uma placa que indicava o jardim botânico de Paget, Sanders abaixou a janela do seu lado. Sentiu a ponta da faca no pescoço e ouviu Ronald dizer:

— Levante-a!

Ele tornou a fechar a janela.

Aproximaram-se de um cruzamento. Uma placa, apontando para a direita, indicava a direção para Hamilton. Outra placa, apontando para a frente, mostrava o caminho para Warwick e Southampton. Um guarda estava parado no meio do cruzamento, orientando o tráfego do princípio de noite. Sanders procurou calcular se, quando o motorista diminuísse a velocidade para passar pelo cruzamento, teria tempo para abrir a porta, rolar para fora e gritar por socorro. Mas viu o motorista acenar para o guarda, que sorriu e acenou em resposta. Os sequestradores pareciam conhecer todo mundo.

Foi ficando cada vez mais escuro, à medida que eles seguiam pela South Road, sem jamais ultrapassarem a velocidade máxima de trinta e cinco quilômetros horários. Sanders mal conseguiu decifrar as placas que indicavam a Elbow Beach, o Orange Grove Club, a Coral Beach e o Princess Beach Club. No alto de uma colina, ele avistou o imenso Southampton Princess Hotel. Mais adiante, viu o farol de Gibb’s Hill. Haviam percorrido quase toda a ilha.

O ar abafado e o silêncio foram deixando Sanders cada vez mais nervoso. Por isso, ele perguntou:

— Ainda falta muito para chegarmos?

— Cale a boca! — disse Ronald.

Passaram pela Ponte Somerset e Sanders recordou-se de outro fato que gravara durante o seu trabalho na *Geographic*. Virou-se para trás e disse a Gail:

— Essa é a menor ponte levadiça do mundo. Abre-se apenas o suficiente para deixar passar o mastro de um veleiro.

Gail não respondeu. A tentativa fracassada de fuga, efetuada por Sanders, deixara-a abalada. Ela não queria dar oportunidade a outra confrontação. Ronald fez um gesto com a faca, para que Sanders virasse outra

vez de frente.

— O que quer que isso importe... — murmurou Sanders, ao virar-se.

O carro saiu da estrada principal, virando à esquerda, numa estradinha de terra, à entrada da qual havia uma placa que informava: “Ancoradouro público”. Entraram numa espécie de praça, repleta de barracas de peixe e legumes e lojas quase em ruínas. Na extremidade da praça, havia um ancoradouro ameaçando desmoronar, no qual estavam atracados meia dúzia de barcos, velhos e remendados. Não havia outros carros na praça e as crianças corriam descuidadamente na frente do Morris, de tal forma que o motorista tinha que avançar em primeira. Ele foi parar na frente do que parecia ser uma mercearia. Na vitrina, estavam empilhadas latas de alimentos e diversas frutas. Um cartaz escrito a lápis anunciava a venda de pé de porco. Em letras desbotadas, pintadas na pedra, podia-se ler o nome da loja: “Teddy’s Market”.

Dois pretos jovens estavam parados junto à porta. Um deles, tranquilamente, divertia-se em arremessar uma faca de caça na terra. O outro estava encostado na soleira da porta, de braços cruzados, observando o carro verde que se aproximava. A camisa estava aberta até a cintura, revelando uma cicatriz recente, que ia da clavícula direita até a parte de baixo do músculo peitoral esquerdo. Era a sua marca de virilidade. Havia algo de familiar no homem. Sanders tentou definir de onde o conhecia, mas não o conseguiu.

— Desçam bem quietos — disse Ronald. — Não queiram bancar os espertinhos, caso contrário eles irão cortá-los em pedacinhos.

Ronald sacudiu a cabeça na direção dos dois homens que estavam parados na porta e saltou do carro. Manteve a porta aberta, para que Gail saísse.

Sanders abriu a porta da frente e saiu. Uma brisa soprava por Ely’s Harbour e parecia fria, ao secar o suor do rosto dele.

— Entrem! — disse Ronald.

Ele seguiu Gail e David pela porta. Na passagem, perguntou ao homem da cicatriz:

— O que ele está fazendo?

— Esperando por você, homem.

Foi a inflexão da palavra “homem” que levou Sanders a perceber quem era o homem da cicatriz: Slake, o garçom do Orange Grove. Num reflexo,

Sanders virou-se para olhá-lo, mas foi rudemente empurrado para dentro da loja.

Entrando na escuridão do interior da loja, David nada conseguiu ver. Parecia haver pilhas de mercadorias em ambos os lados de uma passagem. Gradativamente, as suas pupilas foram se ajustando à escuridão e ele pôde divisar uma luz fraca brilhando por baixo de uma porta nos fundos da loja.

— Para onde vamos?

Ronald passou por ele.

— Siga-me.

Ele dirigiu-se à porta, bateu de leve uma vez, depois deu duas pancadas. Uma voz lá de dentro disse:

— Entrem.

Ronald abriu a porta e fez um gesto para que Gail e David entrassem. Ele seguiu-os, fechando a porta e encostando-se nela.

Na outra extremidade da sala havia uma escrivaninha, à qual estava sentado um homem ainda jovem. Sanders calculou que deveria ter uns trinta anos. O suor na testa refletia a luz e fazia a pele preta brilhar. Ele usava óculos de aros de ouro e uma camisa branca engomada. Não tinha nenhum anel nos dedos, mas trazia ao pescoço uma corrente de ouro fina, com uma pena de ouro na extremidade. Dois homens corpulentos, mais velhos do que os dois que estavam do lado de fora da loja, flanqueavam-no, de braços cruzados, um de cada lado, numa simetria formal. A sala estava apinhada de caixas e arquivos, cheirava a peixe e a sujeira, a suor e a frutos maduros demais. Duas lâmpadas nuas pendiam do teto.

O homem sentado à escrivaninha levantou-se, sorrindo:

— Sr. e Sra. Sanders, fico contente por terem concordado em vir.

Sanders reconheceu o sotaque do homem. Ouvira-o em Guadalupe. Era o sotaque de alguém cuja língua nativa era o francês do Caribe e que aprendera o inglês numa escola paroquial.

— Não se pode dizer exatamente que tenhamos sido convidados — disse Sanders.

— Eu sei que não. Mas fico contente por terem preferido não resistir. Eu sou Henri Cloche.

Ele fez uma pausa, esperando que os Sanders reconhecessem o nome. Como eles não reagissem, o homem continuou:

— O nome nada significa para vocês? Tanto melhor!

Uma nova pausa, e o homem virou-se para Gail.

— Perdoe, senhora. Não quer uma cadeira?

— Não — disse Gail, encarando Cloche e esperando que ele não percebesse o medo que estava sentindo. — Por que estamos aqui?

— Está certo, vamos logo aos negócios — disse Cloche, estendendo a mão. — Eu quero a ampola.

— Não está conosco — disse Sanders.

Cloche olhou de David para Gail, sorrindo, com a mão estendida. Subitamente, estalou os dedos.

Sanders sentiu mãos fortes segurarem-lhe os braços e puxarem-lhe os cotovelos para trás. Um dos homens ao lado da escrivaninha adiantou-se e segurou o colarinho da camisa dele, abrindo-a com um puxão violento, que arrancou todos os botões. As mãos atrás dele puxaram a camisa para as costas.

O outro homem deu um passo na direção de Gail, mas Cloche deteve-o com um aceno da mão, ordenando:

— Tirem as roupas. Os dois! E agora!

Gail forçou-se a continuar olhando para Cloche. Lentamente, ela desabotoou a blusa e deixou-a cair no chão. Um dos homens de Cloche pegou a blusa e examinou-a, tateando ao longo das costuras, dobrando as palhetas embutidas da gola. Gail desprendeu a saia curta. O homem estendeu a mão para que Gail lhe entregasse a saia, mas ela deixou-a cair no chão. Ainda olhando para Cloche, ela tirou o sutiã e deixou-o cair no chão. O homem agarrou-o antes que chegasse ao chão, virando-o, apalpando o enchimento fino.

Sanders despiu-se menos meticulosamente. As mãos atrás dele pegaram rapidamente suas roupas. Só depois que estava nu é que ele notou o olhar de Gail para Cloche. Os polegares dela estavam enganchados na calcinha. Ele tentou não olhar para Gail, mas a excitação visível dos homens boquiabertos era contagiante. Sanders sentiu o sangue afluir-lhe à virilha. Fechou os olhos, procurando combater a absurda tumescência.

Cloche não tirara os olhos do rosto de Gail.

— Não há nada — disse o homem atrás de Sanders.

As palavras quebraram o transe e os olhos de Cloche desceram

rapidamente pelo corpo de Gail. Ele desviou os olhos rapidamente, dizendo:

— Podem se vestir.

Gail inclinou-se para pegar suas roupas.

— Eu poderia ordenar uma revista meticulosa de ambos, mas creio que não é necessário — disse Cloche, impaciente. — Romer Treece deve ter ficado com a ampola. Além do mais, uma só não tem qualquer importância.

— Então, por que toda essa encenação? — perguntou Sanders, enquanto vestia a calça.

— Conhece bastante bem as Bermudas, Sr. Sanders?

— Um pouco.

— Então talvez se recorde do ex-governador... o falecido governador, seria melhor dizer, aquele que gostava tanto de cachorros dinamarqueses...

Sanders recordava-se. Numa noite quente de 1973, Sir Richard Sharples, o governador britânico das Bermudas, saíra para dar um passeio com seu cão dinamarquês. Os dois foram encontrados mortos nos jardins da mansão oficial.

— E o que tem isso a ver conosco?

— Ele era um intrometido. Recusou-se a entrar em negociações. Não gosto quando procuro uma pessoa e ela não quer tratar de negócios comigo.

— Negócios?

— Eu queria ver a ampola unicamente para confirmar as minhas suspeitas. O fato de não a terem com vocês, de a haverem entregue a Romer Treece para que a guardasse, confirma devidamente as minhas suspeitas. Quantas ampolas mais existem lá embaixo?

— Não sei.

— Quantas encontraram?

Sanders olhou para Gail, mas a expressão impassível dela não se alterou.

— Duas.

— Sabem o que contêm?

— Não com certeza.

— Mas certamente conhecem a lenda. Ou melhor, a história, já que a lenda se tornou realidade.

— Conhecemos, sim.

— Sr. Sanders, estou decidido a ficar com todas as ampolas que existirem lá embaixo. Todas, sem exceção.

— Por quê?

— São muito valiosas. Precisamos delas.

— Para quê?

— Isso não importa. Não é da conta de vocês.

Gail finalmente falou:

— A quem vai vendê-las? A crianças?

Cloche sorriu.

— É muita gentileza da sua parte demonstrar finalmente algum interesse. Mas isso também não é da conta de vocês. Na verdade, quanto menos souberem, melhor será... para vocês mesmos.

— Então por que nos sequestrou? — perguntou Sanders. — Não precisa de nós para nada.

— É um mergulhador, Sr. Sanders. E sabe exatamente onde estão as ampolas.

— Sabemos apenas onde estavam duas ampolas. Não se pode dizer que existam mais no mesmo lugar. Além disso, há mergulhadores que conhecem essa área muito melhor do que nós.

— Talvez. Mas devo informar-lhes, como uma prova da cautela britânica, que são bem poucos os mergulhadores bermudenses que são pretos. Assim como conseguiram manter os pretos longe das principais profissões, os ingleses também impediram que nos tornássemos mergulhadores de primeira classe. Eu poderia importar alguém. Mas qualquer mergulhador preto que entrasse no país iria imediatamente despertar suspeitas. Vocês, porém, já estão aqui, são turistas e brancos. Estão acima de qualquer suspeita.

— Não somos traficantes — disse Gail.

— Traficantes? Ah, sim, *vendeurs de mort*... Eu também não sou. Antes de mais nada, sou político. E a política é um negócio em que se recorre a todos os meios para atingir os fins visados. Sou também homem de negócios. Por isso, sei que, ao negociar com pessoas que desconhecem ou não simpatizam com os fins políticos que almejo, devo apelar para desejos diferentes. Assim, estou disposto a entrar em negociações com vocês.

Ele fez uma pausa, encarando Sanders fixamente.

— Irá descobrir quantas ampolas existem lá embaixo. Se forem apenas

umas poucas, se, de fato, a lenda não passar de uma lenda, irá dizer-me e a mais ninguém. Sua recompensa será uma boa saúde permanente e férias despreocupadas nas Bermudas. Se, ao contrário, houver muitas ampolas, irá recuperá-las. É claro que nós lhe daremos toda a ajuda de que precisar.

Cloche fez outra pausa, virando-se agora para Gail.

— Assim que as ampolas estiverem em nossas mãos, vocês deixarão as Bermudas. Irão para Nova York e telefonarão para um número que eu lhes darei. E informarão qual o lugar do mundo em que desejarão receber, daqui a seis meses, um milhão de dólares, na moeda que escolherem.

Gail deixou escapar um suspiro de surpresa. Cloche sorriu, virando-se novamente para Sanders, que o fitava sem qualquer expressão definida no rosto.

— Não! — disse Sanders, laconicamente.

— Não seja precipitado, Sr. Sanders. Estou vendo, pelo seu lábio, que possui uma tendência a ser precipitado.

Sanders passou a língua pelo lábio inferior. Estava bastante inchado e ele sentiu-o arder com a saliva. •

— Pense bastante na minha proposta, Sr. Sanders. Pense na liberdade que poderão comprar com um milhão de dólares.

Ele fez um gesto para Ronald, perguntando-lhe:

— Onde ficaram as bicicletas deles?

— Joguei-as atrás de uns arbustos.

Cloche virou-se novamente para Sanders.

— As bicicletas serão devolvidas pela manhã. Só mais uma coisa, Sr. Sanders: não dê nenhum passo em falso. Se ainda estiver propenso a ser... precipitado, decidindo ir procurar as autoridades, vai descobrir que, oficialmente, eu não existo. E caso tente sair das Bermudas, para se livrar do problema, irá também descobrir que, na verdade, eu existo em toda parte. Não terão onde se esconder.

Ele virou-se novamente para Ronald, ordenando:

— Pode levá-los.

Não se falou no carro durante a viagem de trinta minutos até o Orange Grove Club. Ronald e o motorista iam no banco da frente, Gail e David atrás. Ao entrarem na estrada principal, Sanders baixou a janela do seu lado. Como

Ronald não fizesse qualquer objeção, Gail baixou também a outra janela.

Os únicos ruídos na estrada deserta, além do zumbido do vento e do roncar do motor do Morris, eram o coaxar das rãs e o trinar das cigarras. O motorista parou o carro à entrada do Orange Grove. Não se ofereceu para levá-los até o chalé e Gail e David também não o pediram. Eles subiram pelo caminho em silêncio, parando no desvio para a direita que levava ao chalé em que estavam.

— Está com fome, Gail?

— Não muita.

— Podemos pedir que levem uns sanduíches até o chalé. E eu bem que estou precisando de um drinque.

Foram para o chalé. Sanders largou a chave em cima da cômoda e foi até o banheiro, onde havia uma pequena geladeira.

— Quer um *scotch*, Gail?

— Quero.

Sanders abriu a geladeira, tirou alguns cubos de uma bandeja de gelo antiquada e colocou-os nos dois copos do banheiro. Ouviu Gail pegar o telefone e gritou:

— Vou querer um sanduíche de peru, com alface e maionese.

Gail não respondeu. No momento em que despejava o uísque nos copos, ouviu Gail dizer ao telefone:

— Ligue-me com a polícia, por favor.

Houve uma pausa. Gail logo tornou a falar, parecendo irritada:

— É isso mesmo. Não, não há nada de errado. Quero apenas que me ligue com a polícia.

Sanders pôs a garrafa de *scotch* na pia e seguiu rapidamente para o quarto.

— Mas o que você está fazendo, Gail?

— O que lhe parece? — disse ela, murmurando em seguida no bocal do telefone: — O que o número do meu chalé tem a ver com isso? Estou fazendo uma chamada local, não é?

— Desligue, Gail! Vamos primeiro conversar um pouco.

— Conversar sobre o quê? Pelo amor de Deus, David! Fomos sequestrados! Ameaçados!

— Desligue! Ou então desligarei por você!

Sanders estendeu o dedo indicador na direção do gancho do telefone. Gail limitou-se a fitá-lo.

— Eu não estou brincando, Gail. Desligue!

Gail ainda hesitou por um momento, depois disse ao telefone:

— Pode deixar, telefonista. Tentarei a ligação mais tarde.

Ela desligou e virou-se para Sanders.

— Muito bem. Pode começar a falar.

— Antes de mais nada, Gail, procure acalmar-se.

Sanders pôs a mão no ombro dela, mas Gail afastou-a bruscamente.

— Eu não quero ficar calma coisa nenhuma! Será que você não compreende o que nos pediram para fazer?

— Claro que compreendo.

Sanders voltou ao banheiro e trouxe os copos de uísque, entregando um a Gail.

— Mas chamar a polícia não é solução, Gail. O que eles poderíam fazer?

— Poderiam prendê-lo.

— Sob que acusação? Como vamos conseguir provar o que quer que seja? Você ouviu muito bem o que ele disse: o homem simplesmente não existe, Gail. Pelo menos, não oficialmente. Não viu aquele guarda acenar para o motorista? Ele provavelmente tem toda a polícia das ilhas sob o seu controle.

— Então vamos procurar diretamente o governo. Tenho certeza de que ele não controla o governo britânico.

— E o que iremos dizer?

— Que fomos sequestrados! Que...

— Fomos sequestrados apenas por uma hora, Gail. E por um fantasma. Não será fácil levá-los a acreditar em nossa história.

— Poderemos dizer então que fomos vítimas de uma agressão. As pessoas não podem sair por aí enfiando facas nos pescoços das outras e rasgando-lhes as roupas! E o que me diz do que ele está querendo que façamos? Que lhe vendamos narcóticos!

— Não se trata exatamente disso, Gail. Ele quer apenas que nós

encontremos os narcóticos.

Gail fitou-o em silêncio por um longo momento. Depois, estremeceu e murmurou:

— Acha realmente que ele iria seguir-nos?

— Não sei. Teremos que descobrir se ele tem condições de fazê-lo. Talvez Treece possa ajudar-nos.

— E talvez você acabe sendo morto.

— Ora, Gail, não vamos...

Ela espirrou. Ao dobrar o lenço, notou uma mancha de sangue.

— Ainda estou com o nariz sangrando...

— O que quer dizer com esse “ainda”?

— Havia um pouco de sangue em minha máscara, hoje, quando subi à superfície.

Eles deixaram o Orange Grove na manhã seguinte, logo depois do café. Durante a noite, em algum momento, as bicicletas haviam sido deixadas na porta do chalé, como lhes fora prometido. Ao ver as bicicletas, Gail estremeceu, involuntariamente.

— O que houve, Gail?

— Eles estiveram aqui.

— Eles, quem?

— Aqueles homens. Enquanto dormíamos...

— Mas claro que estiveram. De que outra maneira poderiam devolver as bicicletas?

— Eu sei, David. Mas só isso me faz ficar arrepiada.

Ao chegarem à casa de Treece, pararam do lado de fora do portão e chamaram por ele. Quando Treece gritou que entrassem, a cadela desceu pelo caminho, ao encontro deles, escoltando-os em seguida até a porta da cozinha.

A mesa da cozinha estava coberta de cópias fotostáticas de documentos antigos. Treece percebeu que Sanders olhava para os papéis, curioso, e explicou:

— Estou fazendo uma pesquisa.

— Que documentos são esses?

— Cópias de livros de bordo, manifestos de carga, contas de transporte de mercadorias, diários, cartas. Um dos dividendos dos meus estudos na

Europa. Eu passava os feriados nos arquivos de Madri, Cádiz e Sevilha. Amigos que deixei por lá enviam-me cópias de novos documentos, à medida que são descobertos.

— E o que descobre nesses documentos? — perguntou

Gail.

— Quais os navios que seguiram para que portos, o que estavam transportando, quem estava a bordo, onde afundaram, se é que afundaram, quantas pessoas sobreviveram. São ferramentas indispensáveis. Sem esses documentos, pode-se revirar um navio naufragado durante meses sem nada descobrir, por não se ter ideia do que procurar.

Sanders pegou uma das cópias fotostáticas. O texto era em espanhol e ele só conseguiu decifrar umas poucas palavras, como *"artilleria"* e *"cañones"*, e a data, 1714.

— O que está procurando?

— Estou me entregando a uma fantasia absurda.

— Como assim?

— Estou procurando determinar se é possível que outro navio tenha afundado na mesma área que o *Golias*, se afundou com tudo o que levava a bordo e se por acaso nunca foi recuperado.

— E isso é possível? — perguntou Gail.

— Já aconteceu antes. Duas tempestades, separadas por cem ou duzentos anos, desabam no mesmo lugar e se abatem sobre dois navios nas mesmas circunstâncias, obrigando-os a procurar abrigo e impelindo-os na direção dos mesmos recifes.

Treece sacudiu a cabeça lentamente e acrescentou:

— É uma tremenda confusão!

— Pois a mim parece fantástico — disse Gail.

— Acha mesmo? A coisa é realmente muito estranha. Há um navio naufragado, cujos destroços desapareceram. Acha-se uma ou duas peças dele, que permitem determinar a data em que afundou. Pode-se passar um ano inteiro remexendo a areia, sem nada encontrar. E por cima naufraga outro navio no mesmo lugar, inteiramente destroçado, com um carregamento de munições. É de deixar qualquer um confuso.

— Já encontrou alguma coisa? — perguntou Sanders.

— Não. E também não sei se encontrarei. Estou apenas dando uma

olhada nestes documentos para ver se encontro alguém com as iniciais "E.F.". É provavelmente pura perda de tempo, mas é preciso começar por algum lugar e as iniciais "E.F." são tudo o que temos no momento. E agora gostaria de que me dissessem por que vieram até aqui tão cedo. Não vamos a lugar algum antes do anoitecer.

Gail e David contaram o encontro com Cloche. À primeira menção do nome de Cloche, Treece estremeceu, como se finalmente recebesse uma má notícia que há muito aguardasse.

— Oh, meu Deus... — murmurou ele.

E não fez mais nenhum comentário, ficando calado, muito tempo, até que Gail e David terminassem. Só então é que falou:

— Vocês fizeram muito bem em não telefonar para a polícia.

— Por quê? — perguntou Gail.

— A polícia nada poderia fazer. Aquele homem é uma sombra. Tem amigos nos lugares mais estranhos. Eu sei de tudo o que ele pode conseguir. E muito azar termos que enfrentá-lo tão cedo. Nunca tinham ouvido falar dele?

— Não — respondeu Sanders. — E deveríamos?

— Acho que não. Ele tem uma dúzia de nomes diferentes. Dizem que veio do Haiti. Ou pelo menos esse é o mito. É difícil distinguir os fatos da fantasia, em se tratando de Cloche. Ele se tornou uma espécie de herói popular dos negros das ilhas. Muitos pensam que ele é a reencarnação de Che Guevara. E não é só por aqui. Nas ilhas Leeward e nas Windward, a mãe dele ainda é um poderoso fetiche.

— Como assim?

— Ela tornou-se uma figura mágica, cultuada no vodu. Há pequenas estátuas dela nas cabanas, nas encostas das colinas de Guadalupe e Martinica. Eles a adoram como... Talvez Eva Perón seja um paralelo. Ela era arrumadeira de um hotel do Haiti. Aos quarenta e três anos de idade, teve glaucoma. Quando o seu estado se agravou, o gerente despediu-a, sem lhe dar um tostão. Cloche era então apenas um ajudante de garçom. Mas era também muito inteligente. Levou a mãe para a selva a apresentou-a como um símbolo da opressão dos brancos. Começou a espalhar histórias a respeito dela, transformando-a numa princesa negra, capaz de curar os doentes e ressuscitar os mortos, as mesmas coisas de sempre. Mas o povo queria acreditar nela. Querer não é bem o termo: eles ansiavam desesperadamente por isso. Assim

que a fama da mãe estava consolidada, Cloche passou a apresentar-se como o mensageiro dela. Já esteve em quase todas as ilhas, sendo expulso por diversas vezes de quase todas, procurando espalhar a mensagem da mãe. Ninguém sabe se a mãe continua viva, mas Cloche continua divulgando a mensagem.

— E que mensagem é essa? — perguntou Sanders.

— A de que está na hora de os negros se rebelarem. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que ele aparecesse novamente por aqui.

— Não me parece que as Bermudas estejam maduras para uma revolta.

— Nunca se sabe o que poderá acontecer.

— Os pretos daqui não são exatamente tratados como iguais — comentou Gail.

— Tem razão. Mas não houve qualquer problema sério desde os distúrbios de 1968. Isto é, excetuando-se o assassinato de Sharples. Mas não há qualquer prova a respeito.

— Cloche praticamente admitiu que foram seus homens que mataram Sharples — disse Sanders.

— E por que ele não haveria de fazê-lo? Ninguém mais foi preso, e assumir a responsabilidade pela morte de Sharples faz com que ele pareça uma ameaça muito mais terrível. É a mesma coisa que acontece com os grupos terroristas árabes. Cada vez que um avião cai, sempre aparece um bando de árabes reivindicando a responsabilidade, declarando que o desastre foi um ato revolucionário. Mas isso tudo é bobagem. É claro que Cloche pode ter matado Sharples. Não chego ao ponto de dizer que ele não é capaz disso. Mas o fato de ele afirmar que foi o responsável não faz com que isso seja verdade.

Treece fez uma pausa, olhando para Gail.

— Seja como for, há algum tempo que as Bermudas estão em paz. Mas é uma paz precária. Os pretos constituem a maioria, mas ficam com uma parte do bolo menor que a dos brancos. Para mim, eles só deveriam ter mais quando o merecessem. E é o que está acontecendo, pois a cada dia aumenta a participação deles. Mas um camarada como Cloche pode agitá-los, convencê-los de que estão sendo oprimidos, de que merecem ter mais pelo simples fato de constituírem a maioria. Ele pode manipular os pretos, para atender a seus próprios interesses. Além de Cloche ser um orador persuasivo, os pretos têm medo dele. E não podemos também esquecer que não é muito difícil

convencer as pessoas de que elas merecem mais do que têm.

— Ele é comunista? — perguntou Gail.

— Não. Mas costuma usar algumas frases de efeito marxista, como “de cada um de acordo com a sua capacidade, a cada um de acordo com as suas necessidades”. Acho que, no fundo, o que ele deseja é criar uma espécie de reino das ilhas, no qual seria o imperador. É claro que ele não daria esse nome, mas sim o de República Popular ou alguma outra porcaria no gênero.

— E por que ele está querendo as drogas?

— Por dinheiro, poder. Imagino que ele tentará vender as drogas nos Estados Unidos. Mas não quero que ele se aposse delas.

Treece fez uma pausa, virando-se novamente para Sanders.

— Um milhão de dólares, hem? Dá para sentir que Cloche está ansioso. Sentiu-se tentado?

Sanders olhou para Gail antes de responder.

— Não. Mas Deus sabe que esse dinheiro viria em boa hora.

— Não resta dúvida de que é uma quantia apreciável. Mas, se eu conseguir encontrar algumas peças que estão faltando ao quebra-cabeça e se realmente tivermos sorte, talvez encontremos algo muito interessante lá no fundo.

— Acha que pode haver realmente um tesouro lá embaixo? — perguntou Gail.

— Não. Mas também não estou convencido de que não haja. Nunca se pode saber, antes de dar uma boa olhada.

— E o que devemos fazer com relação a Cloche? — perguntou Sanders. — Há algum meio de acabar com ele? Não me agrada a ideia de que ele nos possa seguir até Nova York.

— No momento, não há nada que se possa fazer. Vocês estão encurralados, até sabermos com certeza o que há lá embaixo. Se não encontrarmos mais nenhuma ampola, o que é bem provável, poderão entregar a ele as duas que encontraram e desejar-lhe boa sorte. Talvez seja exatamente esse o desfecho da história. Mas, antes de mergulharmos esta noite, eu quero ter uma conversa com Adam Coffin.

— Quem é ele?

— O sobrevivente do *Golias*. Talvez ele ainda relute em falar sobre as drogas, mas é possível que a visão das duas ampolas lhe refresque a memória.

Treece meteu as duas ampolas no bolso e acrescentou:

— De noite, deixem as bicicletas aqui, pois voltaremos tarde do mergulho. E poderemos ir todos no carro de Kevin.

— Eu queria justamente falar sobre o mergulho — disse Gail. — Meu nariz está sangrando desde ontem.

— Muito?

— Não.

— Então não há com que se preocupar. Quando se passa algum tempo sem mergulhar, os primeiros mergulhos podem irritar os tecidos das narinas. Fique longe da água por um dia ou dois e não haverá qualquer problema.

— E esta noite?

— Você não deve ir junto conosco — disse Treece, abrindo a porta da cozinha para que eles saíssem. — Vamos mudar um pouco os planos. Eu passarei de carro pelo hotel e vocês me seguirão, de bicicleta, até a casa de Coffin.

A casa era pequena, um chalé de pedras, entre arbustos bem cuidados, de frente para o porto de Hamilton. Não havia um caminho para carro, apenas um acostamento de terra batida largo o suficiente para que um único automóvel ali pudesse parar, sem correr o risco de ser abalroado pelos outros que passavam. Treece entrou com o Hillman de frente no acostamento, encostando num arbusto, deixando espaço suficiente no lado para as duas bicicletas a motor. O corpo imenso parecia ridículo dentro do carro. Ele estava todo inclinado para a frente, a fim de que a cabeça não batesse no teto. As pernas estavam tão apertadas que não havia meio de tirá-las do carro antes do resto do corpo. A única maneira que ele tinha de sair era abrir a porta e jogar-se no chão, apoiando-se com as mãos e depois puxando as pernas.

— Malditos carros! — murmurou ele, limpando as mãos na calça. — São construídos para anões!

— Se sofresse um acidente nesse carro, só conseguiriam arrancá-lo com um maçarico. Por que não anda de motocicleta?

— São máquinas suicidas. Só servem para manter os negros humilhados.

Ele olhou para Gail e sorriu.

— Perdoe-me, menina. Sou um bastardo incorrigível.

Subiram pela trilha de terra até a casa. Um homem pequeno estava de quatro ao lado da porta da frente, escavando um canteiro de flores.

— Adam — disse Treece.

Coffin virou a cabeça bruscamente.

— Treece!

Ele mostrou-se bastante surpreso. Num movimento ágil, jogou o corpo para trás e levantou-se.

A única coisa que vestia era um *short* de sarja esfarrapado. O corpo era magro e bronzeado, vigoroso, sem o menor vestígio de gordura. Feixes de músculos envelhecidos sobressaíam nos braços e peito, como um desenho de um manual de anatomia. Os olhos eram semicerrados, numa expressão fixa permanente, que escavara sulcos profundos na pele bronzeada e ressequida das faces e da testa. Cabelos brancos caíam-lhe pela nuca, bastante compridos. Ele sorriu para Treece, revelando gengivas malcuidadas, nas quais apareciam, a intervalos, uns poucos dentes lascados e amarelados.

— É bom ver você de novo, Treece. Faz tempo que não aparece.

— Tem razão, Adam.

Treece envolveu os dedos ossudos de Coffin com a sua mão gigantesca, sacudindo-os para cima e para baixo, uma única vez.

— Passamos por aqui para conversar com você, Adam.

Ele apresentou os Sanders.

— Pois vamos entrar — disse Coffin, levando-os para o interior da casa às escuras.

O único aposento da casa estava dividido pelos móveis em três partes distintas. À direita, havia uma rede, suspensa no canto por dois ganchos de aço, encravados na parede de pedra. Por trás de uma cortina entreaberta, David viu um vaso sanitário e uma pia. No meio do aposento havia uma poltrona solitária, diante de um receptor de televisão antiquado, ainda dos anos 50. À esquerda, viam-se uma pia de cozinha, uma chapa elétrica, uma geladeira, um armário e uma mesa de jogo, em torno da qual estavam duas cadeiras e dois bancos.

— Sentem-se — disse Coffin, abrindo em seguida o armário e acenando para diversas garrafas. — Vão querer um trago? Eu estou sem beber. O velho estômago já não aguenta mais um bom fogo.

Confuso, Sanders olhou para Treece e viu que ele estava sorrindo para

Coffin.

— Vou querer um trago de rum — disse Treece. — Há quanto tempo está sem beber, Adam?

— Já tem algum tempo. Não é difícil, quando se tem alma disciplinada.

Ele olhou para Sanders e perguntou:

— E você, o que vai querer?

— Gim-tônica seria ótimo.

Gail assentiu.

— A mesma coisa para mim.

— Num instante.

Coffin pegou quatro copos no armário e encheu dois com gim, sem água tônica, nem gelo. Os outros dois, ele os encheu com rum escuro de Barbados. Os dois copos de gim foram entregues a Gail e David e um dos copos de rum a Treece. Ele tomou um gole do outro e sentou-se.

— Pensei que estivesse sem beber — comentou Treece.

— E estou. Há meses que não ponho um só gole de gim na boca. Mas beber rum não é beber. É uma questão de sobrevivência. Sem rum, o sangue não circula direito. É um fato comprovado.

Sanders tomou um gole de gim e conteve uma carranca, quando o líquido lhe queimou a garganta.

— E, agora, poderiam contar ao velho por que vieram aqui — disse Coffin, sorrindo. — Ou será que este é o dia que reservam para visitar os velhos e enfermos?

Treece meteu a mão no bolso e, sem dizer uma só palavra, tirou as ampolas e colocou-as em cima da mesa.

Coffin não as tocou. Ficou olhando para elas, em silêncio. Depois levantou os olhos e fixou-os primeiro em Treece e depois nos Sanders. O rosto não demonstrava a menor emoção, mas havia algo diferente nos olhos, um brilho que Sanders não pôde determinar o que era, se excitamento ou medo. Ou ambas as coisas.

Coffin sacudiu a cabeça na direção dos Sanders e perguntou a Treece:

— O que eles sabem?

— Sabem tudo o que sei. Foram eles que encontraram as ampolas.

Treece contou então a Coffin a proposta que Cloche fizera aos Sanders.

— Mas que filho da mãe descarado! — murmurou Coffin, assim que Treece terminou. — Ele deveria ter vindo procurar-me com seu milhão de dólares. Afinal, as ampolas me pertencem.

— Todo mundo pensa que você está doido, Adam. E é mais seguro que continue a fingir que é mesmo. Além disso, o *Golias* não está mais registrado em seu nome. Eu mesmo verifiquei. E, agora, conte-nos a verdade. Quantas ampolas havia?

Coffin hesitou.

— A verdade nunca faz bem à gente — disse ele, erguendo uma das ampolas contra a luz. — Eu disse a verdade uma vez e quase me mataram por causa disso.

— Cloche pode aparecer por aqui e acabar com o serviço, Adam, se não tirar a muamba lá de baixo, o mais depressa possível. Quantas ampolas eram?

Coffin terminou o rum que havia em seu copo, pegou a garrafa e tornou a enchê-lo.

— Elas estavam em caixas de charuto. Eram quarenta e oito em cada caixa, separadas por pedaços de papelão. O manifesto dizia que havia dez mil caixas de charuto e eu acho que era isso mesmo. Fui eu mesmo que as arrumei no porão.

— E o manifesto dizia o que havia nas ampolas?

— Não. Mas nós sabíamos. Quase tudo era morfina. Algumas tinham ópio puro, outras tinham adrenalina. Mas a maior parte era morfina.

— E não havia nenhuma heroína? — perguntou Sanders.

— Não. Pelo menos...

Gail interrompeu-o:

— É a mesma coisa.

— Como assim?

— Uma vez editei um livro sobre drogas. A heroína não passa de morfina aquecida com ácido acético. Assim que penetra no corpo, volta a ser morfina.

— Então por que os viciados não tomam morfina direto?

— Porque a decisão não é deles. Os viciados tomam o que os traficantes lhes vendem e os traficantes vendem o que os contrabandistas lhes entregam. E os contrabandistas trazem heroína, porque isso lhes dá muito mais dinheiro. Um quilo de morfina pura converte-se em muito mais que um quilo de

heroína. E não é preciso tomar uma dose grande de heroína, já que é muito mais forte que a morfina pura. É algo relacionado com a maneira pela qual a heroína atinge o cérebro. Seja como for, calculando-se que se possa fazer meio milhão de doses de heroína com o carregamento do navio e tendo em vista que o valor de venda ao viciado deve andar em torno de dez a vinte dólares a dose, verifica-se que o valor total é de cinco a dez milhões de dólares.

— Onde é que ia a carga, Adam? — perguntou Treece.

— No porão número 3, no meio do navio. Eu a tinha acomodado em meio a sacos de farinha.

— E o que havia por baixo?

— A munição que estávamos transportando. Jogamos fora o nosso lastro e pusemos as caixas de munições no lugar. Não foi uma viagem das mais tranquilas. Um dos marinheiros ficou preso durante três dias, por ter tirado um charuto das caixas verdadeiras que estavam por cima.

— O navio virou de lado quando afundou?

— Não, ao que eu saiba. Não fiquei por lá esperando para ver como afundava.

— Como o casco do navio foi destroçado na passagem pelos recifes, é provável que as caixas de munição tenham afundado primeiro e mais depressa. As caixas de charuto, que estavam por cima, afundaram depois.

— Não se esqueça de que eram caixas de madeira muito fina e de que não deve ter sobrado praticamente nada.

Treece assentiu.

— Mesmo assim, elas não foram esmagadas pelas granadas. E a massa das ampolas, na água, não é quase nada. Assim, não devem ter se enterrado muito fundo na areia.

— Se quer saber a minha opinião, as tempestades já espalharam as ampolas por toda parte.

— Era o que eu também pensava — disse Treece, segurando uma das ampolas. — Até que estas duas apareceram.

— Mas você mesmo disse que estavam num buraco, protegidas. Aposto que as outras desapareceram.

— É o mais provável. Mesmo assim, vamos dar uma olhada esta noite.

Coffin esvaziou seu copo e bateu com ele em cima da mesa!

— Ótimo! Estou pronto!

Treece sorriu.

— Não, Adam. Só nós é que iremos. Se descobrirmos alguma coisa, aí sim é que precisaremos de sua ajuda.

— Mas é o meu navio! — gritou Coffin, batendo com o punho cerrado em cima da mesa. — Pensa que eu não dou mais no couro?

Os olhos dele estavam brilhando, o rosto corado por causa do rum.

— Mas eu me sinto tão bem disposto quanto um maldito garanhão! Quantos anos pensa que eu tenho?

Treece disse calmamente:

— Eu sei qual é a sua idade, Adam.

— Diga você então — gritou Coffin, olhando para Sanders. — Quantos anos acha que eu tenho?

Sanders fitou-o atentamente, pondo-se rapidamente a calcular datas. Coffin devia ter pelo menos setenta anos.

— Eu diria que tem... sessenta anos.

— Está vendo, Treece? — gritou Coffin, triunfante, soltando uma risada. — Sessenta anos! Pois saiba que eu tenho setenta e dois, meu rapaz! E me sinto tão disposto quanto um garanhão!

Treece tocou no braço de Coffin, dizendo gentilmente:

— Adam, ninguém está dizendo que você não está em boa forma. Mas eu não quero que ninguém o veja mergulhando no lugar em que o *Golias* afundou. Você é conhecido demais.

Treece fez uma pausa, decidindo ressaltar a mentira.

— Afinal, você é uma celebridade! Se alguém o visse mergulhando lá, todo mundo saberia que alguma coisa está acontecendo.

Coffin recostou-se na cadeira, feliz da vida com a lisonja.

— Há sentido no que você está dizendo, Treece. Não seria nada bom que eles desconfiassem de alguma coisa.

Ele olhou para o copo vazio e acrescentou:

— Vamos tomar mais um drinque para comemorar!

— Agora não, Adam. Tenho muito trabalho a fazer.

Treece levantou-se. Coffin acompanhou-o e aos Sanders até a beira da estrada. Treece abriu a porta do Hillman e, como um polvo esgueirando-se

para dentro de uma reentrância nos rochedos, tentáculo após tentáculo, ajeitou-se no lugar do motorista, um membro depois do outro, lentamente.

— Não respire muito fundo, Treece, senão poderá tocar a buzina com o peito — disse Coffin.

Treece virou-se para Sanders:

— Quer seguir o carro ou acha que poderá encontrar o lugar sozinho?

— Não se preocupe que eu encontrarei. Pode ir na frente.

Treece olhou para Gail. Ficou calado por um minuto, aparentemente avaliando suas palavras.

— Vai passar a noite no hotel?

— Acho que sim. Por quê?

— É o melhor que pode fazer. E fique com a porta trancada. Não quero assustá-la, mas Cloche saberá que estará lá sozinha.

Gail recordou-se do aparecimento das bicicletas na porta do chalé, naquela manhã.

— Sei disso.

Treece ligou o carro, esperou que um táxi passasse, depois fez a volta na estrada estreita e partiu ruidosamente na direção de Saint David. Depois que o carro desapareceu, Coffin continuou olhando para a estrada vazia. Os Sanders montaram nas bicicletas a motor e colocaram os capacetes na cabeça.

— Até a vista, Sr. Coffin — disse Gail.

Coffin não respondeu.

— Eu o conheci quando era um menino — murmurou ele. — Um bom sujeito.

Gail e David se entreolharam. E Gail disse:

— Eu também acho. Ele parece ser uma excelente pessoa.

— E é mesmo. Tão honrado quanto o próprio Deus. Merecia muito mais.

— Mais do quê?

— Mais do que a solidão e a tristeza. Isto nada representa para velhos como eu. Afinal, nós temos mesmo que ser solitários. Mas um cara jovem como ele... não está direito! Ele deveria ter filhos, para transmitir tudo o que sabe.

— Talvez ele goste de viver sozinho — comentou Sanders. Coffin

olhou para ele. Os olhos pareciam cicatrizes na cabeça ossuda.

— Acha mesmo que ele gosta? Você sabe das coisas... Ele afastou-se. Gail e David ficaram observando-o subir a encosta até sua casa. Depois, Sanders murmurou:

— Mas o que foi que eu disse?

— Não sei, David. Mas, o que quer que tenha sido, não foi a coisa certa.

Sanders olhou para o relógio.

— Vamos indo, Gail. Tenho que chegar a Saint David antes de escurecer.

Seis

A lua se erguera bem alto no céu, projetando uma avenida dourada no mar sereno.

O barco de Treece tinha treze metros de comprimento. Era uma embarcação de madeira, com o nome *Corsair* pintado na popa. Em pé ao lado de Treece, na roda do leme, Sanders olhava para a popa. Calculou que o barco devia ter sido outrora um pesqueiro-padrão, embora agora parecesse uma estranha embarcação, tão radicalmente Treece o alterara para atender às suas necessidades. Havia guinchos nos dois lados da cabina e prateleiras para tanques de ar, ao longo das amuradas. Onde outrora devia existir uma cadeira de pesca, pregada no convés, havia agora um compressor de ar. Um tubo de alumínio, com uns quatro metros de comprimento e dez centímetros de diâmetro, estava preso na amurada de boreste. A luz da bitácula projetava um débil clarão amarelado no rosto de Treece.

— Há tantas estrelas no céu que não consigo distinguir a luz do farol de Saint David — disse Sanders.

— É a única luz que pisca regularmente.

O mar estava sereno e as luzes na praia, a cerca de dois quilômetros de distância, iam passando com uma suavidade mecânica.

— Todas as luzes me parecem iguais — comentou Sanders. — Como pode determinar onde estamos?

— Pelo hábito. A partir do momento em que conhecemos os contornos da praia, podemos determinar facilmente o lugar em que estamos, pelo jeito como as luzes estão agrupadas. Lugares como o Orange Grove e a Coral Beach logo se destacam. Até você poderá percebê-los.

— E como consegue evitar os recifes no escuro? É impossível ver os rochedos numa noite como esta.

— Não é fácil, inclusive porque não há nenhuma brisa para jogar as ondas contra os recifes, levantando espuma. A solução é encontrar o caminho tateando.

Treece sorriu e explicou:

— Depois de cometer alguns erros, você suspende a hélice um pouco e coloca hastes de aço no fundo do casco. Quando essas hastes batem em pedra, há um barulho alto o suficiente para avisar que está na hora de recuar.

Sanders ouviu um ganido na proa. Olhou pelo pára-brisa da cabina e viu

Charlotte agachada na saliência da proa. O corpo da cadela tremia e ela abanava a cauda rapidamente, excitada.

— O que há com ela?

— É a fosforescência. Dê uma olhada para o lado.

Sanders inclinou-se pela amurada de boreste e olhou para a frente do barco. Um manto de pequenas luzes, de um amarelo pálido, cobria a água deslocada pela proa do barco.

— É o que chamam de bioluminescência. O avanço do barco perturba os microorganismos que existem na água e eles reagem emitindo uma luz. São algas marinhas e pequenos crustáceos. Basicamente, é o mesmo que ocorre com os vaga-lumes. Os japoneses costumavam esfregar esses microorganismos nas mãos, durante a guerra, para poder ler os mapas à noite, na selva. Charlotte está querendo comê-los.

— Ela tem um apetite e tanto.

— Um dia, ela vai acabar comendo a si própria. Não faz muito tempo, ela ficou toda excitada por causa de um tubarão que estava seguindo o barco. Acabou por pular no dorso do desgraçado, tentando mordê-lo.

— E por que o tubarão não a devorou?

Treece soltou uma risada.

— O tubarão ficou apavorado. Não estava acostumado a ver uma coisa peluda pulando em seu dorso, de cima. Ficou com tanto medo que fugiu. Voltou depois e começou a rodear o barco, mas, a essa altura, eu já tinha tirado a estúpida da água.

— E por que a traz?

— Charlotte sente-se muito solitária quando fica sozinha em casa.

Treece girou a roda do leme um quarto para a esquerda e acrescentou:

— Além do mais, ela me faz companhia.

Os dois ficaram em silêncio, contemplando o mar sereno e as luzes que cintilavam na praia. Sanders não se recordava de outra ocasião em que se estivesse sentindo tão bem, tão vigoroso. Era como se finalmente estivesse vivendo os sonhos de sua juventude. E, como uma criança, ele se sentia satisfeito, quase orgulhoso, de estar sozinho em companhia de Treece. Sentiu-se ligeiramente envergonhado ao perceber que estava contente pela ausência de Gail. Aquilo era algo especial, uma experiência que seria exclusivamente dele. Tratou imediatamente de censurar-se: “Não seja um adolescente de

meia-idade!” A melhor razão para não trazer Gail era o fato de que a excursão poderia ser perigosa.

Ele pensou nos possíveis perigos e, como sempre, descobriu que sua atitude era ambivalente: nervoso mas excitado, com medo do desconhecido mas impaciente por encontrá-lo, ansioso por fazer coisas que nunca antes fizera. Ao olhar para as águas escuras, um estremecimento de expectativa fez os cabelos dos braços ficarem arrepiados.

Eles continuaram seguindo para sudoeste, em silêncio por mais alguns minutos, até que Treece apontou para a frente e disse:

— Veja lá na frente. É o Orange Grove. Pode-se dizer pelas luzes. As quatro muito juntas, em fila, são do restaurante. Depois há um ponto escuro, que é a cozinha, e em seguida um clarão muito fino, que é a janela panorâmica do bar.

— E o que você faz numa noite de nevoeiro?

— Fico em casa.

Treece manteve o barco em velocidade média até estarem diretamente ao largo das luzes do Orange Grove. Virou então a proa na direção da praia e foi reduzindo a velocidade lentamente. Meteu a cabeça para fora da janela da cabina e espiou a água em frente do barco, murmurando:

— Bem que eu gostaria de que houvesse um pouco de vento. E também algumas nuvens para nos dar cobertura. Com este luar, vamos sobressair como um morango numa torta de creme.

— Quanto tem de calado?

— Um metro. Devemos passar sem mais que um ou dois arranhões.

— Eu irei atrapalhá-lo se ficar lá na proa?

— Não. Assobie se vir alguma coisa.

Sanders foi até a proa. A cadela ainda estava bloqueando a passagem para a ponta da proa. Sanders empurrou-a para o lado e espremeu-se até a ponta. A proa cortava as águas com um zunido, que era tão audível, no lugar onde ele estava agora, quanto o barulho baixo do motor. Sanders contemplou a esteira de luar que se estendia à sua frente. Algo subiu à superfície, um relâmpago prateado que atravessou a faixa enluarada e logo desapareceu na escuridão. Sanders virou a cabeça para olhar para Treece, que se limitou a dizer:

— Barracuda.

Atravessaram a primeira linha de recifes e depois a segunda. Vinte ou trinta metros à frente do barco, Sanders viu círculos de água que se espalhavam a partir do mesmo centro, como se alguma mão invisível tivesse lançado uma pedra do céu.

— O que é aquilo?

Treece ficou na ponta dos pés.

— Céus! — exclamou ele, girando a roda do leme para a esquerda, bruscamente, — Aquele filho da mãe poderia apanhar-nos!

— É um recife?

— Exatamente. Estamos chegando agora à terceira linha.

Treece apontou a proa do barco diretamente para a praia e desligou o motor. O barco continuou a avançar, pelo impulso, reduzindo aos poucos a velocidade, até ficar quase imóvel. Treece pulou em cima da amurada e foi caminhando até a proa.

— Não há vento, não há ondas, não há nada. Um simples gancho bastaria para nos manter no lugar.

Ele jogou uma âncora na água e deixou o cabo correr por entre as mãos até senti-lo afrouxar. Deu dois puxões, prendendo a âncora no coral. Depois, prendeu a ponta do cabo num gancho da amurada.

— Vamos aprontar.

Seguidos pela cachorra, eles foram até a popa, onde havia outra cabina. Sanders prendeu o regulador no seu tanque de ar, levantando-o antes na direção do luar para certificar-se de que não o estava ajustando pelo lado contrário. Treece desceu para a cabina, de onde tirou dois trajes pretos de neoprene, completos — botas, calças, casacos e capuzes —, pondo-os no convés.

— A água está tão fria assim? — perguntou Sanders.

— Não. Mas os rochedos são perigosos durante a noite. Se você roçar em alguma coisa que não estiver vendo, poderá dar-se mal.

Treece tornou a descer para a cabina e voltou um instante depois trazendo numa das mãos uma caixa de metal e na outra uma lâmpada grande, acionada por pilhas, dentro de uma caixa submarina especial. Ele mostrou a Sanders como acender e desligar a luz, ressalvando em seguida:

— Mas não vamos usá-la mais do que o estritamente necessário. Será como um farol para indicar a nossa presença aqui.

— E como então poderemos ver?

— Eu verei — disse Treece, apontando para a caixa de metal. — Quanto a você, procure ficar perto de mim.

Ele abriu a caixa. Lá dentro, acondicionadas num revestimento de borracha, havia uma máscara de mergulho e uma lanterna em forma de pistola.

— É o meu equipamento infravermelho. Assim, poderei encontrar a pedra que você deixou lá no fundo.

Depois de vestidos, os dois sentaram-se na amurada de boreste.

— Dê uma olhada em seu relógio — disse Treece. — Depois de meia hora, trate de subir, não importa o quanto de ar ainda possa restar em seu tanque. Não é nada agradável ficar sem ar durante a noite, lá embaixo. Pode haver uma correnteza e não seria fácil nadar de volta por quinhentos metros, sugando um tanque de ar vazio.

Treece estendeu a mão para baixo da amurada, pegou uma raquete de pingue-pongue e meteu-a no cinto de peso. A cachorra, abanando a cauda, cheirou as nadadeiras de Treece.

— Fique vigiando o barco, Charlotte.

Ele olhou para Sanders e disse em seguida:

— Está pronto? Vamos mergulhar juntos. Ao chegarmos ao fundo, acenda a luz e dê uma olhada ao redor. Procure fazê-lo o mais rápido possível. Assim que avistar algo familiar, que lhe indique o lugar em que estamos, apague a luz e nade na direção. Se eu tiver sorte com isto — ele suspendeu a lanterna infravermelha —, não teremos que usar muito essa luz.

— O que o faz pensar que alguém virá atrás de nós?

— Tudo indica que isso não acontecerá. Mas não há o menor sentido em distribuir convites impressos.

Treece pôs o bocal e ergueu um polegar. Sanders respondeu com o mesmo sinal e ambos caíram dentro da água.

Por baixo da superfície, a escuridão era total. Mais do que uma simples ausência de luz, o que havia era uma escuridão espessa, envolvente, um nada absoluto. Os olhos de Sanders estavam bem abertos, mas ele nada via, nem as borbulhas de sua respiração, nem os contornos da máscara, nem mesmo um dedo erguido a dois centímetros do rosto. Por um segundo, chegou a pensar que ficara subitamente cego. A água escorreu-lhe pelo nariz. Ele inclinou a

cabeça para clarear a máscara, apertando-a com os dedos e exalando o ar pelo nariz, até ver minúsculos pontos de luz flutuando na água. Era a luz das estrelas, refratada pela água.

Ao exalar e ficar com os pulmões vazios, Sanders começou a afundar. Respirou fundo e a descida tornou-se mais lenta. A água, fria a princípio, estava se aquecendo até a temperatura do seu corpo, metido no traje de neoprene. Sanders sentiu-se aquecido, desamparado mas tranquilo, como se estivesse de volta ao útero materno. Abriu os braços e deixou-se flutuar suavemente até o fundo do mar.

As nadadeiras tocaram na areia. Havia uma pequena correnteza, suficiente para fazer com que se tornasse difícil ficar de pé. Assim, Sanders caiu de joelhos. A lâmpada estava pendurada em seu pulso por uma tira de borracha. Ele tateou à procura do interruptor e apertou-o com o polegar. Um cilindro amarelo surgiu na escuridão.

Sanders não tinha ideia de onde estava, nem para que lado estava virado. Ele virou a luz para a esquerda e para a direita, sobre a areia e os rochedos, ficando impressionado com o brilho das cores, sob o facho de luz incandescente. De dia, a areia tinha uma cor azul-acinzentada, os rochedos pareciam uma mistura de castanho e azul, os peixes eram de um verde azulado. Mas, na escuridão, a luz que ele tinha na mão ressaltava as cores naturais. Ele viu os brancos, vermelhos e laranja dos corais, a barriga rosada de um peixe. A luz se fixou numa linha marrom, coberta de verde. Sanders reconheceu-a como uma das vigas do costado do navio. A cabeça de uma barracuda apareceu na extremidade do facho de luz, logo sumindo. Sanders olhou ao redor. Além do facho estreito de luz, estava tudo escuro. Ele perguntou-se se algum tubarão não seria atraído pela luz.

Algo tocou em seu ombros. Ele estremeceu, num choque espasmódico. Sentiu dedos batendo-lhe no ombro. Viu o vulto escuro de Treece surgindo no facho de luz. Treece fez um gesto para que ele apagasse a luz e o seguisse. Estendeu a mão. Sanders segurou-a, apagou a luz. Sentiu-se muito leve e começou a seguir ao lado de Treece.

A única coisa que podia ver era a escuridão. Sem a máscara especial de Treece, a luz infravermelha era invisível. Sanders calculou que Treece estava seguindo direto para a caverna, pois não havia qualquer hesitação em seus movimentos. Treece nadava depressa e Sanders teve a impressão de que o fazia numa linha relativamente reta.

Treece começou então a nadar mais devagar, até parar por completo. Com a mão, levou Sanders até um ponto na areia. Bateu na lâmpada que Sanders empunhava. Sanders acendeu-a. Estavam na entrada da caverna.

A luz se refletiu na areia branca e nas paredes do rochedo. Sanders avistou a pedra que haviam deixado como marca dentro da caverna. A mão de Treece afastou-a, pondo-a um pouco para o lado, junto à lanterna infravermelha. Um dedo apontou para a depressão na areia, no lugar em que estava a pedra antes, indicando a Sanders que focalizasse ali a sua luz. O dedo retirou-se e surgiu em seguida uma das mãos de Treece, empunhando a raquete de pingue-pongue. Treece começou a mexer a raquete, em movimentos rápidos e curtos. A areia se levantou imediatamente e em poucos segundos a caverna parecia estar toda ocupada por uma nuvem. Sanders abaixou o rosto, pondo-o ao lado da luz. O buraco na areia estava aumentando. Já tinha vários centímetros de profundidade e mais de trinta centímetros de diâmetro. Treece baixou o rosto também. As duas cabeças estavam quase encostadas, junto à luz, enquanto a raquete continuava removendo a areia.

Treece parou subitamente de sacudir a raquete. A princípio, Sanders pensou que ele tivesse desistido. Mas logo viu dois dedos se enfiarem no buraco da areia, saindo em seguida a segurar o que parecia ser uma folha marrom. Havia algo impresso na folha, palavras ou um desenho, algo quase apagado. A raquete voltou a se movimentar e Sanders viu um brilho na areia. Os dedos tornaram a se enfiar no buraco, tão delicadamente como se estivessem, extraindo uma farpa do pé de uma criança. Uma ampola foi arrancada da areia.

Logo outra folha apareceu. Sanders compreendeu que era um pedaço de madeira apodrecida das caixas de charuto onde as ampolas tinham sido acondicionadas. Segundos depois, outra ampola apareceu. Depois, duas ampolas juntas. Quando o buraco aumentou, apareceu a ponta de uma caixa, desbotada e lascada. Sanders recuou um pouco, pois a maior parte da caixa parecia estar fora da caverna. Treece continuou a abanar a raquete, removendo a areia, até desenterrar completamente a caixa. Estava virada para baixo. Tinha em torno de quinze por vinte centímetros. Treece pôs a raquete no chão e delicadamente levantou o fundo da caixa, que saiu praticamente inteiro. Lá dentro, acondicionadas em divisórias de papelão, havia quarenta e oito ampolas, todas intactas.

Treece não as tocou. Começou a abanar novamente com a raquete, afastando-se da entrada da caverna. A areia que turbilhonava dentro da caverna começou a assentar, entre as ampolas, cobrindo-as. Treece abanou até aparecer a ponta de outra caixa, parando em seguida. Levantou o pulso esquerdo para junto da luz e arregaçou um pouco o punho do traje de neoprene. Sanders viu o mostrador luminoso do relógio. Havia trinta e dois minutos que estavam lá embaixo. O polegar de Treece apontou para cima e sua mão se estendeu para pegar a lâmpada que estava com Sanders.

Sanders começou a subir, lentamente, observando o facho de luz lá embaixo. Deslocava-se alguns metros, parava, e então se deslocava novamente. Sanders foi subindo sem usar os braços, batendo com os pés suavemente, fazendo o mínimo de movimentos possível, pois subitamente sé sentia solitário e vulnerável, na escuridão do mar. Seus sentidos eram inúteis e ele não queria atrair a atenção de coisa alguma que estivesse à espreita para atacar os fracos ou solitários.

Chegou à superfície. Olhou ao redor e viu que calculara mal a sua subida. Nadara para longe do barco e não para perto. O barco continuava preso à âncora, uma escultura negra ao luar, a cinquenta metros de distância. Ele não queria nadar na superfície, onde emitiria ruídos e vibrações que um animal lá embaixo poderia interpretar como os movimentos de um peixe ferido. Por isso, tomou a mergulhar, batendo os pés suavemente, na direção do barco. Por duas vezes pôs a cabeça para fora da água e em ambas verificou que se afastara do barco. Como não podia enxergar coisa alguma lá no fundo, a fim de tomar como ponto de referência, não havia qualquer possibilidade de manter um curso firme.

Estava começando a respirar depressa demais, profundamente demais, os pulmões pedindo mais ar do que o regulador do tanque poderia fornecer. “Pare com isso!”, disse ele a si mesmo. “Pare com isso ou vai acabar ficando sem ar.” Ele parou de nadar e ficou imóvel na água, esforçando-se por respirar mais lentamente. Aos poucos, a dor nos pulmões foi desaparecendo.. Levantou a cabeça, viu o barco e começou a nadar de peito em sua direção, lentamente.

Chegou ao barco e estendeu a mão para a plataforma de mergulho, na popa, a. qual permitia aos mergulhadores subirem a bordo sem qualquer ajuda. Tirou as correias dos ombros e colocou o tanque em cima da plataforma. Depois ergueu o corpo e sentou-se na plataforma, respirando

fundo, os pés com as nadadeiras ainda dentro da água. Ouviu um ganido distante, do lado da proa.

A cabeça de Treece surgiu à superfície, ao lado da plataforma. Ele cuspiu o bocal e imediatamente perguntou:

— Onde está Charlotte?

— Lá na frente. E parece que ela está tendo um pesadelo.

— Não é nada disso!

Treece subiu para a plataforma, sem tirar o tanque. Num único movimento, tirou o tanque e pulou por cima da amurada, passando para o convés.

— Charlotte nunca dorme no barco. Ela fica esperando, a fim de poder lamber o sal do meu rosto.

Ele adiantou-se rapidamente e Sanders o seguiu. Ao se aproximarem da proa, os ganidos tornaram-se mais altos, mais frenéticos. Sanders via os contornos de Treece à sua frente, um vulto alto e largo, que se movia com agilidade e segurança, mesmo na escuridão. Viu Treece estancar subitamente e logo depois gritar:

— Desgraçados!

— O que aconteceu?

Ao emparelhar com Treece, Sanders viu a cachorra. Ela estava espremida contra a amurada de bombordo, contorcida, a formar quase que uma bola, tentando morder os flancos. Algo brilhante saía-lhe do dorso, um pouco acima da cauda, num lugar em que não podia alcançar com os dentes. A cadela tentava arrancar aquele objeto estranho, mas conseguira apenas, com suas mordidas, arrancar tufos de pêlos e pedaços de carne das ancas. Exausta, ganindo, ela continuava a morder-se.

Treece agachou-se e estendeu a mão para acalmar a cachorra. Charlotte arreganhou os beiços e rosnou.

— Está tudo bem agora, Charlotte — disse Treece, gentilmente. — Está tudo bem...

Ele segurou o pescoço da cachorra e empurrou-lhe a cabeça de encontro ao convés. Com a outra mão, arrancou o pedaço de aço que estava cravado no dorso do animal. Livre da dor, Charlotte gemeu e começou a lamber-se.

— O que aconteceu?

Treece voltou para a popa, entrou na cabina e acendeu uma lâmpada no

teto. Em sua mão havia um dardo com uns cinco centímetros de comprimento, no formato de uma pena.

— Que diabo eles pensam que estão fazendo?

Sanders olhou para o dardo e murmurou:

— Cloche...

— Como?

— Cloche usa no pescoço uma pena exatamente igual a esta, só que menor. Deve ser uma espécie de cartão de visitas. Ele já pressionou a Gail e a mim. Agora, provavelmente, está querendo obrigar você a entrar também num acordo com ele.

— Mas, que idiota! Pensa que pode conseguir alguma coisa só porque contratou algum preto nojento para remar até aqui e ferir a minha cachorra? Será que ele pensa que isso me fará cair de joelhos?

Treece cuspiu no convés e exclamou:

— Pois só serviu para me deixar furioso!

Ele levantou a cabeça e viu Charlotte tentando subir na amurada. Apontando para um pequeno armário no lado de boreste da cabina, ele disse a Sanders:

— Pegue ali a caixa de primeiros socorros. Tenho que fazer um curativo na velha senhora.

Foi pegar a cachorra e deitou-a gentilmente no convés, obrigando-a a ficar de lado, sobre o lado bom. Cortou os pêlos em torno do ferimento, limpou-o com um antisséptico e despejou em cima um pouco de sulfa em pó. E, enquanto o fazia, ia falando suavemente com Charlotte, acalmando-a, tranquilizando-a. Pareceu a Sanders que ele o fazia com uma ternura e afeição paternais.

A cachorra reagiu, não emitindo qualquer ruído, nem se mexendo. Ao acabar, Treece coçou atrás das orelhas da cachorra e disse:

— Acho que é melhor pôr um curativo em você, Charlotte.

Ele pegou um pedaço de gaze e um rolo de esparadrapo.

— Conhecendo-a como eu a conheço e sabendo que já provou um pouco do próprio sangue, não tenho a menor dúvida de que é capaz de se devorar inteirinha, se eu deixar esse ferimento exposto.

Depois de prender o curativo, ele ajudou a cachorra a ficar de pé. Abanando a cauda fracamente, Charlotte seguiu mancando até um canto,

onde se deitou.

— O que acha que eles irão fazer agora? — perguntou Sanders.

— Não tenho a menor ideia. Tornei a cobrir aquelas ampolas com areia, de forma que Cloche não saberá se encontramos ou não alguma coisa. Mas isso nos dará apenas um dia ou dois de descanso. — Treece sacudiu a cabeça lentamente, acrescentando: — Céus, há um carregamento e tanto lá embaixo!

— Mais do que vimos?

— Muito mais. Aquela caixa era apenas a ponta. Tenho a impressão de que o porão número 3 bateu nos recifes e despejou toda a sua carga. E depois o navio recuou e se arrebentou de vez. O que vimos era apenas o que estava por cima. Quanto mais me afastava da caverna e olhava, mais indícios de caixas encontrava. E com diversos explosivos no meio.

— Será que conseguiremos recuperar tudo?

— Não com uma raquete de pingue-pongue. Precisaremos de um aspirador de ar — disse ele, apontando para o tubo de alumínio preso na amurada. — E teremos de mergulhar com escafandros e não com tanques de ar. Não podemos ficar subindo de hora em hora para trocar de tanque. O que significa que teremos de ligar o compressor e fazer barulho. O negócio não vai ser fácil.

— Por quê?

— As caixas mais no fundo devem estar misturadas com as granadas de artilharia.

— Mas elas não estão desarmadas?

— Isso não faz a menor diferença. O metal se corrói dentro da água. Os detonadores podem estar enfraquecidos. E a cordite daquelas granadas ainda está tão boa quanto se fosse nova. Se deixarmos que uma bata em outra ou contra um rochedo, iremos tocar um dueto de harpas para São Pedro.

— Não podemos pedir ajuda ao governo?

— Ao governo das Bermudas? — disse Treece, soltando uma gargalhada. — Podemos. E a ajuda que receberemos será um pergaminho todo enfeitado, incumbindo-nos da missão de livrar o governo de tamanho estorvo. Se não fosse por algo que encontrei, eu me sentiria tentado a jogar uma carga de profundidade lá embaixo e acabar de vez com toda essa confusão.

Treece enfiou a mão no bolso do casaco de neoprene, encontrou o que

estava procurando e entregou a Sanders. Era uma moeda, de formato irregular e manchada de verde. Parecia que o desenho da moeda fora impresso fora do centro, pois apenas três quartos da superfície do metal tinham marcas. Na beira da moeda, Sanders pôde distinguir as letras "EI", depois um ponto, a letra "G", outro ponto e o número "170". Perto do centro da moeda havia um "M" e no centro, um timbre intrincado, onde se distinguiam dois castelos, um leão e algumas listras.

— Mas o que isso representa? — indagou Sanders. — Você mesmo disse que encontrar uma moeda não significa que haja um tesouro.

— Tem razão. Mas *esta* moeda pode representar um tesouro.

— Por quê?

— Depois que o mandei subir, continuei a nadar mais um pouco ao longo dos recifes e removi a areia em diversos pontos entre os rochedos. Encontrei esta moeda a cerca de quinze centímetros do fundo. Estava em cima de um pedaço de ferro e é por isso que ficou preservada, não se tendo oxidado inteiramente como a outra que você encontrou.

— E por que está verde?

— Isso não é nada. Basta limpar um pouco que sai. O pedaço de ferro sobre o qual a encontrei pareceu-me o fecho de um cadeado. Dei um puxão, mas não consegui desprendê-lo. Como eu não queria perder muito tempo, resolvi subir.

— Está querendo dizer que há uma arca lá embaixo?

— Não da maneira como você imagina. Há muito que a madeira já estaria apodrecida. As moedas teriam formado grumos e muitas não serviriam mais para nada. Aliás, encontrei uma porção de moedas grudadas umas nas outras, debaixo de uma pedra. Tentei arrancar uma, mas não consegui.

— Então deve haver mais coisas por lá. Talvez ouro.

— É o que está começando a parecer.

Treece pegou novamente a moeda e suspendeu-a contra a luz.

— Esse "M" significa que foi cunhada na cidade do México. Isso lhe diz alguma coisa?

— Que o navio estava seguindo para leste, de volta à Espanha.

— Exatamente. Estava deixando o Novo Mundo. Cerca de um terço dos navios que naufragaram estavam a caminho do Novo Mundo e não carregavam nenhum tesouro. Iam abarrotados de vinho, queijo, roupas e

equipamento de mineração.

O número são os três primeiros algarismos da data em que a moeda foi cunhada. Ou seja, dentro dos dez primeiros anos do século XVIII. O que combina com o brasão. Era de Filipe V, que subiu ao trono em 1700.

— E o que significam as letras?

— "Pela graça de Deus." São as letras finais das palavras no anverso de todas as moedas: *"Philippus V"* e depois *"Dei G."*, de *"gratia"*.

Treece virou a moeda.

— Isto aqui é uma cruz de Jerusalém. Não dá para ler tudo o que está escrito, à exceção do "M" e do "R". Mas nas moedas estava escrito *"Hispaniarum et Indiarum Rex"*, rei da Espanha e das índias.

— E daí?

— Em 1715, uma enorme frota, uma das maiores de Filipe V, naufragou a caminho da Espanha.

— Já ouvi falar dessa frota. Mas alguém já a encontrou, não é?

— Já, sim. Um mergulhador chamado Kip Wagner. Dez navios afundaram, só Deus sabe carregando quanto em ouro e prata. No início da década de 60, Wagner encontrou o que calculou serem oito dos dez navios naufragados. E conseguiu tirar do fundo do mar o equivalente a oito milhões de dólares em ouro.

Sanders sentiu o estômago contrair-se de excitamento.

— E essa moeda é de um dos outros dois navios?

Treece sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não há a menor possibilidade. Há algo lá embaixo, não resta a menor dúvida. Mas não pode ser um dos dez navios de Filipe. Eles naufragaram na Flórida. O fato está muito bem documentado, por sobreviventes, testemunhas oculares do naufrágio, diários de bordo, operações de salvamento e diversos outros registros. Nenhum navio poderia deslocar-se mil milhas pelo fundo do mar, O problema não é o que sabemos e sim o que ignoramos.

— Como assim?

— Se há algum navio por baixo do *Golias,* sou capaz de apostar que afundou entre 1710 e 1720. Se tivesse sido em época posterior, as moedas que encontramos indicariam datas mais novas de cunhagem. As moedas do Novo Mundo não ficavam muito tempo no Novo Mundo. Mas não há registro de

nenhum navio espanhol que tenha afundado neste lado das Bermudas, entre 1710 e 1720.

— Mas, só porque carregava moedas espanholas, isso significa obrigatoriamente que fosse um navio espanhol?

— Não. As chamadas peças de ouro eram a moeda internacional. Todos as usavam. Mas não há qualquer registro de nenhum navio que tenha afundado neste trecho das Bermudas, no princípio do século XVIII.

— Mas isso não pode ser um bom indício? Significaria que nunca retiraram nada do navio.

— É bom e é mau ao mesmo tempo. Significa que teremos de começar do nada. Tudo indica que o navio tenha afundado durante a noite. Se houve sobreviventes, coisa de que eu duvido, não tiveram a menor noção do lugar em que o navio afundou. Deviam estar muito preocupados em salvar a própria pele, Assim, qualquer que fosse a carga, ainda está, provavelmente, lá no fundo.

— E talvez seja...

— Não há meio de saber. Segundo os registros, entre 1520 e 1800, os espanhóis tiraram cerca de doze bilhões de dólares em produtos do Novo Mundo. E não nos esqueçamos de que eram doze bilhões de dólares *daquela* época. Cerca de cinco por cento disso se perdeu e a metade foi posteriormente recuperada. Assim, ainda restam trezentos milhões de dólares no fundo do mar. Pondo em cima disso uns duzentos anos de inflação, chega-se a um valor muito acima de um bilhão de dólares. O que, por si só, seria uma quantia apreciável, se fosse verdadeira. Mas todo mundo naquele tempo era corrupto. Assim, para cada dólar de tesouro registrado a bordo de um navio, havia provavelmente outro dólar contrabandeado.

— Para evitar o pagamento de impostos?

— Havia uma taxa especial. Pela lei, o rei da Espanha tinha direito a vinte por cento de todos os tesouros, não importando quem os tivesse acumulado. Um negociante que trocasse mercadorias europeias pelo ouro do Novo Mundo tinha obrigatoriamente que pagar o chamado “quinto do rei”. Era muito mais barato subornar algumas pessoas do que dar vinte por cento à coroa.

— Isso explica a legenda da âncora. Quando eu trabalhava na *National Geographic*, deparei com a história de um capitão que mandara fazer uma âncora de ouro, pintando-a de preto.

— Conheço a história. Ele acabou sendo enforcado. O fato é que não se pode determinar o que há dentro de um navio naufragado. Já houve diversos casos de navios afundados e cujas cargas, parcialmente recuperadas, totalizavam mais do que estava registrado como a carga total. O navio-capitânia de uma frota podia carregar até três milhões de dólares, em tesouro registrado. Mas acontece que o navio que afundou aqui não era capitania, pois não tinha nenhuma frota a acompanhá-lo. É possível que estivesse levando para a Espanha alguns sobreviventes da frota naufragada em 1715. E talvez uma parte do tesouro recuperado. Mas, neste caso, deveria haver algum registro, se não aqui, pelo menos em Cádiz ou Sevilha, indicando a partida dos sobreviventes de Havana e o naufrágio aqui. Mas não há nada.

Treece tornou a enfiar a mão no bolso do casaco de neoprene e tirou um objeto oval de ouro.

— E aqui está mais uma peça para aumentar o mistério.

— Outra moeda?

— Não — disse Treece, entregando o objeto a Sanders. — É um medalhão.

Havia uma cabeça de mulher no medalhão e as letras “S.C.O.P.N.”.

— Acho que é Santa Clara — disse Treece. — O “O.P.N.” deve ser de *"Ora pro nobis"*. Santa Clara, rogai por nós. Dê uma olhada do outro lado.

Sanders virou o medalhão. Atrás, era liso, vendo-se apenas as letras “E.F.”

— Aquelas mesmas iniciais!

— Exatamente. Durante a manhã inteira, examinei um monte de papéis e não encontrei nenhum oficial, nobre ou capitão que tivesse essas iniciais.

Sanders devolveu o medalhão a Treece.

— Talvez seja um presente para alguém.

— É pouco provável. Ninguém dava presentes assim.

Treece guardou o medalhão e a moeda no bolso, desligou a luz e acionou o motor do barco. Mandou Sanders ir levantar a âncora. Ao ouvir o barulho do ferro no convés ele girou o leme para a esquerda e partiu na direção do mar alto.

Sanders voltou para a cabina e perguntou:

— O que vamos fazer agora?

— Vamos ficar longe daqui pelo menos por uns dois dias, enquanto eu

tento descobrir o que há por baixo do *Golias*...

— Mas Cloche...

— Agora que ele sabe que eu estou interessado, provavelmente vai armar alguma confusão. A melhor coisa que vocês dois podem fazer *é* voltar para seu país. Talvez Cloche não os incomode mais.

Sanders não respondeu. Treece provavelmente estava certo. Talvez ele devesse levar Gail para casa, no primeiro avião da manhã. Mas, se ele partisse agora, isso significaria que passara a vida inteira mentindo a si mesmo. Seus sonhos e ambições, de trabalhar com Cousteau, de percorrer o mundo para a *Geographic*, ficariam para sempre caracterizados como fantasias ociosas de um aventureiro de poltrona. Ali estava uma oportunidade de fazer algo que ele nunca fizera antes, uma oportunidade de viver intensamente, ao invés de deixar a vida passar como mero observador. Os riscos envolvidos eram genuínos, não gratuitos ou inventados. Exatamente por isso, valia mais a pena enfrentá-los.

Ele olhou para Treece, depois para o convés, procurando as palavras certas para formular a pergunta que desejava fazer. Finalmente, indagou:

— E se houver uma porção de ouro lá embaixo?

— Teremos a maior dificuldade em tirá-lo, com todos aqueles explosivos por perto.

— Não é isso o que estou querendo saber. O que acontecerá, se conseguirmos tirá-lo lá do fundo?

— Neste caso...

Treece parou de falar por um momento. Depois sorriu para Sanders e continuou:

— Estou ouvindo as engrenagens do seu cérebro girando. Está certo, vamos deixar tudo às claras. Sinto-me tentado a mentir-lhe, a convencê-lo de que deve partir. Mas eu não sou desse tipo. Se um homem está disposto a assumir riscos, não sou eu que vou impedi-lo. O primeiro passo é irmos procurar o Depositário de Naufrágios e requerermos uma autorização.

— Você precisa de uma autorização?

— É preciso uma licença para mergulhar em qualquer naufrágio. A licença é válida por um ano. Poderíamos dizer que estamos trabalhando no *Golias*, cujos destroços são livres, não havendo necessidade de licença. Mas eu irei pedi-la assim mesmo, para não haver nenhum problema posterior. Eles

ainda não me recusaram nenhuma licença. Por ela, seremos sócios em igualdade de condições. Normalmente, o barco conta como uma pessoa.

— Como assim?

— O barco é considerado um sócio também, para cobrir as despesas, o uso dos equipamentos e a depreciação. Mas não vamos fazer isto agora. Faremos um acordo especial para as despesas. Assim, você e sua esposa terão direito a dividir a metade do que encontrarmos lá embaixo. Tecnicamente, tudo o que encontrarmos pertence às Bermudas. Mas as autoridades serão razoáveis, a menos que pensem que somos bandidos. A Diretoria Histórica de Naufrágios das Bermudas nos oferecerá uma quantia por todos os objetos com que quiser ficar. Se houver algo que eles realmente queiram, teremos que aceitar a oferta que nos fizerem. Essa oferta é determinada por um perito designado pelo próprio governo. O que eles não quiserem será devolvido a nós, e poderemos então fazer o que bem nos aprouver.

— Até vender?

— Certamente.

Treece fez uma pausa, pensativo.

— Mas vou dizer-lhe agora, quando ainda estamos sonhando, que será nesse momento que começaremos a brigar.

Sanders ficou surpreso.

— Por causa da venda?

— Exatamente. Há algumas diferenças entre nós. Eu não preciso de dinheiro. Imagino que vocês precisem. Eu me preocupo em preservar as descobertas. Você não conhece o bastante sobre navios naufragados para se importar com isso.

Sanders sentiu-se ofendido.

— Eu aprenderei.

Treece sorriu.

— Talvez. Seja como for, do jeito que está o mercado, provavelmente não conseguiríamos vender. O mercado foi prejudicado pelos vigaristas.

— Como assim?

— Ao final dos anos 50 e início dos 60, foram descobertos os destroços de muitos navios naufragados. Foi nessa ocasião que encontrei o meu primeiro navio e Wagner descobriu os oito navios da frota de 1715. Todo mundo queria comprar ouro espanhol. Assim, alguns miseráveis resolveram

bancar os espertinhos e começaram a falsificá-lo. É fácil fazê-lo e muito difícil descobrir a falsificação. Não se pode determinar a idade do ouro pelo teste de carbono. E, com a tecnologia avançada como está, qualquer espertalhão pode cunhar uma moeda espanhola perfeita.

— E você pode descobrir uma falsificada?

— Só em alguns casos. Mas é muito difícil. No ano passado, recebi um telefonema do Museu Forrester. Um certo Professor Peabody queria que eu fosse até lá para dar uma olhada em alguns objetos. Ele não me explicou o motivo, mas compreendi que devia estar desconfiando de alguma trapaça, caso contrário não pagaria a minha viagem até Delaware. Examinei as moedas e não consegui encontrar nada de errado. Mas eu sabia que tinha de haver alguma coisa. Fiquei sentado numa sala durante uma semana inteira, olhando para aquelas malditas moedas. Eram perfeitas. Comecei a conversar comigo mesmo, discutindo todas as marcas que havia em cada moeda. E discuti e discuti até encontrar a resposta. Todas as moedas tinham um "P". Era a marca de cunhagem, indicando que tinham sido cunhadas em Potosi, no Peru. Hoje, Potosi pertence à Bolívia. Depois, olhei para a data em uma das moedas. E lá estava.

— Lá estava o quê?

— A casa da moeda de Potosi só começou a produzir peças de ouro ao final da década de 1650. Pegamos o filho da mãe. Ele confessou que havia gasto milhares de dólares comprando ouro na Europa e mandando cunhar as moedas.

— Mas para quê?

— Algumas pessoas fazem isso pelo ágio que se paga por legítimo ouro espanhol. Podia-se conseguir até cinco mil dólares por um autêntico dobrão de ouro. Tenho uma barra com apenas quarenta e oito onças de ouro. Mesmo calculando-se a onça de ouro a duzentos dólares, não chega a valer dez mil dólares. Pois já me ofereceram quarenta mil dólares por ela. Mas aquele espertalhão tinha um plano mais ambicioso. Ele falsificou as moedas para convencer diversas pessoas de que havia encontrado um navio naufragado que andava procurando, o *San Diego*, afundado por volta de 1580. Ele conseguiu convencer algumas pessoas a investirem em sua firma, a que pôs o nome de Dobrões, Inc. Creio que o prenderam, sob a acusação de fraude.

— E as moedas que ele fez entraram em circulação?

— Isso é que é o mais terrível. Ninguém pode saber com certeza. Mas,

mesmo que isso não tenha acontecido, certamente acabará aparecendo outro espertalhão com moedas falsas ainda melhores, impossíveis de serem descobertas. Por isso é que, atualmente, não se pode esperar vender uma moeda ou barra de ouro como espanholas, a menos que se tenha atestado do Smithsonian e de todos os institutos especializados do mundo. Já vi um leilão de moedas espanholas que não deviam ter custado mais do que quinze dólares. Eram fabricadas nas Filipinas. Bastava esfregá-las com um pouco mais de força para que a data sumisse. O mercado ficou tão difícil que alguns sujeitos honestos foram obrigados a vender moedas espanholas autênticas a dentistas, que as derreteram para fazer obturações. E eram moedas de trezentos a quatrocentos anos de idade, com o cheiro da história. E agora elas estão enchendo as cavidades dentárias de alguma velha.

— E o que poderemos fazer com as moedas que encontrarmos?

Treece riu.

— Se é que vamos encontrar alguma coisa... Só Deus sabe. Mas há um fator positivo: tudo indica que há algo mais do que moedas neste navio. Há também, pelo menos, algumas joias. E os vigaristas ainda não começaram a falsificar joias.

Ele tirou o medalhão do bolso e colocou-o sobre a luz da bitácula.

— Os índios costumavam dizer que o ouro era o deus dos espanhóis. Por causa do ouro, os índios se estreparam, os espanhóis se estreparam e tudo indica que muita gente vai continuar a se estrepar, até o final dos tempos.

Já eram mais de onze horas quando Treece levou o *Corsair* para dentro da pequena enseada por baixo do farol de Saint David. À luz da lua, que ia descendo no céu lentamente, Sanders viu que o ancoradouro quase em ruínas estava deserto. Os dois outros barcos de Treece, um pequeno bote e uma baleeira, balançavam indolentemente, presos ao ancoradouro por cabos frouxos.

Eles prenderam os cabos do *Corsair,* guardaram os equipamentos de mergulho e foram até a extremidade do ancoradouro. Os primeiros metros da trilha de terra que subia pela encosta eram visíveis ao luar. Depois, o caminho virava à esquerda e ficava oculto pelo mato.

— Este é um bom lugar para se armar uma emboscada — comentou Sanders, com os braços levantados diante do rosto, para proteger-se dos galhos.

— Para qualquer um que fosse tolo o bastante para tentar — disse Treece.

Sanders ficou irritado com a manifesta confiança que Treece depositava na própria invulnerabilidade.

— E o que você pensa que é? À prova de balas?

— Claro que não. Mas eu tenho um feitiço. Muita gente acredita que quem quer que se meta comigo morrerá antes que o dia termine. E acho que é ótimo estimular esse mito.

Eles chegaram ao alto do penhasco e caminharam ao longo da cerca que rodeava a casa de Treece. A cachorra, tendo recuperado a vivacidade, já pulava por cima da cerca e estava farejando algo na porta da frente.

— E o que vamos fazer amanhã? — perguntou Sanders.

— Passarei o dia inteiro examinando documentos.

— Devemos telefonar para o restaurante de Kevin a fim de termos notícias suas?

— Se quiserem... Ou então venham até aqui, se tiverem alguma curiosidade em descobrir como é emocionante examinar documentos empoeirados à procura de algumas iniciais.

Treece abriu o portão e entrou no jardim.

— Seja como for, voltaremos a nos falar amanhã.

Ele caminhou para a porta da frente. Sanders abriu o cadeado da corrente que prendia a roda da frente da bicicleta a motor. Como todas as bicicletas alugadas a turistas, aquela não tinha arranque automático e a velocidade máxima era de trinta quilômetros horários. Ele sentou-se, ligou o motor e apertou o pedal. O motor tossiu duas ou três vezes e pegou. Foi nesse momento que ouviu Treece gritar:

— Ei!

Sanders fez a volta e foi parar novamente em frente ao portão.

— Dê uma olhada nisto!

Treece levantou alguma coisa. Sanders viu que era uma garrafa de Coca-Cola, com uma pena branca metida no gargalo.

— O que é?

— Um feitiço. Estão querendo assustar-me. Só não compreendo como eles esperam que o vodu possa ter algum efeito num índio moicano que sofreu uma lavagem cerebral em escolas presbiterianas escocesas.

Treece correu os olhos pelas moitas densas que cercavam a casa.

— Mas uma coisa eu tenho que reconhecer: eles tiveram muita coragem em vir até aqui.

Ele balançou por um momento a garrafa na mão imensa e depois arremessou-a para o ar, furiosamente.

— Desta vez, nós vamos vencer!

A garrafa foi girando, absorvendo os raios de luz e separando-os em brilhantes fragmentos verdes e amarelos, começando logo a cair e desaparecendo por baixo do penhasco.

O farol da bicicleta de Sanders era muito fraco, insuficiente para iluminar os buracos da estrada de Saint David. Ele avançava lentamente, sentindo a estrada mais do que vendo-a. Na base de uma colina, a estrada virava bruscamente para a direita. Sanders freou no meio da ladeira, e ao chegar ao fundo a bicicleta andava muito lentamente. A estrada subia novamente, logo em seguida. Ele ligou o motor ao máximo de força e pôs-se a pedalar também, mas não conseguiu um impulso suficiente. A bicicleta acabou parando. Sanders desmontou e foi empurrando a bicicleta ladeira acima, ligando o motor de vez em quando para diminuir o esforço.

Quando a estrada finalmente voltou ao nível normal, Sanders descansou por um momento, recuperando o fôlego. Sentou-se no selim e baixou a cabeça. Ao tornar a levantá-la, viu um vulto escuro parado à sua frente, um pouco além do alcance do farol.

Uma voz disse:

— Já pensou em nossa oferta?

Sanders não sabia o que dizer. Olhou ao redor e ouviu apenas cigarras, viu apenas escuridão.

— Nós... nós não descobrimos mais nada.

A voz repetiu:

— Já pensou em nossa oferta?

— Já.

— E qual é a decisão?

O sotaque era quase cantado, tipicamente jamaicano. Não era Cloche.

— Bem... Nós...

— Sim ou não?

— Ainda não houve tempo suficiente. Eu...

— Voltaremos a nos encontrar depois.

A sombra recuou para o mato. Houve um barulho de folhagem sendo afastada e a estrada ficou deserta.

“Claro que voltaremos a nos encontrar”, pensou Sanders. Foi então que lhe surgiu uma dúvida: se queriam pressioná-lo, por que não o tinham feito?

O pensamento seguinte surgiu-lhe como um choque: Gail!

Sete

Ele caiu por duas vezes na estrada. Na primeira, ao fazer uma curva, sem conseguir ver mais do que dez metros à sua frente, virou a bicicleta por demais bruscamente. A roda traseira bateu em uma pedra pequena e derrapou. Sanders caiu sobre o cotovelo e o joelho, esfolando a pele. A segunda vez foi pouco antes da entrada para o Orange Grove. O motor estava acelerado ao máximo e ele ia muito depressa. A iluminação era escassa e ele não percebeu com antecedência que a estrada virava repentinamente para a esquerda. Continuou em frente, embrenhando-se pelo mato. Espinhos e galhos feriram-lhe o rosto e cortaram as suas roupas. Ao levantar a bicicleta e levá-la de volta à estrada, sentia-se excitado, quase histérico. Ligou o motor e retomou a jornada. Procurou acalmar-se, argumentando que, se algo tivesse acontecido a Gail, ele chegaria tarde demais para impedi-lo. Afinal, quase uma hora se passara desde o momento em que vira o homem na estrada. Mas, se ela estivesse ferida e à espera da ajuda dele? E se ela tivesse morrido?

Ele entrou no caminho do Orange Grove. Por entre as moitas, viu que havia luzes acesas em seu chalé. Largou a bicicleta e saiu correndo para a porta, notando que havia alguém no quarto. Logo parou, sentindo o sangue pulsar violentamente nas têmporas. As cortinas estavam parcialmente fechadas, mas deu para ele divisar Gail sentada na extremidade da cama de casal, os cabelos desgrenhados, a camisola torta. Ela olhava para algo no chão, um olhar fixo, como se estivesse hipnotizada.

Ele abriu a porta e viu Gail encolher-se, aterrorizada, os braços comprimidos de encontro aos seios. A seus pés, havia uma caixa de sapatos, cheia de papel de seda.

Ao reconhecer o marido, Gail deixou escapar um suspiro e começou a soluçar. Sanders ficou imóvel por um instante, fitando-a, aturdido. Depois fechou a porta e correu para ela.

Sentou-se na cama e abraçou-a. Gail tremia e os soluços faziam com que suas costas se levantassem.

— Gail...

Ela parecia ilesa. Não havia qualquer marca visível. Sanders imaginou que ela tivesse sido violentada. Fechou os olhos e visualizou três ou quatro pretos — e pensou especificamente no rapaz com a cicatriz no peito, Slake — segurando-a rudemente, enquanto a possuíam, um de cada vez. O pensamento deixou-o nauseado, completamente tonto. Ele se perguntou o que sentiria na

próxima vez em que tentassem fazer amor. Depois, a raiva substituiu a náusea e ele procurou pensar em como, onde e quando poderia conseguir um revólver.

— Procure acalmar-se, Gail. Está tudo bem agora. Conte-me o que aconteceu.

Ela assentiu.

— Eu estou... provavelmente... bancando a tola... — disse ela, tentando controlar os soluços convulsivos. •— Não foi... tão ruim... assim...

— O que eles fizeram?

Gail olhou-o e compreendeu o que ele estava pensando. Sorriu debilmente.

— Eles não me violentaram, David...

Sanders sentiu-se aliviado, mas quase que no mesmo instante lamentou haver perdido o motivo supremo para a vingança. Ainda queria matar os homens.

— E o que eles fizeram então?

— Que horas são, David?

— Meia-noite e quinze.

— Fui deitar-me às onze horas. Tranquei a porta e passei a corrente de segurança. Devo ter dormido quase que imediatamente. Não sei quanto tempo se havia passado quando ouvi alguém batendo na porta. Pensei que fosse você. Chamei o seu nome, mas uma voz disse que você tinha sofrido um acidente de bicicleta e que era um policial, encarregado de levar-me até o hospital. Abri a porta. E lá estavam os três.

— Reconheceu algum?

— Todos os três. Eram os que estavam com Cloche ontem. Um deles era o antigo garçom daqui, o que tem a cicatriz no peito.

— Slake...

— Foi ele quem me empurrou para dentro do chalé. Pôs a mão aqui... — Gail levou a mão em concha à boca, repetindo o gesto — ... e empurrou-me de volta à cama. Disse que cortaria a minha garganta, se eu fizesse algum barulho. E tenho certeza de que seria capaz.

— Também acho.

— Ele ficou com a mão na minha garganta e perguntou se íamos cooperar. Eu disse a ele... acho que eu estava meio aturdida...

— O que foi que disse?

— Eu estava apavorada e tinha certeza de que seria violentada de qualquer maneira. Por isso, eu disse: “Vá para o inferno!” Ele se limitou a rir e disse com aquele sotaque deles: “Tome cuidado, moça, ou você é que acabará indo”. Ele tornou a me perguntar o que decidíramos fazer e eu respondi que podia dizer a Cloche que não faríamos o que nos estava pedindo nem por dez milhões de dólares.

— Talvez fosse melhor você ter mentido.

— Eu não quis dar a eles essa satisfação.

— O que aconteceu em seguida?

— Um deles disse: “Vamos comê-la”. Eu tive certeza então de que ia ser violentada.

Gail estremeceu, encolhendo os ombros mais ainda.

— “Comê-la...” Oh, meu Deus, mas que expressão horrível! Slake continuou a segurar minha garganta com uma das mãos, enquanto com a outra me arrancava a camisola. Ele apertava minha garganta com tanta força que eu não podia olhar para baixo. Só podia avistar o teto. Senti duas mãos me arrancando a calcinha.

Ela parou de falar e recomeçou a chorar. Sanders viu a calcinha jogada num canto do quarto. O tecido estava enrolado em torno do elástico. Eles haviam puxado a calcinha violentamente, ao longo dos quadris e das coxas.

— Pensei que tivesse dito que eles não...

Ela pôs a mão no joelho de Sanders e sacudiu a cabeça, fungando e engolindo em seco.

— E não o fizeram, David. Um deles agarrou minhas pernas e abriu-as. Eu nunca me tinha sentido assim em toda a vida... desamparada, indefesa... Foi horrível!

— Mas eles não a machucaram?

— Não. A próxima coisa que senti foi como um dedo correndo por toda parte... lá por baixo.. . do umbigo para baixo... Acho que era um pincel.

— Um pincel?

— Veja.

Gail levantou a camisola até os quadris e deitou-se de costas na cama. Sanders entrou em pânico e teve que fazer um tremendo esforço para olhar. Recordava-se da ocasião, anos atrás, em que um médico amigo o convidara

para assistir a uma apendicectomia. Sanders usara uma máscara cirúrgica e a paciente, uma adolescente, pensara que ele fosse o médico. Deitada na mesa de operações, com suas partes íntimas raspadas e expostas, a moça suplicava a Sanders que fizesse a cicatriz o menor possível, a fim de que não aparecesse por cima do biquíni. Sanders descobrira-se fascinado, um pouco excitado (e envergonhado por causa disso). E no final, quando fora feita a primeira incisão, ele se sentira repugnado.

Percebendo a aflição dele, Gail disse:

— Não há nada, David. Pode olhar.

Havia seis manchas vermelhas no ventre dela, seis linhas grossas e irregulares, que se cruzavam: do púbis ao umbigo, de quadril a quadril, do púbis aos dois quadris, dos quadris ao umbigo. Parecia o desenho de uma pipa.

— O que é isso? — perguntou Sanders. — Tinta?

— Não. Creio que é sangue.

— Mas não o seu, não é?

— Não. O sangue de algum animal.

— E como sabe?

— Eu provei. Tem um gosto salgado, de sangue.

Gail voltou a sentar-se, baixando a camisola.

— Eles disseram alguma coisa?

— Nada. Eu também não falei. Estava apavorada... e não me atrevia a dizer qualquer coisa, enquanto eles não me estivessem machucando. Demoraram menos de um minuto. Quando terminou, Slake disse: “Agora, talvez vocês mudem de ideia”. Ele me largou, mas eu não me mexi. Um dos outros pôs então uma coisa em cima de minha barriga.

Gail apontou para a caixa de sapatos e acrescentou:

— Ele disse que era um presente de Cloche.

Sanders inclinou-se e levantou o papel de seda que cobria a caixa de sapatos.

— Oh, meu Deus! — murmurou ele.

— Não quero nunca mais ver isso novamente!

Gail levantou-se e foi para o banheiro. Sanders pôs a caixa de sapatos no colo e tirou a boneca que havia lá dentro. Era tosca, um pedaço de linho

com palha por dentro, mas o significado era claro: os cabelos na cabeça da boneca eram humanos, exatamente da cor dos cabelos de Gail. A cicatriz do apêndice de Gail estava costurada na barriga da boneca, à direita da lantejoula prateada que representava o umbigo. E havia seis traços vermelhos na barriga da boneca, no mesmo padrão que os homens haviam pintado na barriga de Gail. Só que os traços na boneca haviam sido feitos com uma faca e deles pendiam tufos de algodão, vermelhos e azuis, que caíam grotescamente pelas pernas.

Sanders não conseguia despregar os olhos da boneca. Sentia os dedos gelados, a boca ressequida. Nunca experimentara um medo assim. Achava que podia enfrentar as ameaças a si mesmo, mas aquilo estava além do seu controle. E ele não tinha a menor dúvida de que fora exatamente essa a intenção de Cloche, Ouviu água correndo no banheiro.

— É sangue — gritou Gail. — Está saindo com a maior facilidade.

— Acha que eles realmente iriam...

Sanders parou no meio da frase.

— Iriam o quê?

— Nada.

Sanders jogou a boneca para outro lado do quarto. Foi até o telefone. Quando a telefonista atendeu, ele disse:

— Ligue-me com a Pan American, por favor.

Gail saiu do banheiro. Os cabelos estavam penteados e ela segurou um copo de uísque.

— Isto deve ajudar. É...

Ela parou de falar ao ver Sanders ao telefone.

— Só? — disse ele ao telefone. — Está bem. Obrigado.

Ele desligou.

— O que estava fazendo, David?

— Tentando tirar-nos daqui o mais depressa possível. Mas os escritórios das companhias aéreas só abrem às nove horas da manhã.

— Está querendo que voltemos para casa?

— Exatamente.

— Mas ele nos seguirá!

— Pois que siga!

— Mas eu já estou bem, David.

Ela viu que a mão que segurava o copo de *scotch* estava trêmula e sorriu.

— Ou melhor, estarei bem daqui a pouco.

— Não creio que eles estejam apenas brincando, Gail. E tenho certeza de que também não é o que você pensa.

— Tem razão, David.

— Então, para que discutir? Não vale o risco, Gail. Não quero que haja a menor possibilidade de que alguém possa realmente estripá-la. Afinal, estamos aqui de férias, em lua-de-mel. Não viemos para as Bermudas para ser assassinados por um maníaco.

— Não é por nós dois que você está preocupado, não é? É só por mim, não é mesmo?

— Não...

— Você pensa que pode defender-se, não é mesmo, David?

Como ele nada dissesse, Gail continuou:

— Não se preocupe tanto comigo, David. Não podemos passar o resto das nossas vidas aterrorizados. Além disso, temos que impedir que Cloche se aposse daquelas drogas. Ele as usará para arruinar as vidas de uma porção de pessoas, para matar gente inocente. Cloche não dá a menor importância a isso. Mas eu dou! E vou fazer o que deveria ter feito desde o início: procurar o governo. Não há alternativa, David.

— Mas, para quê, Gail? Treece já nos disse que isso de nada adiantaria.

— É possível que não adiante, mas é o que devemos tentar.

A mão dela ainda estava tremendo, mas em seu rosto havia uma expressão determinada.

— Não foi você que eles jogaram em cima da cama, não foi seu ventre que pintaram. Vou ficar aqui, David, pelo menos até falar com as autoridades do governo.

Sanders desviou os olhos dela. Gail aproximou-se dele e tocou-lhe o rosto. Sanders abraçou-a e beijou-a na testa.

— O que vocês descobriram esta noite? — perguntou ela, a cabeça encostada no peito de Sanders.

— Mais ampolas. Caixas e mais caixas das malditas ampolas. Não resta a menor dúvida de que elas estão lá no fundo.

— E encontraram também algum objeto espanhol?

— Uma moeda de prata e um medalhão de ouro.

— E o que Treece disse a respeito?

— Ele acha que podem ser de outro navio. Que estaria por baixo do *Golias.*

Sanders relatou a sua conversa com Treece. E, à medida que ia falando, foi recuperando o entusiasmo que sentira no barco.

Observando-o, vendo o excitamento dele diante da perspectiva de um tesouro, a satisfação com que transmitia as informações recém-adquiridas sobre os navios espanhóis, Gail sentiu que começava a sorrir. Mas, pelo canto dos olhos, ela ainda podia ver a boneca, jogada a um canto.

Treece parecia cansado. Tinha os olhos vermelhos, e a pele por baixo estava inchada. Levou os Sanders até a cozinha, onde a cachorra estava enroscada a um canto, ao lado do fogão, a lamber de vez em quando o curativo no flanco. Sobre a mesa da cozinha, havia uma pilha arrumada de documentos, alguns velhos e amarelados, outros cópias fotostáticas.

Gail contou a Treece sobre a visita dos homens de Cloche e mostrou-lhe a boneca. Treece comentou:

— Ele está procurando intimidá-los, mostrar como é poderoso. Não pensem que ele hesitaria em matá-los. Muito pelo contrário. Mas, no momento, isso de nada lhe adiantaria. Só serviria para provocar uma tempestade e acabar de uma vez por todas com a possibilidade de vocês o ajudarem. Mas, se ele chegar à conclusão de que vocês não irão ajudá-lo em hipótese alguma, então tomem cuidado. O desgraçado é capaz de cortar-lhes a garganta com a mesma tranquilidade com que lhes apertaria as mãos.

— Quase que fomos embora — disse Sanders.

— Talvez ele não conseguisse atingi-los em Nova York.

— Talvez? Acha mesmo que ele estava falando sério quando disse que nos seguiria até Nova York?

— Ele não precisaria segui-los. Bastaria um telefonema. Ele é um patife vingativo e tem muitas relações. Seja como for, vocês sempre estariam mais seguros lá.

— Pois me parece que estamos mais seguros *aqui...* pelo menos enquanto ele pensar que poderemos ajudá-lo — disse Gail, virando-se em

seguida para Sanders. — Você tinha razão, David. Eu deveria ter mentido.

— Ao que parece, vocês ainda não tomaram uma decisão — disse Treece. — Antes de o fazerem, talvez queiram saber o que descobri ontem à noite. Ou, melhor dizendo, esta manhã. Acho que sei... Prestem atenção, eu disse *acho que sei*... qual é o navio que está por baixo do *Golias*.

— Descobriu quem era "E.F."? — perguntou Sanders.

— Não — respondeu Treece, apontando para os documentos em cima da mesa. — Isto é só o começo, mas já encontrei algumas pistas. Lembra-se de nossa conversa sobre aquela frota, de 1715?

— Claro.

— Pois a nossa história talvez tenha alguma relação com aquela frota. Ela era comandada por um general chamado Don Juan Esteban de Ubilla. Ele pretendia partir para a Espanha em fins de 1714, mas houve inúmeros adiamentos, como sempre acontece. Os navios procedentes do Extremo Oriente se atrasaram. Eram os galeões de Manila, trazendo porcelanas K'ang Hsi, marfim, jade, sedas, especiarias, mercadorias as mais diversas. Ubilla esperou em Vera Cruz, por mais de um ano, que os galeões chegassem e a carga fosse transportada através da selva e embarcada em seus próprios navios. Partiu para Havana, onde todas as frotas costumavam concentrar-se, para os preparativos finais para a travessia do oceano. Em Havana, houve novos atrasos, reparações de navios, embarques de cargas, preparação de manifestos. O início da primavera de 1715 chegou e passou, a primavera terminou. Começou o verão. Já estavam em meados de julho. Ubilla devia estar desesperado.

— Por quê? — perguntou Gail.

— Por causa dos furacões. Segundo um ditado nativo, "junho é muito cedo, em julho tome cuidado, agosto é quando eles aparecem, em setembro não se esqueça, outubro tudo acabou". Um furacão era a pior coisa que podia acontecer a uma daquelas frotas. Os navios eram grandes e sem a menor mobilidade. Não podiam virar mais do que noventa graus, ao vento. Assim, quando o vento soprava forte, ficavam praticamente impotentes. E estavam sempre sobrecarregados, os cascos bichados e podres. Faziam água o dia inteiro, todos os dias.

Treece fez uma pausa, folheando os documentos sobre a mesa.

— Enquanto Ubilla esperava em Havana, foi procurado por um homem chamado Daré, capitão de um navio que fora antes francês mas que navegava

então sob a bandeira espanhola e tinha inclusive um nome espanhol, *El Grifón*. Daré queria se juntar à frota de Ubilla e tinha uma boa razão para isso. Seu manifesto declarava uma carga de mais de cinquenta mil dólares em ouro e prata. Se ele navegasse sozinho, não teria a menor possibilidade de passar pelos estreitos da Flórida. Seria certamente capturado pelos piratas da Jamaica, que tinham espiões em toda parte e saberiam exatamente quando ele zarpara de Havana. Mas Ubilla disse que não. Estava nervoso por causa dos atrasos e do tempo e não queria a dor de cabeça de ter que tomar conta de mais um navio. Dez navios já era mais do que suficiente para controlar. Daré insistiu. Insinuou que havia algo muito especial em sua carga, que não constava do manifesto. Mas Ubilla não se deixou demover.

— Descobriu tudo isso nesses documentos? — perguntou Gail, apontando para os papéis em cima da mesa.

— Quase tudo. Todos escreviam diários naquele tempo e os burocratas espanhóis eram fanaticamente minuciosos em seus registros, geralmente para se protegerem a si mesmos. Mas voltemos à história. Em circunstâncias normais, a palavra de Ubilla teria sido lei. Ele era o responsável pela frota e competia-lhe determinar quem podia ou não acompanhá-lo. Mas, evidentemente, havia algo mais com relação ao *Grifón* do que Daré estava disposto a dizer. Ele passou por cima de Ubilla e foi procurar o mais alto representante do rei em Havana. Imediatamente, Ubilla recebeu ordens para permitir que o *Grifón* se juntasse à sua frota. Assim, ele ficou com onze navios sob o seu comando.

Sanders interrompeu-o:

— Mas você disse ontem à noite que havia dez navios na frota e que todos afundaram ao largo da Flórida.

— Era o que eu pensava. E é o que todo mundo pensa.

Treece levantou um pedaço de papel.

— Aqui está o manifesto de Ubilla. Relaciona dez navios e toda a carga que transportavam. O que deve ter acontecido é que Ubilla já fizera o seu manifesto, concluíra todo o trabalho burocrático, e estava então ansioso por partir. Se tivesse obedecido aos regulamentos e apresentasse o seu manifesto para revisão, para ser acrescentado o décimo primeiro, aquele cuja presença ele não desejava, os malditos burocratas iriam obrigá-lo a ficar em Havana pelo menos por mais um mês. Eles faziam questão de relacionar até o último tostão que seguia com uma frota. A partida da frota seria assim retardada até

o meio da estação dos furacões.

— E como foi que descobriu a existência do *Grifón?* — perguntou Gail.

Treece folheou a pilha de documentos e separou um pedaço de papel amarelado, rasgado nas beiras. Empurrou-o por cima da mesa na direção de Gail.

— Não se dê ao trabalho de ler. Está escrito em espanhol antigo e o camarada escrevia muito mal. É o relato de um dos sobreviventes da frota de 1715. A quatro linhas do final, aparece a palavra *"once"*, o número 11. Devo ter lido esse documento antes umas cem vezes e nunca reparei nisso. Ele diz que havia onze navios na frota.

Treece pôs-se a rebuscar na pilha de documentos, enquanto continuava a falar:

— A partir do momento em que encontrei essa pista, não foi difícil encontrar a confirmação. O lacaio do rei em Havana mantinha um diário meticuloso e registrou a partida do *Grifón* com Ubilla. Passei a metade da noite lendo o diário dele. O desgraçado escrevia num estilo muito empolado e tive que aguentar uma porção de asneiras, até descobrir o que estava procurando. Quando Ubilla recebeu a ordem de permitir que o *Grifón* se agregasse à sua frota, ele aparentemente disse a Daré que só se aproximasse algumas horas depois da partida. Ubilla queria assim evitar que os burocratas soubessem que o *Grifón* acompanharia a frota, pois iriam obrigá-lo a esperar, para revisar-lhe o manifesto.

Treece tossiu, levantou-se e, sem perguntar, encheu três copos de rum. Voltou a sentar-se e continuou:

— A frota de dez, mais um, partiu de Havana numa quarta-feira, 24 de julho de 1715. Levava dois mil homens e, oficialmente, um tesouro no valor de catorze milhões de dólares. O valor real devia ser acima de trinta milhões de dólares. O tempo permaneceu ótimo durante cinco dias. Era de se esperar que, a essa altura, eles já estivessem em mar aberto. Mas aquelas banheiras não conseguiam desenvolver mais do que sete nós e mal haviam alcançado a Flórida, em algum ponto entre os lugares onde hoje estão Sebastian e Vero Beach. Eles não tinham meios de saber, é claro, mas depois que haviam partido de Havana um furacão começara a soprar do sul, aproximando-se cada vez mais deles.

"O furacão alcançou-os ao final do sexto dia, uma noite de segunda-feira. Às duas horas da madrugada, o furacão se abateu sobre a frota com toda

a fúria, em ondas de doze e quinze metros, com ventos de cento e cinquenta quilômetros horários, soprando de leste e impelindo-os para oeste, na direção dos recifes. Ubilla foi fazendo uma correção do curso depois da outra e a maioria dos navios tentou segui-lo. Mas era uma luta inútil. Daré deve ter sido o único que, conscientemente, desobedeceu. Talvez ele não confiasse em Ubilla, talvez fosse simplesmente um excelente marujo. Seja como for, ele manteve o *Grifó*n meio ponto mais a nordeste do que os outros navios. E o *Grifón* foi o único navio que sobreviveu ao furacão."

— E ele continuou a viagem sozinho? — perguntou Sanders.

— Não. Voltou para Havana. Daré ainda estava preocupado com os piratas. Ou então seu navio sofrerá avarias durante o furacão e ele não se atrevia a efetuar a travessia do oceano sem os reparos necessários.

Treece fez uma pausa, sorrindo maliciosamente.

— A partir desse momento, as coisas se complicam. Não há nenhum registro sobre o que aconteceu a Daré e ao *Grifón* depois do retorno a Havana. Oficialmente, Daré desapareceu, assim como seu navio.

— Ele talvez tenha tentado, posteriormente, fazer a travessia do oceano sozinho — disse Sanders.

— É possível. Ou talvez tenha ficado quieto por algum tempo, mudando em seguida o nome do navio e juntando-se a outra frota.

— E por que ele haveria de fazer isso? — perguntou Gail.

— Há várias razões. Mas quero fazer uma advertência: tudo o que eu lhes disse até agora está baseado nos documentos que encontrei. Daqui por diante, é pura especulação.

Ele fez nova pausa, tomando um gole de rum.

— Sabemos que Daré estava transportando uma carga que valia muito mais do que ia declarado em seu manifesto. Caso contrário, o representante do rei jamais o teria impingido a Ubilla. Provavelmente, só duas pessoas sabiam o que Daré levava em seu navio: o próprio Daré e o representante do rei em Cuba. Suponhamos que Daré tenha voltado para Havana, informando às autoridades que a frota naufragara. Suponhamos também que ele tenha procurado o representante do rei e que os dois tenham feito um acordo. Em troca de uma parte da carga de Daré, qualquer que ela fosse, o representante do rei informaria que o *Grifón* se perdera com o resto da frota. Daré teria então disfarçado o seu navio e zarpado novamente, com uma carga que não mais estaria onerada por impostos. Ele poderia ficar com tudo o que estivesse

a bordo, pois todos pensavam que seu navio afundara.

— Há muitos “suponhamos” na história — disse Sanders.

— Tem razão. Mas eu lhes disse antes que ainda não sei de nada, que estou apenas especulando. O único indício aceitável que temos é o tempo. Por exemplo: as datas nas moedas coincidem com a minha história. Quase todos os outros indícios são negativos. Ninguém jamais tornou a ouvir falar em Daré e no *Grifón*. Não há qualquer registro de algum navio naufragado por estas bandas naquele período. E não consegui encontrar nenhum candidato provável à propriedade das peças com as iniciais “E.F.”. O que significa que faziam parte de uma carga secreta ou, pelo menos, não registrada.

— Mas as Bermudas são apenas um pequeno grupo de ilhas — disse Sanders. — O *Grifón* poderia ter afundado em qualquer outro lugar. Na Flórida, nas Bahamas.

— É possível, mas não provável. Talvez ele tenha afundado em alto-mar, mas isto era um acontecimento raro. Sabemos que Daré era um bom marujo. Ele não voltaria a se aproximar da Flórida, em plena estação dos furacões. E o canal das Bahamas tinha sido abandonado muito antes dessa época, considerado por demais perigoso. Se ele afundou... e não se esqueçam de que estou dizendo *se*... quase que certamente foi aqui.

— Mas por que ele viria até aqui?

— Como poderão verificar, se se derem ao trabalho, Daré não tinha alternativa. A rota para o Novo Mundo era pelo sul. Os navios desciam pela costa da Espanha, seguiam para os Açores e depois atravessavam o oceano, aproveitando os ventos que sopravam de leste. A rota de volta à Espanha era pelo norte, subindo ao longo da costa dos Estados Unidos e depois virando para leste. Naquele tempo, a navegação era em grande parte visual. Não havia instrumentos apropriados para determinar a longitude e, por isso, os navios utilizavam as Bermudas como um marco para saberem quando virar para leste. Há mais de trezentos navios naufragados em torno destas ilhas. Não foi por mera coincidência que isso aconteceu.

— E quais as possibilidades de içarmos o *Grifón?* — perguntou Gail.

— Içar o navio? Não há a menor possibilidade. Não resta mais nada do *Grifón*. Só é possível recuperarmos o que havia dentro dele.

— Mas ninguém sabe o que era!

— Tem razão. Mas agora já estamos um passo além de simples sonhos. Sabemos que há alguma coisa lá embaixo!

Treece parecia feliz, muito excitado.

— Foram vocês os primeiros a descobrirem-no. Não tinham a menor ideia de que haviam deparado com algo que poderia ser importante e continuariam a não ter, se eu não tivesse contado. Mas isto não altera os fatos. É por esta razão que eu não gostaria de que se fossem embora agora, para depois ficarem desesperados se eu encontrar alguma coisa. Metade do que existe lá no fundo, seja muito ou seja pouco, pertence a vocês.

Sanders sentiu-se grato pelas palavras de Treece e já ia dizê-lo, quando Gail falou primeiro:

— Quero que saiba de uma coisa: vou procurar o governo e informar a existência das drogas.

— Oh, meu Deus! — disse Treece, dando um murro em cima da mesa. — Não seja estúpida. O governo não vai tomar a menor providência!

Sanders ficou espantado com a súbita veemência de Treece, sem saber se a raiva dele era decorrente de irritação pela mudança de assunto, pela quebra do entusiasmo ou por um desprezo genuíno pelo governo. Treece olhava furioso para Gail e Sanders desejou saber como poderia ajudá-la.

Mas Gail não parecia estar precisando de ajuda. Ela sustentou o olhar de Treece e disse calmamente:

— Lamento muito se isso o deixa irritado, Sr. Treece. Mas não somos bermudenses. Estamos aqui como turistas, hóspedes de seu governo. Não sei o que tem contra o governo. Mas de uma coisa tenho certeza: eu e David temos que contar às autoridades sobre as drogas!

— Menina, posso pegar aquelas drogas e é o que pretendo fazer. Não quero que Cloche se aposse delas, tanto quanto você. Não sinto a menor simpatia por aquele desgraçado nojento. E já vi muitas vezes o que as drogas podem fazer a pessoas inocentes.

A expressão de Gail não se alterou. Treece levantou-se.

— Está bem, vá contar a eles! Aprenda por si mesma a lição!

Sanders sentiu que aquela era a deixa para irem embora. Mas ainda perguntou:

— O que vai fazer agora?

— Exatamente o que lhe disse antes, sem mudar nada. Vou solicitar uma licença para procurar o navio espanhol.

— E que nome irá dar ao navio?

— Apenas direi que é um navio espanhol. Os filhos da mãe não precisam saber mais do que isso.

Eles pediram que o almoço fosse enviado para o chalé. Enquanto esperavam, Gail examinou a lista telefônica das Bermudas. Os telefones dos diversos departamentos e agências do governo ocupavam quase uma página inteira.

— Nem mesmo sei o que devo procurar — comentou Gail. — Não há nada aqui que se assemelhe a um serviço de repressão a narcóticos.

— Os narcóticos provavelmente estão sob a jurisdição da polícia, que é exatamente o que não devemos procurar.

Sanders fez uma pausa, antes de acrescentar:

— Não consigo imaginar... O que será que Treece tem contra o governo?

— Não sei. Mas deve haver algum problema grave. Talvez seja o que o chefe da portaria nos contou: os naturais da ilha de Saint David não se consideram bermudenses.

— Parece algo mais do que isso. Ele ficou furioso.

— O que me diz da alfândega?

— Como?

— A alfândega.

— Ninguém está tentando contrabandear coisa alguma para dentro das Bermudas.

— Não. Mas Cloche vai tentar contrabandear os narcóticos para fora das Bermudas.

Gail pediu à telefonista do hotel para ligá-la com a alfândega. Quando atenderam, ela disse:

— Por gentileza, eu gostaria de marcar um encontro para conversar com alguém.

— Posso perguntar-lhe qual é o assunto?

— É...

Gail censurou-se mentalmente por não ter preparado uma resposta apropriada.

— E sobre... contrabando.

— Entendo. Algo está sendo contrabandeado?

— Não exatamente. Ainda não. Mas será.

A voz tornou-se cética:

— Exatamente o que será contrabandeado? E quando?

— Eu preferia não dizer ao telefone. Há alguém aí com quem eu possa avistar-me?

— Posso perguntar quem está telefonando?

— Claro.

Gail já ia dizer seu nome, quando se recordou do que Treece dissera a respeito de Cloche: ele tinha amigos nos lugares mais estranhos. Rapidamente, ela procurou determinar se a voz do outro lado do fio pertencia ou não a uma mulher preta.

— Eu... eu preferia não dizer.

A voz tornou-se obviamente impaciente.

— Está certo, senhora. Posso perguntar-lhe se é uma residente das Bermudas?

— Não, não sou.

— Então sugiro que entre em contato com o Departamento de Turismo.

Houve um estalido quando o telefone foi desligado. Correndo o dedo pela lista de repartições do governo, Gail murmurou:

— Minha primeira tentativa foi um sucesso e tanto... Eu deveria ter perguntado a Treece a quem procurar.

— Não creio que ele fosse dizer-lhe, Gail.

Ela ligou para mais duas repartições governamentais. Mas, como se recusasse a entrar em detalhes pelo telefone, mandaram que procurasse o Departamento de Turismo. Finalmente, ela telefonou para o Departamento de Turismo e pediu para falar com o diretor.

— Por gentileza, poderia informar qual é o assunto? — perguntou a mulher que atendeu.

— Meu marido e eu estamos aqui em lua-de-mel e tivemos uma terrível experiência. Gostaríamos de conversar a respeito com o diretor.

— Essa terrível experiência está relacionada com dinheiro?

— Como?

— Dinheiro. Por acaso ficaram sem recursos?

— É claro que não. Por quê?

— Lamento muito, mas é que tenho ordens para fazer essa pergunta. Recebemos muitos telefonemas desse tipo.

— Não se trata disso.

— Um momento, por favor.

Um instante depois, a mulher voltou a falar ao telefone:

— Quatro horas está bom?

— Está ótimo.

— Poderia informar-me seu nome, por gentileza?

— Nós diremos quando chegarmos aí. Obrigada.

Eles seguiram nas bicicletas a motor pela South Road, na direção de Hamilton. A hora do *rush* ainda não começara. Mesmo assim, o tráfego que saía de Hamilton era muito mais intenso do que o que se dirigia para a cidade. Homens de negócios, em meias até os joelhos, *shorts,* camisas de mangas curtas e gravatas, passavam tranquilamente em suas motocicletas de cento e vinte e cinco cilindradas, as pastas amarradas atrás. Mulheres que haviam terminado as compras do dia carregavam os filhos nos pára-lamas traseiros de suas bicicletas a motor. De ambos os lados das rodas traseiras pendiam cestas de vime, cheias de compras.

O Departamento de Turismo dividia com a Agência de Notícias das Bermudas o segundo andar de um prédio cor-de-rosa na Front Street, de frente para o porto de Hamilton. O navio de cruzeiro *Se a Venture* estava atracado no cais da Front Street. Um amontoado de turistas paralisava o tráfego quase que por completo. Os Sanders pararam suas bicicletas entre dois carros, no lado esquerdo da rua, prenderam as rodas da frente com um cadeado e ficaram esperando por uma brecha no tráfego para atravessarem.

— Será... — murmurou Gail.

— Será o quê?

— Sinto vergonha de dizer, David, mas é o que estou pensando. E se esse com quem nos vamos encontrar for preto?

— Eu compreendo, Gail. Também já tinha pensado nisso.

— Sinto que estou me tornando uma paranóica racial. Cada vez que vejo um preto, fico convencida de que foi Cloche quem o mandou, para agarrar-me.

A recepcionista era uma preta jovem e bonita. Ao chegarem à mesa

dela, Gail disse:

— Sou a pessoa que telefonou marcando um encontro.

Ela olhou para um relógio na parede. Eram quatro e dez.

— Lamento o atraso, mas é que o tráfego estava horrível.

— Poderia informar o nome... agora?

— Claro. Sr. e Sra. Sanders.

— Infelizmente, o diretor não poderá recebê-los. Há uma convenção de agentes de viagem no Princess e ele passou o dia inteiro metido em sucessivas reuniões. Marquei a reunião com o assistente dele. Acompanhem-me, por favor.

Ela foi até a porta aberta no fundo de sua sala e disse:

— Sr. e Sra. Sanders.

Fez um sinal para que os Sanders entrassem e acrescentou:

— Sr. Hall.

O homem levantou-se para apertar as mãos dos visitantes. Era branco, em torno dos quarenta anos, esguio e bronzeado.

— Mason Hall... Entrem, por gentileza.

Sanders fechou a porta e ele e Gail foram sentar-se em cadeiras de frente para a escrivaninha. Hall sorriu e perguntou:

— Em que posso ajudá-los?

O sotaque era da costa leste americana. Sanders disse:

— O que sabe a respeito de um navio que naufragou diante do Orange Grove, o *Golias?*

Hall pensou por um momento.

— *Golias*... Naufragou em meados da década de 40, não? Se não estou enganado, era um navio britânico.

Eles contaram toda a história a Hall, eliminando apenas os detalhes sobre o ataque a Gail e as suspeitas de Treece sobre a existência de um navio espanhol. Ao terminarem, Gail olhou para David e disse:

— Treece foi contra procurarmos o governo.

— Isso não me surpreende — disse Hall. — Ele já teve alguns atritos com o governo.

— De que tipo? — perguntou Sanders.

— Nada sério. E foi há muito tempo atrás. Seja como for, fico contente

por terem vindo. Mesmo que nada mais aconteça, já tiveram uma cota mais que suficiente de aborrecimentos. Lamento profundamente tudo o que aconteceu e tenho certeza de que o diretor haveria de querer que eu apresentasse também as desculpas pessoais dele.

— Sr. Hall, é muita gentileza de sua parte — disse Sanders. — Mas não viemos até aqui para ouvir pedidos de desculpas.

— Mas é claro que não.

— O que vai fazer?

— Conversarei com o diretor esta noite. Tenho certeza de que o diretor vai querer conferenciar com o ministro, assim que ele voltar.

— E onde o ministro está agora?

— Na Jamaica... numa conferência regional. Mas estará de volta dentro de poucos dias. Até lá, vamos entrar em contato com a polícia e ver se eles sabem alguma coisa a respeito desse tal de Cloche.

— Mas eu lhe disse que Cloche declarou que tem muitos amigos na polícia! E tenho certeza de que ele não estava mentindo.

— Agiremos com o máximo de discrição. Eu lhes telefonarei, assim que souber de alguma coisa.

Hall levantou-se.

— Quero novamente agradecer-lhes por terem vindo. Quanto tempo ainda pretendem demorar-se nas Bermudas?

— Por quê?

— Se isso os deixar mais tranquilos, posso designar um guarda para protegê-los.

— Não, obrigado. Tenho certeza de que não será necessário.

Os Sanders apertaram a mão de Hall e se retiraram. Foram caminhando pela Front Street. A calçada estava apinhada de turistas do *Sea Venture*, espiando as vitrinas, admirando os linhos da Irlanda, caxemira da Escócia e perfumes da França, e calculando a economia que poderiam fazer se comprassem as bebidas anunciadas como isentas de direitos alfandegários.

— Acha que ele acreditou em nós, David?

— Creio que sim. Mas creio também que, se formos esperar que ele tome alguma providência, morreremos de velhice antes que isso aconteça.

Algumas portas adiante, Sanders avistou a agência de passagens da Pan American. Ao passarem diante da porta, ele tocou no braço de Gail e apontou.

Ela parou e olhou para as letras imensas, “Pan Am”, pintadas na vitrina.

— Estamos perdidos se voltarmos e perdidos se não voltarmos. Não sei se eu conseguiria suportar a pressão lá em Nova York, David, sempre pensando na ameaça, desconfiada de tudo. E se... ?

Sanders olhou para a vitrina por mais alguns segundos, dizendo em seguida:

— Vamos falar com Treece.

— Não vou falar no clássico “eu não disse?” Afinal de contas, os tolos têm primeiro que se queimar, antes de admitirem que há um incêndio.

— Registrou o navio espanhol? — perguntou Sanders a Treece.

— Registrei. Não falaram nada ao Sr. Hall sobre isso, não é?

— Não.

— Ele se mostrou bastante... reservado, com relação a você — comentou Gail.

— Reservado? — repetiu Treece, soltando uma risada. — Essa não é a palavra certa. Os burocratas simplesmente não conseguem entender-me. Tudo o que eles entendem é merda e política, o que é a mesma coisa.

— Acha que eles vão fazer alguma coisa?

— Talvez façam, lá por volta do final do século.

Treece sacudiu a cabeça, como que a afastar dela qualquer pensamento sobre o governo.

— Agora que vocês têm a metade do que talvez seja nada, já decidiram o que vão fazer?

— Vamos ficar — disse Gail. — Não nos resta alternativa.

— Pensaram nos riscos?

— Pensamos — disse Sanders.

— Está certo. Neste caso, vamos fixar algumas regras. A partir deste momento, vocês devem fazer o que eu lhes disser. Podem contestar qualquer coisa, mas só quando houver tempo para isso. Quando não houver, você fazem primeiro e perguntam depois.

Gail olhou para David e murmurou:

— O líder do bando...

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou Treece.

— É pura bobagem. Quando estávamos mergulhando, David ficou

zangado comigo porque não lhe obedeci.

— E ele tinha toda a razão em ficar. Talvez cheguemos ao final de tudo sem maiores contratempos. Mas podem surgir ocasiões em que tudo dependerá da rapidez com que vocês reagirem às minhas ordens. Toda vez que se sentirem tentados a não me obedecer, quero que se lembrem de uma coisa: na primeira recusa, eu os expulsarei daqui. Não quero ter a morte de vocês dois na minha consciência.

— Não estamos dispostos a brigar com você — disse Sanders.

Treece sorriu.

— Ótimo. E agora vamos à primeira decisão. Voltem para o Orange Grove, devolvam as bicicletas, arrumem suas coisas, paguem a conta e peguem um táxi para voltar até aqui.

— Mas, por quê?

— Estão vendo? Já estão começando a discutir comigo. Se vamos entrar na briga, quero ter vocês num lugar em que possa vigiá-los e longe das vistas dos homens de Cloche. Lá no hotel vocês estarão praticamente indefesos.

— Mas... — objetou Gail. — Aqui é sua...

— Minha casa talvez não tenha todos os confortos de um bangalô de cem dólares por dia, mas dá perfeitamente para se acomodarem. E não terão que se preocupar com a possibilidade de algum valente vir jogar bonecas de vodu na cama de vocês.

Oito

Depois que o táxi partiu, deixando os Sanders e suas malas diante da casa de Treece, Gail disse:

Será que vamos dormir na cozinha?

— Por que pergunta isso?

— É a única peça da casa em que já estivemos. Ele nunca nos deixou entrar pela porta da frente.

A porta de tela se abriu e a cadela veio correndo na direção deles. Parou do lado de dentro do portão, abanando a cauda e ganindo. Treece apareceu na porta.

— Está tudo bem, Charlotte.

O animal recuou alguns passos e sentou-se.

— Precisam de ajuda?

— Podemos nos arranjar sozinhos.

Sanders abriu o portão, levantou as malas grandes e seguiu pelo caminho até a porta. Gail foi atrás, com um tanque de ar em cada ombro.

— Você não é de brincadeira — disse Treece para ela. — Esses tanques não são nada leves.

Ele manteve a porta de tela aberta para que Gail e David entrassem na casa. A porta dava para um vestíbulo estreito. Não havia tapete no chão, que era de pranchas largas de cedro, envernizadas. Um velho mapa espanhol das Bermudas, com o pergaminho rachado e amarelado, metido numa moldura, estava pendurado na parede. Por baixo do mapa havia um armário de mogno, com as portas de vidro, repleto de garrafas antigas, balas de mosquete, moedas de prata e fivelas de sapato.

— Por ali — disse Treece, apontando para uma porta na extremidade do vestíbulo. — Agora, passe-me esses tanques. Eles estão vazios ou cheios?

— Vazios — respondeu Gail.

— Vou enchê-los no compressor.

— Você possui o seu próprio compressor? — perguntou Sanders.

— Claro. Não posso ficar indo até Hamilton toda vez que preciso encher um tanque.

Gail e David entraram no quarto. Era pequeno, quase que totalmente tomado por uma arca de gavetas e uma imensa cama de casal. A cama tinha

pelo menos dois metros quadrados e era obviamente de fabricação doméstica, formada por pranchas de cedro pregadas, sobre as quais fora passado um óleo, que lhes proporcionava um brilho excepcional.

— Este é o quarto dele — sussurrou Gail.

— Parece que é mesmo. O que acha que estava ali?

Sanders apontou para um ponto na parede, acima da cama.

Uma gravura ou fotografia estivera pendurada ali até recentemente. Um retângulo branco mais limpo destacava-se claramente na parede de um branco mais envelhecido. Ouviram os passos de Treece no vestíbulo. Sanders largou as malas no chão, ao lado da cama.

— Não podemos ficar com o seu quarto — disse Gail para Treece, que havia parado na porta. — Onde é que você vai dormir?

— Lá — disse Treece, sacudindo a cabeça na direção da sala de visitas. — Tenho um sofá grande o suficiente para monstros como eu.

— Mas...

— É melhor eu dormir lá. Tenho um sono muito irrequieto. Além disso, já me disseram que ronco como um urso pardo.

Ele levou-os para a cozinha. Ao passarem pela sala de visitas Gail chegou à conclusão de que uma mulher vivera na casa e a decorara, embora não pudesse determinar se isso era recente. A maior parte da decoração refletia as predileções de Treece: lanternas de navios suspensas por argolas, invólucros de latão de granadas antigas, velhas armas, mapas e pilhas de livros. Mas havia toques femininos, como um tapete bordado e um pano estampado, cheio de flores e de cores alegres, revestindo o sofá e as cadeiras.

Os quadros nas paredes eram quase todos de cenas do mar. Havia dois lugares vazios, dos quais os quadros haviam sido removidos.

Na cozinha, Treece disse:

— Acho melhor eu ir logo lhes mostrando onde estão as coisas.

Abriu um armário cheio de garrafas de bebidas:

— Sirvam-se do que preferirem. Eu vou tomar um rum. Já está na hora.

Enquanto Sanders preparava os drinques, Treece mostrou os outros armários da cozinha a Gail.

— Não podemos contribuir com alguma coisa? — perguntou Gail.

— Quando for necessário. A comida não representa muita coisa — disse Treece, sorrindo. — Já foram convidados para algumas dessas festas em que

se passam alguns dias na casa do anfitrião?

— Já. Diga-me o que vai querer para o jantar e eu começarei a preparar.

— Não há problema para o jantar. Eu mesmo cuidarei disso.

Treece pegou o copo de rum que Sanders lhe estendia e acrescentou:

— Vamos começar amanhã. Iremos buscar Adam na praia.

— Coffin? — disse Sanders. — Ele vai mergulhar também?

— Vai. Tentei fazê-lo mudar de ideia, mas ele fincou pé. Ainda pensa que o navio lhe pertence e está ansioso por dar um jeito em Cloche.

— E ele ainda está em boas condições?

— Excelentes. Além do mais, é outro par de mãos a nos ajudar e iremos precisar de toda a ajuda que pudermos obter. Teremos que trabalhar o mais depressa possível, pois Cloche logo descobrirá o que estamos fazendo e as coisas então ficarão difíceis. Há outra coisa em relação a Adam: ele tem um zíper na boca. Depois que ele fecha a boca, ninguém consegue abri-la. Adam aprendeu a lição com aquela primeira surra que tomou.

— Depois que tivermos recuperado as drogas, o que irá fazer com elas? — perguntou Gail. — Destruí-las?

— Exatamente. Mas não antes de termos recuperado até a última ampola. Se começarmos a destruir as ampolas à medida que as recuperarmos e Cloche descobrir, estaremos liquidados. Não haveria razão para que ele não nos matasse imediatamente. E o mesmo acontecerá se começarmos a entregar as ampolas ao governo, à medida que as recuperarmos. Cloche preferiria destruir inteiramente seu plano e matar-nos sumariamente. Mas, se formos guardando as ampolas... A única maneira que temos de manter a saúde é fazer com que Cloche continue a acalentar esperanças, deixando-o pensar que estamos fazendo todo o trabalho para ele e guardando as ampolas. Assim, ele ficará esperando até que as tenhamos reunido todas, para então tentar arrancá-las de nós.

Sanders percebeu que Gail o fitava com uma expressão interrogativa. A princípio, não compreendeu o motivo. Mas depois descobriu subitamente: ele estivera sorrindo enquanto Treece falava, um sorriso inconsciente, que denunciava o estranho excitamento que o dominava. Ele já o experimentara antes e se recordava nitidamente. Fora na primeira vez em que saltara de pára-quedas. Fora uma mistura de sentimentos. O medo fizera com que os braços e dedos formigassem, o pescoço e as orelhas ardessem de tão quentes.

O excitamento fizera-o respirar muito depressa, deixando-o quase delirante. A expectativa (provavelmente da emoção de poder dizer posteriormente que saltara de um avião em voo) fizera-o sorrir. O fato de ele ter torcido o tornozelo no salto, e nunca mais ter voltado a pular de pára-quedas, não diminuía absolutamente o seu regozijo.

Gail franziu o rosto e ele fez um esforço para parar de sorrir. Ouviram uma batida de leve na porta da cozinha.

Treece levantou-se e disse:

— Deve ser o jantar.

Ele abriu a porta e pegou um embrulho de jornal que estava na grade do alpendre.

— Jantar? — disse Gail.

— Exatamente.

Treece colocou o embrulho em cima da pia e abriu-o. Lá dentro, ainda úmida e brilhando, estava uma barracuda de mais de meio metro.

— Está uma beleza — disse ele.

Gail olhou para o peixe. Recordando-se da barracuda que vira patrulhando os recifes e que a olhara com uma ameaça nos olhos, sentiu embrulhar-se-lhe o estômago.

— Costuma comer essas coisas?

— E por que não?

— Pensei que as barracudas fossem venenosas — comentou Sanders.

— Está falando da ciguatera?

— O que é isso?

— Uma neurotoxina. Ninguém sabe muita coisa a respeito, exceto que pode deixar uma pessoa terrivelmente doente e de vez em quando liquidar com alguém.

— E encontra-se isso nas barracudas?

— Em algumas. Mas também se pode encontrar em trezentas outras espécies de peixes. Nas Bahamas, costumam jogar uma moeda de prata na panela, quando estão cozinhando uma barracuda. Se a moeda ficar preta, dizem que o peixe é venenoso. Mas aqui, na civilização, temos um teste muito mais científico.

Ele pegou o peixe, estendeu o braço direito e comparou o tamanho de

ambos.

— Nós temos um diagnóstico: se a barracuda for maior do que o nosso braço, então é porque nos irá fazer mal. Eu tenho a mão inteira a mais do que esta barracuda. Portanto, não há o menor perigo.

— Folgo em sabê-lo — disse Gail.

— Não é um método tão estúpido quanto parece, menina. A ciguatoxina é mais comum nos peixes maiores. E quanto maior é o peixe mais ele absorve a toxina. Calculamos que, com um peixe deste tamanho, mesmo que contenha a ciguatoxina, nada de pior poderia acontecer a quem o comer, além de uma dor de barriga.

Treece abriu uma gaveta e tirou uma faca comprida e uma pedra de amolar.

— Não deixem de comer por causa disso.

Ele cuspiu na pedra e esfregou a lâmina fina na poça de saliva.

— Há quarenta anos que venho comendo esses peixes e nunca me aconteceu nada.

Com movimentos rápidos e firmes, começou a remover as escamas da barracuda. Ás escamas prateadas eram arrancadas pela faca afiada e flutuavam até o chão.

— De onde é que ela veio? — perguntou Sanders.

— Deve ter sido lá dos recifes.

— Não é isso. Estou perguntando como ela chegou até aqui. Nunca ouvi falar de um peixe que se enrolasse num jornal e fosse colocar-se à porta de uma casa.

Sanders soltou uma risada de sua própria piada.

— Alguém o trouxe para mim. Eles costumam fazer isso. Uma pessoa apanha alguns peixes, mais do que necessita, e então traz um para mim.

— Foi sobre isso que nos falou antes? — perguntou Gail.

— São esses os cuidados com o guarda do farol?

— Não chegar a ser exatamente isso.

Treece virou a barracuda e começou a escamar o outro lado.

— Nós tomamos conta uns dos outros. Se uma mãe fica doente, as vizinhas tomam conta das crianças, E como...

Ele pareceu hesitar por um momento.

— Eles sabem que não tenho tempo para ir pescar e sou obrigado a cozinhar para mim mesmo. Por isso, sempre me trazem alguma coisa.

Com dois golpes firmes, Treece cortou a cabeça e o rabo da barracuda. Jogou o rabo na lata de lixo e perguntou:

— Vão querer a cabeça?

David e Gail disseram que não contemplando, com uma repugnância visível, a cabeça da barracuda, empalada pelo olho na ponta da faca de Treece.

— Não é tão ruim assim, quando não se tem mais nada para comer — disse Treece, jogando a cabeça na lata de lixo.

— Mas este peixe tem uma carcaça generosa.

Ele cortou a barriga da barracuda, da garganta até o rabo, removendo as entranhas. Depois, virou o peixe e fez um talho ao longo da espinha. Todo o lado da carne se desprendeu.

— Você podia ir esquentando um pouco de óleo — disse ele para Gail.

— De que tipo?

— Azeite de oliva, Está ali em cima do fogão. Despeje a metade de uma garrafa na panela e ponha no fogo.

Treece cortou no meio as duas postas de peixe e jogou tudo na panela com azeite quente, O peixe começou imediatamente a chiar e rapidamente passou de um branco acinzentado para dourado.

Gail preparou uma salada simples, de cebolas das Bermudas e alface, perguntando em seguida a Treece onde estava o tempero.

— Tome aqui — disse ele, entregando uma garrafa sem rótulo.

— O que é isso?

— Dizem que é vinho. Não sei exatamente o que é, mas sei que combina com quase tudo, de saladas a frituras, até mesmo com o estômago da gente. Mas é bom não beber muito. Dá uma dor de cabeça terrível.

Gail despejou um dedo do líquido num copo e bebeu-o. Tinha um gosto amargo, como vermute.

O sol já se pusera além do horizonte quando eles se sentaram à mesa para comer. Os raios refletidos nas nuvens com um brilho rosado entravam pela janela e banhavam a cozinha com uma luz suave e agradável.

Treece percebeu que Gail mexia distraidamente no peixe, relutante em comê-lo.

— Vou correr o risco primeiro — disse ele, sorrindo. — Se tiver veneno, vocês saberão dentro de poucos segundos. Houve um sujeito que foi levado para o hospital com o pedaço venenoso ainda no papo.

Ele não usou garfo, tirando um pedaço da barracuda com os dedos e pondo-o na boca. Esticou a cabeça, simulando pavor pelo possível aparecimento de cãibras mortais. Depois, tornou a sorrir, dizendo:

— Não há nada. Este peixe está tão limpo quanto uma camisa de domingo.

Os Sanders comeram o peixe. Estava delicioso, muito macio, com a camada exterior frita no azeite.

Às nove e meia, Treece bocejou e anunciou:

— Está na hora de ir para a cama. Vamos nos levantar muito cedo. Tenho que abastecer o compressor do barco e mostrar-lhes como funciona o tubo de ar. Já usou equipamento Desco alguma vez?

— Não — respondeu Sanders.

— Então vai ter que praticar um pouco. Não há nenhum problema, a partir do momento em que se aprende a observar o tubo de ar. Se prender em alguma coisa ou se enroscar, você vai pensar que uma besta das profundezas o agarrou pela garganta.

— Não vamos mergulhar com tanques? — perguntou

Gail.

— Levaremos alguns, para qualquer emergência. Teremos que enchê-los de manhã. O que é outro problema, pois aquele compressor lá nos fundos faz um barulho dos diabos. Mas vocês devem tentar usar o Desco. Nunca falta ar, a menos que o compressor no barco fique sem combustível. Quando se usa um tanque por cinco horas; fica-se com a impressão de que se está chupando uma fruta cheia de espinhos. Depois de algum tempo, o bocal dói terrivelmente.

— E no Desco não há bocal?

— Não. É uma máscara que cobre todo o rosto. Pode-se conversar consigo mesmo, cantar, fazer um discurso, dizer todos os palavrões. E os mergulhadores podem conversar entre si, se souberem ler os lábios.

Eles estavam na cama às dez horas. O vento assobiava lá fora, vindo do mar e varrendo o penhasco. Ao se inclinar para apagar o abajur da mesinha-de-cabeceira, Sanders viu a cadela parada na porta numa atitude de

expectativa,

— Olá — disse ele.

A cachorra abanou a cauda e pulou em cima da cama. Ficou entre Gail e David e acomodou-se, toda enroscada.

— Tire-a daqui — disse Gail.

— Eu não. Vou precisar de todos os meus dedos amanhã.

Eles ouviram Treece gritar "Charlotte". A cadela imediatamente levantou as orelhas. Treece apareceu na porta.

— Perdoem Charlotte, mas é aí que ela sempre dorme. Vai levar um ou dois dias até se acostumar. Venha comigo, Charlotte.

A cachorra levantou a cabeça, espreguiçou-se e saltou da cama, atrás de Treece. Antes de fechar a porta do quarto, ele disse:

— Durmam bem.

O primeiro latido parecia fazer parte do sonho de Sanders. O segundo, alto e prolongado, despertou-o. Ele olhou para o mostrador luminoso de seu relógio de pulso. Era meia-noite e dez. Uma luz amarela fraca penetrava pelas beiras da janela fechada e flutuava nas paredes. A cachorra tornou a latir. Gail remexeu-se na cama e Sanders sacudiu-a, acordando-a.

— O que foi? — perguntou ela.

— Não sei.

Ele ouviu os passos de Treece no vestíbulo.

— Talvez seja um incêndio.

— O quê? Aqui dentro?

— Não. Lá fora.

Sanders levantou-se e vestiu o *short*. Encaminhou-se para a porta.

— Fique aqui, Gail. Pode haver problemas...

— E, se houver algum problema, o que devo fazer? — disse Gail, estendendo a mão para o roupão. — Esconder-me debaixo da cama?

Sanders abriu a porta do quarto e viu Treece parado diante da porta da frente, usando apenas um minúsculo calção. A cachorra estava parada ao lado dele. Embora o corpo de Treece ocupasse quase que inteiramente o vão da porta, Sanders pôde divisar além um brilho de fogo e alguns vultos escuros.

— O que está acontecendo? — sussurrou ele.

Treece virou-se ao ouvi-lo.

— Não sei. Ninguém ainda disse nada.

Sanders chegou à porta e ficou parado ao lado de Treece, um pouco para o lado. No portão, estavam parados dois homens, vestidos de preto e segurando tochas, que lançavam nuvens de uma fumaça negra para o céu.

— Qual o problema? — gritou Treece.

Ele pôs a mão esquerda no batente da porta e deslocou a posição do corpo. Sanders percebeu que o movimento aparentemente distraído fez com que a mão de Treece ficasse próxima de uma espingarda de cano serrado, encostada na parede, atrás da porta.

Os dois homens que seguravam as tochas deram um passo para o lado e Cloche apareceu, caminhando lentamente entre os dois, até o portão. Estava inteiramente vestido de branco, o que fazia com que a pele negra brilhasse ainda mais. A luz das chamas cintilava na pena de ouro em seu pescoço e nos aros redondos dos óculos.

Sanders ouviu o ruído dos pés descalços de Gail no chão de madeira e sentiu-lhe o aroma dos cabelos quando ela veio postar-se a seu lado.

— O que você quer? — berrou Treece, num tom de raiva e desdém, ao mesmo tempo. — Se tem alguma coisa a tratar, diga logo o que é. Do contrário, suma daqui. Não estou com disposição para aturar brincadeiras tolas, no meio da noite.

— Brincadeiras?

Cloche levantou a mão direita até a cintura e ali enfiou o polegar. Sanders ouviu um zumbido. Abaixou-se instintivamente e ouviu um baque contra o batente de madeira da porta. Uma flecha sem penas balançava, encravada na madeira, a quinze centímetros da cabeça de Treece.

Treece não se mexera. Arrancou a flecha do umbral e jogou-a no chão.

— Atirou com uma besta? — disse ele, — É melhor pôr penas em suas flechas. Assim poderão voar com mais precisão.

— Seus... amigos... não são muito prudentes — disse

Cloche. — Eles foram procurar o governo. E eu lhes tinha dito que não o fizessem. Agora, a polícia está fazendo perguntas a meu respeito.

— E daí?

— Você sabe o que eu quero. E eu sei que elas estão lá embaixo... dez mil caixas cheias!

— Isso é lenda.

— Não é o que seus amigos pensam. Eles pareciam plenamente convencidos quando conversaram com Mason Hall.

Sem tirar os olhos de Cloche, Treece sussurrou para Sanders:

— Vá até a cozinha e verifique se não há ninguém lá atrás.

Ao recuar pelo vestíbulo, Sanders ouviu Treece dizer:

— Você sabe como são os turistas. Eles acreditam em qualquer história.

A cozinha encontrava-se às escuras e a porta e as janelas estavam fechadas. Sanders achou uma gaveta, abriu-a e tateou com os dedos, à procura de uma faca. Encontrou uma faca com a lâmina comprida e relativamente pesada, enfiando-a na cintura do *short*. O contato do metal frio com a sua coxa fê-lo sentir-se seguro, embora soubesse que não passava de uma ilusão. Ele não sabia lutar com faca. Mas era ágil e forte e conhecia a casa. No escuro, contra um homem que desconhecesse a casa, achava que poderia vencer.

Abriu a porta da cozinha. Não havia qualquer movimento lá fora, nenhum ruído além do zunido do vento. Fechou a porta e trancou-a, depois trancou também as duas janelas. “Se alguém tentar entrar agora”, pensou, “poderemos ouvir o barulho de vidro quebrado.” Voltou à frente da casa, satisfeito consigo mesmo, indo postar-se ao lado de Gail, com a mão esquerda no cabo da faca.

— ...um mistério para mim — Cloche estava dizendo. — Não entendo por que está querendo ajudar os porcos britânicos, depois de tudo o que eles lhe fizeram.

— Isso não é da sua conta! — gritou Treece.

— É, sim. Você tem tanta razão quanto eu para odiá-los. Pense em tudo o que perdeu.

Sanders viu Treece olhar rapidamente para ele e Gail. Treece parecia constrangido, ansioso para mudar de assunto.

— Deixe isso para lá, Cloche. Tudo o que você precisa saber é que eu não deixarei que fique com aquelas drogas.

— É uma pena — disse Cloche. — O inimigo é comum, mas você se recusa a combatê-lo. Está preocupado com o seu pequeno reino de Saint David? Eu não tenho a menor intenção de me intrometer aqui.

Treece não disse nada.

— Está certo — disse Cloche finalmente. — Com você ou sem você, o resultado final será o mesmo.

Dois homens saíram da escuridão e ficaram parados atrás de Cloche. Cada um empunhava uma besta, carregada e apontada para a porta. Cloche pegou um pequeno saco de um dos homens que estavam às suas costas. Segurou o saco pela parte de baixo e arremessou o conteúdo na direção da porta. Três bonecas de trapo, cada uma com um dardo de penas no peito, caíram na terra.

Treece não olhou para baixo.

Os homens com as bestas dispararam.

Sanders empurrou Gail contra a parede e protegeu-a com o seu próprio corpo. Treece abaixou-se bruscamente, caindo sobre um joelho. No mesmo movimento, pegou a espingarda. Sanders ouviu as flechas passarem zunindo pela porta e irem bater ruidosamente contra a lareira de pedra.

Treece disparou três vezes, em rápida sucessão. No vestíbulo estreito, o barulho das explosões foi ensurdecedor.

Quando o eco da última explosão finalmente se desvaneceu e tudo o que restava era um zumbido nos ouvidos de Sanders, ele se virou e olhou para Treecé. O gigante estava ainda apoiado num joelho, a espingarda levantada, pronta para disparar novamente.

Onde Cloche e seus homens estavam antes, não havia mais nada, além das duas tochas abandonadas, que ardiam, com o fogo se espalhando por pequenas poças de óleo derramado.

— Acertou em alguém? — perguntou Sanders.

— Duvido muito. Eles trataram de fugir quando viram isto — disse Treece, dando uma pancadinha na espingarda. — Creio que não estavam esperando a minha reação.

Sanders sentiu Gail tremer a seu lado, os dentes chocalhando.

— Está com frio? — disse ele, passando o braço pelos ombros dela.

— Frio? Estou é apavorada! Também não está?

— Não sei — disse Sanders, falando com sinceridade. — Não tive tempo para pensar nisso.

Gail tocou na faca que estava na cintura de Sanders.

— Para que isto?

— Peguei-a... para alguma emergência.

Gail virou-se para Treece:

— A polícia vai tomar alguma providência?

Treece levantou-se.

— A polícia das Bermudas? Dificilmente. Como eu já lhes disse, eles não dão a menor importância aos habitantes de Saint David. Se souberem de alguma coisa, o que eu não acredito que venha a acontecer, tratarão simplesmente de ignorar o acontecimento. Dirão que são os bastardos degenerados tentando matar-se uns aos outros. O que me preocupa é o pessoal aqui da ilha.

— Por quê?

— Eles devem ter visto e ouvido. E são um bocado supersticiosos. Calculo que tenha sido esse um dos objetivos da visita de Cloche. Meter-lhes medo.

— Medo de quê?

— Medo dele. Eles viram um preto retinto, todo vestido de branco, como costumam vestir os pretos quando morrem, subir a colina na escuridão da noite, acompanhado por dois homens empunhando tochas e por outros dois armados de bestas. É um feitiço poderoso. Se ele tornar a aparecer, será preciso um holocausto para fazer as pessoas saírem de casa.

— Não deveríamos fazer turnos de vigia? — perguntou Sanders.

— Turnos de vigia?

— Isso mesmo. Quatro horas de vigia, quatro horas dormindo. Ficar sempre alguém acordado, para o caso de ele voltar.

— Ele não voltará esta noite.

— Como pode saber? Afinal, achava que ele não se atreveria a vir até aqui nem uma única vez.

Sanders ficou surpreso com a rispidez de seu próprio tom de voz. Ele estava desafiando Treece, o que não era sua intenção. Pela expressão de Treece, compreendeu que o gigante também não esperava por um desafio. Sanders sabia que estava com a razão, mas não se preocupou com isso. Procurou atenuar o impacto de suas palavras:

— Eu não quis...

Treece interrompeu-o, dizendo calmamente:

— Se ele voltar, eu o ouvirei. Ou Charlotte ouvirá.

— Ótimo.

— Já é muito tarde. E temos muito que fazer amanhã.

Treece sacudiu a cabeça para Gail, virou-se e atravessou o vestíbulo, na direção da sala de visitas. David e Gail voltaram para o quarto e fecharam a porta.

— Tome mais cuidado com a sua língua, David.

— Tem razão.

— Mas não tem importância. Não há mal nenhum em deixar que ele saiba que estamos assustados.

— O problema não era esse. Apenas acho que é melhor estarmos preparados para qualquer eventualidade.

Ele tirou o *short* e estendeu-se na cama. Gail sentou-se na beira da cama e aconchegou-se no roupão.

— Acho que não vou conseguir dormir de novo.

— Claro que vai.

Sanders afagou as costas delas. Ele sorriu, imaginando se o ardor súbito e surpreendente teria alguma relação com o perigo por que tinham acabado de passar.

Ao acordarem pela manhã, ouviram vozes na cozinha. Sanders vestiu uma calça e saiu do quarto.

Treece estava sentado à mesa da cozinha, segurando uma xícara de chá. Na frente dele, usando uma camiseta sem mangas, com a boca cheia de pão preto, estava sentado Kevin. Eles levantaram os olhos quando Sanders entrou. O rosto de Kevin não deixou transparecer o menor sinal de reconhecimento, mesmo depois que Treece disse:

— Vocês já se conhecem.

— Claro — disse Sanders. — Olá.

Kevin não disse nada, mas Sanders teve a impressão de vê-lo piscar rapidamente em sua direção. Serviu-se de uma xícara de café e sentou-se à mesa. Treece perguntou a Kevin:

— Ele tem alguém que possa usar o equipamento?

Kevin deu de ombros.

— E ele tem algum aspirador?

— Os documentos não dizem.

— O que aconteceu? — perguntou Sanders.

— Lembra-se de Basil Tupper, o tal sujeito da joalheria que foi visitá-lo? Dois caixotes de equipamentos de mergulho chegaram aqui esta manhã, num avião da Eastern procedente do Aeroporto Kennedy. Estavam endereçados a ele.

— Como é que sabem?

— Fomos informados por um amigo nosso na alfândega. Há tanques, reguladores, trajes de mergulho, seis equipamentos completos.

— E o governo não fez nenhuma pergunta?

— Não há nada de ilegal no equipamento. Ele pagou os direitos alfandegários... à vista. Além disso, ele importa tanta coisa para a sua joalheria que a maioria dos inspetores alfandegários se tornaram seus amigos. Ele pode dizer que está pensando em abrir uma loja de equipamento de mergulho.

Treece esticou a cabeça, escutando atentamente. Pela primeira vez, Sanders notou o barulho baixo e abafado de um motor em funcionamento, em algum lugar lá fora, perto da cozinha.

— O compressor está começando a ficar sem combustível.

Treece levantou-se e acrescentou, virando-se para Kevin:

— Você podia ligar para Adam Coffin para mim. Diga-lhe para estar na praia ao meio-dia.

Depois, virando-se para Sanders, disse:

— É melhor acordar a sua mulher. Se Cloche está treinando mergulhadores, acabamos de perder o prazo que tínhamos para alguns treinos. Você vai ter que aprender enquanto trabalha.

— Ela já se levantou — disse Sanders.

Eles saíram da casa. Kevin foi-se embora e Sanders seguiu Treece até um pequeno barracão, nos fundos da casa. Lá dentro, um compressor de ar acionado a gasolina estava tossindo e estalando, como se consumisse as últimas gotas de combustível. Dois tanques de mergulho estavam ligados por mangueiras ao compressor. Treece foi verificar os mostradores em cima de cada tanque.

— Dois mil e duzentos... — murmurou ele. — Quero chegar ao máximo, a dois mil e quinhentos.

Ele parou o compressor, encheu-o de gasolina e tornou a ligá-lo.

— Qualquer dia destes vou instalar um sistema elétrico. A gasolina é um risco muito grande.

— Por causa das emanações? — perguntou Sanders.

— Exatamente. É por isso que instalei aquela mangueira.

Ele apontou para um cano de escape de metal, que descia do compressor até o chão de terra e passava por um buraco na parede do barracão.

— Quando comprei este compressor, deixei-o lá fora, coberto apenas por um telheiro. O vento soprava à vontade, eu não dava a menor importância. Até que um dia resolveu soprar os vapores de gasolina de volta pelo cano de escape e até a entrada de ar. Foi um mergulho inesquecível. Quase que me valeu uma passagem só de ida para as chamadas trevas eternas.

— E como foi que descobriu?

— Comecei a cochilar quando estava a quinze braças. Compreendi imediatamente o que estava acontecendo. Tirei o tanque e deixei-o voltar à superfície, subindo sem nada, o mais depressa possível.

Gail apareceu na porta do barracão, com um pedaço de torrada na mão.

— Bom dia — disse ela.

— Se fosse você não comeria mais do que isso — disse Treece. — Vai ter muito trabalho e não será nada agradável se começar a vomitar na máscara.

Eles partiram do ancoradouro de Treece alguns minutos antes das onze horas. Na cabina do *Corsair,* havia três rolos de um tubo de borracha amarelo. Uma extremidade de cada tubo estava atarraxada no compressor. A outra ponta prendia-se a uma máscara para cobrir todo o rosto. Seis tanques de mergulho estavam presos nas prateleiras ao longo da amurada. O tubo de alumínio preso na amurada de boreste fora ligado a um tubo de borracha rosa, cuja outra ponta estava também ligada ao compressor. Numa pequena prateleira, diante da roda do leme, Treece colocara a espingarda de cano serrado. A cadela ia na ponta da proa, balançando ligeiramente a cada onda, mas sem jamais cair. David e Gail estavam flanqueando Treece, na roda do leme.

— Acha realmente que eles virão atrás de nós? — perguntou Sanders, apontando para a espingarda.

— Nunca se sabe — disse Treece, olhando em seguida para Gail. — Já

usou uma arma algum dia?

— Não.

— Neste caso, Adam se encarregará do primeiro turno de vigia a bordo. É melhor mesmo. Ele sabe desligar o compressor e tenho certeza de que não irá hesitar.

— Desligar o compressor para quê?

— É a única maneira de nos avisar que há algo errado aqui em cima. Receberemos o aviso imediatamente, assim que começarmos a sugar o nada. Não haverá problemas, contanto que não prendam a respiração na subida.

Treece sorriu subitamente e acrescentou:

— É claro que, se as coisas estiverem muito ruins aqui por cima, será melhor continuarmos lá no fundo, respirando areia.

Treece reduziu a velocidade do barco e começou a procurar o caminho através dos recifes. A brisa que soprava da praia era forte o suficiente para levantar espuma no alto dos rochedos. Assim, ele não teve a menor dificuldade em encontrar as passagens estreitas entre os recifes. Ao se aproximarem da praia do Orange Grove, avistaram Coffin parado à beira da água, uma figura estranha no *short* esfarrapado.

Não havia ninguém nadando na praia. Assim, logo que passou pela última linha de recifes, Treece aumentou a velocidade do barco, seguindo direto para a praia. A dez metros da linha de arrebentação, muito fraca, pôs o motor em ponto morto e o barco deslizou mais um pouco, até parar. Coffin mergulhou por baixo de uma onda e nadou até o barco. Treece estendeu a mão e, com um único puxão, trouxe-o para bordo.

— Estou contente de que tenha posto o seu traje de cerimônia para o passeio até o Orange Grove — disse Treece, sorrindo.

Coffin cuspiu água do mar por cima da amurada e limpou *o nariz.*

— Os safados! Disseram-me para não usar o elevador deles, que era propriedade particular! Eu lhes disse que fossem falar com meu advogado!

Ele soltou uma risada e acrescentou:

— Desci de elevador com o mais lindo pedaço de carne que já vi em muitos anos. Fiquei loucamente apaixonado. E quase que fico noivo.

Treece virou o barco na direção do alto-mar. A caminho dos recifes, ele informou a Coffin sobre a ameaça de Cloche e sobre os equipamentos de mergulho que haviam passado pela alfândega naquela manhã. Quando ele

disse que queria que Coffin permanecesse a bordo, o outro protestou veementemente. Mas Treece acabou convencendo-o, elogiando a sua suposta habilidade com armas de fogo e seu conhecimento dos complexos mecanismos.

Foram ancorar por trás da segunda linha de recifes. Treece disse aos Sanders:

— Vamos mergulhar assim que estiver tudo preparado.

Eu levarei o aspirador. David, fique à minha esquerda. Já viu um aspirador funcionar?

— Não.

— Há um tubo ao lado que força a passagem do ar comprimido, criando uma espécie de vácuo e aspirando a areia. O tubo pode sacudir-se como o diabo. Por isso, não chegue perto e não ponha a mão junto da boca, pois seus dedos poderão ser aspirados. O aspirador vai remover a areia lá do fundo mais depressa do que podem imaginar. À medida que as ampolas forem aparecendo, pegue-as o mais depressa possível. Terão que tomar cuidado para evitar que elas sejam aspiradas junto com a areia, pois neste caso se quebrarão.

Ele virou-se para Gail:

— E você, fique à esquerda dele. Não poderá ver nada além de um metro à sua frente, lá embaixo. Por isso, não invente de passear. Pegue isto.

Treece entregou um saco de lona a Gail, antes de continuar:

— David lhe irá passando as ampolas, à medida que as recolher. Vocês as irá guardando dentro do saco. Quando o saco estiver cheio, bata no ombro de David e ele baterá no meu. Depois, você trará o saco aqui para cima. Mas não suba sem avisar. Preciso de algum tempo para deslocar o aspirador. Se eu me adiantar muito, a areia irá cobrir as ampolas antes que possam recolhê-las. Se houver algo de anormal, Adam desligará o compressor. No mesmo instante terão dificuldade em respirar. Mas talvez ainda consigam aspirar mais um pouco de ar. Se isso acontecer, procurem subir o mais perto possível da proa, junto ao casco. Não poderão ver direito o que estiver acontecendo a bordo. Mas, se houver alguém lá em cima querendo agarrá-los, poderão pelo menos respirar por alguns segundos, antes de tornar a mergulhar. Certo?

— Certo — disse Sanders.

— Eu...

Gail hesitou. Treece disse a ela:

— Fale logo de uma vez. Não quero ter surpresas quando estiver lá embaixo.

— Não gosto disso... — murmurou Gail, apontando para as máscaras Desco e para os rolos de tubo amarelo. — Deixa-me assustada.

— Por quê?

— Não sei. Talvez por claustrofobia. Não suporto a ideia de me sentir... dependendo disso. Se alguém desligasse o compressor, acho que eu teria um ataque.

— Ora, Gail, deixe disso... — murmurou Sanders.

— É verdade, David. E não posso fazer nada.

— Não há problema — disse Treece. — É preferível que fique à vontade do que preocupada e nervosa. Se é assim que se sente, use um tanque. Temos muitos à disposição.

— Obrigada.

— Se têm mais alguma pergunta a fazer, façam-na agora. Assim que eu ligar o compressor, não poderão ouvir mais nem os próprios pensamentos.

— Vamos usar trajes de mergulho? — perguntou Sanders.

— Vamos. Ficaremos lá embaixo por bastante tempo. A água está quente, mas não quente demais. Depois de uma hora, vocês estarão desprendendo calor do corpo como penas de passarinho na muda.

Treece pegou uma chave de parafusos numa caixa de ferramentas e ligou o compressor. Com a chave de parafusos, aproximou os dois pontos de contato do motor de arranque. Saíram faíscas e no mesmo instante o compressor começou a funcionar, ruidosamente.

Sanders desceu para a cabina, que mais parecia uma loja de artigos usados para mergulhadores. Havia cordas e correntes penduradas do teto. Duas varas de pescar estavam presas em suportes na antepara. A um canto, havia uma pilha emaranhada de velhos tubos reguladores, com a borracha rachada e apodrecida. Os beliches estavam cobertos de ferramentas, martelos, chaves de parafusos, alicates, etc. Não havia porta no compartimento onde estava a privada. Como papel higiênico, havia um jornal de domingo, rasgado em tiras, pregadas na antepara. Sanders encontrou uma pilha de trajes de mergulho, máscaras e nadadeiras. Separou trajes do seu tamanho e do tamanho de Gail. Por baixo da pilha, viu uma faca enferrujada e uma bainha

de borracha, com tiras para prender na perna do mergulhador. Pôs a faca na bainha e levou-a com os trajes para o convés.

Gail estava ajeitando pesos de um quilo no cinto. Ele entregou-lhe o traje de mergulho e perguntou:

— Normalmente usa três quilos de lastro?

— Isso mesmo.

— O traje vai dobrar a sua capacidade de flutuação. Mude para pesos de dois quilos.

Gail assentiu. Ela viu a faca na mão de Sanders e indagou:

— O que está pretendendo fazer com isso?

— Não sei. Talvez sirva para escavar na areia. Encontrei-a lá embaixo.

Treece pôs o tubo de alumínio no mar. O tubo ficou flutuando na superfície por um momento, agitando a água, depois começou lentamente a afundar, arrastando o tubo cor-de-rosa para dentro da água. Um fluxo de borbulhas aflorou à superfície. Treece gritou para Sanders;

— Lance o seu tubo a bombordo. Eu jogarei o meu a boreste. Temos que tomar todo o cuidado para que não fiquem entrelaçados.

Sanders jogou um dos rolos de tubo amarelo na água, onde ficou flutuando, enquanto o ar saía pela máscara. Ele pôs um dos tanques de mergulho nas correias, verificou o regulador e depois ajudou Gail a pô-lo. Prendeu a faca na perna esquerda, acrescentou mais cinco quilos a seu próprio cinto de peso e afivelou-o na cintura. Enfiou os pés nas nadadeiras e então disse:

— Acho que estou pronto. Mas confesso que me sinto muito estranho, sem tanque e sem máscara.

— Jogue-me o saco assim que eu estiver pronta, está certo? — pediu Gail.

— Certo.

Ela rolou de costas por cima da amurada. Limpou a máscara e depois ergueu a mão. Sanders inclinou-se sobre a amurada e entregou-lhe o saco. Ela acenou e mergulhou em seguida.

Treece mergulhou a seguir. Sanders ficou por último. Pulou para junto do rolo de mangueira, pegou a máscara que estava boiando e ajustou-a no rosto.

Ao mergulhar, Sanders prontamente eliminou todas as suas

desconfianças com relação ao uso do equipamento Desco. Seu campo de visão era muito mais amplo do que se estivesse usando uma máscara comum. Podia ver até a ponta do nariz. O ar que entrava silvando pela abertura acima do olho direito era um pouco frio. Era muito agradável não ter um bocal de borracha comprimido dentro da boca. Além disso, era ótimo poder falar consigo mesmo. Mas ele sentiu também um ligeiro puxão na cabeça. Levantou os olhos e viu o tubo de borracha descendo às suas costas, sinuoso. Viu a mangueira de ar de Treece descendo até o fundo e daí na direção dos recifes e seguiu-a.

Treece estava esperando à entrada da caverna, segurando o tubo aspirador de alumínio bem acima do fundo. Mesmo no fundo do mar, o tubo emitia um ruído alto, como um vento forte zunindo entre edifícios.

Quando David e Gail chegaram, Treece fez sinal para que se postassem ao lado da caverna. Ele fez um círculo com o polegar e o indicador e olhou para eles, dizendo:

— OK?

A palavra soou quase ininteligível, mas o significado era claro. Gail e David responderam com o sinal de "OK". Treece baixou a boca do aspirador na direção da areia.

No mesmo instante, a areia desapareceu do fundo. A impressão que Sanders teve foi de um filme acelerado, mostrando um aspirador de pó comum a trabalhar numa pilha de cinzas. Em poucos segundos, havia um buraco de quarenta centímetros de largura e uns vinte de profundidade. Areia e seixos eram expelidos pela outra extremidade do tubo de alumínio, formando uma nuvem densa e cada vez maior. A maré corria para a direita, tendendo a afastar deles a nuvem. Mas o efeito das ondas batendo nos recifes contrabalançava a maré e Sanders foi obrigado a deitar-se na areia, para poder enxergar o buraco.

A ponta de uma ampola apareceu na areia, tremendo ante a força de sucção. Sanders pegou-a rapidamente e a entregou a Gail, que a colocou no fundo do saco.

O buraco estava agora mais fundo. Subitamente, um dos lados desabou. Uma nuvem de areia se ergueu diante do rosto de Sanders. Através do nevoeiro, ele avistou uma verdadeira chuva de pontos faiscantes. Estendeu a mão para o buraco e pegou diversas ampolas ao mesmo tempo. Treece ergueu o aspirador, deixando a areia assentar, para que Sanders pudesse enxergar e

recolher as ampolas. Treece deslocou o tubo aspirador alguns passos para a direita e começou outro buraco. No mesmo instante, ele revelou outra pilha de ampolas, algumas com um líquido cristalino, outras com um líquido amarelo, umas poucas com um líquido âmbar.

Gail chegou para mais perto de Sanders, pegando as ampolas da mão dele com o máximo cuidado possível e colocando-as, uma a uma, dentro do saco. Era agradável movimentar-se. A água dentro do traje de mergulho estava esquentando até a temperatura de seu corpo. Quando ela movia os braços ou as pernas, bolsões de água se deslocavam de uma parte para outra. Ela tentou contar as ampolas no saco, mas já havia muitas. Ficou preocupada, receando que, se pusesse muitas ampolas dentro do saco, as que estavam por baixo poderiam quebrar-se, quando as tirasse da água. Bateu no ombro de Sanders e apontou para Treece, um vulto quase indistinto, em meio a um nevoeiro de areia, a pouco mais de um metro de distância. Sanders bateu no ombro de Treece, que imediatamente afastou a ponta do tubo de alumínio da areia. Gail aproximou-se dele e mostrou-lhe o saco. Treece assentiu, apontando para cima.

Ao se aproximar da superfície, Gail descobriu que o saco era como uma âncora, que a puxava para o fundo. Ela se esforçou ao máximo para continuar a subir, batendo com os pés com toda a força e usando a mão livre para ajudar. Olhou para baixo e viu Treece bater no ombro de Sanders e chamá-lo na direção dos recifes.

Coffin vira as borbulhas feitas por Gail e estava esperando, na plataforma de mergulho. Pegou o saco e abriu-o. Ao ver o conteúdo, seus olhos brilharam na recordação. E tudo o que ele disse foi:

— É isso!

Gail subiu para a plataforma e deitou-se de barriga para baixo, *ofegante.*

— Da próxima vez, moça, deixe os seus pesos no fundo. Assim, a subida ficará mais fácil.

— Está bem — murmurou Gail, censurando-se por não ter pensado nisso.

— Vou esvaziar este saco num instante. É só me dar tempo para encontrar um lugar apropriado para pôr as ampolas.

— Não há pressa — disse Gail, sentando-se.

Coffin afastou-se na direção da proa e Gail pôde ouvir o retinir das ampolas à medida que ele as ia tirando do saco.

— Algum problema aqui em cima? — perguntou ela.

— Não aconteceu nada. Não creio que o filho da mãe vá tentar alguma coisa, com tanta gente na praia. Ele é o máximo lá no fundo, não achou?

— Treece? Acho que sim. É muito difícil manejar aquele aspirador?

— Para a maioria dos homens. O tubo pode sacudir-se como uma cabra selvagem. Mas Treece é capaz de mantê-lo firme como uma árvore durante cinco ou seis horas seguidas. Acho que ele passaria o resto da vida no fundo do mar, se isso fosse possível. Ele se sente muito mais feliz lá embaixo, longe das pessoas. E isso já há muito tempo.

Coffin calou-se bruscamente. Gail perguntou-lhe:

— Como assim?

— Então não sabe?

— Não sei o quê?

— Não cabe a mim ficar contando histórias do passado.

Gail procurou controlar sua irritação.

— Sr. Coffin, não lhe estou pedindo que me conte coisa alguma. Mas há alguma coisa em relação a Treece que todo mundo parece saber, menos nós. Mas ninguém conta o que é. Estamos hospedados na casa dele, dormindo em sua cama. Acho que temos o direito de saber.

Coffin tirou a última ampola do saco.

— Talvez tenha razão. Mas só vou lhe dizer uma coisa: ele já foi casado.

Coffin começou a voltar para a popa.

— E onde está a esposa dele?

— Está morta — disse ele, entregando o saco a Gail. — Duzentas e quarenta e seis. Ainda falta muita coisa.

Gail fitou Coffin em silêncio, sem saber se deveria pressioná-lo para arrancar mais informações. Decidiu não tentar. Se ele estivesse disposto a falar, acabaria por fazê-lo, mas só quando o desejasse. Se ela insistisse, poderia irritá-lo. Gail tornou a baixar a máscara, enfiou o bocal na boca e rolou da plataforma de mergulho para dentro da água.

Abaixo da superfície, enrolou o saco até que virasse uma bola, para que não a estorvasse. Olhou para o fundo e viu Treece e Sanders trabalhando junto aos recifes, vários metros à esquerda da caverna. Começou a descer. A água que penetrava pelo traje de mergulho estava fria. Ela procurou calcular

quanto ar ainda restava em seu tanque, antecipando o intervalo que haveria quando tivesse de trocá-lo. O calor do sol seria extremamente agradável e talvez ela conseguisse persuadir Coffin a revelar mais alguns fatos a respeito da esposa de Treece.

Ela nadou por entre a nuvem flutuante de areia e sentiu algumas partículas empoeiradas grudarem em seus cabelos. Sem conseguir enxergar quase nada, sentiu um golpe súbito no peito, uma descarga de areia e seixos. Aproximara-se poucos centímetros da descarga do aspirador. Recuou imediatamente e foi até o fundo. Detritos choviam em cima dela, ao avançar.

Treece estava batendo com a extremidade do tubo contra o coral, tentando arrebentar um pedaço, a fim de poder enfiar a mão por um buraco. Um pedaço grande de coral arrebentou de súbito, batendo estrepitosamente no tubo de alumínio. Treece estendeu a mão para o buraco. Mas logo sacudiu a cabeça. Sua mão era grande demais. Ele apontou para Sanders, que enfiou os dedos pelo buraco e os retirou em seguida, segurando um pedaço de metal esverdeado e com uma crosta.

Gail bateu no ombro de Treece, para informá-lo de que já estava de volta. Ele se virou e fez um gesto para que ela abrisse o saco. Gail abriu-o e ele deixou cair lá dentro o pedaço de metal. Depois, os três voltaram na direção da caverna.

A areia assentara sobre o buraco que Treece abrira e agora havia apenas uma depressão quase imperceptível. Treece colocou os Sanders na mesma posição de antes e encostou a ponta do tubo na areia.

Nos primeiros quinze centímetros, enquanto Treece reabria o buraco, só apareceu areia. Mas logo surgiu um tapete de ampolas, que Sanders foi recolhendo o mais depressa possível, pegando duas e três ao mesmo tempo e entregando-as a Gail.

Deitada de borco no fundo do mar, mexendo apenas com as mãos, Gail começou a sentir um frio profundamente desagradável. A água dentro do traje estava parada e fria. O corpo, precisando gerar calor, fez os braços estremecerem, depois os ombros, em seguida o pescoço. Gail esperava que o seu ar não demorasse muito a acabar.

Sanders pegou as duas últimas ampolas que apareciam no buraco. Treece recuou um passo, apontou a extremidade do tubo para um novo trecho de areia e em poucos segundos expôs incontáveis quantidades de ampolas.

Uma massa estranha surgiu do fundo do buraco, formando um cone. A

areia ao redor foi sendo rapidamente removida, até que Sanders pôde distinguir claramente a ponta metálica verde. Subitamente, ele compreendeu o que era: uma granada de artilharia. Estendeu a mão para ela. Mas Treece, no mesmo instante, bateu-lhe na mão com o tubo, que ergueu em seguida acima da cabeça, olhando para Sanders. Ele ergueu o dedo indicador da mão esquerda. “Tome cuidado”, era o que estava dizendo. Mostrou o cone verde e sacudiu o dedo, apontando em seguida para si mesmo. “Afaste-se; eu mesmo cuidarei disso.” Apontou para Sanders, para o cone e para o tubo aspirador. “Segure o tubo e aponte-o para o cone.” Sanders assentiu e estendeu a mão para pegar o tubo. Havia uma alça redonda perto da extremidade. Treece continuou a segurá-la, até achar que Sanders segurara o tubo com toda a firmeza. Só então é que largou o tubo.

Observando Treece usar o aspirador, com a mão na alça, o tubo aninhado firmemente sob a axila, Sanders concluíra que não havia a menor dificuldade, que o aspirador era como um animal dócil. Assim, segurou a alça frouxamente. A boca do tubo resvalou rapidamente pelo fundo do mar, sugando areia e pedras. Subitamente o tubo aspirou uma pedra grande demais, que não pôde passar por ele. Ficou entupido. Pulou da mão de Sanders, batendo-lhe violentamente na axila. Impulsionado por trinta metros de mangueira cheia de ar comprimido, o tubo carregou Sanders pelo fundo do mar, como se fosse um brinquedo. Sanders passou ambos os braços em torno do tubo e procurou firmar os calcanhares na areia. Mas o tubo puxava para cima, jogando-o para a frente e para trás. Ele teve vislumbres da superfície e manchas cinzentas e marrons surgiam-lhe diante dos olhos, enquanto era arremessado ao longo dos recifes. Sanders relaxou o aperto, procurando livrar-se do tubo, que acabou batendo-lhe violentamente nas costelas.

De repente, o tubo ficou imóvel. Ofegante, Sanders viu, através de um turbilhão de areia e borbulhas, que Treece estava segurando a outra extremidade do tubo junto aos recifes. E batia com ele num rochedo. Treece continuou a bater com o tubo, insistentemente, até que finalmente conseguiu tirar a pedra. O tubo balançou lentamente, impelido pela maré.

Treece fez o sinal de “OK” e levantou as sobrancelhas, numa expressão inquisitiva. Sanders apalpou as costelas e fez com a cabeça um sinal de assentimento. Treece apontou com um dedo para a alça do tubo. “Segure firme o tubo e ele se comportará.” Ele levou Sanders de volta ao buraco.

Gail tocou no ombro de Sanders, fitando-o com uma expressão

preocupada. Ele fez o sinal de “OK” e pôs-se de joelhos. Treece entregou-lhe a alça e ajudou-o a ajeitar o tubo debaixo do braço. Desta vez, Sanders apertou a alça com tanta força que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados. Depois de se certificar de que o tubo estava sob controle, ele sacudiu a cabeça para Treece e aproximou a extremidade da areia. O tubo debateu-se e zumbiu de encontro ao corpo de Sanders, que, porém, se manteve firme.

Treece nadou para o outro lado do buraco, ficando de frente para Sanders, orientando-o no alargamento da cavidade em que estava o cone, para que as paredes não ruíssem.

A granada estava com a ponta virada para cima. A cavidade foi aumentando, à medida que a areia era removida, até chegar a um diâmetro de quinze centímetros. A granada estava recoberta por uma crosta marinha. Mas, a julgar pela maneira cautelosa como Treece estava agindo, ainda era ativa.

Quando a granada ficou quase toda livre de areia, Treece pôs as duas mãos bem no meio e cautelosamente a levantou. Examinou-a por um momento, depois foi depositá-la, suavemente, sobre a areia, junto ao recife. Em seguida, tirou o tubo de ar das mãos de Sanders e aprofundou o buraco, à procura de mais ampolas.

O saco encheu-se rapidamente. Gail estava sentindo um frio tremendo, ansiando pelo calor do sol. Mas não queria admiti-lo para os homens. Continuaria ali embaixo, a esperar mais alguns minutos, até que o saco estivesse cheio. Foi então que, para sua satisfação, sentiu a respiração difícil, o sinal de que seu tanque estava quase vazio. Bateu no ombro de Treece e passou um dedo pela garganta, apontando em seguida para a superfície. Treece apontou para o saco e depois levantou a mão esquerda, erguendo dois dedos e três em seguida. Estava lhe pedindo que descesse com mais sacos. Ela assentiu. Ao subir para a superfície, viu que Treece e Sanders continuavam parados junto ao buraco, ao invés de se deslocarem para os recifes, como acontecera na vez anterior. Eles pretendiam desenterrar o máximo de ampolas que pudessem, o mais depressa que fosse possível.

Três ou quatro metros acima do fundo, o peso do saco fez Gail lembrar-se de desprender o cinto. Desafivelou-o e ficou observando os seis quilos de chumbo caírem até a areia.

Coffin estava novamente a sua espera na plataforma de mergulho. Ao lhe entregar o saco, Gail disse:

— Há uma outra coisa lá no fundo.

— E o que é?

— Não sei. Eles a encontraram entre os recifes.

Gail tirou o tanque e entregou-o também a Coffin.

— Vai querer outro?

— Quero. Treece está pedindo mais sacos.

— Não é de admirar. Se o que deveria haver lá embaixo está de fato lá, levaria um século para tirarem tudo, só com um saco.

Gail subiu para a plataforma de mergulho e abriu o zíper da parte superior do traje. Recostou-se contra o costado da popa, deixando que o sol lhe aquecesse a pele molhada e fria. Havia pontos doloridos em seu rosto, da pressão da máscara. A boca estava também dolorida e parecia muito esticada, por causa do bocal. Era como se um dentista tivesse passado horas a trabalhar num dente do siso, repuxando-lhe demasiadamente os lábios. Ela limpou o nariz e viu sangue em sua mão.

— Cansada? — perguntou Coffin, enquanto tirava as ampolas do saco.

— Exausta.

— Neste caso, eu irei em seu lugar. Não está mesmo acontecendo nada aqui em cima.

— Não, não, eu estou bem — disse Gail, sem saber por que estava recusando a oferta. — Farei mais uma descida. Se alguma coisa acontecer, é melhor você estar aqui em cima.

— Está certo.

Gail descansou por mais alguns minutos, depois passou para o convés e tirou o regulador do seu tanque de ar vazio. Enquanto aprontava um novo tanque, procurou imaginar uma maneira sutil de levar Coffin a falar sobre a esposa de Treece. Mas não encontrou nenhum jeito e terminou perguntando à queima-roupa:

— De que morreu a esposa de Treece?

Coffin olhou-a rapidamente, depois voltou a concentrar-se nas ampolas. Estava acondicionando-as em sacos plásticos de sanduíches.

— Estou contando... Pronto. Há cinquenta aqui.

Ele amarrou a ponta do saco de sanduíches e começou a encher outro.

Gail ficou em silêncio até acabar de aprontar o novo tanque. Coffin guardou a última ampola num saco de sanduíches e amarrou-o.

— Ela está morta há muito tempo?

Coffin ignorou-a.

— Duzentas e dez — disse ele. — No total, já temos quatrocentas e cinquenta e seis.

Ele enfiou a mão no fundo do saco e tirou o pedaço de metal esverdeado, exclamando, ao vê-lo:

— Ei!

— O que é isso?

— É uma tampa de fechadura.

Coffin levantou-a. O pedaço de metal tinha o formato de uma flor-de-lis. Em cada uma das folhas, havia um buraco de chave. Nas beiras, havia seis orifícios, por onde passavam os pregos.

— Costumavam usá-las nas arcas e baús. Para que Treece está querendo isto?

— Ele não disse.

Coffin pôs a placa na prateleira diante da roda do leme, murmurando:

— É apenas latão.

Gail fitou-o em silêncio por um instante, dizendo em seguida:

— Se não me quiser dizer, vou perguntar a ele.

Coffin abriu um armário e tirou duas sacolas de lona e um rolo de corda de cânhamo.

— Seria uma terrível crueldade, moça.

Coffin passou a ponta da corda pelas alças de uma das sacolas, dando um nó. Puxou uns vinte ou trinta metros de corda, cortou-a e amarrou a ponta cortada num gancho fincado na amurada, na popa. Fez a mesma coisa com a outra sacola, prendendo a corda num gancho no meio do barco.

Ao terminar, ficou olhando para a faca que usara, pensativo. Cravou a faca na amurada e virou-se para Gail.

— Está bem. Não quero que pergunte a ele. Não quero que lhe cause nenhum sofrimento. Ele já sofreu demais.

Constrangida, Gail já ia dizer alguma coisa, mas Coffin interrompeu-a.

— Quando ele era rapaz, armou a sua cota de confusões aqui nas Bermudas. Não mais do que a maioria dos rapazes, certamente. Mas as encrencas dele pareciam ter um sentido, como se estivesse tentando dizer

alguma coisa. Ele nunca roubou nada de lojas, como os rapazes costumam fazer. Tudo que fazia era contra as autoridades, contra a polícia e contra os ingleses. Lembro-me de uma ocasião em que os ingleses tentaram confiscar algumas terras comunais de Saint David, para lá construírem algo. Os ilhéus ficaram furiosos, alegando que a terra lhes pertencia, por direito. É claro que os ingleses ficaram com a terra, apesar dos protestos. Mas tiveram a maior dificuldade em construir alguma coisa. Treece e seus companheiros derrubavam de noite o que eles faziam durante o dia, jogavam açúcar nos tanques de gasolina de todas as máquinas utilizadas na construção, faziam uma porção de coisas desse tipo.

"Quando estava com vinte e três anos, Treece conheceu uma moça inglesa, Priscilla. Esqueci o sobrenome dela. Ela estava aqui de férias e os dois se encontraram em Saint David, por acaso. Ela era maravilhosa! Linda, bondosa, meiga. Jamais existiu outra garota assim. Treece ensinou-lhe a mergulhar, a procurar navios naufragados... Em suma, ele ensinou-lhe tudo, menos conversar com os peixes. E ela ensinou Treece a tratar com as pessoas, a tratar de si mesmo. Tranquilizou-o, da mesma forma como uma camada de óleo acalma uma onda. Ela voltou para a Inglaterra. Mas no verão seguinte estava novamente nas Bermudas. Arrumou um emprego em Hamilton, cuidando de crianças. Um ano depois, ela e Treece se casaram. Se eu não me engano, foi em 1958. Os ingleses respeitáveis das Bermudas não viram o casamento com bons olhos. Eles nunca souberam o que fazer com o pessoal de Saint David. Às vezes, chamavam-nos de negros vermelhos. De um modo geral, porém, preferiam simplesmente fingir que Saint David não existia. Mas eles esqueceram o assunto, depois que Priscilla foi morar com Treece em Saint David, ao invés de fazer o contrário, de levá-lo para a civilização, onde ele poderia embaraçar alguém. Priscilla conservou o seu emprego em Hamilton e Treece continuou em Saint David.

"Com o casamento, Treece transformou-se num homem inteiramente novo. Não havia mais raiva dentro dele, porque não havia lugar para isso. Havia apenas muita felicidade.

"Durante dois ou três anos, tudo correu maravilhosamente bem. Os dois mergulhavam juntos, à procura de tesouros em navios naufragados. Para reforçar o orçamento, Treece aceitava serviços de salvamento de carga de embarcações afundadas recentemente. O pai dele ainda era vivo nessa ocasião e por isso Treece não tinha o encargo do farol. Numa primavera, no início dos anos 60, Treece encontrou o seu primeiro tesouro de um antigo navio

naufragado, o *Trinidad*. Não havia muita coisa, apenas uma barra de ouro, um anel de esmeraldas e umas poucas outras coisas, Mas foi o bastante para animá-lo. Nessa mesma ocasião, Priscilla ficou grávida. Ninguém sabia naquele tempo, pois a notícia só se espalhou depois. Mas eles dois deviam saber. Afinal, Priscilla tinha o brilho da vida. Ela usava aquele anel de esmeraldas com imenso orgulho e transbordava de amor e... é difícil encontrar uma palavra para descrever a aparência de Priscilla.

"Como eu disse antes, Priscilla trabalhava com crianças, crianças-problema, que não tinham cometido algo terrível o bastante para merecerem uma temporada atrás das grades, mas que também se recusavam a aceitar tudo o que a sociedade lhes dizia que deviam aceitar e fazer. Ela as adorava como se fossem seus próprios filhos.

"Foi nessa ocasião que o problema das drogas nos Estados Unidos se agravou terrivelmente. Aqui, esse problema nunca teve maior importância. Mas falava-se que as Bermudas eram usadas como trampolim pelos traficantes. Um navio que chegasse à Flórida ou a Norfolk trazendo uma carga da Europa inevitavelmente levantava suspeitas, especialmente se, no caminho, tivesse feito escalas no Haiti e outros lugares semelhantes. Mas as embarcações a vela, viajando entre os Estados Unidos e, as Bermudas, ou os iates de milionários, que aqui vinham passar o fim de semana, não atraíam a atenção de ninguém.

"Um dia, um dos garotos de Priscilla resolveu abrir o bico e contou que estava para chegar do sul uma escuna com um carregamento de drogas. Priscilla achou que era apenas boato, mas, mesmo assim, contou a Treece. Os mergulhadores que caçam tesouros possuem contatos em toda parte, em todos os bares, nos mercados de peixe. Não podem deixar de ter, para recolher todas as pistas: alguém viu uma pilha de pedras de lastro em algum lugar, outro avistou um pedaço de casco meio esquisito no fundo do mar, um terceiro encontrou uma moeda desconhecida junto a alguns recifes. Essas coisas estão sempre acontecendo e os caçadores de tesouros precisam estar a par de tudo. Por isso, não foi difícil a Treece verificar o rumor. Era verdade. Um iate particular estava sendo esperado em Saint George, trazendo dez quilos de heroína. Parte da carga seria transferida para um navio cruzeiro, dentro de pães. O resto seria guardado aqui e levado para os Estados Unidos aos poucos, por pretensos homens de negócios.

"Naquele tempo, Treece ainda tinha alguma confiança no governo.

Priscilla ensinara-lhe que as autoridades não estavam necessariamente contra ele. Assim, eles foram procurar o governo, bem lá no alto, contando o que sabiam. Mas o governo não acreditou neles. Vamos ser justos: não havia provas suficientes para que acreditassem. A reação foi natural, levando-se em consideração que as autoridades jamais haviam gostado de Treece. Não podiam imaginar como Treece podia saber de tanta coisa. Assim, acharam que tudo não passava de um boato lançado por um garoto.

"Treece ficou furioso, em boa parte por causa do orgulho ferido. Ele havia conseguido descobrir algumas pessoas que estavam contrabandeando heroína e o governo não acreditava em sua, palavra! Treece decidiu deter pessoalmente os traficantes e entregar as drogas ao governo, numa bandeja. Não sabia em que se estava metendo e cometeu algumas tolices, como contar a gente demais o que pretendia fazer. Recebeu algumas ameaças, o que só serviu para deixá-lo ainda mais furioso. Priscilla ainda tentou acalmá-lo, mas isso não era fácil, principalmente porque ela também compartilhava da indignação de Treece.

"Não vou aborrecê-la com os detalhes. Treece e alguns companheiros interceptaram o iate perto do porto de Saint George e tentaram abordá-lo. Houve uma luta sangrenta e o iate acabou escapando."

— Levando as drogas? — perguntou Gail.

— Exatamente. Mas o plano deles estava liquidado. Quatro dias depois, encontraram Priscilla morta, em sua mesa, no escritório. O médico-legista declarou que ela morrera de uma dose excessiva de drogas e o caso foi encerrado. Havia acontecido o que todos estavam esperando. Um dos contatos dos traficantes nas Bermudas ficara esperando Priscilla no escritório. Ela era sempre a primeira a chegar. Antes que aparecesse outra pessoa, ele aplicara uma injeção de heroína nela. Havia outras marcas de picadas nos braços dela, eram todas recentes, feitas para que parecesse que Priscilla era viciada.

"Treece quase enlouqueceu, de dor, sentimento de culpa e ódio. Atribuía parte da culpa a si mesmo, parte ao governo."

Gail tornou a interromper o relato:

— Ele conseguiu descobrir o homem que a tinha matado?

— Ninguém sabe... com certeza. Mas, cerca de uma semana depois da morte de Priscilla, encontraram um homem morto em Saint George, pendurado do galho mais alto de uma árvore. Todos os ossos do corpo dele

tinham sido quebrados nas articulações. Os dedos estavam dobrados para trás, o mesmo acontecendo com os joelhos e os pés. A cabeça estava virada ao contrário, como se alguém tivesse tentado desatarraxá-la. Ele era um garçom de bar, invariavelmente desempregado, mas sempre com muito dinheiro no bolso. Ninguém jamais foi condenado pelo crime. E a única razão pela qual ligam o caso a Treece é o fato de que seria preciso alguém extremamente forte para quebrar o homem daquele jeito e levantá-lo quinze metros acima do chão.

"Treece permaneceu embriagado durante cerca de um mês, de manhã, de tarde e de noite, bebendo tudo que encontrasse. Ficava em casa o dia inteiro e as únicas pessoas que se atreviam a chegar perto dele eram as que lhe levavam bebida e comida. Um dia, ele finalmente saiu de casa e voltou a mergulhar, mas cometendo as maiores loucuras que se possa imaginar. Mergulhava sozinho durante tempestades, descia muito fundo e ficava lá embaixo por tempo demais. Era como se estivesse tentando penitenciar-se ou matar-se. E quase o conseguiu. Um dia, um pescador encontrou-o flutuando na superfície, sem sentidos. Teve que passar três dias numa câmara de descompressão."

— E o que o fez recuperar-se?

— Voltar ao normal? Acho que foi o tempo. Mas o que é normal? Ele nunca mais foi o mesmo desde que Priscilla morreu e creio que jamais tornará a sê-lo.

— Cloche estava envolvido?

Coffin ficou calado por um momento, pensativo.

— Sou capaz de apostar que sim, mas não há qualquer prova. Seja como for, o que importa é que Treece está vendo a mesma coisa acontecer outra vez.

— Obrigada — murmurou Gail.

Ela sentiu uma profunda tristeza, uma dor intensa por Treece. Tentou formar uma imagem mental da esposa dele, mas a única imagem que aparecia era a sua própria.

Coffin suspendeu o tanque de ar, para que Gail se enfiasse nas correias e as prendesse. Ele entregou a Gail o saco de lona que ela trouxera e disse:

— Quando estiver dentro da água, eu lhe entregarei as duas sacolas. Leve-as lá para o fundo e ponha uma pedra em cima, a fim de que não saiam do lugar. Quando estiverem cheias, dê três puxões na corda e eu as

suspenderei. Mas não deixe de acompanhá-las, para que não virem.

— Está certo.

Gail passou por cima da amurada para a plataforma de mergulho. Verificou o tanque e a máscara e pulou na água.

Puxando as cordas, ela começou a descer. Sem os pesos, tendia a flutuar e teve que usar os braços e as pernas para ajudar na descida. Encontrou o cinto de peso lá no fundo, prendeu-o e se dirigiu para o lugar em que havia uma nuvem de areia.

Estivera lá em cima mais tempo do que imaginara. Na areia, ao lado de David, havia uma pilha de ampolas, com cerca de trinta centímetros de altura e sessenta de largura. Ela ajoelhou-se sobre os dois sacos presos na corda e encheu o primeiro saco. Descobriu que podia recolher punhados de ampolas da pilha e largá-las dentro do saco. As ampolas desciam tranquilamente até o fundo. Depois de encher o último saco, ela bateu no ombro de Sanders para avisá-lo de que ia subir novamente. Em seguida, deu três puxões em cada uma das cordas. No momento em que tirava o cinto de peso, as duas cordas se retesaram e começaram a subir. Ela segurou uma das cordas e, levando o saco na outra mão, deixou-se içar até a superfície.

— Você está sangrando — disse Coffin.

Gail cruzou os olhos e viu uma água ensanguentada a escorrer-lhe do nariz. Inclinou a cabeça para trás e limpou a máscara.

— Eu sei. Mas isso não é nada.

— Tem certeza de que não quer que eu desça em seu lugar?

— Vou fazer mais uma descida.

Cuidadosamente, Coffin despejou as ampolas em cima de uma lona, estendida no convés.

— Vou contá-las enquanto você desce novamente.

Gail tornou a descer. Mas desta vez sentiu dor, nas narinas e acima dos olhos. Parou um pouco abaixo da superfície, esforçando-se por ficar na mesma profundidade, à espera de que a dor diminuísse. Desceu mais um pouco, até que a dor a obrigou a parar novamente. Aquele seria o último mergulho, disse a si mesma.

Agora, havia também pressão em seus ouvidos. Ela forçou um bocejo. Sentiu dois estalos quase simultâneos e a pressão desapareceu. Ao recomeçar a descer, Gail viu algo que se mexia, uma mancha cinzenta indistinta, à beira

da escuridão, além dos recifes.

Olhou mais atentamente, procurando distinguir o que era, através da semi-escuridão. Mas não viu mais nada. Subitamente, mais à esquerda, houve outro movimento repentino. Virou a cabeça, procurando olhar antecipadamente para o lugar em que o vulto apareceria em seguida. Atrás dela, longe da nuvem de areia, a água estava mais clara. Viu então o que era: emergindo da semi-escuridão, como se saísse de trás de uma cortina, lá estava um tubarão. Movia-se tranquilamente, confiante, sem pressa, avançando pela água com os movimentos suaves da cauda.

Gail sentiu o estômago contrair-se em pânico. Ela estava além da metade do caminho até o fundo. Recordou-se da advertência de David para que não disparasse para a superfície. Ela não podia determinar o tamanho do tubarão, pois nada havia ali com que pudesse compará-lo. Também não podia dizer a que distância estava. O tubarão deslizava pelo limite exterior de seu campo de visão. A quinze metros? Vinte?

O peixe nadava num círculo amplo. Pelos raios de sol que de vez em quando incidiam sobre o dorso do animal, Gail viu que ele tinha algumas listras nos lados, não muito definidas, de um castanho claro, sobre a pele acinzentada. Um olho negro parecia observá-la, mas sem demonstrar qualquer interesse, nenhuma curiosidade.

Ainda segurando as cordas, ela continuou a descer na direção do tubo aspirador. Encontrou o cinto de peso, prendeu-o na cintura e bateu no ombro de Treece. Quando ele a olhou, Gail fez com a mão direita um movimento sinuoso de algo nadando, fazendo em seguida com os dedos um movimento de morder. Apontou para a direita, onde calculava que o tubarão deveria estar então. Treece olhou, mas estava cercado por uma nuvem de areia e nada pôde ver. Tornou a olhar para Gail, sacudiu a cabeça e, com um aceno brusco da mão, afastou a possibilidade de perigo.

Sanders não sabia ao certo se compreendera o que Gail dissera a Treece. Recordou-se do nervosismo dela na presença da barracuda e calculou que ela avistara outra. Mas ele ficou em dúvida ao ver-lhe os olhos arregalados de medo. Ergueu as mãos, unindo os pulsos e abrindo os dedos, fechando em seguida com força, numa razoável simulação de uma mordida grande. Tornou a fitar Gail, ergueu as sobrancelhas e abriu os braços, perguntando: “Que tamanho?” Ela deu de ombros: “Não sei dizer”. Mas abriu os braços o máximo que pôde: “Pelo menos deste tamanho”. Sanders notou que havia

pelo menos um centímetro de água ensanguentada na parte inferior da máscara de Gail. Apontou para a máscara e sacudiu o dedo, dizendo a Gail que não limpasse a máscara, que não derramasse o sangue na água.

Ela assentiu. Só que compreendeu erradamente a recomendação. Antes que Sanders pudesse impedi-la, Gail pressionou a parte superior da máscara e exalou pelo nariz. Um fluxo de água esverdeada escorreu para fora da máscara,

Sanders bateu com a mão na própria testa e sacudiu a cabeça. Apontou para os filetes de sangue.

Os olhos de Gail ficaram aterrorizados. Ela tocou no braço de Sanders e apontou para a superfície, perguntando se deveria subir. Ele segurou o pulso dela e sacudiu a cabeça firmemente: “Não”. Apontou para uma das sacolas vazias, pegou um punhado de ampolas e deixou-as cair dentro.

O novo buraco que Treece abrira continha um imenso filão. Havia ampolas por toda parte, aflorando à superfície como passas num pudim. Passando a ponta do tubo de alumínio por entre as granadas de artilharia, cuidadosamente, Treece começou a encostá-la nas tampas de madeira apodrecida das caixas de charuto, deixando que a sucção as arrancasse. Quando a tampa saía, ficavam à mostra quarenta e oito ampolas, dispostas em oito fileiras de seis.

Sanders já não conseguia manter o mesmo ritmo de Treece. Pegava quatro, seis e dez ampolas de uma só vez, passando-as para Gail. Mas Treece estava sempre descobrindo uma quantidade maior do que ele conseguia recolher. Em determinado momento, ele tentou levantar uma caixa inteira. Mas, embora a caixa parecesse intacta, já não tinha fundo e as ampolas caíram na areia. Sanders uniu as mãos em concha, recolheu quinze ou vinte ampolas de uma só vez e virou-se para entregá-las a Gail. Mas as mãos dela não estavam esperando. Ele virou-se, irritado, vendo-a olhar fixamente para os recifes.

O tubarão estava apenas a cerca de três metros de distância, movendo-se da esquerda para a direita, entre eles e o coral. Tinha de dois a três metros de comprimento, um torpedo lustroso de músculos. Observava-os, mas não fazia o menor movimento para chegar mais perto. Sanders se perguntou se o tubarão não estaria procurando a origem do sangue. Ele abaixou a mão e tirou a faca da perna. Viu que Treece ainda não percebera a presença do tubarão. Tocou no ombro dele e apontou, enquanto o tubarão nadava para a esquerda,

mantendo-se a três ou quatro metros dos mergulhadores e a cerca de um metro e meio dos recifes.

Treece observou o tubarão passar por Gail e virar-se, a uns seis metros de distância, desaparecendo atrás da nuvem de areia. Bateu com os nós dos dedos no tubo de alumínio e sacudiu a cabeça. Parecia estar dizendo: “Fiquem calmos”.

Com a faca na mão direita, Sanders só tinha a esquerda para continuar a recolher as ampolas. E não podia pegar muitas ampolas, porque Gail não estava fazendo mais nada. Ela estava de joelhos, rígida, segurando com as duas mãos uma sacola cheia pela metade, esperando, em pânico, que o tubarão reaparecesse.

Foi Sanders quem o viu primeiro. Como antes, o tubarão veio da direita, ainda se mantendo a distância. Mas Sanders teve a impressão de que estava ligeiramente mais próximo do que na passagem anterior. Aproximou-se de Treece, ainda absorvido com o aspirador, passou diante de Sanders, que se agachou, segurando a faca à sua frente. Gail viu-o então. Apavorada, ela sacudiu os braços. O tubarão notou o movimento e virou bruscamente a cabeça na direção de Gail.

O braço de Gail encostou em Sanders e a impressão foi de um gatilho que o acionou a entrar em ação. A mão direita de Sanders estava estendida, a lâmina da faca apontando para cima.

O tubarão viu que Sanders se aproximava e procurou desviar-se, virando a cabeça para a direita e sacudindo a cauda duas vezes. Mas o instinto lhe dizia que evitasse os recifes. Aparentemente confuso, o peixe reduziu a velocidade, o suficiente para permitir que Sanders enfiasse a faca em seu flanco, até o cabo. O corpo do tubarão teve uma convulsão e arrancou a faca da mão de Sanders. O sangue imediatamente jorrou do ferimento.

O único pensamento consciente de Sanders foi de que a carne era muito macia. A cabeça virou e as mandíbulas avançaram na direção do flanco ferido. O tubarão estava tentando devorar-se a si mesmo.

A faca caíra a alguns metros e Sanders nadou para recuperá-la, preocupado com a possibilidade de o tubarão voltar e atacar, de raiva.

Mas não foi o tubarão que atacou. Sanders sentiu uma mão agarrar-lhe o tornozelo e puxá-lo violentamente para trás. Virando-se de costas, ele deparou com os olhos furiosos de Treece. Viu os lábios de Treece mexendo-se e ouviu ruídos, mas não pôde distinguir nenhuma palavra.

Treece agarrou o braço de Sanders e obrigou-o a ficar de pé. Os dedos envolveram inteiramente a parte superior do braço de Sanders. Na parte interna do braço, onde se encontraram, apertaram Sanders, dolorosamente.

Assustado e confuso, Sanders não estava entendendo o que fizera para deixar Treece tão furioso. Fitando o rosto que gritava por trás da máscara, ele chegou a recear que Treece pudesse matá-lo,

Treece arrancou a faca da mão de Sanders e enfiou-a na abertura do aspirador. A faca subiu ruidosamente pelo tubo. Treece apontou então para a superfície e começou a subir. Parou logo depois, voltou e pegou uma das granadas de artilharia.

Gail ainda estava agachada no mesmo lugar. Sanders segurou-a pelo braço e ajudou-a a ficar de pé. Deu três puxões numa das cordas e fez com que Gail a segurasse.

Ao nadar ao lado de Gail para a superfície, Sanders viu uma sombra cinzenta deslocar-se a alguma distância. Como avançava lentamente, Sanders pôde ver que era grande, muito maior do que um homem.

Quando se aproximou do barco, ele olhou para baixo e viu que o tubarão ferido estava se contorcendo e batendo de encontro aos recifes. Foi neste momento que o ar parou de fluir para sua máscara.

Bateu rapidamente com os pés, para chegar à superfície, exalando o resto de ar que havia em seus pulmões. Agarrou a beira da plataforma de mergulho com uma das mãos e tirou a máscara com a outra, dizendo:

— Eei, o que...

A voz de Treece silenciou-o:

— ... idiota, estúpido, imbecil, foi a coisa mais absurda que já vi em toda a minha vida!

Treece já estava no barco e Sanders calculou que censurava violentamente Coffin, por ter desligado o compressor.

Sanders abaixou a cabeça para a água, a fim de limpar o nariz. Por isso, não viu a mão que avançou em sua direção. Mas ouviu o berro:

— Você!

Sentiu-se agarrado pelo braço e foi puxado para fora da água e por cima da amurada. Seus pés bateram ruidosamente no convés. Treece segurava Sanders pelo braço e sacudia-o furiosamente, fazendo com que sua cabeça se inclinasse ora para a frente ora para trás. Apoiada na plataforma de mergulho,

com o corpo dentro da água, observando a cena, Gail pensou num homem entalado no alto de uma árvore, os braços e as pernas bem abertos, antes de cair no chão. E ela ouviu Treece berrar para Sanders:

— Mas que diabo pensa que está fazendo? Está pensando que é Tarzan? Será que só sabe fazer besteira?

— Mas o que...

— Estragou todo um dia de trabalho! Oh, meu Deus!

Treece empurrou Sanders para longe e virou-se para tirar o tanque de ar de Gail da plataforma. Sanders esfregou os vergões no braço, exclamando:

— Mas ela estava sangrando!

— Grande merda!

— A máscara estava cheia de sangue e ela limpou-a na água!

Treece olhou para Coffin e murmurou:

— Que Deus me livre dos idiotas!

Ele virou-se novamente para Sanders e abriu a boca para gritar. Mas aparentemente mudou de ideia no último instante e esforçou-se por controlar sua irritação, dizendo:

— Está bem, está bem. Antes de mais nada, aquele pequeno peixe não estava a fim de nos devorar.

— Pequeno? Aquele tubarão tinha pelo menos dois metros de comprimento.

Confiante agora em que Treece não iria machucá-lo, Sanders sentia-se embaraçado, agressivamente ressentido. Queria se rebelar contra a atitude arrogante de Treece, que declarou tranquilamente:

— Se tinha mais de um metro e meio, então eu sou o rei da Espanha. A água aumenta tudo.

Sanders sentiu que estava corando.

— Mesmo assim...

— Em segundo lugar, não havia sangue suficiente na água para torná-lo mais do que ligeiramente curioso. Ele estava apenas dando uma olhada. Se tivesse intenções mais sérias, você teria visto o excitamento agitar-lhe o corpo. E se isso por acaso tivesse acontecido, bastaria que nós três ficássemos juntos dentro da nuvem de areia levantada pelo aspirador. Os tubarões não entram em nuvens de areia. E, se por acaso entram, tratam de sair rapidamente, sem esperar para morder ninguém. A areia obstrui as guelras

deles, coisa que detestam, pois pode até matá-los. Certa ocasião o avô do bichinho que encontramos hoje, um tubarão-tigre, com mais de cinco metros de comprimento, tentou me devorar. Tudo que fiz foi esperá-lo dentro de uma nuvem de areia. Mas enfiar uma faca naquele tubarão era a última coisa do mundo que você deveria fazer! A última! É o que só se faz quando não resta outra alternativa, quando o negócio é matar o bicho ou virar jantar. Mas nunca antes.

— Mas por quê?

— Porque o tubarão poderá abocanhá-lo. Dizem que os tubarões não têm cérebro suficiente para ficarem zangados, mas eu já vi imitações de fúria muito boas. E, se quer descobrir outra razão para não ter feito o que fez, dê uma olhada na água.

— Onde?

Treece jogou-lhe uma máscara.

— Ponha isto no rosto e se debruce para fora da plataforma.

Ele virou-se para Gail e acrescentou:

— E você também faça a mesma coisa. Mas, pelo amor de Deus, tomem cuidado para não cair dentro da água!

Hesitantes, sem saberem o que esperar, David e Gail voltaram para a plataforma de mergulho, segurando-se nas correntes que a prendiam ao costado do barco. Prenderam a respiração e encostaram o rosto na água.

A cena que se desenrolava a dez metros de profundidade, junto aos recifes, parecia uma briga entre quadrilhas. Tudo o que restava do tubarão que Sanders esfaqueara eram uns poucos pedaços mutilados, que estavam sendo disputados, com um frenesi selvagem, por inúmeros outros tubarões. Meia dúzia de tubarões-tigres, maiores, lutavam confusamente, numa massa indistinta, por alguns restos. Um tubarão menor seguiu um pedaço de carne até o fundo, abocanhou-o e saiu em disparada, perseguido por dois outros. Havia tubarões por toda parte, nadando em arrancos frenéticos, reagindo aos menores ruídos e movimentos, à procura de alguma presa. Alguns eram cinzentos, outros castanhos, alguns listrados. Os tubarões maiores atacavam os menores em golpes a esmo. Os menores escapuliam velozmente. Quando não eram bastante rápidos, ficavam feridos e eram prontamente atacados por todo o cardume.

Enquanto os Sanders observavam, cada vez mais vultos escuros e de movimentos sinuosos emergiam da semi-escuridão azul além do campo de

visão deles. Um tubarão passou diretamente por baixo do barco. Vendo algo na superfície, subiu na direção deles. Gail e David voltaram rapidamente para o convés do barco.

Treece e Coffin estavam contando as ampolas. Treece não levantou os olhos quando disse:

— Viu o que você fez?

Ele não estava tripudiando. Seu tom de voz era de quem queria dizer: “Agora você compreende”,

— Tem toda a razão. Desculpe.

— Quanto tempo eles ficarão por aqui? — perguntou

Gail.

— Até a comida acabar. Mas, se eles estiverem lutando entre si, como geralmente acontece, a comida não acabará tão cedo. Ficarão por aqui bastante tempo.

— O que significa que o dia de hoje está acabado — disse Sanders. — Desculpe-me.

Treece abrandou um pouco.

— Também não é uma tragédia tão grande assim. Conseguimos recolher uma boa carga e os tubarões trazem pelo menos uma vantagem: ninguém virá mergulhar por aqui, enquanto eles estiverem por perto.

Gail estremeceu. Tirou a parte de cima do traje de mergulho e enxugou-se.

— Quantas ampolas conseguimos pegar?

— Quatro mil...

Treece olhou para Coffin, que concluiu, enquanto fechava o último saco de sanduíches cheio de ampolas:

— ...oitocentas e setenta.

— Ainda falta muito — comentou Treece, olhando para a praia. — E não nos sobra muito tempo. Cloche deve ter postado vigias naquele penhasco, durante o dia inteiro.

— Ele não vai conseguir transformar seus homens em bons mergulhadores em apenas dois dias — disse Coffin. — E ainda terá que fabricar um tubo aspirador. Não poderá mandar os seus patifes irem buscar as ampolas lá no fundo só com os dedos.

— Dois dias é pouco, Adam. Mas também não é preciso muito mais do que isso para transformá-los em mergulhadores pelo menos razoavelmente competentes. E, assim que eles estiverem preparados, entrarão em ação imediatamente. Acho que vamos passar a trabalhar também de noite.

Ele viu uma expressão de tristeza surgir no rosto de Gail e acrescentou:

— Mas não esta noite. Nós lhe daremos a oportunidade de descansar um pouco.

— O que vai fazer com isto? — perguntou Sanders, pondo a mão sobre a granada de artilharia.

— Nada, por enquanto. Quis apenas tirá-la lá do fundo. Mais tarde, vou limpá-la e vender o bronze.

— Será que ela ainda está ativa, depois de trinta anos?

— Está.

Treece pôs a granada num torno pregado na amurada de boreste. Tirou uma chave de fenda de um armário e ajustou-a na parte inferior da granada. Puxou o cabo, mas a chave não se mexeu.

— A corrosão deixou a tarraxa praticamente soldada.

Ele apoiou um dos pés na antepara, segurou o cabo da chave de fenda com as duas mãos e deu um puxão para trás. Os bíceps se estofaram, os tendões do pescoço saltaram, o rosto ficou vermelho.

Houve um ranger metálico e depois um estalido. A chave de fenda girou ligeiramente. Treece deu outro puxão e conseguiu girar a tampa. Desatarraxou a parte inferior da granada e colocou-a no convés.

— Deem uma olhada.

O interior da granada estava repleto de fios duros e cinzentos, semelhantes no aspecto a espaguete, praticamente grudados uns nos outros. Coffin entregou a Treece um alicate e uma caixa de fósforos. Treece arrancou um dos fios do interior da granada. Segurando-o com o alicate, entregou a caixa de fósforos a Sanders e disse:

— Acenda.

— O que é isso?

— Cordite. É o que faz tudo explodir.

Sanders ergueu o fósforo aceso até a ponta do fio de cordite. Houve um clarão súbito e o fio ardeu com o brilho de magnésio.

— Isso é tudo o que existe dentro de uma bomba tão grande? —

perguntou Gail.

— Tudo? Céus, menina, se juntar cem fios desses e detoná-los, pode explodir as Bermudas em mil pedacinhos!

Treece jogou a cordite no mar. Silvou ao cair na água e afundou, emitindo um fluxo de borbulhas.

Eles recolheram as mangueiras de ar e arrumaram-nas em rolos. Treece prendeu o tubo aspirador na amurada e depois foi ligar o barco. Charlotte, que estivera dormindo no convés, levantou-se e, como um soldado relutando em assumir seu turno de sentinela à meia-noite, foi ocupar seu posto na ponta da proa.

Coffin içou a âncora. Treece passou com o barco pelos recifes e seguiu para a praia.

— A que horas amanhã? — perguntou Coffin.

— Cedo. Digamos... oito horas. Trabalharemos durante quatro ou cinco horas, descansaremos durante a tarde e recomeçaremos às seis horas.

Ele fez uma pausa e acrescentou, caçoando de Coffin:

— Sei que os velhos precisam tirar seu cochilo todas as tardes.

— Vá para o inferno! Ainda vou enterrar vocês todos!

O barco ainda estava a uns setenta metros da praia. Coffin subiu na amurada e mergulhou no mar. Treece ficou olhando, a sorrir, até ver Coffin surgir à superfície e nadar na direção da praia. Virou então o barco na direção do alto-mar.

Enquanto o barco subia e descia em meio às ondas suaves, algo escorregou da plataforma diante da roda do leme e caiu no convés, ruidosamente. Era a placa de fechadura. Gail pegou-a e entregou-a a Treece.

— Oh, meu Deus, eu quase tinha esquecido!

Virando-se para Sanders, com um sorriso, Treece acrescentou:

— Também não era para menos, com toda a confusão provocada pelo intrépido caçador de tubarões.

— Adam disse que era uma placa que recobria as fechaduras dos baús antigos.

— E é mesmo. Só que não era de uma fechadura comum. Já ouvi falar desse tipo especial, mas nunca tinha visto nenhuma placa assim. E, ao que eu saiba, não existe mais nenhuma. Era uma fechadura de três chaves. Podem ver os três buracos na placa. Eram necessárias três chaves para abrir a

fechadura.

— E qual era a vantagem disso? — perguntou Sanders.

— O objetivo era impedir que uma ou duas pessoas tirassem o que havia no interior da caixa ou baú. Três sócios, três chaves. Digamos que alguma coisa fosse despachada do Novo Mundo para a Espanha. O rei tinha uma chave mestra, que servia nas três aberturas. O seu representante em Havana tinha, digamos, duas chaves, enquanto o capitão do navio estava de posse de uma terceira. Trancavam a caixa em Havana e o capitão levava-a para o seu navio. Ele não poderia abri-la durante a viagem, pois só dispunha de uma das chaves. Assim, chegando à Espanha, ele entregava a caixa ao rei, sem que o conteúdo tivesse sido violado.

— Não seria difícil arrombar a caixa.

— Tem razão. Mas eles geralmente não o faziam. Os espanhóis consideravam as fechaduras como... não vou dizer como coisas sagradas, mas sim como algo muito especial. Os ingleses e os holandeses enviavam documentos e tudo mais em caixas e baús comuns. Se o navio fosse atacado pelos piratas, as fechaduras de nada adiantariam. Mesmo assim, os espanhóis trancavam tudo, quase que simbolicamente. Mas uma caixa de três chaves era uma raridade.

Treece passou os dedos sobre a placa de metal, pensativo.

— Isso é muito interessante...

— Por quê?

— Significa que havia algo muito importante na caixa. Provavelmente, algo muito importante para o rei da Espanha.

Nove

Ao chegarem ao ancoradouro de Treece, o sol estava pousado no horizonte a oeste, uma bola laranja intumescida.

Treece aspirou lentamente o ar do fim de tarde e murmurou:

— O tempo vai piorar amanhã.

Sanders sentiu o impulso de perguntar como ele sabia que o tempo iria mudar, mas agora já podia prever a resposta: algo como “tenho um pressentimento” ou “a gente pode cheirar o vento chegando”. Assim, ele se limitou a perguntar:

— E vai ficar muito ruim?

— Talvez um vento de vinte nós, soprando do sul. Vai nos atrapalhar um bocado.

— E temos mesmo que trabalhar amanhã?

— Não há alternativa. Pode ter certeza de que Cloche estará trabalhando. Mas haveremos de dar um jeito. Para começar, aumentaremos o peso do lastro.

Sanders começou a tirar seu traje de mergulho, mas Treece interrompeu-o.

— Ainda não acabamos.

— Ainda não?

— Temos que guardar as ampolas. Não podemos deixá-las no barco.

— Sei disso. Mas imaginei...

Sanders parou de falar, ao ver Treece apontando para um ponto na água escura.

— Vamos mergulhar até ali. Quero que você saiba onde estão as ampolas, no caso de algo me acontecer.

— E o que lhe vai acontecer?

— Quem sabe? Talvez um caso fatal de malária ou um súbito ataque de beribéri. Talvez nada. Mas é sempre bom tomar todas as precauções. Há uma caverna submarina, na base do penhasco. A maré costuma varrê-la. Mas, se pusermos as ampolas bem no fundo e as enterrarmos, elas ficarão lá.

Virou-se para Gail e acrescentou:

— Você não precisa vir.

— Mas posso ir, se for necessário.

— Não. Você será mais útil aqui em cima, passando-nos as ampolas.

Eles trouxeram as ampolas para o convés e prenderam nas costas os tanques de ar. Treece encheu as sacolas de lona pela metade e entregou uma lanterna elétrica a Sanders, recomendando:

— Ponha bastante peso de lastro. Essa sacola vai querer puxá-lo de volta à superfície. Adam procurou tirar o máximo de ar dos sacos de plástico, mas não dá para tirar tudo. Se você estiver bem pesado, poderá chegar facilmente ao fundo. Lá embaixo, siga a minha luz.

— Está certo.

Treece apontou para uma caixa de madeira retangular que havia no cais e disse para Gail:

— Traga-me um dos peixes que estão naquela caixa.

— Um peixe?

— Isso mesmo. Aquela caixa está cheia de peixe salgado. Eu os guardo para Percy. Ela vive na caverna.

Gail abriu a caixa de madeira. O cheiro forte de peixe fê-la recuar e prender a respiração.

— Pegue um bem grande — pediu Treece. — Quero mantê-la ocupada, a fim de que não venha se meter conosco.

— Quem é Percy? — perguntou Sanders.

— Uma moreia muito grande e pavorosa, das verdes. Vive naquela caverna há muito, muito tempo. Nós nos damos muito bem, mas a desgraçada está sempre com fome. Eu gosto de mantê-la feliz, oferecendo-lhe o jantar de vez em quando.

Gail enfiou a mão na caixa e pegou o maior rabo que viu. Ela engoliu em seco, para não vomitar.

— Não mantém esses peixes no gelo?

— Não há necessidade. O sal os preserva bastante bem.

Treece pegou o peixe e acrescentou:

— Isto deve manter Percy ocupada por algum tempo. Eu vou na frente, David. Quero ver Percy na frente, e verificar se ela sabe o que está acontecendo. Se você deixar aquela desgraçada pegá-lo, não terá uma noite das mais agradáveis. E não vá meter a mão em nenhum buraco. Pelo que eu sei, Percy tem parentes partilhando a caverna.

Ele baixou a máscara no rosto, rolou para fora da amurada, voltou à

superfície e estendeu a mão para pegar o peixe, a sacola e a lanterna.

Sanders seguiu-o. Descobriu, como Treece dissera, que o aumento do peso de lastro e o ar nos sacos de plástico se anulavam mutuamente. Assim, ele afundou sem a menor dificuldade.

A caverna não ficava muito abaixo da superfície, talvez a uns cinco ou seis metros apenas, calculou Sanders, observando o facho de sua lanterna deslocar-se entre o fundo rochoso e o barco lá em cima. A sacola de lona era bastante incômoda, fazendo pressão sobre o braço esquerdo. Assim, Sanders apertou-a de encontro à barriga e seguiu a luz da lanterna de Treece, que se afastava cada vez mais.

Treece ficou esperando à entrada da caverna, um buraco escuro, mais alto do que um homem, na face irregular do penhasco. Quando Sanders veio postar-se a seu lado, Treece iluminou o interior da caverna com a lanterna, virando-a de um lado para outro. Fixou finalmente a luz da lanterna num ponto escuro, nos fundos da caverna, e apontou com o dedo. Sanders viu algo que se mexia.

Lentamente, Treece foi nadando para o interior da caverna, segurando o peixe à sua frente. Sanders foi atrás.

Na base de uma das paredes da caverna, havia uma pilha de pedras, consequência de um desmoronamento, há muito tempo atrás. Treece levantou o peixe na direção da parede.

O focinho da moreia emergiu de uma fenda entre as pedras e a parede. Sanders já vira moreias em aquários, mas nunca deparara com nenhuma que pudesse sequer se comparar em tamanho àquele corpo verde que ia lentamente deslizando para fora da fenda. Tinha mais de trinta centímetros de grossura, de alto a baixo, com pelo menos quinze centímetros de largura.

A moreia contorceu-se pacientemente, até tirar da fenda uma parte do seu corpo, cerca de um metro. Depois ficou suspensa acima das pedras, os olhos frios e pequenos indo de Sanders para Treece e para o peixe. A boca se abria e fechava ritmadamente, deixando à mostra os dentes compridos e semelhantes a agulhas, ligados por membranas viscosas que brilhavam à luz. A cabeça inclinou-se ligeiramente e — tão rapidamente que Sanders mais tarde não pôde recordar-se de tê-la visto mexer-se — agarrou o peixe.

Treece não largou o peixe, continuando a segurá-lo, os dedos um pouco além do rabo. A moreia puxou, depois parou, em seguida começou a girar o corpo, como um tapete a se desenrolar, até desprender um naco da barriga do

peixe. A moreia recuou, engolindo o pedaço de peixe, os dentes forçando a carne pela garganta, a pele verde ondulando com o esforço. Tornou a avançar, desta vez agarrando o peixe pela espinha e arrancando-o da mão de Treece. Tentou retirar-se para seu buraco, mas o peixe era grande demais para passar de lado pela fenda. Assim, a moreia contentou-se em entalar o peixe na abertura estreita, desmembrando-o por baixo.

Treece fez um gesto para que Sanders o seguisse. Embora relutando em virar as costas para a moreia naquela escuridão, Sanders obedeceu.

A caverna tinha cerca de dois metros e meio de altura. Sanders viu o facho da lanterna de Treece iluminar o teto e depois a sacola de lona flutuar para cima. A sacola alojou-se numa reentrância no teto e parou. Sanders levantou-se e pôs sua sacola ao lado da outra, e foi depois juntar-se a Treece no fundo.

Abriram um buraco largo e fundo na areia e nele puseram os sacos plásticos com as ampolas dentro, cobrindo-os em seguida de areia para que não flutuassem. Voltaram para o barco.

Fizeram mais três viagens, abrindo um novo buraco a cada uma. Ao deixarem a caverna, ao término da última viagem, a moreia já devorara quase todo o peixe. Restavam apenas alguns centímetros. O rabo ainda emergia da fenda, sacudindo-se, à medida que era mordido por baixo.

— De que tamanho é aquela moreia? — perguntou Sanders, depois que voltaram ao barco.

— Nunca vi Percy inteira, mas sou capaz de apostar que tem pelo menos três metros. Assim que a escuridão for total, ela sairá da caverna e começará a passear. Uma noite dessas, podemos mergulhar para vê-la sair.

— Não, obrigado. Ela já me parece terrível demais metida naquele buraco. Não quero encontrá-la em mar aberto.

— Mas como? Pensei que vocês, matadores de tubarões, não soubessem o que significa a palavra “medo”...

— Mas que diabo...

Sanders ficou irritado com a provocação de Treece. Queria obrigá-lo a parar com aquilo. Mas não queria provocar um atrito, nem suplicar.

— Não precisa ficar zangado — disse Treece.

Ele estalou os dedos para a cachorra, que pulou do barco para o ancoradouro.

— Vá na frente, Charlotte. Veja se há algum bandido à espreita.

O animal avançou alegremente pelo caminho, abanando o rabo, farejando as moitas. Treece tirou os dois tanques de ar vazios da prateleira e colocou-os no convés.

— E melhor enchê-los esta noite.

Ao chegarem a casa, viram um embrulho de jornal diante da porta da cozinha. Treece pegou-o, cheirou-o e disse:

— É *o* jantar.

— Peixe? — perguntou Gail, com um estremecimento de náusea, ao se recordar da caixa de peixes no cais.

— Não. É carne.

Treece abriu a porta, segurando-a para que eles passassem.

— Nunca deixa a porta trancada? — perguntou Gail.

— Não. Como eu disse, somente os espanhóis acreditavam na eficiência de fechaduras.

Lá dentro, Treece disse para Sanders:

— Sirva um rum para mim, enquanto ponho esta carne no fogo.

— Certo. Vai querer alguma coisa, Gail?

— Agora não. Quero tomar um banho de chuveiro antes. Sinto-me como se estivesse com uma sujeira de uma semana.

— Sabe ligar o aquecedor? — perguntou Treece.

— Aquecedor?

— Há um aquecedor a gás perto do boxe. Vire a metade da válvula na direção dos ponteiros do relógio e espere dois minutos. É o tempo necessário para começar a esquentar a água. Quando estiver no fim do banho, a água estará quente e agradável.

— Obrigada.

Gail saiu da cozinha. Sanders entregou a Treece um copo com rum e tomou um gole do seu *scotch.*

— Há algo em que eu possa ajudar?

— Não. Pode descansar.

Sanders sentou-se à mesa e observou Treece acender o fogão, despejar azeite numa frigideira, pôr a carne dentro e jogar algumas ervas por cima. Depois de certificar-se de que a carne estava cozinhando adequadamente,

Treece virou-se e olhou para Sanders.

— O que o está mordendo, David?

— Como?

Sanders não estava entendendo.

— Aquela história do tubarão. O que você está procurando?

Sanders pensou: “Oh, meu Deus, lá vamos nós começar novamente!”

— Nada. Já sei que foi uma estupidez o que fiz.

Ele esperava que a sua admissão encerrasse a conversa.

— Acho que é mais do que isso, David. Tenho a impressão de que, lá no fundo, você está convencido de que fez algo espetacular.

Sanders corou, pois Treece estava certo. Por baixo da certeza de que agira estupidamente, impetuosamente, levianamente, havia o orgulho do garotinho por ter esfaqueado um tubarão. Embora ele jamais fosse dizê-lo, até mesmo fantasiara a maneira como contaria a história aos amigos. Mas ficou calado.

— É uma reação bastante natural, David. A maioria das pessoas está querendo sempre provar alguma coisa para si mesma. E quando fazem alguma coisa impressionante são as primeiras a ficar impressionadas. O problema *é* que você não *é* aquilo que *faz*. Gosta de fazer as coisas só para verificar se é capaz, não é mesmo, David?

Embora não houvesse o menor tom de censura na voz de Treece, Sanders ficou constrangido.

— Às vezes. Eu acho...

Treece interrompeu-o:

— O que eu procuro... O sentimento é muito mais intenso e melhor quando você faz alguma coisa que seja certa, quando sabe que alguma coisa deve ser feita e sabe que a está fazendo, correndo riscos. A vida está repleta de oportunidades para nos ferirmos a nós mesmos ou a outros.

Treece tomou um gole antes de continuar:

— Nos próximos dias, você terá mais oportunidades de se ferir a si mesmo do que a maioria dos homens numa vida inteira. É aprender as coisas e fazer as coisas certas que torna a vida válida, que deixa um homem em paz consigo mesmo. Quando eu era jovem, ninguém me podia dizer coisa alguma. Eu sabia tudo. Tive que cometer muitos erros para descobrir que não sabia distinguir merda de tapioca. Quantos anos você tem, David?

— Trinta e sete.

— Já não é um jovem, mas também não está a um passo da sepultura. Pode começar agora e passar os próximos quarenta anos aprendendo sobre o mar, sem que jamais se esgotem as coisas novas que terá para conhecer. É a única coisa ruim para aprender: é humilhante. Quanto mais aprendemos, mais descobrimos quão pouco sabemos.

Treece esvaziou o copo e levantou-se para tornar a enchê-lo.

— Mas estou fazendo um rodeio muito grande só para dizer-lhe que é uma loucura fazer as coisas apenas para provar que pode fazê-las. Quanto mais aprender, mais irá descobrir que estará fazendo coisas de que nunca imaginou que fosse capaz, nem mesmo em um milhão de anos.

Sanders assentiu. Não sabia se a atitude de Treece em relação a ele se alterara ou fora a sua interpretação da atitude de Treece que mudara. Mas sentiu-se estranhamente privilegiado e disse:

— Obrigado.

Treece pareceu ficar desconcertado com o agradecimento. Subitamente, estalou os dedos e disse:

— Os tanques! Eu já ia quase esquecendo. É melhor ligar o compressor agora ou irá resfolegar durante a noite inteira.

Sanders seguiu-o até o barracão e ficou olhando enquanto Treece ligava o compressor e ajustava os dois tanques no lugar.

Ao voltarem para a cozinha, Gail estava se servindo de um drinque. Estava descalça, com um roupão de algodão. Sanders beijou-a no pescoço. Ela cheirava a sabão.

— Você está com um gosto bom — disse ele.

— Eu me sinto muito bem, à exceção das fossas nasais.

— Está com dor de cabeça? — perguntou Treece.

— Não é propriamente dor de cabeça — disse Gail, tocando nos ossos por cima dos olhos. — Parece que aqui está inchado. Dói só de tocar.

— Acho que você abusou um pouco. Adam é que mergulhará amanhã. Você pode ficar se bronzeando no barco.

Treece virou a carne na frigideira, abaixou-se e abriu uma porta por baixo da pia, tirando uma variedade de legumes: vagens, pepinos, cebolas, tomates e um pedaço de abóbora. Cortou tudo numa tigela, acrescentou um pouco de molho e misturou com um garfo.

A carne era vermelho-escura, quase púrpura, com um sabor picante.

— Vocês matam os bois aqui mesmo? — perguntou Gail mergulhando um pedaço de carne no molho da salada, para atenuar o gosto forte.

— Não sei. Por quê?

— Estava apenas pensando...

— Em quê?

— É... interessante.

— Sabia que isto não é carne de boi?

— Não? — disse Gail, inquieta. — O que é então?

— Cabra.

Treece cortou um naco de carne, pô-lo na boca e mastigou-o alegremente.

— Oh! — exclamou Gail, sentindo o estômago embrulhado.

Ela olhou para Sanders. Ele já ia morder um pedaço de carne, mas o garfo parara no ar, a alguns centímetros da boca. Sanders viu que Gail o fitava, prendeu a respiração e pôs o pedaço de carne na boca, engolindo-o inteiro.

Depois do jantar, Treece pôs seu prato dentro da pia e informou:

— Vou dar uma volta. Provavelmente conversarei um pouco com Kevin. Não precisam ficar acordados à minha espera.

— Há algo que possamos fazer? — perguntou Gail.

— Não. Divirtam-se.

Ele enxugou as mãos na calça e pegou uma garrafa de rum do armário de bebidas.

— Kevin bebe aguardente de palmeira, de fabricação doméstica. Corrói as entranhas da gente mais depressa do que qualquer outra coisa.

Ele cutucou a cachorra, que estava dormindo debaixo da mesa.

— Vamos indo, Charlotte.

A cadela levantou-se, espreguiçou-se, bocejou e seguiu Treece pela porta da cozinha. Depois que ouviu o portão fechar-se e os passos de Treece afastarem-se, Sanders disse:

— Foi muita delicadeza da parte dele.

— Fazer o quê?

— Deixar-nos a sós.

Ele estendeu o braço por cima da mesa e segurou a mão dela. Gail não retirou a mão, nem reagiu ao contato dele.

— Treece já foi casado — disse ela, repetindo em seguida a história que Coffin lhe contara.

Enquanto escutava, Sanders recordou-se de sua conversa com Treece. Compreendeu que fora por uma preocupação genuína e sincera que Treece lhe falara tudo aquilo, não apenas um conselho amistoso, como ele pensara. Treece estava tentando desviá-lo de um caminho que ele próprio, Treece, seguira e que acabara despojando-o, para sempre, das promessas de alegria. Ao compreendê-lo, Sanders sentiu-se invadido por um medo frio, que não mais era abrandado pela expectativa emocionante de aventura.

— Eu a amo muito, Gail.

Ela assentiu. Havia lágrimas em seus olhos.

— Vamos para a cama, Gail.

Ele levantou-se, pôs os pratos na pia e levou-a para o quarto. E pela primeira vez Gail não aderiu ao ato de amor. Depois de alguns momentos, Sanders parou de tentar e perguntou:

— Qual é o problema, Gail?

— Desculpe-me... não posso...

Ela rolou para o lado e ficou olhando para a parede.

Sanders ficou acordado por muito tempo, escutando o barulho do compressor lá fora. Aos poucos, o barulho da respiração de Gail foi se tornando cada vez mais regular, até que ela passou a respirar no ritmo do sono profundo.

O anseio sexual de Sanders não era puro desejo. Ele sentia uma necessidade de transmitir seu amor a Gail, como que para confortá-la. Mas ela não o queria — ou pelo menos não queria o que ele tinha para lhe dar. Subitamente, Sanders sentiu-se aborrecido com Treece. Ele não lhes falara da esposa, nem mesmo sabia que eles sabiam. Mas, de alguma forma, Treece, o passado dele, seus sofrimentos haviam-se interposto entre eles. Sanders sabia que sua irritação era irracional, mas não podia controlá-la.

Finalmente, ele adormeceu. E não acordou com os ruídos novos que se intrometeram na quietude da noite, o barulho de um motor de automóvel, em cadência diferente do motor do compressor, o som de pneus esmagando o cascalho.

Foi o vento que despertou Sanders, pela manhã, assobiando pela tela e sacudindo as venezianas, soprando direto do mar e aumentando a força ao varrer o penhasco.

Treece estava sentado na cozinha, examinando os documentos antigos.

Sanders não perguntou se ele descobrira alguma novidade.

A esta altura, já sabia que Treece falaria quando tivesse algo a dizer. Acenando com a mão na direção da janela, ele se limitou a dizer:

— Você estava certo.

— O vento está mesmo soprando forte. Mas é pior aqui em cima do que lá embaixo. Não teremos problemas.

Sanders olhou para o relógio. Eram seis e meia.

— A que horas pretende partir?

— Dentro de meia hora, quarenta minutos. Se sua mulher vai querer comer alguma coisa, é melhor acordá-la agora.

— Está certo.

Sanders hesitou, mas não conseguiu conter mais a sua curiosidade.

— Encontrou alguma coisa?

— Alguns fragmentos de informações, mas nada que seja realmente importante. Ah, esses diários! A acreditar nas histórias que aqueles marujos contavam, cada navio transportava todo o Forte Knox.

O vento que soprava ao longo da praia do sul era bastante forte. O *Corsair* batia de encontro às ondas impetuosas, estremecendo e deixando uma esteira em ziguezague. Á espuma voava de boreste e vinha bater no vidro. Charlotte, depois de uma tentativa frustrada de manter-se firme na proa, estava deitada num canto seco da popa, ganindo cada vez que seu corpo batia contra a amurada, nos solavancos do barco.

David e Gail estavam na cabina, ao lado de Treece, apoiando-se nas anteparas.

— Podemos mergulhar com o tempo assim? — perguntou Sanders.

— Claro. O vento é de vinte nós, mas vamos ancorar a sotavento dos rochedos. E lá no fundo o mar está calmo.

— E se a âncora não aguentar?

— Então haverá em Orange Grove mais uma embarcação naufragada.

Ao passarem pelo Orange Grove, Treece virou o barco na direção da praia. As ondas quebravam em cima dos recifes e explodiam em nuvens de espuma.

Sanders estava esperando que Treece passasse cuidadosamente pelos recifes, como antes. Em vez disso, Treece hesitou por um momento no lado dos recifes que dava para o alto-mar, examinando as correntezas e o padrão das ondas. Depois, deu toda a força ao motor e seguiu direto para um ponto na primeira linha de recifes.

— Segurem-se bem! — avisou Treece. — O barco vai se sacudir todo!

O barco arremessou-se na direção dos recifes. Empurrada por uma onda, a popa virou-se para a direita. Treece girou o leme e o barco endireitou. Ele reduziu a velocidade por alguns segundos, em seguida acelerou ao máximo e partiu para a segunda linha de recifes.

Depois de passarem por todas as linhas de recifes e quando estavam navegando no sotavento relativamente calmo, Sanders sentiu o suor escorrendo de suas têmporas, pelo pescoço e entrando por baixo do traje de mergulho.

— É uma verdadeira montanha-russa — comentou Treece.

Ele viu uma das mãos de Gail ainda agarrando tensamente uma alça no painel e afagou-a, dizendo:

— Já acabou.

Gail soltou a alça e sorriu, debilmente.

— Ufa!

— Eu deveria ter avisado vocês. É a única maneira de passar pelos recifes num mar assim. Se calcularmos o momento certo, haverá água suficiente para passar por cima. Mas, se a gente tentar passar pelas aberturas nos recifes, as ondas jogarão o barco contra eles.

Não tiveram que ficar parados no mar encapelado, à espera de Coffin. Assim que vira o barco passar pelas linhas de recifes, ele avançara até a arrebentação e começara a nadar.

— Desculpe o atraso — disse Treece, ao puxar Coffin para bordo. — É que tivemos alguns problemas na passagem.

— Eu vi. Vamos ancorar a sotavento?

— Vamos. Está disposto a se molhar hoje? A cabeça da menina está doendo.

— Claro.

Treece virou o barco na direção dos recifes. Coffin foi até a proa e examinou os cabos das âncoras.

— Bombordo e boreste? — perguntou ele.

— Exatamente. E com bastante folga. Eu darei o aviso na hora de jogar.

Treece passou com o barco por cima das duas primeiras linhas de recifes. Diminuiu a velocidade ao se aproximar da terceira linha. O barco sacudiu-se e virou de um lado para outro, a esmo. Mas Coffin, usando os dedos dos pés como garras para se segurar e dobrando e desdobrando os joelhos para absorver o choque dos movimentos do barco, conseguiu continuar de pé na proa.

Observando Coffin manter o equilíbrio, Sanders sorriu e sacudiu a cabeça.

— O que foi? — perguntou Gail.

— Estava me lembrando de uma coisa. Quando Treece disse pela primeira vez que Coffin ia mergulhar, perguntei se ele ainda estava em condições. Olhe só para ele agora. Se fosse eu que estivesse lá na proa, já teria caído no mar pelo menos uma dúzia de vezes.

Gail segurou a mão dele.

— Boreste! — gritou Treece.

Coffin jogou uma âncora no recife. O rolo de corda a seus pés desapareceu rapidamente por cima da amurada.

Treece passou para ponto morto e deixou que o barco deslizasse para trás, até a corda ficar toda esticada.

Coffin pôs a mão na corda que tremia e gritou:

— Está pegando bem!

Treece fez o barco avançar e passou sobre o cabo da âncora, gritando “Bombordo!” Coffin jogou a outra âncora.

Quando os dois cabos das âncoras ficaram esticados, Treece desligou o motor. Restaram apenas os ruídos das ondas batendo nos recifes, do vento zunindo sobre a água, do casco chapinhando sobre a superfície.

Treece perguntou a Coffin:

— Vai querer um Desco?

— Claro. Não quero saber de uma garrafa batendo nas minhas costas,

com o mar do jeito que está.

Treece ligou três mangueiras de ar ao compressor, verificou o nível do combustível e a pressão do óleo, ligando-o em seguida.

Enquanto se vestiam, Treece disse para Gail:

— Não é que você vá precisar, mas é bom aprender a usar.

Ele pegou a espingarda e ejetou os cinco cartuchos, entregando a arma a Gail.

— Está pronta para disparar. Tudo o que você precisa fazer é empurrar esta alça para a frente e apertar o gatilho.

Gail segurou a arma cautelosamente, como se fosse uma cobra. Inconscientemente, os cantos de sua boca descaíram e ela franziu o rosto. Fez o que Treece havia mandado, apertando o gatilho. Houve um clique metálico.

— Como é que faço a mira?

— Não precisa fazer. Segure a espingarda na altura da cintura. Se a puser no ombro, o coice provavelmente irá arrancar-lhe o braço. Dispare na direção geral do que estiver querendo acertar. Se o alvo estiver perto o suficiente, você vai transformar a coisa ou pessoa em picadinho.

Treece pegou novamente a espingarda e repôs os cartuchos na câmara.

— Mas eu não conseguiria fazer uma coisa dessas! — disse Gail.

— Garanto que conseguirá. Se um dos maníacos de Cloche aparecer na sua frente brandindo uma faca de açougueiro, vai descobrir que é capaz de fazer as piores coisas.

Treece notou a angústia no rosto dela e acrescentou:

— Como eu disse antes, menina, não vai precisar usar essa espingarda. Provavelmente, seu único problema será manter o que comeu no café dentro do estômago.

Treece desceu para a cabina, subindo pouco depois com seis jogos de trajes de mergulho, que não combinavam. Deixou-os cair no convés e disse:

— Peguem o que couber em vocês. E não se esqueçam de pôr bastante peso, pois teremos que mergulhar direto até o fundo, para escapar dessas ondas da superfície.

Os três mergulharam. Sanders começou a voltar para a superfície, a fim de limpar a máscara, mas imediatamente mudou de ideia, pois as ondas começaram a jogar, seu corpo de um lado para outro, impelindo-o até poucos centímetros do casco que se balançava. Ele exalou e desceu rapidamente até o

fundo. Não conseguiu ficar de pé na areia. As correntezas não eram tão fortes quanto na superfície, mas mesmo assim o jogavam para a frente e para trás, como uma haste de feno ao vento. Ele caiu de joelhos e engatinhou na direção dos recifes. Olhou para cima e viu Treece que descia, rapidamente, trazendo duas sacolas de lona e o tubo aspirador.

A correnteza perto dos recifes estava ainda pior. As ondas batendo lá em cima provocavam um remoinho no fundo, que atraía os mergulhadores para os rochedos. Sanders tentou parar antes de chegar aos rochedos, mas não conseguiu. Bateu com o quadril numa ponta de pedra e caiu na direção de formações de coral pontiagudas. Estendeu o braço às cegas, bateu em alguma coisa e segurou-a. Era uma saliência de coral. Se não estivesse usando uma luva de borracha, sua mão teria ficado toda cortada. O corpo ficou pairando na horizontal, no meio da correnteza. Viu Treece e Coffin deitados na areia, de barriga para baixo, aparentemente fora da correnteza, começando a escavar com o tubo aspirador.

Sanders começou a arrastar-se para a frente e para baixo, segurando uma saliência depois da outra, até chegar ao fundo dos recifes. Estendeu-se ao lado de Coffin. Embora ainda sentisse as pernas sendo puxadas na direção dos recifes, descobriu que podia permanecer razoavelmente firme, comprimindo os joelhos contra a areia. Coffin passou-lhe uma sacola e logo em seguida o primeiro punhado de ampolas.

Em uma hora, eles encheram seis vezes todas as três sacolas que haviam levado. Sanders fez seis viagens à superfície, esforçando-se para se segurar na plataforma de mergulho, que não parava por um instante sequer, e para não ser atraído para baixo do casco, enquanto Gail tirava as ampolas. Estava cansado e sentia frio, as fossas nasais doíam-lhe. Cada descida era mais difícil, demorava mais tempo, pois os ouvidos resistiam a ficar desobstruídos, as cavidades sinusais por cima dos olhos doíam em protesto.

Fazendo sinais com as mãos, Sanders pediu a Coffin para fazer as viagens seguintes até a superfície, trocando de lugar com ele. Coffin concordou. Sanders ficou deitado, de bruços, à beira do buraco que Treece estava abrindo. E à medida que o tubo de ar removia a areia, deixando as ampolas à mostra, ele as pegava antes que a correnteza as levasse.

Outra hora se passou, com sete viagens desta vez, e Sanders e Coffin trocaram novamente de lugar. Subindo com as sacolas, Sanders deu uma olhada em seu relógio. Eram quase onze horas.

Segurou-se na plataforma de mergulho e ficou esperando que Gail esvaziasse as sacolas. Quando ela as devolveu, Sanders levantou a máscara e perguntou:

— Quantas já tem?

— Não consegui contar todas. Seis ou oito mil, talvez dez. Parei de contar em cinco mil. Vocês estão trazendo muito depressa.

Sanders fez mais cinco viagens. Estava sentindo agora um mal-estar físico como nunca antes experimentara. Nenhuma dor ou desconforto físico parecia pior do que os demais: sentia-se mal da cabeça aos pés, até mesmo nos dedos dos pés, acometidos por cãibras periódicas, que o forçavam a bater os pés de forma desajeitada e ineficiente. Pairando na superfície, ele olhou para baixo, procurando calcular quanto tempo levaria agora para descer novamente até o fundo. A última descida demorara tanto que, ao chegar finalmente ao recife, encontrara uma pilha de ampolas desenterradas suficiente para encher as três sacolas no mesmo instante.

Procurando conter a dor, ele desceu lentamente até o fundo. Estava se aproximando da pilha de ampolas quando foi subitamente atingido por uma correnteza. Bateu as pernas rapidamente, procurando chegar ao fundo. Mas seus pés não chegaram a encostar na areia e ele foi arremessado contra a muralha de coral. Segundos antes de bater no recife, ergueu as mãos enluvadas para diante do rosto e levantou os joelhos, esperando amortecer o impacto com as nadadeiras ou com os braços.

O joelho direito bateu primeiro — e o lugar em que bateu cedeu e quebrou. O corpo de Sanders girou, incontrolavelmente. As nádegas bateram no rochedo, a cabeça foi jogada para trás. Os músculos do pescoço resistiram ao impulso violento, mas a cabeça bateu no recife, não com muita força, sendo o choque amortecido por uma colônia de moluscos em forma de leque. Sanders tateou à procura de algo em que se segurar e sua mão encontrou uma ponta de rochedo, que se soltou e caiu, desprendendo outras pedras na descida.

A correnteza cessou. Sanders ficou parado de encontro ao recife, ofegante, procurando avaliar os danos causados ao corpo dolorido. Havia novas dores, mas nenhuma parecia pior do que as que já sentia antes.

Foi descendo lentamente pelo recife, verificando cautelosamente a firmeza de cada saliência em que se segurava, antes de passar para a seguinte. Olhando para a esquerda, viu algo brilhando numa reentrância do recife, uma

cintilação que desapareceu assim que a coluna de luz se deslocou. Examinou a reentrância. Era um buraco com pelo menos meio metro de profundidade. Outro raio de luz passou diante do buraco e ele novamente viu o brilho.

Sanders recostou-se contra o recife, uma das pernas enganchada numa pedra, uma das mãos agarrando uma saliência de coral. Acenou, para atrair a atenção de Treece. Mas Treece estava concentrado no buraco cheio de ampolas que estava abrindo na areia. Sanders esperou, sabendo que Coffin iria procurá-lo, assim que percebesse que as ampolas não estavam sendo recolhidas. Pouco depois, Coffin olhou na direção dele. Sanders apontou para Treece e depois para o buraco no recife.

Coffin bateu no ombro de Treece, apontando para Sanders. Treece deixou o tubo aspirador encostado no recife e nadou na direção de Sanders.

Uma nuvem passou diante do sol. A sombra veio se arrastando pelo fundo do mar, escurecendo a água e deixando a areia cinzenta. Treece olhou para Sanders, ergueu as sobrancelhas e formulou com os lábios: “O que é?”

Sanders ergueu a palma da mão na direção de Treece, depois apontou para a superfície. “Espere até a luz voltar.” A sombra passou pelo recife e afastou-se. Raios de luz penetraram no buraco.

Treece olhou, esperou, olhou novamente. Depois assentiu com a cabeça e fez o sinal de “OK” para Sanders. Enfiou o braço no buraco.

Sanders ficou observando o rosto de Treece, enquanto os dedos dele tateavam o fundo do buraco. Os olhos de Treece se estreitaram em concentração, as sobrancelhas ficaram quase unidas.

Subitamente, os olhos de Treece se arregalaram, a boca se abriu. Ele gritou, de dor e choque. Tentou tirar o braço do buraco, mas algo o estava segurando. O ombro dele foi jogado de encontro ao coral e Sanders viu-o torcido. Cerrando os dedos e apoiando-se com a outra mão contra um rochedo, Treece puxou com toda a força. O braço saiu do buraco, arrastando o corpo enroscado e retorcido de uma moreia, com as mandíbulas cravadas na junção macia e carnuda do polegar e indicador.

Treece gritou de novo, incoerentemente, estendendo a mão esquerda para agarrar a moreia, logo atrás da cabeça. Mas o corpo da moreia, não mais ancorado no recife, sacudia-se freneticamente, esquivando-se à mão de Treece. A moreia tremia convulsivamente. Num movimento rápido, dobrou-se numa espécie de nó. Usando o próprio corpo como ponto de apoio, a cabeça começou a puxar a mão de Treece para o laço do nó.

Treece não conseguia agarrar a cabeça e por isto começou a bater no corpo da moreia, a esmo, com a mão esquerda. Mas a moreia não esmorecia. Aos poucos, os dentes enviesados para trás iam arrastando a mão de Treece para dentro da boca.

De costas para o recife, procurando recuar instintivamente, Sanders recordou o tamanho da moreia que tinham visto na noite anterior. A cabeça era duas ou três vezes maior que a da moreia que estava agora agarrando a mão de Treece. Sanders viu então a carne ser arrancada. Apareceu um buraco na luva de borracha, pelo qual se podia ver a pele dilacerada, manchada de verde, o sangue escorrendo.

A moreia desenlaçou-se, engoliu e arremessou-se contra a cintura de Treece. Mas ele conseguiu desviar-se e com a mão esquerda agarrou o corpo da moreia, oito ou dez centímetros além da cabeça. A moreia tentou virar a cabeça, as mandíbulas se fechando na água, à procura de alguma coisa para morder. Treece pôs a mão ferida na frente da outra e apertou. A pressão fez com que mais sangue jorrasse do ferimento. Ignorando o corpo que se agitava e batia violentamente em seus flancos, Treece forçou a cabeça da moreia de encontro a uma saliência no rochedo, esmagando-a. O corpo da moreia tremeu convulsivamente por duas vezes e depois ficou imóvel. Treece largou-a. A moreia afundou lentamente até a areia.

Treece apontou então para Sanders e depois para o buraco no recife, dizendo-lhe que enfiasse o braço ali e pegasse o objeto. Sem pensar, apavorado, Sanders sacudiu a cabeça: “Não!” Treece espetou o indicador esquerdo no peito de Sanders e depois apontou para o buraco: “Faça-o!”

Sanders enfiou o braço no buraco. Fechou os olhos, escutando o coração disparado, a respiração ofegante, antecipando, imaginando mesmo, uma súbita pontada de dor. Os dedos desceram pelo coral, sentiram a maciez da areia. Nada. Ao se debater, a moreia devia ter empurrado o objeto para uma parte mais funda do buraco ou então enterrado o objeto na areia. O ombro dele estava comprimido contra o coral. Não podia ir mais além. Os dedos moveram-se para a esquerda e para a direita, raspando o fundo, sentindo seixos e pedaços de coral. Quase ao final do raio de ação, os dedos encontraram algo duro. Sanders esticou o braço o mais que pôde, conseguindo finalmente agarrar o objeto, entre as pontas dos dedos. Puxou-o para mais perto, largou-o, e tornou a pegá-lo, com mais firmeza.

Puxou o braço e abriu os olhos. Estava sozinho. O tubo de ar batia de

leve contra o recife, e borbulhas saíam pela extremidade. A pilha de ampolas na areia estava intacta. Olhando para cima, viu Treece e Coffin na superfície. Treece bateu com os pés e um instante depois subia no barco.

Sanders abriu a mão e olhou para o objeto que pegara no fundo do buraco. Era uma imagem em ouro de um Cristo crucificado, com doze centímetros de altura. Os pregos nas mãos e nos pés eram gemas vermelhas, os olhos eram gemas azuis. Sanders virou a imagem de lado e viu, na base da cruz, as letras "E.F."

Treece estava encostado na amurada, enquanto Coffin lhe passava uma gaze pela mão ferida. Sanders levantou-se na plataforma de mergulho e tirou a máscara.

— É muito grave?

— Não. Mas tenho que agradecer a Deus por aquela luva. O grande problema com essas desgraçadas é o perigo da infecção.

— Pôs alguma coisa no ferimento?

— Sulfa. Mas deixe o ferimento de lado. O que encontrou?

Sanders passou para o convés e foi entregar o crucifixo a Treece. Ele examinou-o, percebeu logo as iniciais "E.F." e então ergueu o crucifixo acima dos olhos alguns centímetros, murmurando:

— Por Deus! É um trabalho de primeira!

Gail inclinou-se para a frente, tomando cuidado para não atrapalhar Coffin, e olhou para a imagem.

— Mas é linda!

— É mais do que linda. Está vendo os rubis nas mãos e nos pés? Os espanhóis quase nunca usavam rubis. Preferiam esmeraldas. Verde era a cor que representava a Inquisição. Passaram mais de cem anos discutindo por causa dos rubis. Só começaram a usá-los no início do século XVIII e mesmo assim exclusivamente em trabalhos para o rei. Outra característica notável deste crucifixo é a inexistência de ligamentos.

— Ligamentos?

— Para unir os diversos pedaços. Não é uma peça inteira, pois eles não dispunham do equipamento necessário para isso. E não há neste crucifixo nenhum prego ou cavilha. É como um desses quebra-cabeças chineses, uma porção de peças que se ajustam e ficam firmes, desde que sejam montadas na ordem certa. Examinando bem, podem-se ver as linhas onde as diversas peças

se unem. E. F. devia ser uma pessoa muito rica ou muito cara a alguém que era muito rico.

Coffin cortou a ponta da gaze e deu um nó. Treece flexionou a mão, com uma carranca.

— Que bichinho mais desagradável...

— Não deveria procurar um médico? — indagou Gail.

— Só se a infecção começar a subir pelo braço.

Treece segurou-se na amurada e ficou de pé. Ergueu a mão envolta em gaze e disse para Sanders:

— Acho que você não é o único bastardo idiota que há neste navio. Se fosse Percy, estaria nesta altura terminando de mastigar o meu pescoço.

— Eu também pensei nisso — murmurou Sanders.

Treece ficou calado por um momento, antes de tornar a falar:

— Adam, quero que você e David mergulhem novamente e tragam todas as ampolas que desenterramos e o aspirador. Depois, vamos descansar até a noite.

— Está pensando em mergulhar novamente esta noite? — perguntou Coffin. — Com a mão desse jeito?

Treece assentiu.

— Voltarei para casa agora e procurarei manter a mão seca. À noite, já estará bastante boa, pelo menos para segurar o aspirador. Afinal, eu não estava fazendo outra coisa lá embaixo.

Eles buscaram mais três sacolas cheias de ampolas, depois levantaram as âncoras e passaram sobre os recifes, para deixar Coffin na praia. Antes de saltar do barco, Coffin disse:

— Se quiser, Treece, continuarei no barco. Não vai poder guardar as ampolas na caverna com a sua mão desse jeito e a moça com a cabeça estourando.

— Não é preciso, Adam. Pode ir descansar sossegado. Pedirei a Kevin para dar-me uma ajuda.

— Kevin? Você confia nele?

— Confio. Ele é de arrancar moedas dos olhos dos mortos, mas tenho certeza de que me é leal.

— Será que ele é mesmo?

— Não comece você também, Adam. Já tenho muito que me preocupar com o velho David querendo me desafiar a cada vez que respiro.

Treece percebeu que Sanders ouvira o comentário e sorriu.

— Desculpe, David, mas acontece que você é realmente um cara que gosta de discutir. Embora eu deva admitir que está melhorando a cada dia que passa.

Treece parou o barco a cerca de cinquenta metros da praia.

— Vou ficar por aqui, Adam. Não quero encalhar o barco na areia.

— Está bom aqui — disse Coffin, olhando para as ondas. — O vento ainda está soprando bem forte.

— Está, sim. Mas já começa a virar para oeste. Vamos ter uma noite tranquila para mergulhar.

— E a que horas virá buscar-me?

— Às sete horas. E desta vez seremos pontuais.

— Combinado.

Coffin tirou rapidamente o traje de mergulho e pulou para a água, nadando em direção à praia.

Na volta para Saint David, Gail e David contaram as ampolas. Gail já arrumara uma centena de sacos plásticos contendo cada um cinquenta ampolas, mas ainda restavam duas ou três vezes essa quantidade, em cima dos beliches, enroladas em toalhas, enchendo a pia. Para evitar que as ampolas sé quebrassem, Treece seguia lentamente, deixando o barco afundar nas ondas.

Gail e David ainda estavam contando e arrumando as ampolas uma hora e meia depois, quando Treece embicou o *Corsair* na direção do ancoradouro. Depois de amarrar o último saco plástico, Sanders disse:

— Deu vinte e três mil duzentas e setenta ampolas.

— Somando tudo, já recolhemos cerca de vinte e oito mil ampolas — disse Treece, olhando para os sacos plásticos. — Vamos acabar enriquecendo a companhia que fabrica esses sacos.

Gail fez mentalmente alguns cálculos rápidos, comentando em seguida:

— Nesse ritmo, mesmo que subamos para cinquenta mil ampolas por dia, ainda teremos nove ou dez dias de trabalho pela frente.

— Tem razão. E o problema é que não dispomos de tanto tempo assim.

Depois do almoço, Treece saiu de casa e desceu a colina. Gail foi para a pia, lavar os pratos. David aproximou-se por trás, abraçou-a pela cintura e beijou-a na nuca.

— Ele levará pelo menos vinte minutos para descer e subir, Gail. Poderíamos fazer muita coisa em vinte minutos.

Gail recostou-se nele.

— Acha mesmo?

— Vamos...

Ele segurou-a pelo braço e levou-a para o quarto. Fizeram amor com uma paixão serena e gentil. Ao terminarem, Gail percebeu que os olhos de David estavam úmidos.

— O que aconteceu, David?

— Nada.

— Então por que está chorando?

— Não estou chorando.

— Está bem, você não está chorando. Mas então por que seus olhos estão úmidos?

Sanders já ia negar que seus olhos estivessem úmidos, mas, em vez disso, deitou-se de costas e disse:

— Eu estava pensando na sorte imensa que tenho... como seria a vida se você por acaso morresse e eu nunca mais pudesse abraçá-la. Acho que não poderia viver sem você, Gail.

Gail encostou os dedos nos lábios dele, suavemente.

— Acho que se pode viver de recordações, David.

Ouviram a porta da cozinha abrir-se. Sanders saltou da cama e vestiu rapidamente o calção.

Kevin estava na cozinha, juntamente com Treece. A imensa barriga morena de Kevin derramava-se por cima do calção, escondendo-o quase que inteiramente. Além do calção, ele usava apenas um par de sapatos marrons, velhos e sujos, sem os cordões.

Treece bateu no ombro volumoso de Kevin e disse para Sanders:

— Ele não pode esperar o momento de mergulhar toda essa gordura na água salgada. Kevin adora o mar. Quando foi que deu o último mergulho,

Kevin? Não foi em 1955?

Kevin limitou-se a resmungar, mal-humorado. Os três desceram até o ancoradouro. Ao ver as ampolas no barco, os olhos de Kevin ficaram arregalados.

— Nossa! Já pegaram tudo?

— Não. Isto é apenas o que apanhamos até agora. Ainda tem muito mais lá embaixo.

— Quantas?

— Quem sabe? — disse Treece, sorrindo. — Mas você só tem que pensar no que está aqui.

Treece acionou o compressor. Sanders vestiu o traje de mergulho. Estava pegajoso e frio. Ao terminar, perguntou a Treece:

— E o que vamos fazer com a nossa amiga lá embaixo... Percy?

— Provavelmente ela estará dormindo em seu buraco. Mesmo assim, seria bom você levar-lhe um peixe.

Sanders olhou para a mão enfaixada de Treece.

— Vou ter que dar-lhe o peixe na boca?

— Não. Pode deixar em cima do buraco ou perto. Percy sentirá o cheiro e sairá para pegar o peixe.

Sanders e Kevin levaram duas horas para colocar todas as ampolas na caverna. Sanders estava sentindo frio e cansaço, mas Kevin, que usava apenas um calção e o cinto de peso, sem traje de mergulho nem nadadeiras, parecia não ter sido afetado pela água ou pelo trabalho.

Segurando-se na plataforma de mergulho e descansando na superfície por um momento, antes de subir para dentro do barco, Sanders viu Kevin receber a última sacola de ampolas das mãos de Treece e depois, sem dizer nada, mergulhar.

— Pensei que ele não gostasse da água, Treece. Mas o homem é uma máquina.

— Kevin detesta o mar. Mas, quando alguém o incumbe de alguma missão, ele se transforma exatamente nisso, numa máquina. Se eu tiver que realizar um serviço de salvamento difícil, escolherei Kevin para me ajudar. Parece que ele tem um motor de dez cavalos dentro do corpo, de tal forma que nunca se cansa. E a camada de banha não o deixa sentir frio. Kevin é uma espécie de paradoxo. É ganancioso como o diabo, mas tão mal-humorado que

não consegue trabalhar com as pessoas que têm dinheiro para pagar-lhe.

— E você vai pagar pelo serviço que ele está fazendo?

— Claro. Kevin vai querer cem dólares. Eu ofereci vinte e chegaremos a um acordo em cinquenta.

— Não é nada mau.

— Eu sei que é um bom dinheiro. Mas Kevin é o melhor que existe. Eu poderia arrumar uma porção de idiotas por cinco dólares a hora, mas qualquer um deles levaria o dia inteiro para guardar as ampolas na caverna. E, quando terminasse, iria beber todo o dinheiro e espalhar pelas ilhas o que acabara de fazer. Além de tudo isso, Kevin não consegue encontrar muito trabalho. E eu gosto de fazer o que posso para ajudá-lo.

Sanders subiu no barco e tirou a parte superior do traje de mergulho. O peito e os braços estavam completamente arrepiados.

— Vá para casa e tome um banho de chuveiro quente, David. Kevin e eu terminaremos o serviço.

Sanders estremeceu.

— Está certo.

Treece pegou o traje de mergulho de Sanders e pendurou-o num canto da cabina.

— O sol vai esquentá-lo antes do anoitecer.

A subida pela colina aqueceu Sanders um pouco, mas não o suficiente. Ele ainda estava tremendo quando entrou na casa. Serviu-se de um *scotch* e foi com o copo para o banheiro.

Ao terminar o banho, foi para o quarto. Na passagem, vislumbrou Treece na cozinha. Abriu a porta do quarto cuidadosamente, pois Gail estava dormindo. Vestiu uma calça e meteu a carteira no bolso de trás.

Treece estava sentado à mesa da cozinha, com um copo de rum do lado direito, uma pilha de papéis do lado esquerdo e o crucifixo no meio. Sanders serviu-se de outra dose de *scotch.*

— Você disse cinquenta, não foi?

— Isso mesmo.

Sanders tirou duas notas de dez dólares e uma de cinco da carteira e colocou-as em cima da mesa.

— Nossa parte.

Treece ficou olhando para as notas, calado por um momento. Finalmente, batendo com a mão no crucifixo, ele disse:

— Está certo. Vocês já têm direito a isso e a muito mais.

— E quanto vale este crucifixo?

Sanders não tinha a menor ideia do valor do ouro espanhol. Calculando pelo valor apenas do metal — o crucifixo devia ter sete ou oito onças de ouro —, o valor talvez chegasse a mil e duzentos dólares. As pedras eram muito pequenas.

— Quer ter uma ideia aproximada? Se quiséssemos vendê-lo, se pudéssemos vendê-lo, se tivéssemos um mercado comprador, este crucifixo valeria em torno de cem mil dólares.

— Deus do céu!

Sanders ficou tão nervoso que levantou a mão bruscamente, derrubando um pouco de *scotch* na mesa.

— Mas não comece a gastar dinheiro por conta, David, pois é mais provável que jamais o consigamos. Antes de obtermos um só tostão pelo crucifixo, teremos que recolher todo o tesouro que está lá no fundo, mandar avaliá-lo, comunicar ao maldito governo, decidir se queremos vender alguma coisa ou tudo, negociar com os desgraçados... e tudo isso poderá levar meses. Depois, talvez...

— Apesar de tudo isso, são cem mil dólares! Mas, por que vale tanto?

— É uma espécie de ágio. O que constitui outro problema, pois trata-se de um valor subjetivo, difícil de fixar. Como se pode determinar o valor de uma obra de arte?

Treece pegou o crucifixo, admirando-o.

— Mas que artífices extraordinários eram aqueles judeus holandeses!

— Judeus holandeses? Mas pensei que esse crucifixo viesse da América do Sul.

— E veio. Mas a maior parte das joias melhores, as que eram feitas para a realeza, eram de judeus holandeses, contratados pelos espanhóis e enviados para o Novo Mundo. Os espanhóis e os índios não tinham capacidade para fazer trabalhos como este. O mais importante, porém, é determinar a procedência. E é o que tenho de continuar a procurar.

— Mas, por quê?

— Como eu disse antes, há pessoas fabricando peças antigas a torto e a

direito e apresentando-as como espanholas. Assim, teremos que provar, sem qualquer sombra de dúvida, a procedência do que encontramos.

Treece bateu na pilha de papéis e acrescentou:

— O que me leva de volta a estes malditos documentos.

— "E. F." é um nome, não é? Não pode deixar de ser.

Treece olhou para Sanders como se ele tivesse dito algo de uma estupidez monumental. Sanders corou.

— Estou querendo dizer... que não deve ser como o "D.G." na moeda ou aquelas outras coisas, "Rei da Espanha e das índias", "E.F." deve ser uma pessoa.

— Tem razão. É um nome. E tenho aqui os nomes de toda a nobreza espanhola do final do século XVII e início do XVIII. Não é muita coisa, mas é um ponto de partida.

— Posso ajudar?

— Não. É preciso um olho experiente para saber o que procurar.

Treece entregou o crucifixo a Sanders.

— Mas tenho um serviço para você, David: procure descobrir como se pode separar a imagem do Senhor Jesus.

Sanders examinou atentamente o crucifixo. Havia uma linha muito fina entre o pescoço e os ombros do Cristo. Ele tentou virar a cabeça, mas nada conseguiu.

— Não sei nem por onde começar.

Tomou um gole de *scotch*. Mal conseguiu disfarçar um bocejo.

— A melhor coisa que você pode fazer agora, David, é dormir por umas duas horas. São três e meia. Devemos partir por volta das seis horas. Antes um pouco, se o vento não tiver amainado.

— É justamente o que vou fazer.

Sanders terminou o drinque e foi para o quarto. Gail estava enroscada como um bebê no seu lado da cama, roncando ruidosamente pelas fossas nasais obstruídas.

Sanders tirou a calça e deitou-se. Pensou em pôr a mão sobre o nariz de Gail, para fazê-la mudar de posição e, talvez, parar de roncar por tempo suficiente para que ele pudesse adormecer. Mas, se Gail acordasse...

A próxima coisa de que Sanders teve consciência foi Treece a bater-lhe

no ombro, dizendo:

— Está na hora de partirmos.

O vento se deslocara para oeste e reduzira-se a uma brisa agradável. Ao seguirem ao longo da praia meridional, sob a luz do sol, muito baixo no horizonte, puderam divisar facilmente as linhas de recifes.

Treece entregou o timão a Sanders, determinando:

— Continue sempre em frente.

Desceu para a cabina, remexeu em algumas caixas e voltou com uma luva de borracha muito fina, dessas que são usadas na cozinha, e alguns elásticos.

— Não vai conseguir enfiar a mão nessa luva. — comentou Sanders.

— Assim como está, não vou mesmo.

Treece pôs a luva em cima da amurada, tirou uma faca de uma bainha que estava presa na antepara e cortou os dedos da luva. Depois entregou a luva a Gail, que a segurou, enquanto ele enfiava a mão. Treece prendeu então um elástico no pulso, vedando a parte superior da luva. Em seguida, pôs um casaco de mergulho e uma luva de borracha de mergulho.

— Vai mergulhar com a mão nesse estado? — perguntou Gail.

— Como está sentindo a cabeça?

— Ainda muito mal.

— Por isso mesmo é que vou mergulhar. Além do mais, eu não conseguiria ficar sossegado aqui em cima, sabendo que todos vocês, experientes mergulhadores, estavam lá embaixo. Minha imaginação me deixaria doido.

Treece flexionou os dedos. Não conseguia fechar a mão.

— Um pouco de água não vai fazer mal nenhum. E a luva de borracha impedirá que algum peixe sinta o cheiro do meu ferimento.

As luzes do Orange Grove Club brilhavam intensamente no crepúsculo. O sol poente imprimia uma luz rosada aos recifes. A praia já estava imersa em sombras, escondida do sol pelos penhascos altos. O mar sereno permitiu que Treece levasse o barco até vinte metros da praia, que estava inteiramente vazia.

— Onde será que ele se meteu? — perguntou Sanders.

Treece olhou para o relógio.

— Ele não deve demorar. Estamos cinco minutos adiantados.

Ficaram esperando, balançando suavemente. A cada dois minutos, Treece ligava o motor por alguns segundos, para evitar que o barco fosse impelido além da arrebentação. O céu azul estava escurecendo rapidamente.

Às sete e quinze, Treece comentou:

— Adam não é de se atrasar desse jeito.

— Quer que eu vá verificar o que aconteceu? — perguntou Sanders.

— Verificar o quê? Se ele está atrasado, então está atrasado.

— Talvez o pessoal do hotel o esteja retendo, por ele querer usar o elevador ou algo parecido.

— Está bem, pode ir.

Sanders levantou o zíper do traje de mergulho e calçou as nadadeiras.

— Tome cuidado, David — disse Gail.

— Cuidado com o quê? Não há nada naquela praia, além de caranguejos.

— Eu sei, mas... por favor...

— Pode ficar tranquila que tomarei todo o cuidado.

Sanders pôs a máscara e caiu na água. A cinco metros da praia, descobriu que já estava dando pé. Tirou as nadadeiras e a máscara e avançou lentamente por entre as pequenas ondas. De pé na praia, olhou para a esquerda e para a direita. Podia ver por quase dois quilômetros, em ambas as direções. Embora a luz fosse pouca, deu para ver que a praia estava deserta. Sanders deixou as nadadeiras e a máscara na areia, além do ponto a que as ondas chegavam, e partiu na direção dos penhascos, uma cortina de rocha escura que se erguia contra o céu azul-escuro. Por trás dele, à direita, uma lasca prateada estava se levantando no horizonte. Era a lua. Ouvia as ondas quebrando na praia e o vento zunindo nas folhagens no alto dos penhascos.

Ao entrar nas sombras junto à base dos penhascos, Sanders levantou os olhos. Podia divisar o retângulo do elevador, recortado contra o céu. Encaminhou-se para o poste do elevador, tencionando chamá-lo até a base. Como não podia ver o poste, usou o elevador lá em cima como ponto de orientação. Andando rapidamente, a olhar para cima, tropeçou em alguma coisa e caiu de joelhos.

Não conseguiu ver coisa alguma. De quatro, virou-se e começou a

tatear. O cheiro de excremento impregnou-lhe as narinas. Sanders chegou a pensar que tivesse tropeçado num animal defecando. Foi então que seus dedos tocaram carne, já fria. Era um braço. Ele retirou a mão bruscamente, prendendo a respiração. Sentiu o medo invadi-lo. Avançou com os dedos, tateando, cautelosamente.

Inclinou-se mais para a frente e divisou os olhos vidrados e sem vida de Coffin, mirando o céu. Do canto da boca, descia um filete de sangue seco. Sanders pôs os dedos na base do pescoço de Coffin, procurando alguma pulsação. Nada. Levantou-se então de um pulo e saiu correndo.

Parou à beira da água apenas o tempo suficiente para pôr as nadadeiras e depois mergulhar por cima das ondas baixas, nadando freneticamente na direção do barco.

— Ele está morto! — balbuciou Sanders, quando Treece o puxou para o convés. — Devem tê-lo jogado do alto do penhasco!

Treece apertou o pulso de Sanders com toda a força.

— Tem certeza?

— Absoluta! Não há respiração, não há pulsação, não há o menor sinal de vida!

— Merda!

Treece empurrou para longe a mão de Sanders, rudemente. Sanders pensou: “É uma estranha elegia... Merda”. Mas o que mais havia para dizer? O palavrão era eloquente o bastante, transmitindo raiva e desolação.

Sanders olhou para Gail. Ela tremia da cabeça aos pés, a respiração saindo aos arrancos, quase em soluços. Olhava fixamente para a água. Sanders aproximou-se dela e abraçou-a. Ela não reagiu ao contato dele, não recuou diante da frieza do traje de mergulho úmido. Sanders respirou suavemente nos cabelos dela, murmurando:

— Está tudo bem... está tudo bem...

Gail fitou-o e disse em tom destituído de qualquer emoção:

— Quero ir para casa.

— Eu sei...

— Quero ir para casa agora. Nada pode ser pior do que isto.

Sanders já ia falar, mas Treece, olhando para os penhascos, falou primeiro:

— Ninguém vai para casa agora. Ele está pronto para entrar em ação.

— E o que ele vai fazer? — indagou Sanders.

— Creio que imagina que seus mergulhadores estão prontos. Não precisa mais de nós. Pensei que ainda tivéssemos mais algum tempo, mas estava enganado.

Ele empurrou a alavanca do motor para a frente, até o fim. O motor resmungou, a hélice hesitou, depois passou a girar com firmeza. O barco arremessou-se para a frente, na direção dos recifes.

Depois de chegarem aos recifes e lançarem a âncora, Treece perguntou a Sanders:

— Ela pode mergulhar?

— Não tenho certeza. Eu...

— Posso mergulhar, sim! — interrompeu-o Gail. — Não vou ficar sozinha aqui em cima. Não haverá problema, se eu descer devagar.

— Detesto deixar o barco desguarnecido — disse Treece. — É verdade que Charlotte vai ficar, mas ela não é muito hábil com a espingarda. Mas não temos alternativa. Talvez ele não tente mais nada esta noite, calculando que já nos assustou o suficiente por um dia.

Eles se vestiram e Gail ajustou o regulador no seu tanque de ar.

— Vocês dois levem as lanternas — disse Treece. — Procurem focalizá-las no bocal do tubo aspirador. Vou tentar não me adiantar muito. Usem as mãos livres para recolher as ampolas.

Treece acionou o compressor e lançou o tubo aspirador dentro da água.

— Céus, esse monstro faz um barulho terrível. Se não fosse por causa do tubo aspirador, poderíamos deixá-lo desligado e usar tanques.

Eles entraram na água e acenderam as lanternas. Treece olhou para David e Gail e sacudiu a cabeça, mergulhando em seguida na direção do fundo. A cachorra estava de pé na proa, observando as luzes desaparecerem na escuridão das águas, farejando o ar quente da noite.

Sanders e Treece chegaram ao fundo primeiro. Gail veio atrás, descendo o mais depressa que lhe permitiam os ouvidos e as fossas nasais. Havia algo diferente no ar que ela estava respirando. Parecia ter um gosto débil, ligeiramente doce. Mas, como não estava causando qualquer efeito, Gail continuou até o fundo.

Eles estavam trabalhando longe dos recifes, talvez a dez metros da pequena caverna, num novo campo de ampolas. A lanterna de Sanders estava

fixada firmemente no bocal do tubo aspirador. Com a outra mão, ia recolhendo as ampolas de dentro do buraco.

Gail foi postar-se do outro lado do buraco e de Treece, deitada de bruços, com uma sacola de lona a seu lado. Não sentia absolutamente a menor tensão, nenhuma preocupação. Estava até surpresa ao descobrir como se sentia inteiramente relaxada. Mesmo quando o tubo aspirador descobriu uma granada, a mente dela não registrou nenhuma reação, nenhuma preocupação.

Treece não se deu ao trabalho de remover a granada, pondo-se a escavar em torno dela. Quando apareceu outra peça de artilharia, um projétil mais longo e mais grosso, ele tratou de evitá-lo também. Mas logo se tornou impossível evitar as granadas. Elas estavam por toda parte, misturadas com milhares de ampolas. Treece fez um sinal para se deslocarem para a direita. Dando impulso na areia com a mão esquerda, ele se afastou uns dois ou três metros. Sanders seguiu-o logo atrás.

Gail demorou vários segundos para perceber que eles se haviam afastado. Ela ficou olhando para o buraco na areia, com pensamentos vagos, quase um sonho, apreciando o lindo tubo de ar amarelo que se esgueirava pela água, atrás de David. Os olhos dela seguiram o tubo. Quando finalmente avistou os dois homens, longe dela, avançou lentamente pela areia, deixando a luz incidir sobre as cores dos recifes.

Ela não queria focalizar a luz no novo buraco que Treece estava abrindo. Preferiu contemplar dois peixes amarelos que nadavam ao longo dos recifes e que brilharam intensamente quando a luz incidiu sobre eles. Mas viu David olhando para ela e apontando insistentemente para o tubo aspirador. Ela virou-se, desceu até o fundo, aproximou-se do novo buraco. Bocejou, sentindo-se maravilhosamente bem, aconchegada e feliz na água escura.

Sanders trabalhava iluminado pela luz de sua própria lanterna, concentrado em recolher as ampolas o mais depressa que podia, o rosto quase encostado na areia.

Foi Treece o primeiro a notar que a iluminação era muito fraca. Levantou os olhos do buraco e viu a luz da lanterna de Gail a balançar a esmo na água, apontando da superfície para o fundo, de um lado para outro.

Quando Sanders finalmente pensou em ver o que estava acontecendo, Treece já entrara em ação. Batendo os pés violentamente na direção de Gail, ele arrancou a máscara Desco do próprio rosto, antes de alcançá-la. Tirou a

lanterna da mão de Gail e iluminou o rosto dela. Os olhos de Gail estavam fechados, a cabeça pendia para o lado, inerte. Treece largou a lanterna, arrancou o bocal do tanque de ar da boca de Gail e a máscara em seguida. Depois, pondo a mão na nuca de Gail, forçou o rosto dela para dentro da máscara Desco. Levantou o joelho e cuidadosamente comprimiu-o contra o estômago de Gail.

Sanders não sabia o que estava acontecendo. Tudo o que podia ver era a outra lanterna caída na areia. Apontou a sua lanterna para cima e divisou algum movimento. Focalizou-o e imediatamente começou a subir. As mãos de Treece seguravam a cabeça de Gail. As borbulhas da máscara Desco, do tanque de ar de Gail e da boca de Treece acompanhavam-nos preguiçosamente na direção da superfície.

Treece chegou à plataforma de mergulho, exalou o último ar que havia em seus pulmões e retirou a máscara Desco do rosto de Gail. Empurrou-a para a plataforma, com o rosto virado para baixo. Subiu prontamente e começou a pressionar as costas de Gail, num movimento ritmado.

Sanders chegou à superfície. Viu Treece ajoelhado na plataforma de mergulho, por cima de Gail, murmurando:

— Vamos, menina... respire fundo... vamos... agora... vamos... isso mesmo!

Sanders ouviu um ruído de vômito e logo em seguida a voz de Treece recomeçou:

— Outra vez, menina... mais uma vez... vamos... agora!... está ótimo... você é a maior, menina... só mais uma vez... pronto... essa foi ótima!

Treece sentou-se nos calcanhares e murmurou:

— Mas que miserável! O que ele fez foi demais!

Através de um nevoeiro de semiconsciência, Gail sentia uma dor aguda na garganta, a sensação ácida de vômito na boca. Estava com o estômago enjoado, uma dor intensa e latejante lhe enchia inteiramente a cabeça. Gemeu debilmente e ouviu Sanders perguntar:

— Mas, o que aconteceu?

Sentiu então que alguém a levantava e ouviu a voz de Treece!

— Saberei dentro de um minuto.

Treece deitou-a no convés, de lado. Inclinou-se sobre ela e abriu-lhe um dos olhos, com o polegar.

— Está bem agora?

Gail sentia o outro olho imensamente pesado, mas forçou-o a se abrir e sussurrou:

— Estou...

Treece pegou a mangueira do tubo de ar de Gail e levou o bocal ao nariz. Apertou a válvula e o ar do tanque esguichou na direção de suas narinas.

— Oh, meu Deus! A esta altura, menina, você deveria estar tomando um chá com São Pedro!

— O que tem o tanque?

— Monóxido de carbono.

— Do compressor?

— Não foi do compressor. Eu já lhe contei como instalei o cano de descarga do motor do compressor.

— Mas de onde veio então?

— Alguém sabia o que estava fazendo. Provavelmente encostou um carro ao lado do barracão e ligou o cano de descarga na entrada de ar do compressor.

— Para tentar matar Gail?

— A ela, a você ou a mim. Tenho certeza de que eles não se importariam com quem morresse.

Sanders olhou para Gail. Ela soerguera o corpo, apoiada num cotovelo. Tinha a cabeça descaída, como se esperasse vomitar novamente. Ele virou-se para Treece e disse asperamente:

— Acabou!

— Acabou o quê?

— Acabou tudo. Para sempre! Perdemos e não quero que aconteçam coisas ainda piores! Ligue esse maldito barco e tire-nos daqui!

— Não podemos... — murmurou Gail, debilmente. — Não há...

— Mas claro que podemos! Vamos deixar que eles fiquem com tudo! E com o ouro também. Quem se importa com essas merdas? É melhor do que...

Treece interrompeu-o:

— Acalme-se.

— Não quero calma! E se eles a tivessem matado? O que eu deveria

fazer então? Acalmar-me?

Sanders sentiu as mãos tremendo. Fechou-as bruscamente.

— Não, obrigado. Para mim, chega. Não quero mais saber disso. Ele não terá outra oportunidade para tentar mais qualquer coisa contra Gail. Nós vamos embora daqui imediatamente!

Sanders foi até o timão e esquadrinhou o painel de instrumentos, procurando o botão de arranque. Já vira Treece ligar o barco uma dúzia de vezes, mas não prestara a menor atenção à mecânica. Apertou um botão depois do outro e nada aconteceu.

— Tem que girar a chave primeiro — disse Treece.

A voz dele era indiferente, sem qualquer emoção. Sanders segurou a chave, mas não a girou. Olhou para Treece, muito tranquilo, de pé na popa.

— Não há qualquer meio de escapar, não é?

— Não.

Os dois homens se encararam por alguns segundos. Depois, Treece abaixou-se e tocou no ombro de Gail, indagando:

— Como está se sentindo?

— Melhor.

— Procure respirar fundo. Vai ficar aqui em cima. À espingarda está ao lado da roda do leme. Agora, deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Ele ajudou-a a erguer-se e levou-a até o compressor, apontando para um botão que havia no lado da máquina.

— Está vendo este botão? Se um barco se aproximar ou ouvir alguma coisa, se acontecer qualquer coisa que não lhe agrade, gire este botão para a direita. Com isso, desligará o compressor. E voltaremos para cá o mais depressa possível.

— Está certo.

Gail hesitou por um momento, antes de acrescentar:

— Eu queria perguntar-lhe...

— O quê?

— O que vai fazer com relação a Adam?

— Vou deixá-lo onde está. Não há mais nada que possamos fazer por ele. Já deve estar no lugar para onde tinha que ir.

— E não vai comunicar à polícia?

— Escute aqui, menina...

Treece fez uma ligeira pausa. Havia um tom de irritação em sua voz.

— Esqueça essa história de lei e ordem. Ninguém vai nos ajudar. Se sobrevivermos, será exclusivamente graças a nós mesmos. Se tal não acontecer, será por nossa culpa exclusiva. Amanhã de manhã, alguém encontrará Adam e chamará a polícia. Eles atenderão prontamente e levarão o corpo de Adam, com o máximo de eficiência. E concluirão que Adam estava passeando pela beira do penhasco, de noite e embriagado, acabando por cair. Mesmo que procuremos a polícia e apresentemos uma denúncia, eles chegarão à mesma conclusão. Com uma única diferença: para salvar as aparências, farão com que passemos dias e mais dias a responder perguntas idiotas de meia dúzia de burocratas. Ir à polícia é pura perda de tempo.

Treece fez um gesto para que Sanders o seguisse até a plataforma de mergulho. Depois que os dois ajustaram os equipamentos, Sanders disse para Gail:

— Você vai se sentir melhor se se deitar um pouco.

— Eu estou bem agora, David. E tome cuidado.

Treece ergueu o polegar, Sanders repetiu o gesto e ambos caíram de costas na água.

Gail ficou observando a luz da lanterna de Sanders descer na direção da luz que estava lá no fundo, da lanterna dela. A luz lá do fundo foi levantada e as duas luzes se deslocaram juntas, parando um pouco adiante e logo se fundindo, quando a neblina de areias se misturou com a água.

Gail estremeceu e olhou para os penhascos escuros. Procurou imaginar como devia estar o corpo de Coffin lá na praia. Sacudiu a cabeça imediatamente, para livrar-se do pensamento. Foi pegar a espingarda que estava na prateleira em frente à roda do leme. Sentou-se na amurada da popa, com a espingarda no colo, odiando-a, com medo dela, mas grata pela sensação de segurança que lhe proporcionava.

Um barulho na água, atrás dela. Gail levantou-se de um pulo e virou-se, erguendo a espingarda e apontando-a para a água. Uma mão surgiu à superfície e estendeu-se na direção dela, segurando uma sacola cheia de ampolas. Gail pôs a arma no convés e, tremendo, pegou a sacola.

Sanders levantou a máscara do rosto e perguntou:

— Você está bem?

— Estou — disse Gail, esvaziando a sacola na lona estendida no convés. — Quase dei um tiro em você, só isso...

— Se eles vierem mesmo, Gail, não creio que seja num submarino.

Ele pegou a sacola vazia e tornou a mergulhar. Gail ajoelhou-se no convés e começou a contar as ampolas, tateando à procura delas, no escuro.

Com apenas dois mergulhadores em ação, a coleta das ampolas era muito lenta. Cada vez que Sanders subia para a superfície, Treece parava de escavar, com receio de desenterrar ampolas que pudessem ser levadas para longe pela correnteza. Enquanto esperava a volta de Sanders, ele foi até os recifes e começou a escavar ao acaso, encontrando ampolas num lugar, granadas em outro, nada num terceiro. Chegou a um ponto em que o coral recuava cerca de um metro e meio, formando uma espécie de pequena enseada nos recifes. Concentrou-se nesse ponto, baixando a extremidade do tubo aspirador até o fundo e observando a areia desaparecer rapidamente.

Sanders voltou e bateu no ombro de Treece, que assentiu, pretendendo retornar imediatamente ao campo de ampolas que estavam explorando anteriormente. Como medida de rotina, Treece resolveu verificar que horas eram. A manga do traje de mergulho cobria o mostrador do relógio. Treece aninhou o tubo aspirador debaixo do braço e com os dedos da mão direita suspendeu a manga do braço esquerdo. Eram onze horas. Treece deixou a manga voltar ao lugar e afastou a mão direita, para pegar novamente o tubo. Mas errou. A mão envolta em gaze e coberta por borracha não reagiu com rapidez suficiente e o tubo aspirador escapuliu-lhe do braço. Bateu na areia e começou a se sacudir. Treece imediatamente o agarrou com a mão esquerda e conseguiu dominá-lo. Foi então que viu um brilho estranho.

Ao bater na areia, o tubo se deslocara para o lado direito da pequena enseada. E, sempre faminto por areia, começara a escavar um buraco, por conta própria. Era no fundo desse buraco que havia um brilho.

Treece entregou a sua lanterna a Sanders e fez um gesto para que ele focalizasse as duas no buraco. Depois, como um cirurgião aprofundando uma incisão, baixou o tubo aspirador na direção do brilho. A mão esquerda estava perto da areia, pronta para agarrar o objeto que brilhava, se por acaso se desprendesse e voasse na direção do tubo. A mão direita segurava o tubo a cerca de trinta centímetros da areia, diluindo a força de sucção a um ponto em que quase não perturbava os grãos de areia.

Era uma pinha de ouro, do tamanho aproximado de uma bola de tênis.

Em cada uma das incontáveis arestas havia uma pequena pérola.

Delicadamente, Treece arrancou a pinha da areia e ergueu-a de encontro à luz das lanternas. Os grãos de areia, passando por entre a pinha e as lanternas, faziam o ouro tremeluzir.

Uma sacola de lona estava pendurada no pulso de Sanders. Treece estendeu a mão para a sacola, pôs a pinha no fundo, suavemente, e recomeçou a escavar.

Outro brilho: um círculo de ouro, de meia polegada. Treece agarrou-o entre os dedos e puxou. Não conseguiu arrancá-lo. Removeu mais um pouco de areia e descobriu que o círculo estava ligado a outro e mais outro. Era uma corrente de ouro.

Depois que vinte elos já estavam expostos, Treece conseguiu finalmente tirar a corrente da areia. Tinha mais de dois metros de comprimento. Treece apontou para o fecho, na extremidade da corrente. Sanders examinou o fecho atentamente e viu gravadas as letras "E.F."

Treece escavou o local por mais alguns minutos, sem nada encontrar. Guardou a corrente de ouro na sacola e apontou para cima.

— Tome cuidado com isto — disse Sanders, ao entregar a sacola a Gail.

Entregou a ela também uma das lanternas. Ouviu Treece aflorar à superfície a seu lado e disse-lhe:

— Por que estamos parando agora? Talvez haja outras coisas lá embaixo.

— É possível. Mas já é tarde demais para pegarmos tudo agora. E não quero fazer um trabalho estúpido, deixando lá embaixo um buraco tão grande que qualquer um possa localizar.

— Mas isto é incrível! — exclamou Gail, incidindo a luz da lanterna sobre a pinha de ouro, na palma da outra mão.

— Apague essa maldita luz! — berrou Treece, rispidamente.

A lanterna se apagou.

— Alguém lá no penhasco, com um binóculo, poderia ver-nos aqui, tão claro como se fosse dia.

Treece subiu para bordo, desligou o compressor, disse a Sanders que recolhesse as mangueiras de ar e depois acionou o motor do barco. Olhando para trás, viu Sanders enrolando as mangueiras sobre o convés.

— Não se dê a esse trabalho, David. Recolha as mangueiras para o

convés de qualquer maneira. E, assim que tiver acabado, venha pegar o timão.

Treece encaminhou-se para a proa, afastando Charlotte do caminho, impacientemente. Sanders retirou o tubo aspirador do mar e começou a puxar a mangueira a que estava ligado.

— Assuma o leme! — gritou Treece.

— Espere um momento.

— Agora!

Sanders olhou para Gail e entregou-lhe a mangueira.

— Tome aqui, Gail, e termine de puxar.

Ele foi para a roda do leme.

— Ligue o motor e avance o barco um pouco, para eu poder içar a âncora — gritou Treece.

Sanders fez o que lhe fora pedido. Treece recolheu a âncora e voltou para a popa. Quando ele passava pela cabina, Sanders perguntou:

— Mas, por que tanta pressa?

Treece não respondeu. Substituiu Sanders no comando e impeliu o barco com toda a força do motor.

Não conversaram na viagem de volta a Saint David. Treece ficou na roda do leme, absorto em seus pensamentos. David e Gail recolheram as mangueiras e puseram-se a contar as ampolas.

Treece também não disse nada, quando chegaram de volta a casa, poucos minutos antes de uma hora da madrugada. Serviu-se de um copo de rum, pôs a pinha e a corrente em cima da mesa da cozinha e pegou num armário uma caixa cheia de documentos. Limitou-se a sacudir ligeiramente a cabeça, quando os Sanders lhe desejaram boa-noite.

Por volta das quatro horas da madrugada, Treece identificou “E.F.”

Dez

Ele se recusou a aceitar as primeiras provas. Continuou sentado à mesa da cozinha por mais duas horas, verificando novos documentos e fazendo anotações. Quando finalmente já não tinha nenhuma dúvida, levantou-se, serviu-se de outra dose de rum e foi acordar os Sanders.

Gail foi a primeira a entrar na cozinha. Treece perguntou-lhe:

— Como está se sentindo?

— Estou bem. Ninguém tentou assassinar-me enquanto eu dormia e sinto-me grata por isso.

— Não está se sentindo rica?

— O que está querendo dizer com isso? Devo sentir-me rica?

Treece sorriu, maliciosamente.

— Espere até David chegar.

Gail olhou para o rosto dele, para os olhos vermelhos, as olheiras.

— Você dormiu?

— Não. Estive lendo.

Foi então que ela compreendeu.

— Descobriu quem foi E. F.!

No quarto, Sanders vestiu um calção. Uma de suas camisas estava pendurada numa cadeira. Ele estendeu a mão para pegá-la, mas suspendeu o movimento no meio do caminho, pensando: “Ora, deixe a camisa para lá! Afinal de contas, vai tirá-la mesmo dentro de uma hora”. Contemplou-se no espelho. Satisfeito com o que viu, deu uma pancada no estômago achatado. Estava queimado de sol, esguio, sentia-se maravilhosamente bem. Até mesmo os pés pareciam estar muito bem, ásperos e calosos. Não conseguia lembrar-se da última vez em que usara sapatos. Foi para a cozinha.

Gail e Treece estavam sentados à mesa, diante de xícaras.

Ao se encaminhar para o fogão, a fim de servir-se de café, Sanders disse:

— Bom dia.

Eles não responderam. Ao passar pela mesa, Sanders viu-os trocando um olhar. Irritado, pensou: “Mas que diabo estará acontecendo aqui?”

Sentou-se à mesa e perguntou:

— E então, o que há?

— Está se sentindo rico? — perguntou Treece.

— Como?

Gail não conseguiu conter-se:

— Ele descobriu quem foi E. F.!

Sanders finalmente compreendeu o comportamento dos dois e sorriu:

— E quem é ele?

— Ela — disse Treece. — Se está lembrado, ao encontrar o medalhão, você me disse: “Talvez fosse um presente para alguém”.

— Claro que me lembro. E me lembro também de que você disse que não havia a menor possibilidade.

— Tem razão. Mas, naquele momento, havia uma porção de coisas que não faziam sentido. Um homem poderia ter usado o medalhão, mas não do tipo que você encontrou, uma peça tipicamente de mulher. Assim como a pinha de ouro. Talvez estivesse sendo levada para a Espanha, a fim de ser presenteada a uma esposa ou uma amante. Lembrei-me do que você havia dito e mudei a minha maneira de pensar. Reexaminei todos os documentos e nada encontrei. Não havia um único E. F. O capitão de uma das naus da frota de 1715 chamava-se Fernández, mas ele naufragou na Flórida.

— Mas então quem foi E. F.?

Treece ignorou a pergunta, tomando um gole de chá.

— A pinha e o crucifixo fizeram-me pensar. Não era possível que objetos assim pudessem ter passado despercebidos. Alguém devia tê-los registrado, seja o homem que os fabricou, seja quem os transportou, seja quem os encomendou. Concluí que estava investigando no lado errado. Assim, larguei os documentos do Novo Mundo de lado e fui pesquisar nos livros de história. E foi assim que descobri a primeira pista.

— E qual foi essa pista? — perguntou Gail. — Foi o nome?

— Exatamente. E encontrei também uma lista de joias encomendadas. Se estou certo... e a esta altura, tenho certeza de que estou certo... o que está lá embaixo, em meio a explosivos em quantidade suficiente para transformar em anjos a metade da humanidade, é um tesouro como nenhum homem jamais viu. O valor é incalculável. Há duzentos e sessenta anos que incontáveis homens têm estado à procura desse tesouro. É por causa dele um rei da Espanha sofreu durante toda a vida.

— E esse tesouro estava no *Grifón?* — perguntou Sanders.

— Estava. Não há alternativa. Mas, escutem a história. Em 1714, morreu a esposa do Rei Filipe V. Ela mal tinha sido enterrada quando Filipe se apaixonou pela duquesa de Parma. Provavelmente, ele já se sentia atraído pela duquesa antes. Mas, com a esposa morta, podia manifestar a sua paixão. E pediu a duquesa em casamento. Ela concordou, mas declarou que não se deitaria com Filipe, enquanto ele não a cobrisse de joias únicas no mundo. Filipe devia estar mesmo perdidamente dominado pela duquesa, pois imediatamente escreveu ao seu homem em Havana. O camarada transcreveu a carta em seu diário, que foi incluído como apêndice de um livro antigo sobre o declínio da Espanha no Novo Mundo, no século XVIII. A carta de Filipe era uma relação das joias que deveriam ser fabricadas no Novo Mundo e embarcadas para a Espanha. Além da transcrição da carta, o homem de Havana relacionou também as joias que providenciara.

Treece fez uma pausa, enunciando em seguida a relação das joias:

— Dois cordões de ouro com trinta e oito pérolas em cada um; um crucifixo de ouro com cinco esmeraldas, e assim por diante. A relação das joias se estende pela página seguinte do livro, que algum idiota arrancou, há mais de um século.

— E não há nenhuma pinha?

— Não. Como também não há nenhum crucifixo como o nosso. Deviam estar relacionados na página do livro que foi arrancada. Mas há uma referência a uma arca de três fechaduras.

— Mas isso não é conclusivo, não é mesmo? — disse Sanders. — Você mesmo disse que eles, volta e meia, usavam arcas assim.

— Mas só para transportar objetos de alto valor. Seja como for, você está certo, David: as arcas de três fechaduras não eram uma exclusividade do *Grifón*.

Treece tomou outro gole de chá e só depois é que continuou:

— Normalmente, um tesouro do rei era transportado numa arca num quarto trancado, ao lado do camarote do capitão, na nave-capitânia. Mas, por alguma razão, Filipe não confiava em Ubilla, o comandante de sua frota. A carta do rei para o seu representante em Havana dizia que as joias deveriam ser transportadas pelo capitão da frota que merecesse mais confiança. Ninguém mais, absolutamente ninguém, deveria tomar conhecimento da existência do tesouro. Filipe não podia compreendê-lo na ocasião, mas a última determinação foi um tremendo erro.

— Por quê? — perguntou Gail.

— Pense um pouco, menina. É justamente o que conversamos antes a respeito do *Grifón.* Há uma tempestade e quase todos os navios afundam. Somente duas pessoas no mundo sabem com quem estavam as joias, o capitão que as transportava e o homem do rei em Havana. O capitão sobrevive, faz um trato com o homem do rei em Havana e este informa a Filipe que o navio do capitão incumbido de transportar as joias naufragara na Flórida e o pobre coitado morrera. O capitão e o representante do rei dividem as joias. O capitão espera mais um pouco, muda o nome de seu navio e depois parte para a Espanha. Leva, oficialmente, uma carga relativamente sem valor. Se conseguir chegar de volta, nunca mais terá que partir novamente para o mar. Terá dinheiro suficiente para manter-se e à sua família, como também a dois ou três países pequenos. Não tenho nem mesmo a metade da relação das joias. Mas a parte de que disponho relaciona mais de cinquenta peças. A única falha do plano foi que o navio não conseguiu voltar à Espanha. Foi apanhado por uma tempestade e arremessado contra os recifes das Bermudas. E ninguém podia imaginar que houvesse algo a bordo que valesse o esforço de recuperar.

— O homem do rei em Havana confessou tudo isso? — indagou Sanders.

— Mas claro que não! Pelo contrário, ele fez uma série de referências aparentemente tristes ao naufrágio da frota e à perda das joias do rei. Foi isso que me fez hesitar por algum tempo.

— Acho que está começando a se perder, Treece. Ele talvez tenha feito isto, pode ter feito aquilo. São apenas suposições.

Treece assentiu.

— Era assim que eu pensava também, até as quatro horas desta madrugada.

Fez uma pausa, saboreando o momento.

— Qual era o nome do rei da Espanha?

— Ora, Treece, pare com isso — disse Sanders, sentindo-se manipulado. — Você sabe perfeitamente que era Filipe V.

— Exatamente. E qual era o nome da segunda esposa dele?

Sanders suspirou, resignado.

— Duquesa de Parma.

Treece sorriu.

— Não é o título dela que quero saber, mas sim o nome.

Ele esperou, mas não teve resposta.

— O nome dela era... Elisabetta Farnese.

Os dois demoraram alguns segundos para registrarem as iniciais. Gail ficou boquiaberta. David mostrou-se aturdido. Treece sorriu.

— Ainda há uma questão para a qual não tenho resposta.

Sanders pensou por um momento, depois sorriu e disse:

— Eu sei qual é.

— Pois diga-a então.

— O problema é: como foi que Filipe conseguiu levar a duquesa de Parma para a cama?

— Absolutamente certo!

O rosto iluminado por um sorriso imenso, Treece deu uma pancadinha cordial no ombro de Sanders e acrescentou:

— E sobre isso, seu criador de casos, eu não me atrevo a fazer qualquer suposição.

Sanders bem que tentou partilhar a jovialidade de Treece, mas sua mente estava apinhada de imagens conflitantes: joias, drogas, explosivos, a visão do corpo contorcido de Coffin, a boneca de trapos, a expressão furtiva de Slake.

— E quanto acha que pode valer o tesouro, Treece?

— Não há como dizer. Depende do que ainda estiver lá embaixo, do que conseguirmos encontrar, de quanto se perdeu, de quanto o homem do rei em Havana se apossou. Eu diria que as joias que já encontramos devem valer em torno de um quarto de milhão de dólares, desde que consigamos determinar a procedência delas. Temos que encontrar pelo menos uma das joias que constam da relação em meu poder, para que não haja qualquer dúvida quanto à procedência.

— E o que vamos fazer com as drogas? — perguntou Gail.

— Tenho pensado bastante nisso. Não há a menor possibilidade de recolhermos todas as ampolas, antes que Cloche entre em ação. Você está a par das cifras. Quanto acha que valem as ampolas que já pegamos?

— Não sei dizer com certeza quantas ampolas já temos. Mas,

arredondando, devemos ter em torno de cem mil ampolas. O que dá mais de um milhão de dólares, talvez dois milhões.

— O que deixa muitas ampolas lá embaixo para Cloche ir buscar. Só que ele não sabe disso, não é mesmo?

Treece fez uma pausa. Estava falando mais para si mesmo do que para David e Gail.

— Ele não tem a menor ideia do que já recolhemos e do que ainda resta lá embaixo.

— E que diferença isso faz?

— Passaremos a nos concentrar na procura das joias. Elas são muito mais importantes. Vamos deixar que Cloche pense que ainda estamos procurando as ampolas.

— Mas não podemos deixar o resto das drogas para ele!

— E não vamos deixar. Mas é preciso avaliar todos os riscos. Uma coisa é certa: Cloche tentará tirar-nos do caminho e é mais do que provável que, para tanto, recorra ao assassinato.

Treece fez uma pausa, deixando que o silêncio enfatizasse as suas palavras.

— Se ele nos matar, você podem pensar que não teria mais qualquer importância que ele pegasse as drogas. Mas eu me importo. Não quero que Cloche pegue as drogas e também não quero que ele pegue nenhuma das joias. O desgraçado iria fundi-las e vender o ouro, destruindo as joias. O tesouro que encontramos é único no mundo. Seria um crime permitir que caísse nas mãos de alguém que não saiba reconhecer-lhe o devido valor. Se continuarmos a recolher as ampolas até Cloche tentar alguma coisa, perderemos as joias. Mesmo que não nos mate, Cloche pode manter-nos afastados dos destroços. Pode até fazer explodir tudo, de pura perversidade. Mas, se conseguirmos descobrir as joias, poderemos usar o pouco tempo que nos restar para trabalharmos nas ampolas. Podemos explodir tudo, se assim o desejarmos. E devo confessar que a ideia me atrai bastante.

David e Gail não levantaram a menor objeção.

— Vamos até o porão — disse Treece, levantando-se e abrindo uma gaveta.

— Você tem um porão? — perguntou Sanders.

— Pode-se dizer que é um porão.

Treece apanhou uma tira de veludo marrom na gaveta e embrulhou nela as joias que haviam encontrado.

— Eu precisava de alguma coisa para prender meu barraco no penhasco, do contrário seria derrubado na primeira ventania.

Treece foi na frente até a sala de visitas, onde tirou uma cadeira do lugar. Encravada no chão, havia uma pequena argola de latão. Treece puxou a argola, levantando uma parte das tábuas de cedro do assoalho, com cerca de um metro quadrado. Pôs o alçapão de lado e pegou uma lanterna em cima da lareira. Sentou-se no chão, com as pernas enfiadas na abertura.

— A altura é de apenas um metro e meio — avisou ele. — Portanto, tomem cuidado com a cabeça.

Enfiou o corpo todo pelo buraco, abaixando a cabeça. O porão era quadrado, de terra batida, do tamanho da sala de visitas que havia por cima. As paredes eram de pedras grandes, unidas por argamassa. Sanders e Gail seguiram Treece até o canto mais distante do porão.

— Conte três pedras de baixo para cima — disse Treece a David, iluminando o canto do porão com a lanterna.

Sanders tocou a terceira pedra acima do chão.

— Agora conte quatro pedras para a direita.

Sanders correu os dedos pela parede, até chegar a uma pedra do tamanho de um melão.

— É esta?

— Exatamente. Pode puxá-la.

Sanders mal conseguiu segurar a pedra direito. Mas, depois que a agarrou firmemente, ela saiu da parede com relativa facilidade.

Havia dois papéis dentro do buraco. Por trás deles, havia outra pedra.

— É a minha certidão de nascimento — disse Treece, pegando os papéis.

Gail perguntou-se o que seria o outro papel. Num reflexo da lanterna, pôde divisar um sobrenome, Stoneham, e três letras de um primeiro nome: *lla*. “Priscilla”, pensou Gail. Era a certidão de nascimento da esposa de Treece.

— O que é isso? — perguntou Sanders, apontando para um objeto pequeno e brilhante que estava dentro do buraco.

Rapidamente, Treece desviou a luz da lanterna do buraco e enfiou a

mão lá dentro.

— Não é nada.

Ele tirou o objeto. Gail pensou que devia ser a aliança de casamento.

— Agora, Davíd, meta a mão no buraco e tire aquela outra pedra.

Sanders obedeceu. Seu braço desapareceu no interior do buraco até quase o cotovelo. Depois que a outra pedra se soltou, Treece pôs as joias envoltas pelo veludo nos fundos do buraco.

— Pode pôr a pedra de volta no lugar, David.

Sanders recolocou a pedra de trás. Treece pôs os papéis e o objeto brilhante de volta no buraco e ele próprio se encarregou de colocar a pedra grande na frente do buraco. Ao terminar, disse para David e Gail:

— Tudo de que precisam se lembrar é: três para cima e quatro para a direita.

— Não quero me lembrar de nada — disse Gail. — Não é da nossa...

— É apenas uma precaução, menina. Posso dar um passo em falso e cair do alto de um penhasco. Aliás, isso pode acontecer a qualquer um de nós. E é bom que não nos esqueçamos.

Voltaram para a sala.

— Acho que seria bom comermos alguma coisa — disse Treece, repondo a cadeira por cima da argola encravada no chão. — Vamos ter um dia comprido pela frente.

Chegaram aos recifes por volta das onze horas da manhã. Era um dia claro e tranquilo, com uma brisa soprando da terra, forte o suficiente para evitar que o barco fosse empurrado pelas ondas de encontro aos rochedos. Eles podiam ver cerca de vinte ou trinta pessoas na praia do Orange Grove, em grupos de dois ou três. Havia uma mãe a brincar com os filhos, na beira da água.

Enquanto Treece jogava a âncora, Sanders pegou um binóculo e focalizou o trecho da praia em que tropeçara no cadáver de Coffin.

— Eles já o levaram, mas ainda se podem ver os vestígios.

— A primeira providência deles seria remover o corpo. Não querem que nada incomode os turistas. Afinal de contas, a diária de cem dólares não inclui a atração extra de um cadáver na praia.

Gail franziu o rosto, irritada com aquela maneira rude e indiferente com

que Treece se referia à morte de Coffin. Já ia dizer alguma coisa quando Treece, prevendo-o, acrescentou:

— Um homem morre, menina, e não existe mais. Ou pelo menos não existe mais aqui neste mundo. Respeito e todas essas baboseiras de nada adiantam para os mortos. Servem apenas para fazer com que os vivos se sintam um pouco melhor. O morto talvez esteja em algum lugar muito longe daqui. Aliás, para estar em algum lugar, talvez ele precise apenas acreditar que irá para algum lugar. Não quero negar a crença de nenhum homem, mas sei tanto quanto vocês sobre almas e todos esses negócios. De uma coisa, porém, tenho certeza: falar bem ou mal sobre alguma coisa que já não existe é pura perda de tempo. Não posso imaginar São Pedro sentado lá em cima, a dizer: "Ei, Adam, tem uns caras lá embaixo falando mal de você. O que fez para merecer isso?"

Gail não respondeu. Deixou passar um momento e depois disse:

— Já posso mergulhar hoje.

— Não, menina. Você vai ficar aqui. Não haverá muita coisa que trazer para cima hoje. Se conseguirmos recolher tudo o que há lá embaixo, não dará mais do que uma ou duas sacolas. E eu quero que fique alguém no barco hoje.

— Por quê?

— Porque tenho a impressão de que talvez tenhamos um pouco de movimento hoje — disse Treece, verificando a espingarda. — Não se esqueça de como usar a espingarda e como desligar o compressor. Se nada acontecer, pelo menos terá apanhado um bom sol.

Treece e Sanders voltaram para a enseada nos recifes onde haviam encontrado a pinha. A correnteza levava a areia que saía pelo outro lado do tubo aspirador para a direita, permitindo-lhes assim uma boa visão do buraco.

Nos primeiros minutos, encontraram apenas ampolas isoladas, num total de dez. Sanders estendeu a mão para tirá-las do buraco, mas Treece fez um sinal para que não o fizesse. As ampolas subiram pelo interior do tubo de alumínio, chocalhando. Uma delas se quebrou e um líquido claro jorrou do outro lado do tubo. Treece continuou a escavar, cada vez mais fundo e mais perto do recife.

Houve uma alteração na maneira como a areia estava sendo aspirada. Ao invés de ser aspirada uniformemente, a areia subia agora formando uma espécie de *V,* como se cercasse alguma coisa. Treece pôs a mão em concha na boca do tubo, cortando a sucção. Fez um gesto para que Sanders escavasse o

buraco com as mãos.

Sanders escavou o centro do *V* com os dedos e sentiu algo duro. Removeu a areia e viu ouro. Era uma rosa, com cerca de oito centímetros de altura e outro tanto de largura. As pétalas tinham sido meticulosamente feitas com um buril. Sanders tirou-a da areia e levantou-a pela haste delicada, para que Treece a visse, guardando-a em seguida na sacola de lona.

Treece tirou a mão que tampava a boca do tubo aspirador, apontando-o para a base do recife. Deitado de barriga para baixo, com a cabeça a menos de meio metro da boca do tubo, Sanders viu mais ouro aparecer, por baixo de uma saliência de pedra. Bateu no tubo e Treece recuou um pouco. Sanders enfiou a mão por baixo da pedra e seus dedos se fecharam sobre o objeto de ouro. Puxou-o. O objeto se mexeu, mas parecia bastante pesado. Devia estar preso em alguma coisa. Quando sua mão saiu do recife, Sanders viu que o objeto era um camaleão de ouro, com os olhos de esmeralda. A boca do camaleão estava aberta e havia uma abertura perto da cauda. Da barriga, saía uma ponta de ouro muito fina, como uma barbatana, também de ouro. De uma argola nas costas do camaleão, saía uma corrente de ouro, que desaparecia por baixo do recife. Sanders puxou a corrente. Lentamente, ela saiu de baixo do recife. Tinha cerca de três metros.

Treece tirou o camaleão das mãos de Sanders e levantou-o diante do rosto, por cima da máscara. Contraiu os lábios por trás da máscara e fez a mímica de quem assoprava, informando a Sanders que o camaleão servia de apito. Depois, virou o camaleão de costas e arreganhou os lábios, espetando a barbatana na direção dos dentes. Era um palito.

Eles estavam dentro da água havia quase cinco horas e já tinham recolhido quatro anéis de ouro (um deles com uma esmeralda grande); duas pérolas imensas em forma de amêndoa, ligadas por uma placa de ouro, onde estavam gravadas de um lado as iniciais “E.F.” e do outro uma inscrição em latim; um cinturão de elos de ouro; e dois brincos de pérolas. Foi então que Treece avistou o primeiro cordão de ouro. Estava no meio dos recifes, quase invisível, a não ser quando os raios de sol se refletiam nos fios de ouro entrelaçados e nas pequenas pérolas, mantidas no lugar pela intrincada tecedura. Por sinais, Treece mandou que Sanders pegasse o cordão.

Sanders estava sentindo um frio terrível. Apesar do traje de mergulho, as muitas horas de imersão haviam-lhe tirado todo o calor do corpo. Ele sentia calafrios constantes. Cumpriu a ordem de Treece sem pensar, sem se

preocupar com a possibilidade de haver algum animal dentro do buraco. A mão trêmula enfiou-se pelo recife, os dedos seguraram o cordão de ouro e puxaram. O cordão estava preso, talvez enrolado numa rocha, talvez debaixo de algumas pedras. Sanders retirou a mão e sacudiu a cabeça para Treece.

Treece levantou o dedo indicador da mão direita e apontou para Sanders, dizendo: “Observe”. Ele fez gestos de bater no rochedo com um tubo aspirador, depois pôs as mãos em concha e apontou para Sanders.

Sanders não entendeu o que Treece estava querendo dizer. Ele sacudiu a cabeça. Um calafrio subiu por suas costas e fez com que a cabeça tremesse. Não conseguia concentrar-se nos gestos de Treece.

Treece apontou para cima, depois ajeitou o tubo no recife, entre duas pedras, e começou a subir. Sanders pegou a sacola de lona e seguiu-o.

Assim que chegaram ao barco, Treece disse:

— Temos que pegar aquele cordão de qualquer maneira! É a prova da procedência do tesouro!

— Eu sei.

Sanders abriu o traje de mergulho e massageou a pele arrepiada do peito.

— Vamos descansar um pouco, David, para que você se aqueça. Depois, tornaremos a mergulhar para apanhar aquele cordão.

Ele olhou para o sol e depois para Gail.

— Já devem ser quase cinco horas. Houve algum problema?

— Não. O único problema é que o sol quase que me fritou.

— O que você estava tentando dizer-me lá embaixo? — perguntou Sanders a Treece.

— Vamos ter que quebrar o recife para pegar o cordão. Vou bater com o tubo no coral. À medida que os pedaços se forem quebrando, você deve recolhê-los, para que não caiam dentro do buraco.

Ele começou a se encaminhar para a cabina, dizendo:

— Vou buscar um pé-de-cabra para você. O tubo pode quebrar o coral, mas não vai conseguir deslocar as pedras.

Eles descansaram durante meia hora. Sanders ficou deitado no teto da cabina, esquentando-se ao sol poente.

Na praia, as poucas pessoas que ainda tomavam banho de mar começavam a se encaminhar para o elevador, que subia e descia à sombra do

penhasco, faiscando de vez em quando, ao refletir a luz do sol.

— Vamos indo — disse Treece.

Ele tocou no ombro de Gail com a ponta de um dedo. Um círculo branco surgiu na pele rosada, desaparecendo em seguida.

— Fique fora do sol, menina. Irá queimá-la, mesmo a esta hora do dia.

— Ficarei.

— Desça para a cabina e deite-se um pouco, se quiser. Charlotte fará o maior barulho, se alguém se aproximar.

Os dois homens mergulharam, Treece com uma sacola de lona, Sanders com um pé-de-cabra. Gail ficou olhando até não poder mais ver as borbulhas. Depois, desceu para a cabina.

O trabalho no recife foi lento e difícil, especialmente porque quase não havia mais luz. Cada vez que Treece batia com o tubo no coral, uma nuvem de poeira de coral se desprendia do pedaço quebrado. Sanders tinha que tatear praticamente às cegas, para pegar o pedaço quebrado, antes que caísse no buraco. O cordão de ouro estava enrolado na base de uma pedra oval grande. A maior parte estava por baixo da pedra, como se o cordão tivesse caído no recife, sendo forçado, por séculos de ação das ondas e da maré, a penetrar em todas as reentrâncias em torno da pedra. Sanders quis usar o pé-de-cabra, para empurrar a pedra para trás. Mas Treece deteve-o, indicando com gestos das mãos o possível perigo: o cordão poderia estar enrolado inclusive por trás da pedra. Se a empurrassem para trás, poderiam esmagar os fios de ouro finos e delicados.

Foi preciso uma hora para ampliar a largura do buraco até um metro. Sanders pôde então meter a cabeça, os braços e os ombros dentro do buraco, orientando a boca do aspirador em torno do cordão de ouro, desprendendo-o cuidadosamente, centímetro por centímetro, enquanto a areia ia sendo sugada. As pérolas estavam incrustadas a intervalos de oito centímetros. Sanders contou as pérolas já livres. Eram dezessete. Se a pesquisa de Treece era correta, se havia mesmo trinta e oito pérolas no cordão, então devia haver mais um metro e meio de cordão de ouro para desprender.

O trabalho tornou-se irreal, como se fosse um sonho. Encerrado dentro da água, sem ouvir nada além dos ruídos da própria respiração e do resfolegar distante do compressor, transmitido pela mangueira de ar, completamente imóvel, a não ser pelos movimentos mecânicos das pontas dos dedos, Sanders fantasiou que estava fazendo tabuadas de multiplicação dentro de um casulo.

Gaíl estava sentada num dos beliches, tentando concentrar-se num artigo de um jornal velho e amarelado, quando ouviu Charlotte latir. Depois, ouviu um barulho de motor aproximando-se e finalmente parando. Então ouviu mais latidos e vozes. Ela prendeu a respiração.

— Parece que o barco está vazio.

— Só tem a cachorra.

— Ei, cachorra, como é que está o seu lindo rabinho?

— Cale a boca! O som se propaga na água.

— É mesmo? Vai até o fundo? Mas que merda!

À cachorra latiu mais duas vezes, depois pôs-se a rosnar. Uma terceira voz, familiar a Gail, disse:

— Parem com essa conversa. Vamos nos preparar.

Gail pôs a mão no chão e saiu do beliche. Mantendo a cabeça abaixada, junto à vigia de boreste, da engatinhou até a escada. Parou na base da escada, ouvindo as batidas de seu coração, respirando pela boca, o mais silenciosamente possível. E pensou: se o outro barco estivesse pelo través do *Corsair,* ela poderia engatinhar até a roda do leme, sem que a vissem, encostar-se na antepara e levantar-se para pegar a espingarda; mas, se o outro barco estivesse na popa, eles a veriam no momento em que pusesse a cabeça para fora da cabina.

Ela ficou escutando os ruídos dos preparativos, as fivelas sendo ajustadas, o silvo das válvulas sendo abertas e fechadas, o barulho dos tanques de ar batendo no convés. O barulho parecia vir diretamente da esquerda, indicando que o outro barco estava emparelhado com o *Corsair.* Gail subiu rapidamente a escada curta e encostou-se na antepara. A espingarda estava na prateleira diante da roda do leme, a cerca de um metro e meio de distância. Para alcançá-la, sua mão teria que passar diante da janela.

— Quantas cargas você trouxe para essa coisa?

— Esta e mais duas.

— E você?

— A mesma coisa. Merda, homem, só há três lá embaixo, sendo que um é mulher.

— Tomem cuidado com a mangueira cor-de-rosa. Vamos precisar dela.

“Agora”, pensou Gail; eles não deviam estar olhando para aquele lado. Ela estendeu o braço, inclinou-se para a frente e pegou a coronha da

espingarda. Tirou-a de cima da prateleira sem a menor dificuldade. Mas com o braço estendido, a espingarda era muito mais pesada do que ela se lembrava. O cano descaiu alguns centímetros, batendo na roda do leme.

— Que barulho foi esse?

— Barulho?

Gail agarrou firmemente a espingarda, trazendo-a para a cintura. Uma das mãos estava na guarda do gatilho, a outra no cão da arma.

— Não ouviu um barulho?

— Não ouvi nada.

— Pois eu ouvi. Tem alguma coisa naquele barco.

— Merda, homem. Só a cachorra está naquele barco.

— Tem alguma coisa dentro daquele barco!

— Está muito nervoso, homem.

— Vão vocês na frente. Vou passar para aquele barco e dar uma olhada.

Uma risada.

— Tome cuidado, homem. A cachorra pode morder o seu rabo.

— Se ela me morder, acabo com a raça dela.

O barulho de algo caindo na água, depois outro, algumas palavras ininteligíveis, depois o silêncio.

Gail esperou. Ouviu o barulho de um remo na água, olhou para a popa e viu a sombra do outro barco se aproximando.

Ela avançou, junto à antepara, com a espingarda ao nível da cintura. O homem estava na popa do outro barco, olhando para a água e remando. Gail nem precisou olhar para o rosto dele. A horrível cicatriz vermelha se destacava na pele negra. Era Slake.

— O que você quer aqui?

Slake levantou os olhos.

No rápido vislumbre que Gail teve do rosto dele, primeiro viu surpresa e depois satisfação. O que se seguiu pareceu ser um movimento único e contínuo. Slake largou o remo, abaixou-se para o convés, ergueu-se novamente. Havia algo brilhante em sua mão. Um som metálico, de um elástico retesado sendo solto. Um brilho de metal. O impacto de uma lança de aço na antepara, a quinze centímetros da cabeça de Gail.

Depois (Gail não se iria recordar de tudo isso), o clique da espingarda

sendo armada. A explosão ensurdecedora do cartucho. A visão de Slake, a três metros de distância, os chumbos acertando-o no meio do peito. Um buraco do tamanho de uma bola de beisebol, o sangue escorrendo, salpicado de branco. O corpo de Slake cambaleando para trás, batendo na amurada, caindo, as mãos no peito. O barulho da respiração, de gorgolejo. O eco da explosão se espalhando pelo mar sereno. Os olhos de Slake se revirando. A cor da pele tornando-se cinzenta, à medida que o sangue deixava a cabeça. A queda no convés.

O barulho constante do compressor.

De boca aberta, Gail ficou observando o corpo se contorcer. Foi o barulho das ondas batendo no casco do *Corsair* que a fez sair do choque. Ela pôs a espingarda no convés e foi até o compressor. Encontrou o botão que Treece indicara e girou-o. O motor resfolegou por um instante e parou.

Sanders libertou os últimos centímetros do cordão de ouro. Bateu no tubo de alumínio e viu-o ser retirado do buraco. Com o cordão na mão direita, Sanders saiu do buraco no recife. A luz ia-se desvanecendo rapidamente. Mas, em meio à neblina de um azul cinzento, ele ainda podia divisar Treece e os reflexos no tubo aspirador, os contornos dos recifes. Pressupondo que continuariam a escavar em busca de mais ouro, Sanders abriu o traje de mergulho e enfiou o cordão de ouro por dentro.

Sanders sentiu uma súbita mudança no padrão de som. Alguma coisa estava faltando. Ele exalou, aspirou novamente. Compreendeu então o que estava faltando: o compressor. Procurou encher os pulmões uma última vez e olhou para Treece. Viu um brilho e uma sombra caindo na direção de Treece. O brilho se moveu. Era uma faca. A mangueira de ar de Treece foi esticada, o brilho deslocou-se para a frente e para trás. A mangueira caiu, frouxa. Treece virou-se e ergueu os braços acima da cabeça.

Dois homens engalfinharam-se numa bola de sombras a se contorcerem, uma confusão de braços, mangueiras de ar e borbulhas, o brilho da faca caindo para o fundo. Debatendo-se e batendo com os pés, os dois vultos começaram a subir para a superfície.

Sanders prendeu a respiração, procurando dominar o pânico que o invadia. Começou a subir também. Podia agora divisar Treece mais claramente, o corpo imenso estendido verticalmente, as nadadeiras batendo na água sem parar. As mãos dele apertavam a cabeça do outro homem. O regulador e o bocal do homem flutuavam longe do tanque de ar. Por um

momento, Sanders pensou que Treece estivesse ajudando o homem a chegar à superfície. Depois, ao ver os braços do homem presos junto ao corpo, debatendo-se para se desvencilharem, as pernas se mexendo debilmente, Sanders compreendeu o que Treece estava fazendo. Uma das mãos de Treece estava grudada sobre a boca e o nariz do homem, apertando, impedindo que ele exalasse. O ar comprimido nos pulmões do homem se estaria expandindo, à medida que ele fosse arrastado na direção da superfície. Como não havia saída pela boca ou pelo nariz, o ar em expansão forçaria a passagem pelas paredes dos pulmões.

Numa fração de segundo, Sanders recordou-se de um desenho que vira num livro sobre mergulho: um pulmão rompido, um bolsão de ar na cavidade pleural espremendo o pulmão, forçando mais ar ainda na cavidade, o ar forçando a passagem pela cavidade pleural e outros órgãos, indo espremer o outro pulmão. Pneumotórax bilateral espontâneo. O homem provavelmente estaria morto antes de chegar à superfície. Por um instante, Sanders se perguntou se o homem sentiria dor ou se simplesmente desmaiaria e morreria de anoxia.

Sanders estava a três metros da superfície e só pensava agora em aspirar um pouco de ar. A pressão no peito se atenuou, à medida que ele se aproximava da superfície. Ele sabia que poderia conseguir. Mas o que estaria à sua espera lá em cima?

Subitamente, sentiu a cabeça ser puxada violentamente para trás e uma força qualquer começou a arrastá-lo para o fundo. Alguma coisa agarrara-lhe a mangueira de ar. Ele segurou a máscara, tentando arrancá-la da cabeça. Mas a pressão nas correias era muito grande. As mãos dele esbarraram na mangueira, puxando-a. Naquele crepúsculo azul, ele podia ver apenas alguns palmos da mangueira amarela. Houve um brilho de aço e ele viu, subindo em sua direção, agarrado à mangueira de ar, um homem armado com uma espingarda de caça submarina.

A cabeça de Sanders latejava desesperadamente, pela necessidade de oxigênio. Ele puxou a mangueira freneticamente, mas o homem agarrava-a com firmeza.

Estavam separados por apenas dois metros quando o homem finalmente largou a mangueira, ergueu a espingarda e apontou para o peito de Sanders. Ele se pôs a bater com as nadadeiras na direção da arma, procurando desviar o tiro. Mas o homem era paciente. Seus olhos frios observavam atentamente,

à espera de um intervalo nas batidas dos pés.

Sanders sentiu uma vertigem incontrolável invadir-lhe o cérebro. Sabia que era um homem morto. Esperou pela pontada de dor quando a lança de aço atravessasse o traje de mergulho e se cravasse entre os pulmões. Talvez ele desmaiasse primeiro...

O homem disparou. Sanders viu a lança se aproximando, sentiu o impacto no momento em que bateu em seu peito, ficou esperando pela dor. Mas não houve dor.

Uma mancha amarela. A espingarda submarina foi arremessada para cima, girou e começou a cair para o fundo. Os dedos do homem subiram para a sua garganta, o bocal voou para longe de sua boca. Mãos enluvadas, imensas, deram um nó com a mangueira de ar na garganta do homem.

Sanders desmaiou. A dor na cabeça desapareceu e ele sentiu como se estivesse voando através de uma escuridão aconchegante.

Voltou a si na superfície. As mãos de Gail seguravam-lhe o rosto, sua nuca estava apoiada na plataforma de mergulho. Ele sentiu um rosto comprimido contra o seu, uma boca molhada a apertar a sua, um jato de ar descendo por sua garganta. Seus olhos se abriram e o rosto de Treece se afastou.

— Seja bem-vindo de volta ao mundo dos vivos, David — disse Treece.

Sanders ainda estava completamente tonto.

— Eu me afoguei?

— Bem que tentou. Mais alguns segundos e estaria lá em cima com Adam, dando-nos uma olhada celestial. Deve agradecer pelo fato de a duquesa ter sido uma cadela gananciosa.

— Como assim?

— Aquele desgraçado acertou em cheio no seu peito. Se não fosse o cordão de ouro, você teria morrido.

Sanders baixou os olhos e viu um buraco no traje de mergulho. A lança penetrara pela borracha, mas resvalara no cordão de ouro que ele guardara ali. Gail pôs as mãos por baixo das axilas de Sanders e, com a ajuda de Treece, empurrando-o por baixo, conseguiu suspendê-lo para a plataforma de mergulho.

— Quantos eles eram?

— Três. Um deles está flutuando em algum lugar do mar, procurando

entrar em acordo com o diabo. Sua mulher espalhou a carne do outro por todos os cantos do barco deles. E o terceiro está ali.

Treece deu um puxão com a mão direita e uma cabeça metida num capuz de borracha emergiu à superfície, com um pedaço da mangueira amarela ainda enrolada no pescoço.

Sanders olhou para Gail.

— Você matou um deles?

— Eu não queria, mas não tive alternativa. Ele...

Treece interrompeu-a:

— O que foi que eu disse? Quando chega o momento crítico, qualquer pessoa é capaz das coisas mais terríveis.

Sanders virou-se e, tomando impulso com as mãos, levantou-se. Treece estendeu a mangueira que prendia o corpo ainda imóvel na direção de Sanders e disse:

— Segure aqui. Puxe este lixo para bordo, enquanto eu mergulho para buscar o equipamento.

Sanders pegou a mangueira.

— Ele está morto?

— Creio que sim. Mesmo assim, tenha cuidado. Deixe-o no convés e fique apontando-lhe a espingarda, até eu voltar.

— Quer que eu ligue o compressor? — perguntou Gail.

— Não precisa. Quero apenas que me dê uma máscara. Se eu não conseguir pegar tudo num mergulho, então está na hora de mudar de profissão.

Enquanto Gail procurava uma máscara, Sanders puxou o homem inerte para a plataforma de mergulho. Largou a mangueira, abaixou-se e pegou os braços do homem. Treece, observando-o, disse:

— Não se dê a esse trabalho. Puxe-o pela mangueira.

— Eu...

Sanders sabia que Treece estava certo. Seria muito mais fácil levantar o homem pela mangueira enrolada no pescoço dele. Mas ele não podia fazer tal coisa. Se soubesse que o homem já estava morto, seria diferente. Mas, se ele ainda não tivesse morrido... Sanders não estava disposto a ser o carrasco do homem.

— Não seja tão delicado assim, David. Ele só presta se estiver morto.

Ele pegou a máscara que Gail lhe estendeu, superventilada para alguns segundos, respirou fundo e depois mergulhou.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Gail.

— Não sei. Pode ajudar-me a levar este homem para o convés?

Cada um segurando por um braço eles puxaram o homem por cima da amurada e deixaram-no estendido no convés.

— Ele está mais pesado do que parece, David.

— É o que sempre acontece com os mortos.

— Por quê?

— Não sei. Mas já li isso em algum lugar.

— Mas será que os mortos ficam realmente mais pesados ou apenas parecem ficar?

— Não sei. Onde está a espingarda?

— Está ali, David. Mas acho que não vai precisar dela.

Gail olhou para o vulto preto completamente imóvel e estremeceu. Sanders pegou a espingarda, sentou-se na amurada e descansou a arma sobre os joelhos.

— O que aconteceu aqui, Gail?

Ele sacudiu a cabeça na direção do outro barco. Descobria que estava sentindo inveja de Gail, por ela ter matado Slake. A ideia de matar o homem que estava estendido a seus pés, indefeso, era repulsiva. Seria errado. Mas matar um homem em autodefesa, aceitar um desafio e matar o homem que estava tentando matá-lo... não poderia haver nada mais justo. Era legítima defesa.

— Foi horrível, David. Eu não soube o que fiz senão depois de estar tudo acabado.

Já estava escuro agora. A lua começava a surgir no horizonte, as estrelas eram pontos pálidos no céu escuro. Sentados em amuradas opostas, Gail e David viam-se como silhuetas sem rostos.

Não viram os primeiros tremores agitarem o corpo estendido no chão, não viram o homem abrir os olhos, não viram os dedos dele avançarem furtivamente na direção da batata da perna, não ouviram a correia da bainha sendo aberta com um estalido, não ouviram o barulho da faca deslizando pela bainha.

A cachorra foi a primeira a ouvir os novos ruídos e ganiu.

Sanders virou a cabeça para olhar na direção da proa. No momento em que o fez, o corpo caído no chão ergueu-se abruptamente, ficando agachado. O homem gritou, um uivo agudo e gutural que parecia ter saído da garganta de um gato em luta. Sanders virou-se novamente, apontando a arma:

— Ei...

Ele não continuou a falar. O homem pulou em sua direção, Sanders apertou o gatilho. Nada. A espingarda não estava armada. Sanders puxou o cão da arma, inclinando-se para trás, a fim de ganhar um décimo de segundo extra. Viu a lâmina descer em sua direção, ergueu um braço em um gesto instintivo de defesa e caiu de costas no mar. Sentiu uma dor nova, não específica, no braço ou no lado do corpo, não sabia determinar. Ao tombar por sobre a amurada, seu dedo apertou o gatilho. A espingarda disparou para o ar.

O homem virou-se para Gail, agachado novamente, a brandir a faca à sua frente, lentamente, avançando para pegá-la. Ele murmurava sons baixos e guturais, grunhidos, palavras pela metade, sempre brandindo a faca, enquanto se aproximava pouco a pouco. O luar incidiu sobre o rosto dele e Gail viu-lhe os olhos, febris, desvairados, uma baba a escorrer-lhe pelo queixo. Ela quis falar-lhe, suplicar, mas não tinha certeza se o homem sabia onde estava ou o que estava fazendo. Ele uivou novamente.

Gail recuou até a amurada, virou a cabeça para olhar para a água, sem saber se deveria ou não lançar-se ao mar. De nada adiantaria, pois ele a alcançaria num instante. Ela foi-se esgueirando pela amurada, na esperança de conseguir esquivar-se, na escuridão mais adiante, da cabina de comando, no momento em que o homem atacasse.

O homem gritou e saltou na direção dela, desferindo um golpe com a faca.

Gail desviou-se, jogando-se para a esquerda. Ouviu o barulho de vidro se quebrando. Com o impulso, o braço do homem fora bater na vidraça da antepara. Gail agachou-se junto à roda do leme.

O homem virou-se, murmurando imprecações incompreensíveis, à procura dela na escuridão. Avistou-a novamente e tornou a erguer a faca.

Um barulho atrás dele fê-lo parar o movimento. Ele virou a cabeça.

Gail decidiu correr para a popa. Deu o primeiro passo. Parou, ao descobrir que sua fuga era desnecessária. Houve um baque surdo, os olhos do

homem se reviraram, até se transformarem em duas listras brancas brilhando no rosto negro. Ele desabou no convés, ruidosamente.

Sanders estava parado no lugar em que antes estivera o homem, empunhando uma chave inglesa. Acertara o homem com o lado achatado da chave inglesa, que estava agora cheio de cabelo e sangue.

— Você está bem, Gail?

— Estou, sim.

Ela viu que David tinha o braço esquerdo levantado, estendido ao longo do peito, como que numa tipoia.

— Você está ferido.

Sanders tocou no braço com a outra mão.

— Acho que não é nada grave.

Ouviram Treece subir no barco. Notando a posição do corpo no convés, ele perguntou:

— O homem tentou alguma coisa?

— Tentou. E eu não fui bastante rápido.

— Pois parece que você compensou isso depois.

Treece abaixou-se e procurou alguma pulsação no pescoço do homem.

— Acertou-o de jeito, David.

— Ele está morto?

— Não resta a menor dúvida.

Sanders ainda empunhava a chave inglesa. Olhou para ela e depois para o corpo no convés. Um momento antes, fora um homem, vivo; agora não passava de um cadáver. Um golpe com o braço e a vida se tornara morte. Matar não devia ser tão fácil assim.

Sanders ouviu Treece perguntar:

— Onde está a espingarda?

Ele levantou os olhos e viu Treece iluminar a água com uma lanterna, procurando o outro barco.

— A espingarda caiu no mar — disse Sanders. — Desculpe.

— Teve um súbito ataque de misericórdia? Isso pode ser fatal.

— Não foi esse o caso. Tentei atirar nele, mas a espingarda não estava armada.

— Teve muita sorte.

Treece entregou-lhe a lanterna, voltou a mergulhar, nadou até o outro barco e subiu a bordo. Foi até a proa, encontrou um pedaço de corda e prendeu num gancho fincado na amurada.

Mergulhou novamente, puxando a corda e rebocando o barco até o *Corsair.*

Pôs o cadáver na amurada e amarrou a corda no pescoço dele.

— O que está fazendo? — perguntou Gail.

Treece fitou-a, mas não respondeu. Encontrou uma faca, cortou a barriga do cadáver. Antes que as vísceras pudessem cair no convés, ele empurrou o cadáver para o mar.

— Mas o que está fazendo? — perguntou Gail novamente.

— Estou oferecendo-o como jantar aos tubarões.

— Mas por quê?

— Como uma advertência. Cloche está dando alguma droga a esses homens, para fazê-los agirem como *kamikazes.* É tudo fanático. Mas, quando se dá um alucinógeno a um homem assim e se fala em feitiçaria, ele passa a encarar Cloche como o próprio deus, a pensar que, quando acordar de manhã, estará no Valhala ou algo parecido. Mas eles acreditam também que a única maneira de chegar lá é estar inteiro. Assim, fazer com que o nosso homem se transforme em comida de tubarões é um aviso para os outros. Ao descobrirem o que resta do corpo desse homem na ponta da corda, os homens de Cloche talvez pensem duas vezes antes de tentarem alguma outra coisa.

Eles podiam ver o outro barco, delineado pelo luar. A cabeça do cadáver emergiu à superfície, puxada pela corda presa na proa do outro barco, tornando a afundar em seguida.

Gail virou de costas, murmurando:

— Oh, meu Deus...

— Não desperdice a sua compaixão com ele, menina. Ele não pode sentir mais nada.

Houve uma pancada no costado do *Corsair,* seguida por outra e depois por um grunhido.

— O que é isso? — perguntou Sanders, receando que outros mergulhadores de Cloche estivessem atacando.

Ele olhou para o lado e viu uma espuma branca ao lado do barco. Treece iluminou a água com a lanterna, mas desligou-a rapidamente, dizendo:

— Daqui a pouco, eles vão querer devorar o barco.

Treece afastou-se na direção da proa. Sanders sentiu um gosto ácido subir-lhe pela garganta e teve engulhos de vômito. Os poucos segundos em que Treece iluminara a água haviam sido suficientes para gravar-lhe na mente uma imagem de pesadelo. O que batera contra o costado não tinha sido o homem amarrado ao outro barco, mas sim o homem que Treece matara antes, impedindo-o de exalar. E o que impelira o cadáver de encontro ao costado fora a cabeça larga e achatada de um tubarão. A cabeça do animal tinha o tamanho de uma tampa de bueiro. Duas narinas tremiam no focinho e as mandíbulas se moviam sem cessar, procurando engolir cada vez mais carne e borracha, enquanto a cauda o impelia para a frente. Enquanto Sanders observava, o tubarão sacudira a cabeça furiosamente, de um lado para outro, conseguindo desprender um pedaço de carne de quase meio metro.

Agora, mesmo na escuridão, Sanders ainda podia divisar a espuma branca e ouvir o bater da cauda na água e o ruído dos dentes a triturarem ossos e tendões.

— O que foi? — perguntou Gail.

Sanders limitou-se a sacudir a cabeça, fazendo o maior esforço para não vomitar. Gail olhou para a água escura, na direção do vulto branco, que se afastava rapidamente.

— Está tudo tão tranquilo — comentou ela.

— Exatamente — disse Treece, parando diante da roda do leme. — A morte é assim mesmo.

E acionou o motor.

A viagem de volta a Saint David não demorou muito, pois a noite estava calma e o luar iluminava o caminho.

Eles ainda estavam a algumas centenas de metros do ancoradouro quando a brisa que soprava da terra lhes trouxe o ruído estridente de diversas buzinas de táxi tocando ao mesmo tempo.

Onze

Depois de atracar no pequeno cais, Treece desligou o motor. Acima do murmúrio baixo do vento, podiam ouvir o barulho distante de diversas buzinas de táxis, aparentemente estacionados a intervalos, em torno da ilha. As buzinas eram tocadas em explosões súbitas, sem nenhum ritmo ou organização.

Treece franziu o rosto.

— Que diabo ele estará querendo agora?

— Ele? — disse Sanders. — Essas buzinadas são obra de Cloche?

— São. Não existem táxis em Saint David. Ele está querendo imprimir outro dos seus supostos feitiços.

Sanders sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha.

— Estou que não me aguento. Só espero que ele não tente mais nada esta noite.

— Se ele fosse tentar, não haveria de anunciá-lo. Além disso, o que ele poderia conseguir com outra visita? Não sabe nada a respeito da caverna e não é idiota a ponto de achar que poderíamos contar-lhe.

— Então, por quê... ?

— Não sei. Ele está querendo dar algum recado. Quanto a isso, não resta a menor dúvida. Se quer um palpite, eu diria que ele está tentando assustar os ilhéus, dizendo-lhes que não saiam de casa. Mas você está certo, David. Se ele está fazendo isso, provavelmente é porque tenciona fazer-nos outra visita.

Treece estalou os dedos para Charlotte e apontou para a trilha.

— Mas o que quer que seja, vou pegar dois dos canhões de Kevin e preparar uma recepção real. É uma pena que tenhamos perdido a espingarda. Era uma boa arma.

Não havia o menor tom de censura na voz de Treece. Por isso, Sanders limitou-se a murmurar:

— É mesmo...

Treece começou a subir pela trilha, atrás da cadela. Gail e David foram atrás.

— Qualquer arma é boa ou má conforme o homem que a usa — disse Treece. — Um homem que saiba lutar pode fazer praticamente tudo com qualquer arma. Já matou um homem com uma faca, David?

— Nunca.

— Há maneiras certas e maneiras erradas. A maioria das facas possui três elementos distintos: a ponta, o lado afiado e o lado cego. Dependendo do que você queira fazer com o adversário.

Na retaguarda, Gail tentava não ouvir a conversa. Estava se tornando irreal, inumana... apavorante. Parecia que era um novo Treece que estava falando agora, não um homem amargurado, compassivo e sensato, mas um assassino impiedoso. Mas talvez aquele não fosse um Treece novo. Talvez fosse o Treece rapaz quem estivesse falando, um Treece que só agia segundo as suas próprias regras — e que matava quando tais regras assim o exigiam. O que mais a apavorava era que o homem com quem Treece estava conversando, explicando tranquilamente as regras, era o seu próprio marido. Ela ouviu Sanders dizer:

— Está certo. Mas, mesmo assim, ele não...

— Se enfiar bem fundo, será impossível — disse Treece. — Irá atingir a base da espinha e ele desabará como gelatina...

— Parem com isso!

Gail berrou tão alto que ela própria ficou assustada.

— Silêncio, menina! Desse jeito, vai assustar até os mortos.

O talho no braço de Sanders parara de sangrar. Pelo traje de mergulho cortado, podia-se ver a crosta de sangue coagulado. Ao chegarem a casa, Treece entregou-lhe uma garrafa com um líquido castanho, viscoso.

— Tome. Lave o braço e depois passe isto no talho. Eu vou esconder as joias na parede.

— O que é isso?

— Minha avó é que o fazia. É uma mistura estranha, que desafia qualquer análise química. Tem qualquer coisa de manga, suco de amora e talvez um pouco de barba-de-bode. O resto é um mistério completo. Mas só sei que funciona.

Quando ouviu os pés de Treece descerem no porão, Gail disse para David:

— Estou assustada, David.

— Não posso culpá-la por isso.

— Não é por mim, David, mas sim por você. Treece pensa que estamos metidos numa guerra.

— É apenas conversa.

— Conversa? Mas já matamos três pessoas!

— Não tivemos alternativa — disse Sanders, acabando de passar o remédio caseiro no braço. — Afinal, eles queriam matar-nos.

Gail ouviu o barulho do alçapão na sala sendo fechado e a cadeira sendo arrastada.

— Mas isso já foi longe demais — sussurrou ela. — Não posso aguentar muito mais.

Treece voltou para a cozinha. Tirou de um armário o que parecia ser um tijolo de massa de modelar, a parte inferior de uma garrafa de champanha, alguns fios envoltos em plástico, um pequeno ímã retangular, um mecanismo de relógio e uma caixinha de papelão. Pôs a parafernália em cima. da mesa e foi servir-se de um drinque.

— Parece uma bugiganga de criança — comentou Sanders.

— Como?

— Essas bugigangas que as crianças fazem na escola primária para dar de presente à mãe.

Treece sorriu.

— Mas, se você levasse uma bugiganga como essa para casa, garanto que sua mãe sairia correndo como uma coelhinha assustada.

Treece tirou alguns pedaços da massa, colocando-os no fundo da garrafa de champanha cortada.

— Já usou esse negócio alguma vez, David?

— O que é isso? — perguntou David.

— É chamado de C-4. Trata-se de um explosivo plástico.

— E para que o usa?

— Normalmente, para trabalhos submarinos. Para limpar portos, derrubar ancoradouros, tirar velhos destroços de navios do caminho, alargar passagens nos recifes. Mas, desta vez, vamos usá-lo para destruir para sempre o que restou das drogas.

— Graças a Deus! — exclamou Gail.

— E pretende acabar com as drogas só com isso? — perguntou Sanders.

— Não será só com isso.

Treece enchera completamente a metade da garrafa. Abriu a caixa de

papelão, removeu cuidadosamente o que parecia ser um detonador e colocou-o sobre a camada de explosivo. Depois, começou a prender o fio encapado no detonador.

— Mas, se este C-4 estiver ligado a uma carga de outros explosivos, como as munições que estão lá no fundo do mar, então teremos o suficiente para abrir um Grande Canyon nas Bermudas. O termo militar para esse tipo de explosão é carga dirigida. Estas garrafas de champanha são denteadas no fundo, com uma protuberância por dentro. Põe-se o C-4 em torno dessa protuberância e, quando se detona o artefato, pode-se orientar a explosão na direção que se desejar, simplesmente apontando a saliência para um lado ou outro.

Treece inclinou a garrafa de champanha em sua direção, pondo a mão sobre o detonador.

— Pondo-se a carga encostada desse jeito numa granada de artilharia, toda a força da explosão será dirigida contra ela. Bum!

— E como é que você vai conseguir sair de lá?

Treece levantou o mecanismo do relógio.

— É para isso que serve este mecanismo. Vou mergulhar, ajustar o regulador de tempo no detonador e marcar a explosão para cinco minutos depois. Isso me dará tempo de subir à superfície e afastar-me do local. Não quero estar a menos de cem metros quando a carga explodir. A munição lá de baixo, quando explodir, irá transformar qualquer barco que esteja por perto, no mesmo instante, num novo destroço.

— E quando pretende provocar essa explosão? — perguntou Gail.

— Amanhã de manhã, depois que tivermos dado mais uma olhada.

Treece acabou de preparar a carga e levantou-se.

— Vou até a casa de Kevin para pedir uma ou duas armas emprestadas. Deixarei Charlotte aqui. Ela os alertará, se algum intrometido se aproximar.

A cachorra latiu duas vezes e pulou para o peitoril da janela. Treece olhou pela janela.

— Não há nada lá fora, Charlotte — disse ele, afagando a cabeça da cadela. — Mas você está toda arrepiada como...

Foi então que ele ouviu alguma coisa. Esticou a cabeça, ficou escutando.

— Miserável!

— O que é? —perguntou Sanders.

— Há um barco lá embaixo!

Treece abriu uma gaveta e remexeu uma pilha de facas de cozinha. Tirou uma faca comprida, de lâmina fina e cheia de filetes, entregando-a a Sanders.

— Lembre-se do que eu lhe falei. Esta faca é capaz de esfolar um crocodilo.

Ele tirou um cutelo de uma prateleira na parede e entregou-a a Gail. Ela encolheu-se, recusando-se a pegá-lo.

— O que eu deveria fazer com *isso?*

— Apenas fique com ele — disse Treece, pondo o cutelo na mão dela. — Não se tem em alta conta, apesar de já ter provado o que é capaz de fazer.

— O que quer que eu faça?

— Venham comigo.

Ele escolheu para si mesmo um facão de trinchar, a ponta afiada formando uma curva, desbastada por incontáveis amoladuras. Depois, fechou a janela.

— Fique aqui em casa, Charlotte. Não quero que arme um escândalo na hora errada.

A caminho da porta da cozinha, Treece parou diante de outro armário e tirou uma lanterna à prova d'água. Atravessaram o jardim vazio. O luar iluminava as folhas lustrosas dos arbustos na beira do penhasco. Treece fez um gesto para que David e Gail se mantivessem abaixados. Correram, meio agachados, até o alto da trilha que descia para o ancoradouro.

Olhando para baixo, viram um barco parado à entrada da caverna submarina, quase imóvel. Ouviram um retinir de ferros, acima das buzinadas distantes.

— É Cloche? — sussurrou Gail.

— Deve ser. Mas não consigo compreender como ele pôde descobrir a caverna. Fique aqui, menina, abrigada num lugar bem escuro. Vamos até lá embaixo dar uma olhada. Talvez eles estejam apenas bisbilhotando.

Treece enfiou a lanterna no cinto do traje de mergulho e disse a Sanders que o seguisse. Começaram a descer pela trilha.

Os arbustos altos deixavam o caminho mergulhado na mais completa escuridão. Por duas vezes Sanders tropeçou, ouvindo Treece adverti-lo de que

tomasse mais cuidado, com um “Psiu!” Depois, ele descobriu que podia seguir Treece olhando para o alto dos arbustos. Quando Treece passava, roçando num galho, as folhas lá de cima tremeluziam ao luar.

A alguns passos do final da trilha, Treece parou e ficou esperando por Sanders. Os movimentos no barco eram agora perfeitamente audíveis, somando-se às buzinadas infernais. Para se fazer ouvir, Treece teve quase que encostar os lábios no ouvido de Sanders:

— Fique aqui. Vou até o ancoradouro, para ver o que está acontecendo.

Ele tocou na faca que estava na mão de Sanders e acrescentou:

— Sente-se melhor com isso na mão?

Sanders assentiu.

Treece desceu o resto da trilha e depois, furtivo como um animal noturno, esgueirou-se pelo espaço estreito entre o ancoradouro e as moitas.

Sanders abaixou-se, apoiado num joelho, apertando a faca. Sentia todos os sintomas de medo, mas estes eram atenuados por uma sensação de confiança em Treece. Como um garoto numa excursão com o irmão mais velho, ele se sentia excitado, amedrontado, é verdade, mas também confiante de que poderia seguir o exemplo de Treece.

Foi por isso que ficou ainda mais surpreso quando sentiu um braço grosso e musculoso envolver-lhe a garganta e uma mão empurrar-lhe a cabeça para a frente, cortando-lhe a respiração. Um peso imenso derrubou-o e ele se sentiu esmagado por uma massa suada e escorregadia de carne.

Tentou gritar, mas a pressão na garganta reduziu-lhe o grito a um gargarejo quase inaudível. Ainda empunhava a faca, a lâmina apontando para cima, como Treece lhe ensinara. Arremessou-a na direção da carne por cima dele, mas um joelho grudou seu pulso no chão. O braço esquerdo foi imobilizado pelo corpo que estava por cima. Ele estava completamente indefeso.

Relaxou o corpo, esperando desesperadamente, através de uma consciência que se ia aos poucos desvanecendo, convencer o atacante de que estava morto. Mas, quando o homem sentiu a resistência muscular afrouxar, apertou ainda mais a garganta de Sanders.

E então, tão subitamente quanto caíra em cima dele, o corpo se afastou, Ele estava livre. Sua respiração era irregular, dolorida.

Ouviu a voz de Treece sussurrar uma única palavra, com uma amargura

e uma ferocidade animal como ele jamais ouvira antes:

— Kevin!

Sanders virou-se e olhou. Kevin estava caído de costas, com Treece ajoelhado em cima do peito dele, puxando-lhe os cabelos, o que fazia com que a cabeça estivesse inclinada num ângulo torto. Com a outra mão, Treece encostava a ponta do facão na garganta de Kevin. Ás pernas de Kevin chutaram o ar, depois caíram no chão e ficaram imóveis.

— Você contou a eles! — sussurrou Treece. — Por quê?

Kevin não disse nada.

— Por quê? Por dinheiro?

A voz de Treece não estava mais furiosa e sim sufocada pelo sofrimento que a traição lhe trouxera.

— Por dinheiro?

Kevin continuou calado.

Pelos reflexos do luar na água, Sanders pôde ver os olhos de ambos. Os de Kevin eram impassíveis e inexpressivos, olhando através de Treece com uma resignação aturdida. Os de Treece testavam brilhantes, enraivecidos, incrédulos.

— Oh, seu miserável!

E quando o som do último sussurro se desvaneceu, Treece empurrou a ponta da faca na garganta de Kevin, puxando a lâmina rapidamente de um lado a outro do pescoço. Surgiu uma linha escura de sangue, algumas borbulhas, houve um suspiro ofegante. Treece baixou a cabeça e fechou os olhos.

Um facho de luz deslocou-se da entrada da caverna na direção deles. Sanders ouviu a voz de Cloche gritar:

— Kevin?

No mesmo instante, Sanders sussurrou:

— Treece?

Treece não respondeu.

— Treece!

A luz estava se aproximando. Sanders percebeu que, dentro de poucos segundos, iria iluminar metade das costas de Treece. Ele se levantou, de joelhos, arremessou-se na direção de Treece e, acertando-o com o ombro,

derrubou-o. A luz passou sobre eles, parou, voltou para a água.

— Kevin? — chamou Cloche novamente. — Mas que idiota!

Estendido no chão, com Sanders a seu lado, Treece foi saindo aos poucos do estupor que o dominara.

— Muito bem... — murmurou ele. — Pelo menos agora já sabemos.

Ele arrastou-se até o final da trilha, esquadrinhou o barco de Cloche e depois voltou para junto de Sanders.

— Parece que há dois ou três mergulhadores, além de outros dois sujeitos, que estão no barco. Vamos esperar até que os mergulhadores tenham entrado na água. Tentaremos então chegar ao *Corsair,* para pegarmos os nossos tanques de ar e mergulharmos.

— Mas os tanques estão com ar contaminado!

— Nem todos. Só enchi dois tanques naquela noite. Os outros já estavam cheios. Deve haver quatro tanques com o ar bom.

— E depois, o que faremos?

— Vamos verificar quantos homens são exatamente e de que maneira estão trabalhando. Se estiverem trabalhando com dois de cada vez na caverna, usando lanternas individuais, teremos chance de agarrá-los. Os mergulhadores não devem estar armados, pois terão que ocupar as mãos para recolher as ampolas.

— Mas, por que teremos de agarrá-los?

— Para impedir que eles se apossem das ampolas. Não poderemos pegá-las com aqueles sujeitos lá embaixo e não vou permitir que Cloche fique com as drogas.

— E o que deveremos fazer? Apunhalá-los?

— Só se for necessário. Tente segurar a mangueira de ar dos tanques deles e cortá-la. Depois, trate de se afastar o mais depressa possível. Um homem com o fluxo de ar subitamente interrompido é uma terrível ameaça. É capaz de arrancar o bocal de ar de um bebê.

— Mas, se cortarmos as mangueiras de ar deles, irão subir e ficarão à nossa espera na superfície.

— Sou capaz de apostar que aqueles caras ainda são inexperientes. Talvez entrem em pânico e se esqueçam de respirar na subida. Ou talvez errem o caminho e acabem por se afogar dentro da caverna. Mas, mesmo que isso não aconteça, eles não poderão voltar à caverna, pois Cloche não dispõe

de equipamentos de reserva.

— Vão ficar nos esperando para nos alvejarem quando subirmos.

— Não vamos subir aqui. Está muito escuro e eles não conseguirão seguir uma trilha de borbulhas. Ficaremos lá no fundo, sairemos da enseada e chegaremos à terra uns cinquenta metros depois, num lugar que eu conheço.

— Cloche não vai desistir, especialmente depois de descobrir aquele cara flutuando lá nos recifes.

— Eu sei que ele vai voltar. Mas precisamos apenas desta noite para tirar as ampolas da caverna e destruí-las.

Sanders ficou calado por um momento, depois concordou:

— Está certo.

Ouviram o barulho de corpos caindo na água e fragmentos de conversas. Uma voz disse:

— Onde será que está Kevin?

Cloche respondeu:

— Deve estar bêbado em algum lugar. Mas isso não faz a menor diferença agora. Ele já nos contou o que precisávamos saber.

Mais alguns ruídos de corpos caindo na água e depois o silêncio.

Treece esperou por mais dez ou quinze segundos, depois saiu para um terreno aberto. O barco de Cloche flutuava dentro da enseada, a uns vinte metros do ancoradouro. Estava ao largo da popa do *Corsair,* o que impedia que fossem vistos, ao atravessarem o ancoradouro. Os dois entraram no *Corsair.*

— Vamos usar nadadeiras, máscara e tanque — sussurrou Treece. — Não ponha os pesos. Eles farão muito barulho na hora de mergulharmos.

Os gargalos dos tanques brilhavam ao luar. Sanders compreendeu que seria impossível tirá-los da prateleira, sem serem vistos.

— Vou usar um velho truque índio — disse Treece, tirando um peso de chumbo de um quilo de um cinto de náilon.

Ele foi se arrastando até a popa e desamarrou o cabo que estava preso ali, deixando a popa se afastar alguns metros do ancoradouro. Tornou a prender o cabo.

— Assim que ouvir o barulho de algo caindo na água, David, pegue um tanque e entre na água, entre o barco e o ancoradouro. Eu estarei bem ao seu lado.

Ele atirou o peso o mais longe que pôde, num movimento com o braço esticado, em que os músculos empenhados eram os do ombro e não os do braço. O peso passou por cima do outro barco e foi cair alguns metros além.

Sanders levantou-se prontamente, tirou um tanque da prateleira e largou-o dentro da água; seguindo-o imediatamente. Ouvia passos e vozes, alguém puxando o cano de um rifle. Treece entrou na água, ao lado dele. Cada um verificou o tanque do outro, certificando-se de que a válvula estava virada e de que o ar era bom.

— Segure minha mão até chegarmos ao fundo, David. Ficaremos parados lá por um minuto, dando uma olhada. As lanternas deles nos dirão onde estão.

De mãos dadas, eles afundaram, até os pés encostarem na areia.

Ajoelhada no alto do penhasco, atrás das moitas, Gail ouviu o barulho do peso caindo na água e as vozes nervosas. Levantou-se, meio agachada, tornando a abaixar-se rapidamente, quando um facho de luz se aproximou do lugar em que estava. Depois tornou a levantar-se e olhou para baixo, ao mesmo tempo esperando e temendo ouvir um tiro. Mas não houve nada, a não ser a incessante buzinada dos táxis. Empunhando o cutelo, com medo dele, mas ao mesmo tempo satisfeita por tê-lo na mão, como acontecera com a espingarda, ela começou a descer pela trilha.

Quase ao final da trilha, que desceu com as mãos esticadas à sua frente, como um cego numa sala estranha, Gail pisou numa das pernas de Kevin. Chocada, ela jogou-se para trás, caindo nos arbustos e quebrando alguns galhos.

Ouviu uma voz gritar:

— Kevin?

Ela prendeu a respiração.

— Vá dar uma olhada.

O barulho de alguém mergulhando na água e depois nadando para a praia.

Gail exalou e depois aspirou, lentamente. O cheiro de fezes penetrou em suas narinas. Aterrorizada, ela se libertou dos arbustos e subiu pela trilha o mais depressa que pôde.

No fundo da enseada, Sanders e Treece estavam ajoelhados lado a lado, ainda de mãos dadas. A uns quinze metros de distância, a caverna era tão

visível quanto um palco num teatro às escuras, iluminada não por lanternas individuais, mas por potentes refletores. Enquanto eles observavam, um mergulhador saiu da caverna e acendeu uma lanterna. Carregava uma sacola cheia de ampolas. Dois outros mergulhadores passaram por ele, dirigindo-se para a entrada da caverna. Desligaram suas lanternas ao entrarem na área iluminada pelos refletores.

Treece puxou a mão de Sanders e os dois nadaram na direção da caverna, batendo os pés suavemente. A cerca de três metros da entrada da caverna, um pouco antes da área iluminada, Treece largou a mão de Sanders e empurrou-o gentilmente na direção da parede do penhasco, fazendo sinal para que ele esperasse ali.

Treece deitou-se na areia de barriga para baixo e foi se arrastando até poder dar uma olhada no interior da caverna. Recuou em seguida. Piscou a lanterna uma vez, localizou Sanders e nadou na direção dele.

Treece ergueu a lanterna e acendeu-a rapidamente, apontando para o lado mais próximo da entrada da caverna. Depois apontou para si mesmo e indicou o outro lado da entrada. Em seguida, acendeu a lanterna no rosto de Sanders, para verificar se ele compreendera. Sanders havia compreendido. Deveria postar-se a um dos lados da entrada da caverna, enquanto Treece ficaria no outro.

Eles ficaram encostados no penhasco, esperando. À luz trêmula ali no fundo, Sanders de vez em quando vislumbrava o rosto de Treece e o brilho da faca na mão dele.

O deslocamento de água estava remexendo a areia na entrada da caverna. Algo vinha saindo. Sanders viu Treece levantar a faca, segurando-a firmemente.

O homem do lado de Treece saiu primeiro, um pouco à frente de seu companheiro. Primeiro apareceu a cabeça, olhando para a areia, depois os ombros.

Treece arremessou-se na direção dele. Houve uma explosão de borbulhas. A mão de Treece agarrou a mangueira de ar do homem e arrancou-lhe o bocal. Com a mangueira esticada, a faca cortou facilmente a borracha.

A cabeça do segundo homem emergiu da caverna. Sanders ergueu sua faca. O homem levantou os olhos e viu Sanders. Seus olhos se arregalaram e as mãos subiram rapidamente para proteger a cabeça, no instante em que Sanders atacou.

O homem deu uma pancada na mão de Sanders que empunhava a faca e procurou agarrar a máscara dele. Sanders esquivou-se. Bateu com o ombro no peito do homem e os dois caíram até o fundo, engalfinhados. Rolaram pela areia, socando-se e chutando-se, cada um procurando manter a cabeça longe do alcance do outro. Sanders respirava aos arrancos, prendendo a respiração depois de cada inalação, temendo que sua mangueira de ar pudesse ser cortada num momento em que seus pulmões estivessem vazios.

Estavam agora vários metros no interior da caverna, flutuando e batendo na areia do fundo, numa valsa grotesca. O homem segurava o pulso direito de Sanders, procurando manter a faca longe de seu pescoço. O braço esquerdo de Sanders envolvia o lado do corpo do inimigo, imobilizando-lhe o braço direito. Sanders não podia esfaquear o homem, não podia cortar a mangueira de ar dele. Estava esperando por Treece; freneticamente, olhou na direção da entrada da caverna, esperando ver Treece nadando em sua direção. Mas Treece estava parado, semi-agachado, em posição de luta, olhando para fora da caverna, à espera das duas lanternas que se aproximavam rapidamente.

O homem conseguiu desvencilhar o braço direito. Ergueu a mão bruscamente e acertou na virilha de Sanders, os dedos agarrando-lhe os testículos. Sanders ergueu a perna esquerda, desviando a mão. Foi então que ele viu o buraco na parede da caverna, um túnel escuro acima de uma pilha de pedras.

Ele tocou com um pé no fundo e deu impulso, levando o homem na direção do buraco. Os calcanhares do homem bateram numa pedra e ele tropeçou, mas não largou o pulso de Sanders. Encostando-se nele, empurrando-o para a parede da caverna, Sanders deu-lhe uma cabeçada, impelindo a cabeça dele na direção do buraco.

A cabeça do homem estava a apenas poucos centímetros abaixo do buraco. O pé de Sanders encontrou um ponto de apoio numa pedra. Ele tomou outro impulso, levantando o homem e expondo a carne negra e as veias intumescidas.

Os olhinhos pequenos, contas minúsculas na cabeça esverdeada, apareceram no buraco, a boca voraz entreaberta.

A moreia atacou, os dentes afiados cravando-se no pescoço do homem, convulsionando-lhe a garganta, ao puxá-lo para trás, na direção do buraco. O sangue esguichava pelos cantos da boca da moreia.

O homem abriu a boca, deixando escapar o bocal e emitindo um grito estridente de pânico.

Ele largou o pulso de Sanders, que ainda pensou em esfaqueá-lo, para eliminar toda e qualquer possibilidade de perigo. Mas não havia necessidade. O bocal flutuava alguns centímetros atrás da cabeça do homem, metade de sua garganta estava dentro da boca da moreia. Seus movimentos já eram bem mais fracos, os olhos estavam quase fechados.

Sanders voltou para a entrada da caverna. Treece ainda estava agachado ali, as lanternas bem mais próximas. Só que não estavam mais se mexendo. Treece fez menção de avançar na direção delas e as lanternas prontamente recuaram.

Sanders sabia que Treece ficara esperando por ele. Se tivesse querido escapar, Treece poderia facilmente ter nadado até a segurança da escuridão. Teria deixado as luzes para trás rapidamente. E, mesmo que os homens conseguissem segui-lo, jamais poderiam alcançá-lo, debaixo da água.

As lanternas se apagaram. Os dois homens sumiram na escuridão. Treece acendeu sua lanterna e vasculhou a área em frente da caverna. Sanders bateu no ombro dele, para informá-lo de que já estava ali. Treece apontou para a superfície e desligou a lanterna.

Subindo através da claridade projetada pelos refletores que iluminavam o interior da caverna, Sanders sentiu-se completamente exposto. Sabia que os homens de Cloche poderiam vê-lo. Bateu com os pés rapidamente, alcançando a escuridão.

Algo bateu em suas costas. Pernas envolveram-lhe a cintura, sua cabeça foi puxada para trás. Ele aspirou o bocal e respirou água. A mangueira de ar fora cortada. As pernas o soltaram.

A água salgada fê-lo engasgar-se. Ele cerrou os dentes, forçando-se a exalar, dominando com dificuldade o impulso físico de ofegar em busca de mais ar.

Chegou à superfície, tossiu e respirou doloridamente. Uma luz incidiu sobre seu rosto. Ele jogou a cabeça para a direita e mergulhou. Um segundo depois, uma bala bateu na superfície, ricocheteou e foi atingir o penhasco. Prendendo a respiração, um pouco abaixo da superfície, ele viu um facho de luz deslocando-se pela água. A luz seguia para a esquerda e por isso nadou para a direita. Suas mãos tocaram a encosta do penhasco. Lentamente, ele subiu à superfície.

Eles haviam-no perdido. A luz varria a superfície vários metros à esquerda e começava a voltar na direção do lugar em que ele estava. Sanders tornou a mergulhar, esperando até que a luz passasse. Subiu novamente, para respirar. Ouviu a voz de Cloche:

— Treece!

Não houve resposta.

— Estamos num impasse, Treece. Você não pode deter-nos, pois somos muitos. Vá-se embora enquanto pode. Tem a minha palavra de que não pegaremos mais do que está na caverna. É um acordo justo.

Não houve resposta.

Sanders sentiu algo tocar seu pé. Puxou a perna para cima, bruscamente, e respirou fundo, esperando ser novamente arrastado para debaixo da água. Estava disposto a lutar, mas desesperado, sem qualquer esperança, convencido de que já não lhe restavam forças para sobreviver.

A cabeça de Treece emergiu à superfície, ao seu lado.

— Tire o tanque, David — sussurrou Treece, tirando o seu próprio e deixando-o afundar.

Cloche chamou mais duas vezes, mas Treece não respondeu. Guiou Sanders até a praia, com braçadas silenciosas.

— Pois morra então! — berrou Cloche, furioso.

Eles chegaram à extremidade do ancoradouro, e saíram da água. Ao ouvirem Cloche chamar seus mergulhadores de volta ao barco, saíram correndo na direção da trilha que subia pela encosta do penhasco.

Gail estava esperando no alto do penhasco.

— O que...

Treece passou correndo por ela, seguindo para a casa.

— Venham!

Na cozinha, Treece examinou a carga de explosivo plástico. Verificou os fios e depois prendeu o ímã no lado da garrafa.

— Ouviu o que Cloche disse? — perguntou-lhe Sanders. — Sobre o acordo?

— Ouvi. Mas o desgraçado está mentindo. Pode apostar que ele vai querer tudo. Mas, se tivermos sorte, conseguiremos derrotá-lo. Há um tanque de ar e um regulador, junto ao compressor lá fora. Vá buscá-los para mim. E traga também uma lanterna.

Sanders saiu correndo pela porta da cozinha e Gail perguntou a Treece:

— Para onde estamos indo?

— Para Orange Grove. Pegaremos o carro de Kevin.

Treece pegou a carga explosiva, segurando-a com as duas mãos.

— Vai instalar esse explosivo esta noite?

— Não há alternativa, se quisermos destruir as ampolas antes que Cloche as pegue.

Ele viu Sanders voltando e disse:

— Vamos indo logo de uma vez. Se não chegarmos lá primeiro, estará tudo perdido.

Ao seguirem correndo pelo caminho, Sanders perguntou:

— E o resto das joias?

— Se ainda resta alguma coisa lá embaixo... bom, talvez sirva para que o fantasma de Filipe possa divertir-se com a duquesa. Não podemos é correr o risco de deixar as drogas caírem nas mãos de Cloche.

Charlotte, a cadela, seguiu-o até o portão, mas Treece deteve-a ali, ordenando-lhe que ficasse na casa.

Ouviram o barulho do motor do barco de Cloche resfolegar, virando para sudoeste, na direção do Orange Grove. Treece passou a correr ainda mais.

Ele guiava o Hillman o mais depressa que podia, jogando o corpo para um lado e outro, nas curvas da estrada estreita, amaldiçoando quando o motor começava a ratear, nas subidas muito íngremes. Sanders estava sentado ao lado de Treece, enquanto Gail ia no banco de trás, segurando a carga explosiva com uma das mãos.

Numa reta comprida da South Road, o velocímetro alcançou a marca de cento e dez quilômetros horários. Segurando-se no painel, os pés apertando freios imaginários, Sanders disse:

— E se um guarda quiser pará-lo?

— Nenhum guarda que prezar a própria vida irá deter-me esta noite.

Treece não tornou a falar até estacionarem o carro no pátio do Orange Grove. Correndo na direção da escada que levava até a praia, ele perguntou a Sanders:

— Sabe dirigir um barco com motor de popa?

— Claro.

— Ótimo. Estou precisando de um motorista.

A lua estava alta no céu. Descendo a escadaria de pedra rapidamente, eles podiam divisar as baleeiras, lá na praia. Treece olhou para o mar, na direção das linhas de recifes, à esquerda.

— Está bem claro esta noite. Poderemos vê-los aproximarem-se.

Ele entregou o explosivo a Gail, segurou o cabo da baleeira mais próxima e, sozinho, arrastou-a até a água. Depois, pegou novamente o explosivo e disse a Gail:

— Fique aqui.

— Não!

— Vai ficar aqui, sim!

— Não!

O gesto de desafio de Gail surpreendeu-o.

— As coisas serão muito difíceis e não quero você por perto.

— Já tomei a decisão. A vida é minha e irei de qualquer maneira.

Gail sabia que estava agindo irracionalmente, mas não se importava. Não queria ficar na praia, como uma espectadora impotente.

Treece segurou-a pelo braço, fitando-a nos olhos. E disse em tom desprovido de qualquer emoção:

— Já matei uma mulher. Não quero ser responsável pela morte de outra.

Gail sustentou-lhe o olhar. Furiosa, sem pensar, ela respondeu:

— Eu não sou sua mulher.

Treece soltou-lhe o braço.

— Sei que não é, mas...

Ele parecia estar embaraçado. Gail segurou a mão dele.

— Foi você mesmo quem disse isso. Eu estou aqui. Eu sou eu. Protegendo-me, nada estará fazendo por ela.

Treece virou-se para Sanders:

— Entre no barco.

Depois que Sanders entrou, ele ajudou Gail a subir. Empurrou o barco até uma profundidade suficiente em que a hélice pudesse girar e então subiu também.

Seguiram até os recifes, parando acima dos destroços do *Golias.* E aí deixaram o barco.

Treece aprontou o tanque de ar, ajeitou-o nas costas e depois se sentou na amurada de boreste, com o explosivo nos joelhos. A lanterna estava pendurada de uma tira de couro amarrada em seu pulso.

— Vou ligar a carga — disse ele. — Voltarei num instante. Depois, assim que o virmos se aproximar, mergulharei novamente e acionarei o detonador de tempo.

— Está certo — disse Sanders.

— Mais uma coisa... E é uma ordem! Se alguma coisa acontecer, saiam daqui o mais depressa possível. Não quero ver ninguém bancando o escoteiro.

Sanders não tinha a menor intenção de deixar Treece ali, mas não respondeu.

Treece caiu de costas na água, acendeu a lanterna e mergulhou até o fundo.

Momentos depois, Sanders viu a espuma branca levantada pela proa de um barco que se aproximava a toda velocidade, além da linha exterior de recifes.

— Olhe! — disse ele, apontando para o barco.

Gail olhou para o barco, depois se inclinou pela amurada de bombordo. A lanterna de Treece ainda estava acesa lá no fundo.

— Quanto tempo ele vai demorar para ligar aquela coisa?

— Não sei, Gail. Talvez tempo demais.

Sanders ouviu o zunido de uma bala passando por cima deles. Um segundo depois, ouviu um estampido de rifle. Ele se abaixou, enquanto outra bala passava zunindo.

Quando o barco de Cloche se aproximou, mais tiros foram disparados. Mas a baleeira, muito baixa na água, não era um bom alvo. Todos os tiros passavam por cima.

Agachada no fundo do barco, Gail disse:

— Ele mandou que fôssemos embora.

— Ele que vá para o inferno!

A cabeça de Treece apareceu na superfície, ao lado da baleeira. Já ia dizer alguma coisa, quando ouviu um tiro.

— Vão embora daqui! — berrou então.

Sanders disse:

— Não! Você...

— Mas que diabo! Vão-se embora logo! Sumam daqui! Vou acionar o detonador de tempo e irei embora também! Sigam para a parte mais rasa que puderem encontrar.

Treece tornou a desaparecer abaixo da superfície.

Por alguns segundos, Sanders não se mexeu.

— Temos que ir embora! — gritou Gail.

— Mas ele...

— Você está querendo morrer?

Sanders fitou-a em silêncio por um instante, depois ligou o motor e virou o barco na direção da praia. Mais duas balas ainda perseguiram a baleeira. Ao sentir que já estava além do alcance dos tiros, Sanders reduziu a velocidade e virou a proa na direção dos recifes.

— Ele disse para procurarmos águas bem rasas — disse Gail.

— Aqui é bem raso.

O barco de Cloche parou por cima dos destroços do *Golias*. Uma luz se acendeu, depois outra. Um a um, os vultos foram caindo na água.

— Mergulhadores... — murmurou Gail.

— Não fique olhando para eles! — gritou Sanders. — Procure por Treece. Se não o tirarmos da água antes da explosão, ele será um homem morto. A esta altura, já deve ter acabado de ligar a carga.

Mas Treece ainda não acabara. Desprendera-se um fio do detonador e ele estava reajustando-o no lugar, usando a unha do polegar como chave de parafusos. Apertou a porca e girou o mecanismo de tempo para fixar a explosão cinco minutos depois. Foi então que a primeira lanterna o localizou.

Sanders não podia mais esperar.

— Dane-se tudo! — berrou ele, acelerando o motor do barco e seguindo direto para os recifes.

— O que você está fazendo? — gritou Gail.

— Não sei! Mas temos que tirá-lo de lá de qualquer maneira!

Sanders calculava que deviam estar a uns quinhentos metros do barco de Cloche.

Havia agora duas lanternas em torno de Treece. Ele prendia a respiração, pois sua mangueira de ar fora cortada. Virava-se em círculos lentos, procurando manter os dois mergulhadores à vista...

Eles eram bem rápidos. Um dos homens circulava com Treece, procurando manter-se sempre atrás dele. Ao ver uma oportunidade para atacar, ele avançou rapidamente e cravou uma faca nas costas de Treece.

Treece sentiu uma dor intensa e profunda. Ele estava segurando o mecanismo de tempo. Virou o ponteiro para zero.

A baleeira estava a trezentos metros da linha de recifes quando o mar explodiu.

David e Gail viram a proa da baleeira se erguer na direção deles e foram arremessados para longe dela. Giraram pelo ar, conscientes de imagens fragmentadas que lhes surgiam diante dos olhos: a súbita montanha de água se elevando e depois se rompendo; pedaços do barco de Cloche voando em todas as direções, alguns sendo arremessados a alturas impossíveis, um corpo, com os braços e as pernas bem abertos, dando cambalhotas pelo céu.

Sanders caiu na água de costas. Seus olhos estavam abertos, mas ele não estava de fato consciente. Ouviu fragmentos caindo ao seu redor, sentiu o rosto arder, atingido por pedaços de rocha e coral. As pernas estavam inertes. Ao exalar, afundou um pouco, tornando a subir quando aspirou. Viu as estrelas e as hastes de luar, tremendo, e pensou, vagamente; “Não é assim que eles dizem que é a morte”.

As ondas empurraram-no lentamente na direção da praia. Uma voz, que lhe pareceu fraca e muito distante, estava chamando:

— David?

Ele se virou, ficando de barriga para baixo. Experimentou os braços e as pernas, tentando as primeiras braçadas. Saiu nadando, desajeitadamente, na direção da voz.

Gail batia com os pés e uma das mãos, debilmente, a cerca de vinte metros de distância. Viu-o aproximar-se e perguntou:

— Você está bem?

— Estou. E você?

— Não sei. Não consigo mover um dos braços.

Ele ajudou-a a chegar até a praia e saíram cambaleando da água. A praia parecia interminável, com o elevador a quase dois quilômetros de distância.

Eles se viraram e olharam para a água. Havia uma nova abertura na linha de recifes e destroços estavam sendo empurrados pelas ondas na direção da praia. Afora isso, o mar parecia inalterado.

Apoiando-se um no outro, eles caminharam para a base do penhasco, onde uma multidão já estava começando a se concentrar.

Nota do autor

Esta é uma obra de ficção. Mas, embora nenhuma das personagens tenha qualquer semelhança intencional com pessoas vivas ou mortas, muitos dos fatos a respeito das Bermudas, dos navios naufragados e do comércio espanhol com o Novo Mundo foram extraídos de fontes históricas.

Seria impraticável relacionar todas as obras de referência consultadas, mas algumas foram de extrema valia: *Pieces of eight (Peças de oito)*, de Kíp Wagner, conforme relato a L. B. Taylor, Jr.; *The treasure diver's guide (Guia dos mergulhadores em busca de tesouros)*, de John S. Potter; *Màrine salvage (Recuperação de navios naufragados)*, de Joseph N. Gores; *Diving for sunken treasures (Mergulhando em busca de tesouros afundados)*, de Jacques-Yves Cousteau e Philippe Diole; *Treasures of the Armada (Tesouros da Armada)*, de Robert Sténuit; *Port Royal rediscovered (Port Royal redescoberta)*, de Robert F. Marx; e *Diving for a flash of gold (Mergulhando por um lampejo de ouro)*, de Martin Meylach, em colaboração com Charles Whited.

Finalmente, quero declarar que me sinto profundamente agradecido a um amigo, mentor e enciclopédia ambulante: Teddy Tucker.

P.B.

O AUTOR E SUA OBRA

O jornalista e escritor norte-americano Peter Benchley tornou-se famoso com a publicação de seu primeiro romance, ''Tubarão'', que se converteu num dos maiores best sellers *de todos os tempos, sendo também filmado com enorme sucesso comercial.*

Benchley, que nasceu no dia 8 de maio de 1940, filho do novelista Nathaniel Goddard Benchley e neto do famoso humorista Robert Benchley, começou sua carreira de escritor muito cedo, já em 1963.

Como o pai e o avô, estudou na Academia Philipps de Exeter, em New Hampshire, onde ficou de 1953 a 1957. Iria depois para Harvard, onde se formou em inglês no ano de 1961.

Fez então uma viagem ao redor do mundo com amigos, na tentativa de expandir e colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade. Esteve na França, Espanha, Alemanha, Israel, índia, Ceilão, Maláisia, Cingapura, Jordânia, Irã e Paquistão. E aí misturou-se com toda sorte de pessoas, de estudantes e soldados até chefes de Estado.

Desta volta ao mundo resultou um livro, "Time and ticket", publicado em 1963, que teve sua primeira edição esgotada. Os críticos atribuíram esse sucesso ao seu estilo — aventura —, que agrada a todos: da avó às crianças.

Após a publicação do livro, Peter foi trabalhar no "Washington Post", onde ficaria seis meses como repórter e redator do obituário. Durante esse período escreveu trinta e duas páginas de um livro para crianças intitulado "Jonathan visits the White House", com ilustrações de Richard Bergere. Esse livro caiu nas graças da família do Presidente Lyndon B. Johnson, que o contratou para escrever seus discursos.

Desanimado com esse tipo de trabalho, que exerceu de 1967 a 1969, Benchley passou a viajar e a escrever artigos sobre os lugares por onde passava, como Palm Springs, Nova Zelândia e América Central, para revistas como "Life", "New Yorker" e outras.

Em 1971, convidado pelo editor Tom Congdon, da Doubleday, passou a trabalhar num livro de receita certa. Fascinado por tubarões desde a infância, escreveu o romance que, publicado em 1974, o deixou rico e famoso.

Em 1976, também pela Doubleday, Peter Benchley publicou seu segundo romance — "O fundo do mar" —, também transformado em filme, dessa vez pela Columbia Pictures.